EDITAL

O ESTADO do PARANÁ, por intermédio da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná**,** torna público que realizará licitação nos seguintes termos:

PREGÃO ELETRÔNICO: **N° COMPRAS.GOV:** **26/2026** **N° INTERNO GMS:** **1464/2026** **TIPO:** MENOR PREÇO AMPLA CONCORRÊNCIA UASG: 929617	**Acolhimento/Abertura/Divulgação de Propostas:** **Até 09 h 59 min do dia 03/11/2026** Início da sessão / disputa de lances: **10 h 00 min do dia 03/11/2026** Será sempre considerado o horário de Brasília (DF) para todas as indicações de tempo constantes neste Edital.

1. OBJETO:
A presente licitação tem por objeto a prestação de serviços de edição, revisão, diagramação e impressão das obras vencedoras do Prêmio Paraná de Literatura 2023.

2. VALOR MÁXIMO DA LICITAÇÃO:

O preço global máximo para o presente procedimento licitatório é de R$ 113.750,00 (cento e treze mil reais, setecentos e cinquenta reais).

3. DOS RECURSOS ORÇAMENTÁRIOS:

DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA: 5102.13392278.392 - Fortalecimento das Políticas Públicas Culturais.

NATUREZA DE DESPESA: 3390.3900 - Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica.

SUBELEMENTO DE DESPESA: 3390.3963 - Serviços Gráficos.

FONTE DE RECURSOS: 500.

4. SISTEMA DO PREGÃO ELETRÔNICO:

O pregão será realizado por meio do sistema eletrônico do Portal de Compras do Governo Federal. O endereço eletrônico para recebimento e abertura de propostas é o https://www.gov.br/compras/pt-br.
O edital está disponível na internet, nas páginas do Portal Nacional de Contratações Públicas https://pncp.gov.br/, www.comprasparana.pr.gov.bre https://www.gov.br/compras/pt-br.

Os trabalhos serão conduzidos pelo **pregoeiro Phablo Rodrigues Bozza e equipe de apoio**, designados pela Resolução/Portaria n.º n°034/2026, servidores (as) do (a) ULCC/SEEC.
E-mail: phablo@seec.pr.gov.br.
-Telefones: (41) 3321-4736 ou 3321-4742.
-Endereço: Rua Ébano Pereira, n.º 240, Centro, Curitiba/PR – CEP 80.410-240.

-O atendimento será feito no horário das 08h30min às 12h e das 13h30min às 18h.

5. ESCLARECIMENTOS, IMPUGNAÇÕES E RECURSOS:

5.1. ESCLARECIMENTOS E IMPUGNAÇÕES:

Qualquer pessoa é parte legítima para impugnar edital de licitação por irregularidade na aplicação da Lei Federal n.º 14.133, de 2021 e do Decreto n.º 10.086, de 2022, ou para solicitar esclarecimentos e providências sobre os seus termos, devendo protocolar o pedido, no prazo de até 3 (três) dias úteis antes da data de abertura do certame, em campo específico no sítio eletrônico www.comprasparana.pr.gov.br pelo qual serão respondidos os esclarecimentos solicitados, no prazo de até 3 (três) dias úteis, limitado ao último dia útil anterior à data da abertura do certame.

5.2. RECURSOS E CONTRARRAZÕES:

As razões de recurso e as contrarrazões poderão ser enviadas exclusivamente por meio eletrônico, observando as regras dispostas no item 9 das Condições Gerais deste Edital;

5.3. DISPONIBILIDADE DOS AUTOS:

No curso da licitação, os autos do processo licitatório estarão à disposição dos interessados no sistema E-Protocolo no site https://www.e-protocolo.pr.gov.br, devendo os interessados apresentarem requisição de acesso ao protocolo via sistema.

6. CONDIÇÕES DA LICITAÇÃO:

6.1. A licitação e a contratação dela decorrente são reguladas pelas condições específicas e gerais do pregão e pelo disposto nos demais anexos do edital.

6.2. A licitação será regida pela Lei Federal n.º 14.133, de 2021, pelo Decreto n.º 10.086, de 2022, pela Lei Complementar Federal n.º 123, de 2006, bem como as suas devidas alterações.

CONDIÇÕES ESPECÍFICAS DO PREGÃO

1. CRITÉRIO DE ACEITABILIDADE DE PREÇOS: PREÇO MÁXIMO
Encerrada a fase de lances, após a negociação, serão desclassificadas as propostas que permanecerem acima dos valores unitários máximos e totais máximos fixados neste Edital.

2. CRITÉRIO DE JULGAMENTO DAS PROPOSTAS:

2.1. Na fase de disputa, o critério de aceitabilidade de preços no sistema de compras eletrônicas é a soma dos valores unitários dos itens que compõem o lote, fixada no Termo de Referência, Anexo I deste Edital.

2.1.1. Os valores que permanecerem acima do(s) valor(es) unitário(s) máximo(s) e total(is) máximo(s) fixado(s) no Termo de Referência (Anexo I deste Edital) serão desclassificados.

2.2. O julgamento das propostas será realizado de acordo com o critério de MENOR PREÇO.

2.3. Encerrada a fase de lances, após a negociação, as propostas que permanecerem acima do(s) valor(es) unitário(s) máximo(s) e total(is) máximo(s) fixado(s) no Termo de Referência (Anexo I deste Edital) serão desclassificadas.

3. PRAZO MÍNIMO DE VALIDADE DAS PROPOSTAS:
O prazo de validade das propostas, que deverá constar no Descritivo das Propostas de Preços (Anexo III), não poderá ser inferior ao fixado neste edital.

4. VIGÊNCIA:
4.1. O prazo de vigência do contrato é de 03 (três) meses. O prazo de vigência será automaticamente prorrogado quando seu objeto não for concluído no período firmado no contrato com base nos termos do artigo 111 da Lei 14.133, de 2021.

5. ANEXOS:

- Anexo I – Termo de Referência;
- Anexo II – Documentos de habilitação;
- Anexo III – Modelo de descritivo da proposta de preços;
- Anexo IV – Modelo de procuração;
- Anexo V – Modelo de declaração;
- Anexo VI – Local de entrega;
- Anexo VII – Minuta de Contrato;
- Anexo VIII – Modelo de Declaração de enquadramento ME/EPP;
- Anexo IX – Declaração LGPD;
- Anexo X – Obra item 01 (Romance);
- Anexo XI – Obra item 02 (Conto);
- Anexo XII – Obra item 03 (Poesia);
- Anexo XIII – Obra item 04 (Infantil);

CONDIÇÕES GERAIS DO PREGÃO ELETRÔNICO

1. A REALIZAÇÃO DO PREGÃO:

1.1 O pregão será realizado por meio eletrônico, no sistema de compras eletrônicas do o Portal de Compras do Governo Federal, na página https://www.gov.br/compras/pt-br.

1.2 O pregão será conduzido por servidor (a) público (a) denominado (a) pregoeiro (a), mediante a inserção e o monitoramento de dados gerados ou transferidos para o sistema de compras eletrônicas do Governo Federal.

1.3 O (a) pregoeiro(a) exercerá as atribuições previstas no artigo 4.º do Decreto n.º 10.086, de 2022.

1.4. Para acesso ao sistema de compras eletrônicas, os interessados deverão se credenciar e obter chave de identificação e senha pessoal do sistema de compras eletrônicas adotado pela Administração estadual, Compras.gov, conforme instruções que podem ser obtidas na página https://www.gov.br/compras/pt-br.

1.4.1. O credenciamento do interessado e de seu representante junto ao sistema eletrônico do Portal de Compras do Governo Federal implica a sua responsabilidade legal pelos atos praticados e presunção de capacidade para a realização das transações inerentes ao pregão eletrônico.

1.5 Cabe ao licitante acompanhar as operações no sistema eletrônico durante a sessão pública do pregão, ficando responsável pelo ônus decorrente da perda de negócios diante da inobservância de quaisquer mensagens emitidas pelo sistema ou de sua desconexão.

2. EXIGÊNCIAS PARA PARTICIPAÇÃO:

2.1. Poderão participar deste Pregão interessados cujo ramo de atividade seja compatível com o objeto desta licitação, que estejam com cadastro regular no Portal Nacional de Contratações Públicas – PNCP e que apresentem os documentos exigidos para habilitação.

2.1.2. Os interessados deverão efetuar seu cadastro dentro do prazo previsto no edital para apresentação de propostas no Portal Nacional de Contratações Públicas – PNCP e que trata a Lei Federal nº 14.133/2021, de 2021, recomenda-se também a prévia inscrição no Cadastro Unificado de Fornecedores do Estado do Paraná – CFPR, por intermédio do portal de Compras do Governo do Estado do Paraná (www.comprasparana.pr.gov.br), nos termos do Decreto Estadual nº 9.762, de 2013.

2.2. Os interessados em participar do pregão devem dispor de chave de identificação e senha pessoal do sistema de compras eletrônicas, nos termos do Item 01 do presente Edital.

2.3. Não poderão participar desta licitação pessoas físicas ou jurídicas que:

2.3.1. tenham sido declaradas inidôneas no âmbito da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, em qualquer esfera da Administração Pública;

2.3.2 constituíram as pessoas jurídicas que foram apenadas conforme item 2.3.1, enquanto perdurarem as causas das penalidades, independentemente de nova pessoa jurídica que vierem a constituir ou de outra em que figurarem como sócios;

2.3.3. tenham sócios comuns com as pessoas jurídicas referidas no item 2.3.2;

2.3.4. não funcionem no País, se encontrem sob falência, dissolução ou liquidação, bem como as pessoas físicas sob insolvência;

2.3.5. mantenha vínculo de natureza técnica, comercial, econômica, financeira, trabalhista ou civil com dirigente do órgão ou entidade contratante ou com agente público que desempenhe função na licitação ou atue na fiscalização ou na gestão do contrato, ou que deles seja cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau;

2.3.6 o servidor ou dirigente de órgão ou entidade estadual, bem como a empresa da qual figurem como

sócios, dirigentes ou da qual participem indiretamente.

2.3.6.1 Considera-se participação indireta a existência de qualquer vínculo de natureza técnica, comercial, econômica, financeira ou trabalhista.

2.3.7 As pessoas físicas e jurídicas de que trata o art. 14 da Lei Federal n.º 14.133, de 2021.

2.4. A participação nesta licitação implica aceitação das condições estabelecidas no edital e na legislação aplicável.

2.5. Além destas condições gerais, deverão ser obedecidas as exigências específicas de participação fixadas no edital.

2.6. O(a) pregoeiro(a) verificará o eventual descumprimento das condições de participação, especialmente quanto à existência de sanção que impeça a participação no certame ou a futura contratação.

3. PROPOSTA INICIAL

3.1. Antes de postar a proposta comercial em formulário eletrônico, o licitante deverá manifestar, em campo próprio do sistema de compras eletrônicas:

3.1.1. o pleno conhecimento e atendimento às exigências de habilitação e demais condições previstas no edital;

3.1.2. a sua condição de microempresa, de empresa de pequeno porte ou de microempreendedor individual para usufruir dos benefícios da Lei Complementar Federal n.º 123, de 2006.

3.2. A proposta de preço inicial deverá ser enviada por meio de formulário eletrônico no sistema de compras eletrônicas no prazo previsto no edital, de acordo com o critério de disputa estabelecido no edital.

3.2.1. A proposta registrada poderá ser alterada ou desistida até a data e hora definida no edital. Após o prazo previsto para acolhimento das propostas, o sistema eletrônico não aceitará inclusão, alteração ou desistência da(s) proposta(s).

3.3. Nos termos do Convênio ICMS n.º 26/2003 – CONFAZ, quando se tratar de operação interna, os licitantes beneficiados com a respectiva isenção fiscal devem apresentar as suas propostas e lances de preços com o valor líquido, ou seja, sem a carga tributária do ICMS.

3.3.1. Os estabelecimentos enquadrados no Regime Fiscal do Simples Nacional não estão abrangidos pelo disposto no item 3.3, devendo apresentar proposta de preços com a carga tributária completa.

3.4. O sistema ordenará, automaticamente, as propostas classificadas pelo(a) pregoeiro(a), sendo que somente estas participarão da fase de lances.

3.5. O(a) Pregoeiro(a), verificará as propostas apresentadas, inclusive quanto à exequibilidade, e desclassificará aquelas que não estejam em conformidade com os requisitos estabelecidos neste Edital.

4. DO PREENCHIMENTO DA PROPOSTA

4.1. O licitante deverá enviar sua proposta mediante o preenchimento, no sistema eletrônico, dos seguintes campos:

4.1.1. Valor unitário e total do item;

4.1.2. Descrição detalhada do objeto, contendo as informações similares à especificação do Termo de Referência, de forma que permita a verificação de conformidade com as exigências contidas nesse documento.

4.2. Todas as especificações do objeto contidas na proposta vinculam o Contratado.

4.3. Nos valores propostos estarão inclusos todos os custos operacionais, encargos previdenciários, trabalhistas, tributários, comerciais e quaisquer outros que incidam direta ou indiretamente na prestação dos serviços.

4.3.1 O contratado deverá arcar com o ônus decorrente de eventual equívoco no dimensionamento dos quantitativos de sua proposta, inclusive quanto aos custos variáveis decorrentes de fatores futuros e incertos, devendo complementá-los, caso o previsto inicialmente em sua proposta não seja satisfatório para o atendimento do objeto da licitação, respeitado o disposto no art. 130 da Lei Federal n.º 14.133, de 2022.

4.3.2 Caso o eventual equívoco no dimensionamento dos quantitativos se revele superior às necessidades da contratante, a Administração deverá efetuar o pagamento seguindo estritamente as regras contratuais de faturamento dos serviços demandados e executados, concomitantemente com a realização, se necessário e cabível, de adequação contratual do quantitativo necessário, com base na alínea "b" do inciso I do art. 124 da Lei Federal n.º 14.133, de 2021.

4.4. A empresa é a única responsável pela cotação correta dos encargos tributários. Em caso de erro ou cotação incompatível com o regime tributário a que se submete, serão adotadas as orientações a seguir:

4.4.1. cotação de percentual menor que o adequado: o percentual será mantido durante toda a execução contratual;

4.4.2. cotação de percentual maior que o adequado: o excesso será suprimido, unilateralmente, da planilha e haverá glosa, quando do pagamento, e/ou redução, quando da repactuação, para fins de total ressarcimento do débito.

4.5 Os preços ofertados, tanto na proposta inicial, quanto na etapa de lances, serão de exclusiva responsabilidade do licitante, não lhe assistindo o direito de pleitear qualquer alteração, sob alegação de erro, omissão ou qualquer outro pretexto.

4.6 O prazo de validade da proposta não será inferior a 90 (noventa) dias, a contar da data de sua apresentação.

4.7. Se o regime tributário da empresa implicar recolhimento de tributos em percentuais variáveis, a cotação adequada será a que corresponde à média dos efetivos recolhimentos da empresa nos últimos doze meses, devendo o licitante ou contratada apresentar ao pregoeiro ou à fiscalização, a qualquer tempo, comprovação da adequação dos recolhimentos, para os fins do previsto no subitem 4.4.

4.8. Independentemente do percentual de tributo inserido na planilha, no pagamento dos serviços, serão retidos na fonte os percentuais estabelecidos na legislação vigente.

4.9. A apresentação das propostas implica obrigatoriedade do cumprimento das disposições nelas contidas, em conformidade com o que dispõe o Termo de Referência, assumindo o proponente o compromisso de executar os serviços nos seus termos, bem como de fornecer os materiais, equipamentos, ferramentas e utensílios necessários, em quantidades e qualidades adequadas à perfeita execução contratual, promovendo, quando requerido, sua substituição.

4.10 As ofertas de propostas dos licitantes devem respeitar os preços máximos estabelecidos neste Edital.

5. DA ABERTURA DA SESSÃO, CLASSIFICAÇÃO DAS PROPOSTAS E FORMULAÇÃO DE LANCES:

5.1. A abertura da presente licitação dar-se-á em sessão pública, por meio de sistema eletrônico, na data, horário e local indicados neste Edital.

5.2 O(a) Pregoeiro(a) verificará as propostas apresentadas, desclassificando aquelas que não estejam em conformidade com os requisitos estabelecidos neste Edital, contenham vícios insanáveis ou não apresentem as especificações técnicas exigidas no Termo de Referência.

5.2.1. Também será desclassificada a proposta que identifique o licitante.

5.2.2. A desclassificação será sempre fundamentada e registrada no sistema, com acompanhamento em tempo real por todos os participantes.

5.2.3. A não desclassificação da proposta não impede o seu julgamento definitivo em sentido contrário, levado a efeito na fase de aceitação.

5.3 O sistema ordenará automaticamente as propostas classificadas, sendo que somente estas participarão da fase de lances.

5.4 O sistema disponibilizará campo próprio para troca de mensagens entre o(a) Pregoeiro(a) e os licitantes.

5.5. Iniciada a *etapa* competitiva, os licitantes deverão encaminhar lances exclusivamente por meio do sistema eletrônico, sendo imediatamente informados do seu recebimento e do valor consignado no registro.

5.5.1 O lance deverá ser ofertado de acordo com o critério de disputa fixado no item 2 Das Condições Específicas deste Edital.

5.6 Os licitantes poderão oferecer lances sucessivos, observando o horário fixado para abertura da sessão e as regras estabelecidas no Edital.

5.7 O licitante somente poderá oferecer lance de valor inferior ou percentual de desconto superior ao último por ele ofertado e registrado pelo sistema.

5.8 O intervalo mínimo de diferença de valores ou percentuais entre os lances, que incidirá tanto em relação aos lances intermediários quanto em relação à proposta que cobrir a melhor oferta deverá ser R$ 0,05 (cinco centavos).

5.9.Será adotado para o envio de lances no pregão eletrônico o modo de disputa “aberto”, em que os licitantes apresentarão lances públicos e sucessivos, com prorrogações.

5.10. A etapa de lances da sessão pública terá duração de 30 minutos e, após isso, será prorrogada automaticamente pelo sistema quando houver lance ofertado nos últimos dois minutos do período de duração da sessão pública.

5.11. A prorrogação automática da etapa de lances, de que trata o item anterior, será de15 minutos e ocorrerá sucessivamente sempre que houver lances enviados nesse período de prorrogação, inclusive no caso de lances intermediários.

5.12. Não havendo novos lances na forma estabelecida nos itens anteriores, a sessão pública encerrar-se-á automaticamente.

5.13. Encerrada a fase competitiva sem que haja a prorrogação automática pelo sistema, poderá o pregoeiro, assessorado pela equipe de apoio, justificadamente, admitir o reinício da sessão pública de lances, em prol da consecução do melhor preço.

5.14. Não serão aceitos dois ou mais lances de mesmo valor, prevalecendo aquele que for recebido e registrado em primeiro lugar.

5.15. Durante o transcurso da sessão pública, os licitantes serão informados, em tempo real,do valor do menor lance registrado vedada a identificação do licitante.

5.16. No caso de desconexão com o(a) Pregoeiro(a), no decorrer da etapa competitiva do Pregão, o sistema eletrônico poderá permanecer acessível aos licitantes para a recepção dos lances.

5.17. Quando a desconexão do sistema eletrônico para o(a) pregoeiro(a) persistir por tempo superior a dez minutos, a sessão pública será suspensa e reiniciada somente após decorridas, no mínimo, vinte e quatro horas da comunicação do fato pelo(a) Pregoeiro(a) aos participantes, no sítio eletrônico utilizado para divulgação.

5.18. O Critério de julgamento adotado **será o menor preço, conforme** definido neste Edital e seus anexos.

5.19. Caso o licitante não apresente lances, concorrerá com o valor de sua proposta.

5.20. Em relação a itens não exclusivos para participação de microempresas, empresas de pequeno porte e microempreendedores individuais, uma vez encerrada a etapa de lances, será efetivada a verificação do porte da entidade empresarial. O sistema identificará em coluna própria as microempresas, as empresas de pequeno porte e microempreendedores individuais participantes, procedendo à comparação com os valores da primeira colocada, se esta for empresa de maior porte, assim como das demais classificadas, para o fim de aplicar-se o disposto nos arts. 44 e 45 da Lei Complementar Federal n.º 123, de 2006.

5.21. Nessas condições, as propostas de microempresas, empresas de pequeno porte e microempreendedores individuais que se encontrarem na faixa de até 5%(cinco por cento) acima da melhor proposta ou melhor lanceserão consideradas empatadas com a primeira colocada.

5.22.A ME, EPP ou MEI melhor classificada, nos termos do item anterior, terá o direito de encaminhar uma última oferta para desempate, obrigatoriamente em valor inferior ao da primeira colocada, no prazo de 5 (cinco) minutos controlados pelo sistema, contados após a comunicação automática para tanto.
5.23. Caso a microempresa, a empresa de pequeno porte ou o microempreendedor individual melhor classificado desista ou não se manifeste no prazo estabelecido, serão convocadas as demais licitantes na condição de ME, EPP ou MEI que se encontrem naquele intervalo de 5% (cinco por cento), na ordem de classificação, para o exercício do mesmo direito, no prazo estabelecido no subitem anterior.
5.24. No caso de equivalência dos valores apresentados pelas microempresas, empresas de pequeno porte e microempreendedores individuais que se encontrem nos intervalos estabelecidos nos subitens anteriores, será realizado sorteio entre elas para que se identifique aquela que primeiro poderá apresentar melhor oferta.
5.25.Só poderá haver empate entre propostas iguais (não seguidas de lances), ou entre lances finais da fase fechada do modo de disputa aberto e fechado.
5.26. Havendo eventual empate entre propostas ou lances, o critério de desempate será aquele previsto no art. 60 da Lei n.º 14.133, de 2021.
5.27. Persistindo o empate, a proposta vencedora será sorteada pelo sistema eletrônico dentre as propostas ou os lances empatados.
5.28. Encerrada a etapa de envio de lances da sessão pública, o(a) pregoeiro(a) deverá encaminhar, pelo sistema eletrônico, contraproposta ao licitante que tenha apresentado o melhor preço, para que seja obtida melhor proposta, vedada a negociação em condições diferentes das previstas neste Edital.
5.28.1.A negociação será realizada por meio do sistema, podendo ser acompanhada pelos demais licitantes.
5.28.2.O(a) pregoeiro(a) solicitará ao licitante melhor classificado que, no prazo de 02 (duas) horas, envie a proposta adequada ao último lance ofertado após a negociação realizada, acompanhada, se for o caso, dos documentos complementares, quando necessários à confirmação daqueles exigidos neste Edital e já apresentados.
5.28.3.É facultado ao(a) pregoeiro(a) prorrogar o prazo estabelecido, a partir de solicitação fundamentada feita no chat pelo licitante, antes de findo o prazo previsto no item 5.28.2.
5.29. Após a negociação do preço, o(a) Pregoeiro(a) iniciará a fase de aceitação e julgamento da proposta.

6. DA ACEITABILIDADE DA PROPOSTA VENCEDORA.

6.1 Encerrada a etapa de negociação, o(a) pregoeiro(a) examinará a proposta classificada em primeiro lugar quanto à adequação ao objeto e à compatibilidade do preço em relação ao máximo estipulado para contratação neste Edital e em seus anexos, observado o disposto no art. 95 do Decreto n.º 10.086, de 2022.

6.2 Será desclassificada a proposta, ou o lance vencedor, que apresentar preço final superior ao(s) preço(s) máximo(s) fixado(s), desconto menor do que o mínimo exigido ou que apresentar preço manifestamente inexequível.

6.2.1 Considera-se inexequível a proposta que apresente preços global ou unitários simbólicos, irrisórios ou de valor zero, incompatíveis com os preços dos insumos e salários de mercado, acrescidos dos respectivos encargos, ainda que o ato convocatório da licitação não tenha estabelecido limites mínimos, exceto quando se referirem a materiais e instalações de propriedade do próprio licitante, para os quais ele renuncie a parcela ou à totalidade da remuneração.

6.2.2. A análise da exequibilidade da proposta de preços deverá ser realizada com o auxílio da Planilha de Custos e Formação de Preços, a ser preenchida pelo licitante em relação à sua proposta final, conforme anexo deste Edital.

6.2.3. A Planilha de Custos e Formação de Preços deverá ser encaminhada pelo licitante exclusivamente via sistema, no prazo de 02 (duas) horas, contado da solicitação do pregoeiro, com os respectivos valores readequados ao lance vencedor, e será analisada pelo Pregoeiro no momento da aceitação do lance vencedor.

6.2.4. A inexequibilidade dos valores referentes a itens isolados da Planilha de Custos e Formação de Preços não caracteriza motivo suficiente para a desclassificação da proposta, desde que não contrariem exigências legais

6.2.5 Quando o licitante não conseguir comprovar que possui ou possuirá recursos suficientes para executar a contento o objeto, será considerada inexequível a proposta de preços ou menor lance que for insuficiente para a cobertura dos custos da contratação, apresente preços global ou unitários simbólicos, irrisórios ou de valor zero, incompatíveis com os preços dos insumos e salários de mercado, acrescidos dos respectivos encargos, ainda que o ato convocatório da licitação não tenha estabelecido limites mínimos, exceto quando se referirem a materiais e instalações de propriedade do próprio licitante, para os quais ele renuncie a parcela ou à totalidade da remuneração.

6.2.5.1. Caso se adote o critério do maior desconto, com permissão de lances negativos, não é considerada inexequível a proposta que apresente lances inferiores a zero (Inciso LVI do art. 2.º do Decreto n.º 10.086/2022).

6.3. Se houver indícios de inexequibilidade da proposta de preço, ou em caso da necessidade de esclarecimentos complementares, poderão ser efetuadas diligências, na forma do previsto no art. 92 do Decreto n.º 10.086, de 2022, para que a empresa comprove a exequibilidade da proposta.

6.4. O Pregoeiro poderá convocar o licitante para enviar documento digital complementar, por meio de funcionalidade disponível no sistema, no prazo de 02 (duas) horas sob pena de não aceitação da proposta.

6.4.1. Dentre os documentos passíveis de solicitação pelo Pregoeiro, destacam-se as planilhas de custo readequadas com o valor final ofertado.

6.5. Todos os dados informados pelo licitante em sua planilha deverão refletir com fidelidade os custos especificados.

6.6. O Pregoeiro analisará a compatibilidade dos preços unitários apresentados na Planilha de Custos e Formação de Preços com aqueles praticados no mercado em relação às parcelas de serviços envolvidas na contratação;

6.7. Erros no preenchimento da planilha não constituem motivo para a desclassificação da proposta. A planilha poderá ser ajustada pelo licitante, no prazo indicado pelo Pregoeiro, desde que não haja majoração do preço.

6.7.1. O ajuste de que trata este dispositivo se limita a sanar erros ou falhas que não alterem a substância das propostas;

6.7.2. Considera-se erro no preenchimento da planilha passível de correção a indicação de recolhimento de impostos e contribuições na forma do Simples Nacional, quando não cabível esse regime.

6.8 Para fins de análise da proposta quanto ao cumprimento das especificações do objeto, poderá ser colhida à manifestação escrita do setor requisitante do serviço ou da área especializada no objeto.

6.9 Qualquer interessado poderá requerer que se realizem diligências para aferir a exequibilidade e a legalidade das propostas, devendo apresentar as provas ou os indícios que fundamentam a suspeita.

6.10 Na hipótese de necessidade de suspensão da sessão pública para a realização de diligências, com vistas ao saneamento das propostas, a sessão pública somente poderá ser reiniciada mediante aviso prévio no sistema com, no mínimo, vinte e quatro horas de antecedência, e a ocorrência será registrada em ata.

6.11 O(a) Pregoeiro(a) poderá convocar o licitante para enviar documento digital complementar, por meio de funcionalidade disponível no sistema, no prazo de 02 (duas) horas sob pena de não aceitação da proposta.

6.11.1 É facultado ao(a) pregoeiro(a) prorrogar o prazo estabelecido, a partir de solicitação fundamentada feita no chat pelo licitante, antes de findo o prazo.

6.11.2 Dentre os documentos passíveis de solicitação pelo(a) Pregoeiro(a), destacam-se os que contenham as características do material ofertado, tais como marca, modelo, tipo, fabricante e procedência, além de outras informações pertinentes, a exemplo de catálogos, folhetos ou propostas, encaminhados por meio eletrônico.

6.12 Se a proposta ou lance vencedor for desclassificado, o(a) Pregoeiro(a) examinará a proposta ou lance subsequente, e, assim sucessivamente, na ordem de classificação.

6.13 Havendo necessidade, o(a) Pregoeiro(a) suspenderá a sessão, informando no chat a nova data e horário para a sua continuidade.

6.14 O(a) Pregoeiro(a) poderá encaminhar, por meio do sistema eletrônico, contraproposta ao licitante que apresentou o lance mais vantajoso, com o fim de negociar a obtenção de melhor preço, vedada a negociação em condições diversas das previstas neste Edital.

6.14.1 Também nas hipóteses em que o(a) Pregoeiro(a) não aceitar a proposta e passar à subsequente, poderá negociar com o licitante para que seja obtido preço melhor.

6.14.2 A negociação será realizada por meio do sistema, podendo ser acompanhada pelos demais licitantes.

6.15. Nos itens não exclusivos para a participação de microempresas, empresas de pequeno porte e microempreendedores individuais, sempre que a proposta não for aceita, e antes de o(a) Pregoeiro(a) passar à subsequente, haverá nova verificação, pelo sistema, da eventual ocorrência do empate ficto, previsto nos artigos 44 e 45 da Lei Complementar Federal n.º 123, de 2006, seguindo-se a disciplina antes estabelecida, se for o caso.

6.16 Encerrada a análise quanto à aceitação da proposta, o(a) Pregoeiro(a) verificará a habilitação do licitante, observado o disposto neste Edital.

7. DA APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA E DOS DOCUMENTOS DE HABILITAÇÃO

7.1 Os licitantes encaminharão, exclusivamente por meio de sistema eletrônico, a proposta com a descrição do objeto ofertado e o preço final proposto (conforme modelo do Anexo III) e os documentos de habilitação (conforme Anexo II), até a data e o horário estabelecidos pelo pregoeiro.

7.2 O envio da proposta ocorrerá por meio de chave de acesso e senha.

7.3 Os licitantes poderão deixar de apresentar os documentos de habilitação que constem no sistema de registro cadastral unificado disponível no Portal Nacional de Contratações Públicas (PNCP) ou do Cadastro Unificado de Fornecedores do Estado do Paraná, desde que os referidos documentos estejam atualizados, assegurado aos demais licitantes o direito de acesso aos dados constantes dos sistemas.

7.4 As Microempresas, Empresas de Pequeno Porte e Microempreendedores Individuais deverão encaminhar a documentação de habilitação, ainda que haja alguma restrição de regularidade fiscal e trabalhista, nos termos do art. 43, § 1º da Lei Complementar Federal n.º 123, de 2006.

7.5 Incumbirá ao licitante acompanhar as operações no sistema eletrônico durante a sessão pública do Pregão, ficando responsável pelo ônus decorrente da perda de negócios, diante da inobservância de quaisquer mensagens emitidas pelo sistema ou de sua desconexão.

7.6 Até a abertura da sessão pública, os licitantes poderão retirar ou substituir a proposta anteriormente inserida no sistema.

7.7 Não será estabelecida, nessa etapa do certame, ordem de classificação entre as propostas apresentadas, o que somente ocorrerá após a realização dos procedimentos de negociação e julgamento da proposta.

7.8 Os documentos que compõem a proposta e a habilitação do licitante melhor classificado somente serão disponibilizados para avaliação do(a) pregoeiro(a) e para acesso público após o encerramento do envio de lances fechados.

8. DESCRITIVO DA PROPOSTA

8.1 A proposta deverá ser formulada de acordo com o valor final da disputa, sem emendas, rasuras ou entrelinhas, assinada por meio eletrônico com uso de certificação digital ICP-Brasil, pelo representante legal do licitante (ou seu procurador devidamente qualificado) e deverá conter, de acordo com o modelo definido neste edital, a identificação da licitação, o CNPJ e o nome empresarial completo do licitante, a descrição do produto/serviço oferecido para cada item e/ou lote da licitação; o valor global, os preços unitários e globais por item e/ou lote, cotados em moeda corrente nacional; e o prazo de validade da proposta, que não poderá ser inferior ao estabelecido no edital.

8.1.1 A proposta definitiva deverá observar os preços unitários máximos da planilha de composição de preços fixada pelo edital e seus anexos, sob pena de desclassificação, inclusive quando o(s) lote(s)

reunir(em) itens diversos.

8.1.2 As empresas beneficiárias do disposto no Convênio ICMS n.º 26/2003 – CONFAZ (item 3.3 do Edital) deverão, de forma expressa e obrigatoriamente, indicar em sua proposta o preço onerado e o preço desonerado (o qual deve ser igual ou menor ao preço do arrematante), discriminando o percentual de desconto relacionado à isenção fiscal.

8.1.2.1. Para o licitante abrangido pelo benefício de que trata o item 3.3 do Edital, e que participar da licitação com o preço desonerado do ICMS (preço líquido), a soma do preço proposto (preço líquido) com o valor do respectivo imposto não pode ultrapassar o valor máximo estabelecido no edital. Caso esta soma ultrapasse o máximo previsto no edital, o(a) pregoeiro(a) desclassificará a proposta.

8.1.3. Constatado erro de cálculo em qualquer operação, o(a) pregoeiro(a) poderá efetuar diligência visando sanar o erro ou falha, desde que não alterem a substância da proposta, do documento e sua validade jurídica.

8.1.4. Os preços deverão ser cotados em reais, com até duas casas decimais após a vírgula. Serão desconsiderados os valores depois da segunda casa decimal após a vírgula.

8.2 Nos termos do §1º do art. 63 da Lei Federal n.º 14.133/2021, o licitante deverá declarar, sob pena de desclassificação, que sua proposta econômica compreende a integralidade dos custos para atendimento dos direitos trabalhistas assegurados na Constituição Federal, nas leis trabalhistas, nas normas infralegais, nas convenções coletivas de trabalho e nos termos de ajustamento de conduta vigentes na data de entrega das propostas, conforme Anexo III.

9. OS RECURSOS:

9.1. Qualquer licitante poderá, em campo próprio do sistema de compras eletrônicas, manifestar de forma imediata e motivada a intenção de recorrer, sob pena de preclusão, em relação às fases de julgamento e habilitação, possuindo o prazo de 3 (três) dias úteis para apresentação das razões recursais após a formalização do término da etapa que antecede a adjudicação.

9.1.1 As razões recursais devem ser apresentadas exclusivamente por meio eletrônico e com uso de certificação digital ICP-Brasil.

9.1.2 Os demais licitantes ficarão desde logo intimados para apresentar contrarrazões ao recurso no prazo de 3 (três) dias úteis contados do término do prazo de apresentação das razões do recorrente, exclusivamente por meio eletrônico e assinadas com uso de certificação digital ICP-Brasil.

9.2 A não apresentação das razões recursais no prazo fixado implicará a decadência do direito de recorrer.

9.3 As razões e as contrarrazões de recurso que não forem apresentadas conforme o disposto nos itens anteriores, ou subscritas por representante não habilitado ou não credenciado para responder pelo licitante, não serão conhecidas pelo(a) pregoeiro(a).

9.4 Os autos do processo de licitação poderão ser acessados pelos interessados no sistema E-Protocolo no site https://www.e-protocolo.pr.gov.br.

9.5 O acolhimento do recurso implicará invalidação apenas de ato insuscetível de aproveitamento.

10. ADJUDICAÇÃO E HOMOLOGAÇÃO:

10.1. Examinada a aceitabilidade da proposta, a regularidade e a habilitação do licitante vencedor, bem como a análise técnica referente às amostras, quando exigidas, o procedimento licitatório será encaminhado pelo(a) pregoeiro(a) à autoridade máxima para adjudicação e homologação.

10.2. Será permitida a adjudicação e a homologação parcial do procedimento licitatório, quando o seu objeto possuir mais de um lote.

11. CONTRATO, RECEBIMENTO E PAGAMENTO:

11.1. O adjudicatário será notificado para assinar o contrato no prazo de 05 (cinco) dias úteis, prorrogável a critério do órgão ou entidade contratante, sob pena de decair do direito à contratação e incidir nas penalidades previstas neste edital.

11.1.1. Caso seja exigida garantia de execução contratual e o contratado opte pelo seguro-garantia como modalidade de garantia a ser prestada, o prazo indicado no item 11.1 será de, no mínimo, 01 (um) mês, conforme § 3º do art. 96 da Lei Federal n.º 14.133/2021.

11.2. Para a assinatura do contrato, o adjudicatário deverá estar credenciado no Cadastro Unificado de Fornecedores do Sistema de Gestão de Materiais, Obras e Serviços – GMS, para a comprovação das condições de habilitação consignadas no edital, que deverão ser mantidas pelo licitante durante a vigência do contrato.

11.3 Antes da assinatura do contrato, a Administração realizará consulta ao Cadastro Informativo Estadual – Cadin Estadual, haja vista a vedação contida no art. 3º, inc. I, da Lei Estadual n.º 18.466, de 2015.

11.4 Os pagamentos ficarão condicionados à prévia informação pelo credor dos dados da conta corrente junto à instituição financeira contratada pelo Estado, conforme o disposto no Decreto Estadual n.º 4.505, de 2016, ressalvadas as exceções previstas na mesma norma.

11.5 Se o adjudicatário não apresentar as comprovações dos itens 11.2 e 11.4 ou se recusar a assinar o contrato, a Administração Pública poderá revogar a licitação, sem prejuízo da aplicação das sanções previstas na Lei Federal n.º 14.133/2021, e no Decreto Estadual n.º 10.086/2022, ou ainda, convocar os licitantes remanescentes, na ordem de classificação, para a celebração do contrato nas condições ofertadas pelo licitante vencedor.

11.5.1 A recusa injustificada do adjudicatário ou a justificativa não aceita pela Administração, implicará instauração de procedimento administrativo autônomo para eventual aplicação de sanções administrativas.

11.5.2 Na hipótese de nenhum dos licitantes aceitar a contratação nos termos do item 11.5, a Administração Pública poderá convocar os licitantes remanescentes, na ordem de classificação, para a celebração do contrato nas condições ofertadas por estes, desde que o valor seja igual ou inferior ao orçamento estimado para a contratação, inclusive quanto aos preços atualizados, nos termos do instrumento convocatório.

11.6 A entrega, o recebimento do objeto da licitação e os pagamentos serão efetuados no local, nos prazos e na forma estabelecida nos anexos deste edital.

11.7 Nos casos de eventuais atrasos de pagamento, desde que o Contratado não tenha concorrido para tanto, fica convencionado que a taxa de compensação financeira devida pela Contratante, entre a data do vencimento e o efetivo adimplemento da parcela, é calculada mediante a aplicação da seguinte fórmula:

EM = I x N x VP, sendo:
EM = Encargos moratórios;
N = Número de dias entre a data prevista para o pagamento e a do efetivo pagamento;
VP = Valor da parcela a ser paga.
I = Índice de compensação financeira = 0,00016438, assim apurado:

$$I = (TX) \quad I = \frac{(6/100)}{365} \quad I = 0,00016438$$

TX = Percentual da taxa anua
= 6%.

11.8 Antes de cada pagamento, a Contratante deverá realizar consulta no Portal Nacional de Contratações Públicas e no Sistema de Gestão de Materiais, Obras e Serviço - GMS para verificar a manutenção das condições de habilitação definidas neste edital.

12. SANÇÕES ADMINISTRATIVAS:

12.1. O licitante e o contratado que incorram em infrações sujeitam-se às sanções administrativas previstas no art. 156 da Lei Federal n.º 14.133, de 2021 e nos arts. 193 ao 227 do Decreto n.º 10.086, de 17 de janeiro 2022, sem prejuízo de eventuais implicações penais nos termos do que prevê o Capítulo II-B do Título XI do Código Penal**.**

12.2. A multa não poderá ser inferior a 0,5% (cinco décimos por cento), nem superior a 30% (trinta por

cento) sobre o valor total do lote no qual participou ou do contrato, observando ainda as seguintes variações:

12.2.1. multa de 0,5% a 5%, nos casos das infrações previstas no art. 195, do Decreto Estadual 10.086/2022;

12.2.2. multa de 5% a 30%, nos casos das infrações previstas no art. 196, do Decreto Estadual 10.086/2022;

12.2.3. multa de 15% a 30%, nos casos das infrações previstas no art. 197, do Decreto Estadual 10.086/2022;

12.3. O cálculo da multa será justificado e levará em conta o disposto nos arts. 210 a 212, do Decreto Estadual 10.086/2022.

12.4. A multa poderá ser descontada do pagamento devido pela Administração Pública estadual, decorrente de outros contratos firmados entre as partes, caso em que a Administração reterá o pagamento até o adimplemento da multa, com o que concorda o licitante ou contratante.

12.4.1. A retenção de pagamento de outros contratos, pela Administração Pública, no período compreendido entre a decisão final que impôs a multa e seu adimplemento, suspende a fluência de prazo para a Administração, não importando mora, nem gera compensação financeira.

12.5. Multa de mora diária de até 0,3% (três décimos por cento), calculada sobre o valor global do contrato ou da parcela em atraso, até o 30º (trigésimo) dia de atraso na entrega; a partir do 31º (trigésimo primeiro) dia, a multa de mora será convertida em compensatória, aplicando-se, no mais, o disposto nos itens acima.

12.6. O procedimento para aplicação das sanções seguirá o disposto no Capítulo XVI, do Título I, do Decreto n.º 10.086, de 2022. e na Lei n.º 20.656, de 2021.

12.7. Nos casos não previstos no instrumento convocatório, inclusive sobre o procedimento de aplicação das sanções administrativas, deverão ser observadas as disposições da Lei Federal n.º 14.133, de 2021 e no Decreto n.º 10.086, de 2022.

12.8. Sem prejuízo das sanções previstas nos itens anteriores, a responsabilização administrativa e civil de pessoas jurídicas pela prática de atos contra a Administração Pública, nacional ou estrangeira, na participação da presente licitação e nos contratos ou vínculos derivados, também se dará na forma prevista na Lei Federal n.º 12.846, de 2013, e regulamento no âmbito do Estado do Paraná.

12.9. Quaisquer penalidades aplicadas serão transcritas no Portal Nacional de Contratações Públicas (PNCP) e no Cadastro Unificado de Fornecedores do Estado do Paraná (CFPR).

13. DISPOSIÇÕES GERAIS:

13.1. Todas as referências de tempo deste edital correspondem ao horário de Brasília-DF.

13.2. Ocorrendo decretação de feriado ou outro fato superveniente que impeça a realização da sessão pública de abertura das propostas na data designada no edital, ela será automaticamente transferida para o primeiro dia útil subsequente, no mesmo horário, independentemente de nova comunicação.

13.3. É facultado ao(a) pregoeiro(a) a promoção de diligência destinada a esclarecer ou a complementar a instrução do processo.

13.4. O licitante é responsável pelo ônus decorrente da perda de negócios, resultante da inobservância de quaisquer mensagens emitidas pelo(a) pregoeiro(a) ou pelo sistema, ainda que ocorra a sua desconexão.

13.5. A não apresentação de qualquer documento ou a apresentação com prazo de validade expirado implicará desclassificação ou inabilitação do licitante.

13.6. Os documentos que não mencionarem o prazo de validade serão considerados válidos por 90 (noventa) dias da data da emissão, salvo disposição contrária de Lei a respeito.

13.7. Os licitantes encaminharão os documentos exigidos nesta licitação exclusivamente por meio do sistema de que trata o item 1.1 das Condições Gerais do Pregão Eletrônico. O(a) pregoeiro(a), se julgar necessário, verificará a autenticidade e a veracidade do documento.

13.8. O(a) pregoeiro(a) poderá, no interesse público, relevar faltas meramente formais que não comprometam a lisura e o real conteúdo da proposta, podendo promover diligências destinadas a

esclarecer ou complementar a instrução do procedimento licitatório, inclusive solicitar pareceres.

13.9. A realização da licitação não implica necessariamente a contratação total ou parcial do montante previsto, porquanto estimado, podendo a autoridade competente, inclusive, revogá-la, total ou parcialmente, por fatos supervenientes, de interesse público, ou anulá-la por ilegalidade, de ofício ou por provocação do interessado, mediante manifestação escrita e fundamentada, assegurado o contraditório e a ampla defesa, conforme dispõe o art. 71 da Lei Federal n.º 14.133, de 2021.

13.10. O foro é o da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba – Foro Central de Curitiba, no qual serão dirimidas todas as questões não resolvidas na esfera administrativa.

O servidor que subscreve este edital e seus anexos atesta que observou integralmente a Minuta Padronizada aprovada pelo Procurador-Geral do Estado do Paraná.

Curitiba, 19 de Outubro de 2026.

Luciane Hoch

Assessora - ULCC/SEEC

ANEXO I
TERMO DE REFERÊNCIA

1. OBJETO:

1.1. Contratação de empresa para a edição, diagramação e impressão das obras vencedoras do Prêmio Paraná de Literatura 2023 para atender a demanda da SEEC, conforme especificações estabelecidas neste instrumento e seus anexos:

LOTE 01	DESCRIÇÃO	QTDE Uni.	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
ITEM 01	**GMS: 0105.109975** **Categoria ROMANCE: entre 130 e 300 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$31,86	R$ 31.860,00
ITEM 02	**GMS: 0105.109973** **Categoria CONTO: entre 70 e 200 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$28,05	R$ 28.050,00
ITEM 03	**GMS: 0105.109980** **Categoria POESIA: entre 70 e 130 Páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$ 25,98	R$ 25.980,00
ITEM 04	**GMS: 0105.109977** **Categoria INFANTIL: entre 30 e 70 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$27,86	R$ 27.860,00
VALOR TOTAL DO LOTE:			**R$ 113.750,00**	

1.1.2. Os quantitativos e respectivos códigos dos itens são os discriminados na tabela acima.

1.1.3. A presente contratação adotará como regime de execução a Empreitada por valor unitário.

1.1.4 O prazo de vigência do contrato é de 3 (três) meses. O prazo de vigência será automaticamente prorrogado quando seu objeto não for concluído no período firmado no contrato com base nos termos do artigo 111 da Lei 14.133, de 2021.

1.2 ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

1.2.1. As especificações técnicas são as descritas na tabela acima no item ‘’1. Do objeto’’.

1.3. DA PADRONIZAÇÃO

1.3.1. Catálogo Eletrônico de Materiais e Serviços do Estado do Paraná (e-CAT) ainda não foi implantado na integralidade pela Secretaria de Estado da Administração e da Previdência. Deste modo, não foi possível utilizar o catálogo eletrônico de padronização na presente contratação. Porém, esclarece-se que as descrições utilizadas no presente termo de referência foram elaboradas pelos profissionais técnicos competentes da área demandante, os quais atestam que as especificações técnicas do(s) objeto(s) são aquelas estritamente necessárias para a aferição da adequação ao fim a que se destina, não havendo exigências desprovidas de razoabilidade.

1.4. DA EXECUÇÃO DO SERVIÇO:

1.4.1. O serviço deverá ter início em até 10 (dez) dias após a assinatura do contrato;

1.4.2. Os itens serão recebidos provisoriamente no prazo de 05 (cinco) dias;
1.4.3. Os itens serão recebidos definitivamente no prazo de 15 (quinze) dias;
1.4.4. A contratada deverá apresentar uma prova piloto de cada categoria no prazo de 30 (trinta) dias à Diretoria da BPP, para validação;
1.4.5. O prazo da confirmação da Administração após recebimento das provas piloto é de 15 (quinze) dias;
1.4.6. Local de entrega: Biblioteca Pública do Paraná, Rua Ébano Pereira, nº 100.
Responsável: Carlos Corsi/ Matias Marino da Silva
Contato: (41) 3221-4949/(41) 3221-4905.
Horário: De segunda a sexta das 9 h às 17 h.
1.4.7. A vigência do contrato se inicia a contar de sua assinatura;
1.4.8. Após a assinatura do contrato, a empresa terá o prazo de 90 dias para a finalização e entrega dos itens em sua totalidade.

2. DA JUSTIFICATIVA E OBJETIVO DA CONTRATAÇÃO:

2.1. A presente contratação tem por objetivo atender ao disposto no Edital nº 001/2023 – Prêmio Paraná de Literatura, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, por meio da Biblioteca Pública do Paraná. O Concurso tem por objeto a seleção de livros inéditos, escritos em língua portuguesa, que não tenham sido objeto de qualquer tipo de apresentação, veiculação ou publicação parcial ou integral (inclusive em sites, blogs e redes sociais da internet) antes da inscrição no Concurso. O regulamento do certame estabelece que as obras vencedoras deverão ser publicadas pela SEEC/PR, em tiragem de 1.000 exemplares por categoria, totalizando quatro categorias:

a) Romance – entre 130 e 300 páginas;

b) Conto – entre 70 e 200 páginas;

c) Poesia – entre 70 e 130 páginas;

d) Infantil – entre 30 e 70 páginas.

A publicação envolve as etapas de editoração, revisão, diagramação, ilustração (somente na categoria Infantil) e impressão dos livros. Trata-se, portanto, de serviço essencial para a conclusão das obrigações previstas no edital do Prêmio Paraná de Literatura e para a efetiva difusão das obras literárias premiadas. Não caberá aos autores questionar ou interferir no projeto gráfico final, seja miolo, parte interna ou capa. Após a homologação e publicação do resultado do Edital do Concurso nº 001/2023 – Prêmio Paraná de Literatura temos os vencedores, por categoria:

- Categoria Conto – Título: Cola Quente – Autor: Moisés Mendoza Baião
- Categoria Infantil – Título Poemas com pé sem cabeça e sem cabeça nem pé – Autor: José Carlos Barbosa de Aragão

Categoria Poesia – Título: O Sintagma do Sertão – Autor: Marana Silva Borges

- Categoria Romance – Título: Vira-lata – Autor: Bruno Zermiani

A execução desta etapa é condição essencial para o cumprimento integral do objeto do concurso, que visa reconhecer, valorizar e difundir a produção literária inédita em língua portuguesa, promovendo o acesso democrático à literatura e fortalecendo o programa Paraná Literário, conforme a dotação orçamentária específica mencionada no edital. Dessa forma, a impressão das obras vencedoras constitui ato vinculado ao edital, imprescindível para a efetiva entrega dos prêmios, a consolidação da

política pública de fomento à leitura e a promoção da cultura literária no Estado do Paraná.

3. DESCRIÇÃO DA SOLUÇÃO:

3.1. A solução proposta consiste na contratação de empresa especializada em serviços editoriais e gráficos a fim de que assim garanta uma qualidade técnica nos livros permitindo a padronização visual das publicações, o controle de qualidade em todas as fases e a entrega tempestiva dos exemplares, requisito essencial diante da urgência identificada na demanda e da necessidade de cumprimento do cronograma referente à edição, diagramação e impressão das obras vencedoras do Prêmio Paraná de Literatura 2023, conforme o previsto no Edital nº 001/2023 – Prêmio Paraná de Literatura. Desta forma, garantindo a materialização das obras literárias premiadas, a contratação contribui diretamente para a promoção da leitura e democratização do acesso à cultura, uma vez que as obras serão distribuídas às bibliotecas públicas municipais, ampliando o alcance social e educacional do projeto.

O cumprimento dessa obrigação é essencial para a execução das políticas públicas de incentivo à leitura, valorização da produção literária nacional e difusão da literatura paranaense contemporânea, finalidades centrais do referido prêmio além de trazer benefícios administrativos e operacionais, uma vez que centraliza as atividades de editoração e impressão sob responsabilidade de um único fornecedor, o que otimiza a gestão contratual, reduz riscos de inconsistência gráfica e favorece o acompanhamento técnico pela equipe da BPP.

4. PESQUISA DE PREÇOS:

4.1. Foi realizada ampla pesquisa de preços, em conformidade com o Art. 296 do Decreto Estadual nº 10.086/2022 e o Art. 23 da Lei Federal nº 14.133/2021. declaramos que foi realizada ampla pesquisa de mercado para apuração do valor de referência, optando-se pela utilização da media, considerando que os preços apresentados nas cotações não possuem grandes variações de valores entre si. Declaramos, ainda, que as cotações de preços acima descritas são verídicas e foram realizadas junto aos potenciais fornecedores mencionados.

Desta forma, foram consultadas empresas especializadas no ramo, cujos orçamentos, devidamente apresentados no protocolo acompanhado dos respectivos comprovantes que evidenciam a fundamentação da pesquisa, subsidiaram a elaboração do Mapa de Preços e formação do preço máximo da contratação conforme evidenciado nas fls, 45 - 56 .mov, 18 – 26.

Em síntese, a pesquisa realizou-se nas seguintes etapas:

-Consulta a fornecedores especializados no ramo; sítios eletrônicos oficiais; Sistema GMS e Painel de Preços do Governo Federal; consulta em sites da internet.

5. PARCELAMENTO DO OBJETO:

5.1. *Art. 40, da Lei 14.133/21 diz: § 2º Na aplicação do princípio do parcelamento, referente às compras, deverá ser considerado:*

I - a viabilidade da divisão do objeto em lotes;
II - o aproveitamento das peculiaridades do mercado local, com vistas à economicidade, sempre que possível, desde que atendidos os parâmetros de qualidade; e
III - o dever de buscar a ampliação da competição e de evitar a concentração de mercado.
§ 3º O parcelamento não será adotado quando:
I - a economia de escala, a redução de custos de gestão de contratos ou a maior vantagem na contratação recomendar a compra do item do mesmo fornecedor;
II - o objeto a ser contratado configurar sistema único e integrado e houver a possibilidade de risco ao conjunto do objeto pretendido;
III - o processo de padronização ou de escolha de marca levar a fornecedor exclusivo.

Em análise não se torna viável conforme justificativas abaixo:

1. Uniformidade da coleção institucional: Os quatro livros vencedores (Romance, Contos, Poesia e Infantil) integram uma única coleção institucional do Prêmio Paraná de Literatura – 2023. A identidade visual, o padrão gráfico, o tipo de papel, o acabamento, a tipografia e até mesmo a estratégia de

distribuição devem ser absolutamente uniformes para reforçar a marca do prêmio e transmitir coerência ao público. A contratação de fornecedores diferentes para cada categoria inevitavelmente geraria variações (mesmo que mínimas) de cor, gramatura, corte, verniz, relevo etc., ainda que coloquemos os mesmos parâmetros de qualidade, acabamento e apresentação, comprometendo a percepção de unidade da coleção.

2. Controle de qualidade e fiscalização: A fiscalização de quatro contratos distintos multiplicaria exponencialmente o trabalho da comissão de recebimento em vários aspectos, inclusive, em análise de provas separadas, conferência de quatro entregas parciais, gestão de eventuais glosas parciais. E, com um único fornecedor, toda a coleção é entregue em um único lote, permitindo conferência simultânea e integrada, com redução drástica de risco de inconsistência.

3. Cronograma único de lançamento: O lançamento oficial está previsto para ocorrer em evento único, o que torna a entrega simultânea dos quatro títulos, indispensável, já que com fornecedores diferentes, o risco de atraso em apenas uma categoria comprometeria todo o evento, gerando prejuízo de imagem institucional irreparável.

4. Desestímulo à concorrência no cenário parcelado: O parcelamento reduziria a concorrência exatamente nos lotes de menor volume, gerando risco real de certame deserto ou com proposta única nesses lotes.

Portanto, conclui-se que:

Embora o parcelamento seja tecnicamente possível, ele se revela desvantajoso podendo gerar um risco de perda de uniformidade da coleção e maior complexidade de fiscalização e administrativamente prejudicial (risco de atraso no lançamento e redução da concorrência).

Portanto, o não parcelamento do objeto está devidamente justificado por razões técnicas, administrativas e econômicas robustas, atendendo integralmente ao parágrafo único do art. 342 do Decreto nº 10.086/2022 devendo ocorrer em lote único.

6. SUSTENTABILIDADE

6.1. O fornecedor deverá seguir os incisos I, II, III e IV do Art. 363 do Decreto 10086/22 que diz:

I - que os bens sejam constituídos, no todo ou em parte, por material reciclado, atóxico, biodegradável, conforme normas específicas da ABNT;

II - que sejam observados os requisitos ambientais para a obtenção de certificação do Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial – INMETRO, como produtos sustentáveis ou de menor impacto ambiental em relação aos seus similares;

III - que os bens devam ser, preferencialmente, acondicionados em embalagem individual adequada, com o menor volume possível, que utilize materiais recicláveis, de forma a garantir a máxima proteção durante o transporte e o armazenamento;

IV - que os bens não contenham substâncias perigosas em concentração acima da recomendada na diretiva RoHS (Restriction of Certain Hazardous Substances), tais como mercúrio (Hg), chumbo (Pb), cromo hexavalente (Cr(VI)), cádmio (Cd), bifenil-polibromados (PBBs), éteres difenil- polibromados (PBDEs)

Sendo assim, é fundamental priorizar fornecedores que adotem práticas sustentáveis em seus processos editoriais e gráficos, que utilizem preferencialmente energia proveniente de fontes renováveis, matérias-primas certificadas e insumos de menor impacto ambiental, como papéis com certificação FSC ou equivalentes, tintas à base de água e materiais atóxicos e recicláveis.

Deverão ser observados, ainda, processos produtivos e logísticos que minimizem a geração de resíduos, tanto na fase de impressão quanto no acabamento e transporte dos livros, privilegiando o uso racional de recursos naturais e a destinação ambientalmente adequada dos resíduos gerados.

A empresa contratada deverá buscar otimizar a tiragem e o consumo de materiais, evitando

desperdícios e adotando soluções tecnológicas que reduzam o consumo energético e as emissões de carbono durante a produção.

Além disso, recomenda-se que a contratada mantenha programas de responsabilidade socioambiental, contemplando práticas éticas de trabalho, inclusão social e respeito às normas de segurança e acessibilidade editorial.

Dessa forma, a contratação estará em conformidade com os princípios de sustentabilidade e de eficiência previstos no art. 25, inciso IV, da Lei nº 14.133/2021 e no art. 362 do Decreto nº 10.086/2022, ao mesmo tempo em que assegura a preservação do meio ambiente, o uso responsável dos recursos e a produção cultural de forma ambientalmente consciente, reforçando o compromisso institucional da SEEC e da Biblioteca Pública do Paraná com a cultura sustentável e a gestão pública responsável.

7. CONTRATAÇÃO DE MICROEMPRESAS E EMPRESAS DE PEQUENO PORTE:

7.1. Nos termos do art. 48, I da Lei Complementar Federal n.º 123, de 2006, os itens de contratação cujo valor seja de até R$ 80.000,00 (oitenta mil reais) serão destinados exclusivamente à participação de microempresas e empresas de pequeno porte.
7.2. Conforme disposto no item 7.1, a presente contratação NÃO será exclusiva para microempresas e empresas de pequeno porte, visto que possui seu valor estimado superior ao previsto na legislação.

8. CLASSIFICAÇÃO DOS SERVIÇOS COMO COMUNS:

8.1. Trata-se de serviço comum, conforme estabelece o inciso I do art. 392 do Decreto Estadual n.º 10.086/2022, de caráter continuado e sem fornecimento de mão de obra em regime de dedicação exclusiva, a ser contratado mediante licitação, na modalidade pregão, em sua forma eletrônica.

8.2. Os serviços a serem contratados enquadram-se nos pressupostos do Decreto n° 10.086, de 2022, não se constituindo em quaisquer das atividades previstas no art. 414 do citado decreto, cuja execução indireta é vedada.

8.3. A prestação dos serviços não gera vínculo empregatício entre os empregados do contratado e a Administração Contratante, vedando-se qualquer relação entre estes que caracterize pessoalidade e subordinação direta.

9. REQUISITOS DA CONTRATAÇÃO:

9.1. Conforme Estudos Preliminares, os requisitos da contratação abrangem o seguinte:

9.1.1. O fornecedor deverá possuir todas as documentações de habilitação jurídica regular

9.1.2. Antes da confecção, a contratada deverá apresentar layouts/conteúdos à Diretoria da BPP, para validação;

9.1.3. A contratada deverá apresentar uma prova piloto de cada categoria no prazo de 30 (trinta) dias à Diretoria da BPP, para validação;

9.1.4. As provas piloto deverão ser físicas, de capa e miolo do livro, por conter ilustrações e imagens que precisam de verificação de qualidade de impressão;

9.1.5. Todos os itens deverão ser entregues em embalagens apropriadas para que não sejam danificados durante a logística;

9.1.6. Qualquer defeito/falha que haja nos itens, a contratada deverá substituir os itens com avaria sem qualquer custo adicional;
9.1.7. A contratada deverá apresentar um cronograma de trabalho detalhando as fases e prazos da produção;
9.1.8. A entrega das obras deverá ser integral;
9.1.9. A medida final de lombada deverá ser calculada pelo fornecedor que imprimirá os livros para garantir a exatidão do acabamento;
9.1.10. Deve possuir processos internos de revisão e controle de qualidade a fim de garantir que os materiais produzidos não possuam erros;
9.1.11. Deve ser especializado na área, possuir histórico sólido, comunicação transparente, desenvolver

um cronograma rigoroso e manter monitoramento constante do progresso de produção;
9.1.12. Manter comunicação ativa com a Administração e fornecer feedback para aprimoramentos;
9.1.13. Realizar adequação do conteúdo conforme necessidade de acessibilidade visual e boas práticas editoriais;

10. OBRIGAÇÕES DO CONTRATADO E DO CONTRATANTE:

10.1 São obrigações do Contratado:

10.1.1 executar os serviços conforme especificações contidas no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos, bem como na sua proposta, com a alocação dos empregados necessários ao perfeito cumprimento das cláusulas contratuais, além de fornecer os materiais, equipamentos, ferramentas e utensílios necessários, na qualidade e quantidade lá especificadas;

10.1.2 reparar, corrigir, remover ou substituir, às suas expensas, no total ou em parte, no prazo fixado pelo fiscal do contrato, os serviços efetuados em que se verificarem vícios, defeitos ou incorreções resultantes da execução ou dos materiais empregados;

10.1.3 Manter os empregados nos horários predeterminados pela Administração, quando for o caso;

10.1.4 responsabilizar-se pelos vícios e danos decorrentes da execução do objeto, de acordo com os artigos 14 e 17 a 27, do Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078/1990), ficando o Contratante autorizado a descontar da garantia, caso exigida no edital, ou dos pagamentos devidos ao Contratado, o valor correspondente aos danos sofridos;

10.1.5 utilizar empregados habilitados e com conhecimento dos serviços a serem executados, em conformidade com as normas e determinações em vigor;

10.1.6 zelar para que os empregados se apresentem uniformizados e portem crachá de identificação, nos casos de serviços a serem prestados nas dependências da contratante, e utilizem os equipamentos de proteção individual (EPI) necessários à segurança no trabalho, na forma da lei;

10.1.7 apresentar ao contratante, quando for o caso, a relação nominal dos empregados que adentrarão o órgão para a execução do serviço a serem prestados nas dependências do contratante;

10.1.8 responsabilizar-se por todas as obrigações trabalhistas, sociais, previdenciárias, tributárias e as demais previstas na legislação específica, cuja inadimplência não transfere responsabilidade ao contratante;

10.1.9 atender as solicitações da contratante quanto à substituição dos empregados alocados, no prazo fixado pelo fiscal do contrato, nos casos em que ficar constatado o descumprimento das obrigações relativas à execução do serviço, conforme descrito no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos;

10.1.10 instruir os empregados da observância obrigatória das normas internas da Administração, salvo disposição que especificamente os dispense;

10.1.11 instruir os empregados sobre as atividades que devem desempenhar e proibi-los de exercer atividades não relacionadas à execução do objeto contratado, devendo prontamente relatar à contratante qualquer ocorrência capaz de caracterizar desvio de função;

10.1.12 relatar ao Contratante toda e qualquer irregularidade verificada no decorrer da prestação dos serviços;

10.1.13 não permitir a utilização de qualquer trabalho do menor de 16 (dezesseis) anos, exceto na condição de aprendiz para os maiores de 14 (quatorze) anos; nem permitir a utilização do trabalho do menor de 18 (dezoito) anos em trabalho noturno, perigoso ou insalubre;

10.1.14 manter-se, durante a vigência do contrato, em compatibilidade com as obrigações assumidas, e com as condições exigidas para a habilitação na licitação, ou para a qualificação na contratação direta;

10.1.15 manter atualizado os seus dados no Cadastro Unificado de Fornecedores do Estado do Paraná, conforme legislação vigente;

10.1.16 guardar sigilo sobre todas as informações obtidas em decorrência do cumprimento do Contrato;

10.1.17 arcar com o ônus decorrente de eventual equívoco no dimensionamento dos quantitativos de sua proposta, devendo complementá-los, caso o previsto inicialmente em sua proposta não seja satisfatório para o atendimento ao objeto da licitação, exceto quando houver:

10.1.17.1 alteração qualitativa do projeto ou de suas especificações pela Administração;
10.1.17.2 superveniência de fato excepcional ou imprevisível, ou previsível de consequências

incalculáveis, estranho à vontade das partes, que altere fundamentalmente as condições de execução do contrato;

10.1.17.3 retardamento na expedição da ordem de execução do serviço ou autorização de fornecimento, interrupção da execução do contrato ou diminuição do ritmo do trabalho, por ordem e no interesse da Administração;

10.1.17.4 aumento das quantidades inicialmente previstas no contrato, nos limites permitidos por esta Lei;

10.1.17.5 impedimento de execução do contrato por fato ou ato de terceiro reconhecido pela Administração em documento contemporâneo à sua ocorrência;

10.1.17.6 omissão ou atraso de providências a cargo da Administração, inclusive quanto aos pagamentos previstos de que resulte, diretamente, impedimento ou retardamento na execução do contrato, sem prejuízo das sanções legais aplicáveis aos responsáveis.

10.1.18 ceder os direitos patrimoniais relativos ao projeto ou serviço técnico especializado, inclusive daqueles que contemplem o desenvolvimento de programas e aplicações de internet para computadores, máquinas, equipamentos e dispositivos de tratamento e de comunicação da informação (software) e a respectiva documentação técnica associada, para livre uso e alteração pela Administração Pública em outras ocasiões, nos termos do artigo 93 da Lei Federal n° 14.133, de 2021;

10.1.19 Ceder os direitos e fornecer os dados, documentos e elementos de informação pertinentes à tecnologia de concepção, desenvolvimento, fixação em suporte físico de qualquer natureza e aplicação da obra quando o projeto se referir à obra imaterial de caráter tecnológico, insuscetível de privilégio;

10.1.20 Garantir ao contratante:

10.1.20.1 o direito de propriedade intelectual dos produtos desenvolvidos, inclusive sobre as eventuais adequações e atualizações que vierem a ser realizadas, logo após o recebimento de cada parcela, de forma permanente, permitindo ao contratante distribuir, alterar e utilizar os mesmos sem limitações;

10.1.20.2 os direitos autorais da solução, do projeto, de suas especificações técnicas, da documentação produzida e congêneres, e os demais produtos gerados na execução do contrato, inclusive aqueles produzidos por terceiras subcontratadas, ficando proibida a sua utilização sem que exista autorização expressa do contratante.

10.1.20.3. Respeito ao inciso XVII, art. 92 da Lei 14.133/ que diz: a obrigação de o contratado cumprir as exigências de reserva de cargos prevista em lei, bem como em outras normas específicas, para pessoa com deficiência, para reabilitado da Previdência Social e para aprendiz.

10.2 São obrigações do Contratante:

10.2.1 receber o objeto no local, prazo e nas condições estabelecidas no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos, bem como na proposta;

10.2.2 exigir o cumprimento de todas as obrigações assumidas pelo contratado no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos, bem como na proposta;

10.2.3 verificar minuciosamente, no prazo fixado, a conformidade do objeto recebido provisoriamente com as especificações constantes do termo de referência, do edital de licitação e seus anexos, bem como da proposta, para fins de aceitação e, após, para o recebimento definitivo;

10.2.4 comunicar ao contratado, por escrito, as imperfeições, falhas ou irregularidades verificadas, fixando prazo para a sua correção;

10.2.5 acompanhar e fiscalizar o cumprimento das obrigações do contratado, por intermédio de comissão ou servidor especialmente designado;

10.2.6 efetuar o pagamento ao contratado no valor correspondente ao efetivo fornecimento do objeto ou à efetiva execução do serviço ou etapa do serviço, no prazo e forma estabelecidos no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos e no contrato;

10.2.7 efetuar as retenções tributárias devidas sobre o valor da nota fiscal e fatura fornecidas pelo contratado, no que couber;

10.2.8 emitir decisão sobre as solicitações e reclamações relacionadas à execução do contrato, ressalvados requerimentos manifestamente impertinentes, meramente protelatórios ou de nenhum interesse para a boa execução do contrato;

10.2.9 ressarcir o contratado, nos casos de extinção de contrato por culpa exclusiva da Administração, pelos prejuízos regularmente comprovados que houver sofrido, além de devolver a garantia, quando

houver, e efetuar os pagamentos devidos pela execução do contrato até a data de extinção e pelo custo de eventual desmobilização;

10.2.10 adotar providências necessárias para a apuração das infrações administrativas, quando se constatar irregularidade que configure dano à Administração, além de remeter cópias dos documentos cabíveis ao Ministério Público competente, para a apuração dos ilícitos de sua competência;

11. GARANTIA DA EXECUÇÃO:

11.1 Não haverá exigência de garantia contratual da execução, pelas razões abaixo justificadas:
11.1.1 O Art. 96 da Lei n° 14.133/2021 deixa a critério da autoridade competente exigir a garantia nas contratações de serviços. Considerando as características deste objeto, que envolve apenas a contratação do serviço de confecção de livros, sem vínculo empregatício algum, não há riscos consideráveis que possam causar prejuízos à Administração. Desta forma, não será exigida a garantia de execução nesta contratação.

12. FORMA DE PAGAMENTO:

12.1. O pagamento de cada fatura deverá ser realizada em um prazo não superior a 30 (trinta) dias contados a partir do atesto da Nota Fiscal, após comprovadas o adimplemento da contratada em todas as suas obrigações, já deduzidas as glosas e notas de débitos e do Certificado de Regularidade Fiscal (CRF), emitido por meio do Sistema de Gestão de Materiais, Obras e Serviços – GMS, destinado a comprovar a regularidade com os Fiscos Federal, Estadual (inclusive do Estado do Paraná para licitantes sediados em outro Estado da Federação) e Municipal, com o FGTS, INSS e negativa de débitos trabalhistas (CNDT), observadas as disposições do Termo de Referência.

12.2. Nenhum pagamento será efetuado sem a apresentação dos documentos exigidos, bem como enquanto não forem sanadas irregularidades eventualmente constatadas na nota fiscal, na prestação de serviços ou no cumprimento de obrigações contratuais.

12.2.1. Os pagamentos ficarão condicionados à prévia informação pelo credor, dos dados da conta-corrente junto à instituição financeira Contratada pelo Estado, conforme o disposto no Decreto Estadual n.º 4.505/2016, ressalvadas as exceções previstas no mesmo diploma legal.

12.3. O prazo estabelecido no item 12.1 ficará suspenso na hipótese prevista no item 12.4.1 das Condições Gerais do Pregão.

12.3.1. Decorrido o prazo de adimplemento da multa, caso esta não tenha sido paga, os valores serão descontados da fatura apresentada.

12.4. Nos casos de eventuais atrasos de pagamento, desde que o Contratado não tenha concorrido, de alguma forma, para tanto, fica convencionado que a taxa de compensação financeira devida pelo Contratante, entre a data do vencimento e o efetivo adimplemento da parcela, é calculada mediante a aplicação da seguinte fórmula:

EM = I x N x VP, sendo:

EM = Encargos moratórios;

N = Número de dias entre a data prevista para o pagamento e a do efetivo pagamento;

VP = Valor da parcela a ser paga.

I = Índice de compensação financeira = 0,00016438, assim apurado:

$$I = (TX) \qquad I = \frac{(6/100)}{365} \qquad I = 0{,}00016438$$

TX = Percentual da taxa anual = 6%.

12.5 O pagamento a ser efetuado ao Contratado, quando couber, estará sujeito às retenções na fonte de tributos, inclusive contribuições sociais, de acordo com os respectivos normativos.

12.6 Os pagamentos devidos ao Contratado restringem-se aos quantitativos de serviços efetivamente prestados.

13. DO REAJUSTAMENTO:

13.1 Os preços inicialmente contratados são fixos e irreajustáveis no prazo de um ano, com data-base vinculada à data do orçamento estimado, ou seja, 12.06.2026.

13.2 Após o interregno de um ano, os preços iniciais serão reajustados, mediante a aplicação, pela CONTRATANTE, do índice IPCA, exclusivamente para as obrigações iniciadas e concluídas após a ocorrência da anualidade.

13.2.1 O contratado ao assinar aditivo ao contrato mantendo as demais cláusulas em vigor, sem ressalva em relação ao reajustamento de preços, importará renúncia quanto às parcelas reajustáveis anteriores ao aditivo.

13.3 Nos reajustes subsequentes ao primeiro, o interregno mínimo de um ano será contado a partir dos efeitos financeiros do último reajuste.

13.4 No caso de atraso ou não divulgação do índice de reajustamento, o CONTRATANTE pagará à CONTRATADA a importância calculada pela última variação conhecida, liquidando a diferença correspondente tão logo seja divulgado o índice definitivo.

13.5 Nas aferições finais, o índice utilizado para reajuste será, obrigatoriamente, o definitivo.

13.6 Caso o índice estabelecido para reajustamento venha a ser extinto ou de qualquer forma não possa mais ser utilizado, será adotado, em substituição, o que vier a ser determinado pela legislação então em vigor.

13.7 Na ausência de previsão legal quanto ao índice substituto, as partes elegerão novo índice oficial, para reajustamento do preço do valor remanescente, por meio de termo aditivo.

13.8 O reajuste será realizado por apostilamento.

13.8.1 Não serão admitidos apostilamentos com efeitos financeiros retroativos à data da sua assinatura.

13.8.2 A concessão de reajustes não pagos na época oportuna será apurada por procedimento próprio.

13.9 Se, juntamente do reajustamento, houver a necessidade de prorrogação de prazo e/ou acréscimo e/ou supressão de serviços, é possível formalizá-lo no mesmo termo aditivo.

13.10 O reajuste deverá ser solicitado pelo contratado mediante requerimento protocolado com no mínimo 30 dias de antecedência do fim da vigência do contrato. 30 dias de antecedência do fim da vigência do contrato.

13.11. A data-base do reajuste será vinculada à data do orçamento estimada sendo esta 12/06/2026.

1.1.5. O prazo de vigência será automaticamente prorrogado quando seu objeto não for concluído no período firmado no contrato.

1.1.5.1. Quando a não conclusão decorrer de culpa do contratado:

a) o contratado será constituído em mora, aplicáveis a ele as respectivas sanções administrativas;

b) a Administração poderá optar pela extinção do contrato e, nesse caso, adotará as medidas admitidas em lei para a continuidade da execução contratual.

14. REQUISITOS DE HABILITAÇÃO:

Os requisitos de habilitação serão aqueles previstos nos Documentos de Habilitação (Anexo II do Edital).

15. ALTERAÇÃO SUBJETIVA:

15.1. É admissível a continuidade do Contrato administrativo quando houver fusão, cisão ou incorporação do Contratado com outra pessoa jurídica, desde que:

15.1.1. sejam observados pela nova pessoa jurídica todos os requisitos de habilitação exigidos na licitação original;

15.1.2. sejam mantidas as demais cláusulas e condições do Contrato; e

15.1.3. não haja prejuízo à execução do objeto pactuado e haja anuência expressa da Administração à continuidade do Contrato.

15.2. A alteração subjetiva a que se refere o item 15.1 deverá ser formalizada por meio de termo aditivo ao contrato.

16. CONTROLE DA EXECUÇÃO:

16.1. O serviço terá início em até 10 (dez) dias após a emissão e assinatura do contrato.

16.2. Os serviços devem ser recebidos provisoriamente, pelo responsável por seu acompanhamento e fiscalização, mediante termo detalhado, quando verificado o cumprimento das exigências de caráter técnico, no prazo de 05 (cinco) dias.

16.2.2. Cabe ao fiscal do Contrato avaliar o caso concreto para o fim de fixar prazo para as correções.

16.3. Nos termos do art. 359 do Decreto Estadual n.º 10.086/2022, poderá ser dispensado o recebimento provisório nos serviços até o valor previsto no inciso II do art. 75, da Lei Federal n.º 14.133, de 2021, desde que não se componham de aparelhos, equipamentos e instalações sujeitos à verificação de funcionamento e produtividade.

16.4. Os serviços serão recebidos definitivamente no prazo de 15 dias, por servidor ou comissão designada pela autoridade competente, mediante termo detalhado que comprove o atendimento das exigências contratuais.

16.4.1. Na hipótese da verificação a que se refere o item anterior não ser procedida dentro do prazo fixado, reputar-se-á como realizada, consumando-se o recebimento definitivo no dia do esgotamento do prazo.

16.5. O recebimento provisório ou definitivo não excluirá a responsabilidade civil pela solidez e pela segurança do fornecimento do objeto ou do serviço, nem a responsabilidade ético-profissional pela perfeita execução do contrato, nos limites estabelecidos pela lei ou pelo contrato.

16.6. Os serviços poderão ser rejeitados, no todo ou em parte, quando estiverem em desacordo com as especificações constantes do termo de referência, da proposta ou do contrato, podendo ser fixado pelo fiscal do contrato, avaliado o caso concreto, um prazo para a substituição do bem, ou o refazimento do serviço, à custa do contratado, e sem prejuízo da aplicação das penalidades.

17 DOS CRITÉRIOS DE AFERIÇÃO E MEDIÇÃO PARA FATURAMENTO:

17.1 A avaliação da execução do objeto utilizará o Instrumento de Medição de Resultado (IMR), conforme previsto o disposto neste item, devendo haver o redimensionamento no pagamento com base nos indicadores estabelecidos, sempre que o contratado:

17.1.1 não produzir os resultados, deixar de executar, ou não executar com a qualidade mínima exigida as atividades contratadas; ou

17.1.2 deixar de utilizar materiais e recursos humanos exigidos para a execução do serviço, ou utilizá-los com qualidade ou quantidade inferior à demandada.

17.1.1 A utilização do IMR não impede a aplicação concomitante de outros mecanismos para a avaliação da prestação dos serviços.

17.2 A aferição da execução contratual para fins de pagamento considerará os seguintes critérios:

17.2.1. Conformidade dos serviços executados com as especificações técnicas, projetos, normas aplicáveis e demais exigências previstas no Termo de Referência e seus anexos, avaliando-se a qualidade, a funcionalidade e a adequação dos resultados entregues.

Item	**Detalhamento**
Indicador	Índice de Conformidade Gráfica e Editorial
Finalidade	Assegurar a uniformidade visual da coleção institucional
Meta	100% de conformidade com validação formal da DBPP
Critério de Qualidade	1. Aprovação Formal: Termo de validação assinado para etapas de diagramação, revisão e layouts; 2. Especificações Físicas: Capa em papel supremo 250g (cor 4x0), miolo em papel pólen bold ou avena 90g, acabamento em costura e dobra;

	3. Logística: Entrega de todos os exemplares acondicionados em embalagens apropriadas contra danos;
Mecanismo de Cálculo	Verificação visual e física de 100% dos exemplares no ato do recebimento provisório

Faixas de glosa:

Identificação de livros com avarias físicas ou erros editoriais aprovados	Substituição obrigatória imediata sem custos adicionais; Caso a contratada não substitua as unidades com defeito no prazo fixado pelo fiscal, será aplicada glosa proporcional ao valor unitário de cada item reprovado (conforme valores de face de R$ 31,86 para a categoria 1, R$ 28,05 para a categoria 2, R$ 25,98 para a categoria 3 e R$ 27,86 para a categoria 4) multiplicado pelo volume não corrigido;
Desconformidade em especificações estruturais da coleção	Reprovação total do lote e aplicação de glosa de **20%** sobre o valor do contrato, sem prejuízo da obrigação de refazimento gráfico integral

17.2.2. Cumprimento dos prazos, cronogramas e rotinas estabelecidos, bem como a utilização adequada de materiais, equipamentos e recursos humanos previstos, observando-se a quantidade, a qualificação e o desempenho mínimo exigido para a correta execução do objeto contratual.

Item	**Detalhamento**
Indicador	Índice de Tempestividade nas Entregas
Finalidade	Garantir o cumprimento rigoroso das datas do cronograma editorial para viabilizar o evento de lançamento único
Meta	100% de pontualidade em todos os marcos temporais obrigatórios do TR
Critério de Qualidade	1. Provas Piloto: Entrega física (capa e miolo) das 4 categorias em até 30 dias pós-contrato 2. Entrega Final: Entrega total e integral das obras em até 90 dias pós-contrato
Mecanismo de Cálculo	Número de dias úteis de atraso em relação aos marcos de 30 e 90 dias

Faixas de glosa:

Atraso de até 2 dias úteis na Prova Piloto	Glosa de 1% sobre o valor global do lote
Atraso de 3 a 5 dias úteis na Prova Piloto	Glosa de 3% sobre o valor global do lote
Atraso de até 5 dias corridos na Entrega Final	Glosa de 5% sobre o valor global do lote
Atraso superior a 5 dias corridos na Entrega Final	Glosa de 10% sobre o valor global do lote + instauração de processo administrativo de sanção por mora contratual

18. SUBCONTRATAÇÃO:

18.1. Não será admitida a subcontratação do objeto licitatório.

19. DOS RECURSOS ORÇAMENTÁRIOS.

19.1. As despesas decorrentes da presente contratação correrão à conta de recursos específicos consignados no Orçamento Geral do Estado deste exercício, na dotação abaixo discriminada:

Gestão/Unidade: 5102.

Fonte de Recursos: 500.

Programa de Trabalho: 5102.13392278.392 - Fortalecimento das Políticas Públicas Culturais.

Elemento de Despesa: 3390.3900 - Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica.

Subelemento de Despesa: 3390.3963 - Serviços Gráficos.

20. SANÇÕES ADMINISTRATIVAS

O licitante e o contratado que incorram em infrações sujeitam-se às sanções administrativas previstas no art. 156 da Lei Federal n.º 14.133, de 2021 e nos arts. 193 ao 227 do Decreto n.º 10.086, de 17 de janeiro 2022, sem prejuízo de eventuais implicações penais nos termos do que prevê o Capítulo II-B do Título XI do Código Penal.

21. DECRETO ESTADUAL N.º 10.086, de 2022.

Os servidores que subscrevem este Termo de Referência atestam que observaram integralmente a regulamentação estabelecida pelo Decreto n.º 10.086, de 2022 e as orientações constantes da Minuta Padronizada aprovada pelo Procurador-Geral do Estado do Paraná.

Curitiba, 19 de Junho de 2026

Elaborado por
Carlos Eduardo Corsi
Assistente Administrativo DBPP

Matias Marino da Silva
Assessor Técnico DBPP
Responsável pela elaboração do Termo de Referência

ANEXO II

DOCUMENTOS DE HABILITAÇÃO

1. O licitante convocado para apresentar os documentos de habilitação, deverá entregar, no prazo máximo de 01 (um) dia útil, a contar da notificação, os documentos de habilitação, os quais devem ser enviados por processo eletrônico de comunicação à distância conforme estabelecido no presente Edital:

1.1. Todos os licitantes deverão estar registrados no sistema de registro cadastral unificado disponível no Portal Nacional de Contratações Públicas (PNCP), para efeito de cadastro unificado de licitantes.

1.2. DOCUMENTOS DE HABILITAÇÃO JURÍDICA: Cédula de Identidade, no caso de pessoa física. Registro comercial, no caso de empresa individual. Ato constitutivo, estatuto ou contrato social em vigor, devidamente registrado, em se tratando de sociedades comerciais e, no caso de sociedades por ações, acompanhado de documentos de eleição de seus administradores. Inscrição do ato constitutivo, no caso de sociedades civis, acompanhada de ato formal de designação de diretoria em exercício. Decreto de autorização, em se tratando de empresa ou sociedade estrangeira em funcionamento no País. Procuração do representante do licitante no pregão, se for o caso.

1.3. DOCUMENTOS DE HABILITAÇÃO FISCAL, SOCIAL E TRABALHISTA: Prova de inscrição no Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) ou no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ); Prova de inscrição no cadastro de contribuintes estadual e/ou municipal, se houver, relativo ao domicílio ou sede do licitante, pertinente ao seu ramo de atividade e compatível com o objeto contratual; Certificado de regularidade do FGTS, emitido pela Caixa Econômica Federal; Certidões de regularidade com a Fazenda Federal (Certidão Conjunta de Débitos relativos a Tributos Federais e à Dívida Ativa da União e Certidão relativa a Contribuições Previdenciárias); Fazenda Estadual (inclusive do Estado do Paraná paro licitantes sediados em outro Estado da Federação); e Fazenda Municipal; e Certidão Negativa de Débitos Trabalhistas (CNDT), instituída pela Lei Federal n.º 12.440/2011; Declaração do cumprimento do disposto no inciso XXXIII do art. 7º da Constituição Federal.

1.4. DOCUMENTOS DE QUALIFICAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA:

1.4.1. O fornecedor deverá encaminhar:

1.4.1.1. balanço patrimonial, demonstração de resultado de exercício e demais demonstrações contábeis dos 2 (dois) últimos exercícios sociais, que comprovem a boa situação financeira da empresa, vedada a sua substituição por balancetes ou balanços provisórios, podendo ser atualizados por índices oficiais quando encerrado há mais de 3 (três) meses da data de apresentação da proposta;

1.4.1.2. para pessoa jurídica, certidão negativa de feitos sobre falência expedida pelo distribuidor da sede do licitante;

1.4.1.3. os documentos exigidos no item 1.4.1.1 serão limitados ao último exercício no caso de a pessoa jurídica ter sido constituída há menos de 2 (dois) anos.

1.4.1.3.1 as empresas criadas no exercício financeiro da licitação deverão atender a todas as exigências da habilitação e ficarão autorizadas a substituir os demonstrativos contábeis pelo balanço de abertura.

1.4.1.4 a comprovação da situação financeira da empresa será constatada mediante obtenção de índices de Liquidez Geral (LG), Solvência Geral (SG) e Liquidez Corrente (LC), resultantes da aplicação das fórmulas:

$$LG = \frac{\text{Ativo Circulante + Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante + Passivo Não Circulante}};$$

$$SG = \frac{\text{Ativo Total}}{\text{Passivo Circulante + Passivo Não Circulante}};$$

$$LC = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}; \text{ e}$$

1.4.1.5 As empresas, cadastradas ou não no Portal Nacional de Contratações Pública (PNCP), deverão apresentar resultado: superior ou igual a 1 no índice de Liquidez Geral (LG); superior ou igual a 1 no índice de Solvência Geral (SG); superior ou igual a 1 no índice de Liquidez Corrente (LC).

1.4.1.6 As empresas DEVERÃO APRESENTAR OS ÍNDICES JÁ CALCULADOS, com assinatura do contador e do representante legal da empresa, que serão analisados com base no balanço apresentado.

1.5. <u>DOCUMENTOS DE QUALIFICAÇÃO TÉCNICA:</u>

1.5.1. 01 (um) ou mais atestados de capacidade técnica fornecida(s) por pessoa jurídica de direito público ou privado, que comprove(m) a aptidão do licitante para desempenho de atividade pertinente e compatível em características, quantidades e prazos com o(s) lote(s) arrematado(s). Observados o percentual mínimo de 10%, referente ao critério de valor por execução de serviço de características semelhantes às do(s) lote(s) arrematado(s).

1.5.2. Tal exigência será aplicada visto que consideram-se parcelas de maior relevância ou valor significativo todos os itens que compõem o lote, uma vez que cada categoria de obra (Romance, Conto, Poesia e Infantil) representa individualmente um percentual superior a 4% do valor estimado da contratação e demanda a execução dos mesmos serviços especializados de editoração, diagramação e impressão, com especificações técnicas compatíveis entre si.

1.5.3. Será permitida a somatória de todos os atestados de capacidade técnica.

<u>1.6. DECLARAÇÃO DE QUE O LICITANTE TOMOU CONHECIMENTO DE TODAS AS INFORMAÇÕES E DAS CONDIÇÕES LOCAIS PARA O CUMPRIMENTO DAS OBRIGAÇÕES OBJETO DA LICITAÇÃO (Anexo VI);</u>

1.7. DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE FATO IMPEDITIVO, NÃO UTILIZAÇÃO DE MÃO DE OBRA DE MENORES, DECLARAÇÃO DE ATENDIMENTO À LOGÍSTICA REVERSA DOS PRODUTOS E DECLARAÇÃO DE RESERVA DE CARGOS (Anexo V).

1.8. **COMPROVANTE DA CONDIÇÃO DE ME OU EPP**, se for o caso: Certidão Simplificada original da Junta Comercial da sede do licitante ou documento equivalente, **além de Declaração escrita** sob as penas da lei, de que cumpre os requisitos legais de qualificação da condição de microempresa, de empresa de pequeno porte ou microempreendedor individual, estando apto a usufruir dos benefícios previstos nos art. 42 a art. 49 da Lei Complementar Federal n.º 123, de 2006 **(ANEXO IX)**, bem como o Demonstrativo de Resultado do Exercício – DRE, a que se refere a Resolução n.º 1.418, de 2012, do Conselho Federal de Contabilidade – CFC, ou outra norma que vier a substituir (art. 122, parágrafo único do Decreto Estadual nº 10.086/2022).

1.8.1. De acordo com o art. 43, §1°, da Lei Complementar Federal n° 123, de 2006, havendo alguma restrição na comprovação da regularidade fiscal e trabalhista das microempresas, empresas de pequeno porte ou microempreendedor individual, será assegurado o prazo de 5 (cinco) dias úteis, cujo termo inicial corresponderá ao momento em que o proponente for declarado vencedor do certame, prorrogável por igual período, para a regularização da documentação, pagamento ou parcelamento do débito e emissão de eventuais certidões negativas ou positivas com efeito de certidão negativa.

1.8.1.1. A prorrogação do prazo previsto no item anterior deverá ser concedida pela Administração sempre que requerida pelo licitante, salvo na hipótese de urgência da contratação, devidamente justificada.

1.9. A não-regularização da documentação, no prazo previsto no parágrafo anterior, implicará na decadência do direito à contratação, sem prejuízo das sanções previstas no art. 156 da Lei Federal n.º 14.133, de 2021, sendo facultado ao órgão ou entidade responsável pelo processo licitatório convocar os licitantes remanescentes, na ordem de classificação, ou revogar a licitação.

1.10. Na hipótese do item 1.8.1, as microempresas, as empresas de pequeno porte e os microempreendedores individuais deverão apresentar toda a documentação exigida para efeito de comprovação de regularidade fiscal e trabalhista, mesmo que esta apresente alguma restrição.

1.11. Eventuais informações/certidões vencidas no registro cadastral deverão ser supridas pela apresentação do respectivo documento atualizado.

1.12. Todos os documentos apresentados deverão identificar o licitante, com a indicação do nome empresarial e o CNPJ da matriz, quando o licitante for a matriz, ou da filial, quando o licitante for a filial (salvo para os documentos que são emitidos apenas em nome da matriz). Quando a proposta for apresentada pela MATRIZ, e o fornecimento for através de sua filial, o CNPJ da filial deverá constar da proposta.

ANEXO III
MODELO DE DESCRITIVO DA PROPOSTA DE PREÇOS
PREGÃO ELETRÔNICO N° XXXX Ano: 202X

A - DADOS DO PRESTADOR DE SERVIÇO

Prestador de serviço		
CNPJ/CPF :	Inscrição Estadual :	
Endereço :		
Bairro:		
CEP:	Cidade: Estado:	
Telefone:	Fax:	e-mail:
Banco:	Agência:	Conta-corrente:

1.Constitui objeto desta licitação: contratação de serviços de edição, diagramação e impressão das obras vencedoras do Prêmio Paraná de Literatura 2023 para atender a demanda da SEEC.

LOTE 01	DESCRIÇÃO	QTDE Uni.	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
ITEM 01	**GMS: 105.109975** **Categoria ROMANCE: entre 130 e 300 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$xxxx	R$ xxxx
ITEM 02	**GMS: 105.109973** **Categoria CONTO: entre 70 e 200 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$xxxx	R$ xxxx
ITEM 03	**GMS: 105.109980** **Categoria POESIA: entre 70 e 130 Páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$xxxx	R$ xxxx
ITEM 04	**GMS: 105.109977** **Categoria INFANTIL: entre 30 e 70 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$xxxx	R$ xxxx
VALOR TOTAL DO LOTE:			**R$ xxxxx,xx**	

2. A validade da proposta é de 90 (noventa) dias.

3. A empresa vencedora é responsável pela qualidade do serviço contratado, inclusive, durante o período de garantia. O Contratado deverá reparar, corrigir ou refazer, às suas expensas, no total ou em parte, os serviços em que se verifiquem vícios, defeitos ou incorreções resultantes de sua execução ou dos materiais utilizados.

4. Os preços cotados contemplam todos os custos diretos, indiretos e despesas que compõem a prestação de serviços, tais como as despesas com impostos, taxas e quaisquer outros que incidam direta ou indiretamente no Contrato.

5. Quando for o caso, os preços cotados contemplam o custo do fornecimento de materiais inerentes ao serviço e os demais relacionados ao objeto, conforme definido no Termo de Referência.

6. O arrematante atesta o atendimento das exigências técnicas conforme Anexo I do Edital.

7. O arrematante DECLARA que, para fins do disposto no § 1.º do art. 63 da Lei Federal n.º 14.133/2021, a proposta compreende a integralidade dos custos para atendimento dos direitos trabalhistas assegurados na Constituição Federal, nas leis trabalhistas, nas normas infralegais, nas convenções coletivas de trabalho e nos termos de ajustamento de conduta vigentes na data de entrega desta proposta.

Local e data

_____

Representante Legal

ANEXO IV

MODELO DE PROCURAÇÃO[1]

OUTORGANTE: XXXXXXXX, pessoa jurídica de direito privado, neste ato representado por XXXXXXXX,, portador da Carteira de Identidade n.º XXXXXXXX,, CPF n.º XXXXXXXX,, residente e domiciliado na Rua XXXXXXXX, n.º XXXXXXXX, Cidade XXXXXXXX, Estado XXXXXXXX, CEP XXXXXXXX.

OUTORGADO: XXXXXXXX, portador da Carteira de Identidade n.º XXXXXXXX, e do CPF n.º XXXXXXXX, residente e domiciliado no(a) XXXXXXXX, n.º XXXXXXXX, Cidade XXXXXXXX, Estado XXXXXXXX, CEP XXXXXXXX.

PODERES: Por este instrumento, o OUTORGANTE confere ao OUTORGADO os mais amplos e gerais poderes, para em seu nome representá-lo no(a) Pregão Eletrônico n.º XXXX/XXXX, podendo para tanto protocolar e receber documentos, assinar declarações, propostas e contratos de prestação de serviços, interpor recurso, efetuar e efetivar lances no pregão, enfim, todos os atos necessários ao fiel e cabal cumprimento deste mandato.

Local e data

_____
OUTORGANTE

[1] A procuração deverá ser acompanhada de cópia do documento oficial de identidade do outorgado.

ANEXO V

MODELO DE DECLARAÇÃO
(timbre ou identificação do licitante)

XXXXXXXX, inscrito no CNPJ n.º XXXXXXXX, por intermédio de seu representante legal, o(a) Sr.(a) XXXXXXXX, portador(a) da Carteira de Identidade n.º XXXXXXXX e do CPF n.º XXXXXXXX, **DECLARA,** para os devidos fins, que tem pleno conhecimento das regras contidas no edital de licitação e que possui as condições de habilitação previstas no edital, bem como:

1. INEXISTÊNCIA DE FATO IMPEDITIVO:

Que não se enquadra em nenhuma das vedações contidas no art. 14 da Lei Federal n.º 14.133/2021, em especial:

1.1 Não mantenha vínculo de natureza técnica, comercial, econômica, financeira, trabalhista ou civil com dirigente do órgão ou entidade contratante ou com agente público que desempenhe função na licitação ou atue na fiscalização ou na gestão do contrato, ou que deles seja cônjuge, companheiro ou parente em linha reta, colateral ou por afinidade, até o terceiro grau;

1.2. Nos 5 (cinco) anos anteriores à divulgação do edital, não foi condenado(a) judicialmente, com trânsito em julgado, por exploração de trabalho infantil, por submissão de trabalhadores a condições análogas às de escravo ou por contratação de adolescentes nos casos vedados pela legislação trabalhista.

2. NÃO UTILIZAÇÃO DE MÃO DE OBRA DE MENORES

Que não utiliza a mão de obra direta ou indireta de menores de 18 (dezoito) anos para a realização de trabalhos noturnos, perigosos ou insalubres, bem como não utiliza, para qualquer trabalho, mão de obra direta ou indireta de menores de 16 (dezesseis) anos, exceto na condição de aprendiz a partir de 14 (quatorze) anos, conforme determina o art. 7º, inc. XXXIII da Constituição Federal.

3. DECLARAÇÃO DE ATENDIMENTO À POLÍTICA AMBIENTAL DE LICITAÇÃO SUSTENTÁVEL

Que atesta o atendimento à política pública ambiental de licitação sustentável, em especial que se responsabiliza integralmente com a logística reversa dos produtos, embalagens e serviços pós-consumo no limite da proporção que fornecerem ao poder público, assumindo a responsabilidade pela destinação final, ambientalmente adequada.

4. DECLARAÇÃO DE RESERVA DE CARGOS

Que para fins do disposto no inciso IV do art. 63 da Lei Federal n.º 14.133/2021, cumpre as exigências de reserva de cargos para pessoa com deficiência e para reabilitado da Previdência Social, previstas em lei e em outras normas específicas.

Local e data.

_____

Nome do representante legal

ANEXO VI

MODELOS DE DECLARAÇÃO

02 – TERMO DE VISTORIA

(timbre ou identificação do licitante)

Pregão Eletrônico nº XX/XXXX

Declaramos que a empresa XXXXX, inscrita no CNPJ nº XXXXX estabelecida na cidade de XXXXX, Estado de XXXXX, no endereço XXXXX, telefone nº XXXX, por meio de seu representante XXXXX, portador do R.G nº XXXXX, expedido pela XXXXX, para fins de participação na licitação, vistoriou as instalações do XXXXX [ÓRGÃO/ENTIDADE], onde tomou conhecimento dos aspectos técnicos e das condições para a execução dos serviços, estando satisfeita com as informações e esclarecimentos obtidos na aludida visita e plenamente capacitada a elaborar a proposta para a licitação em tela, de modo a não incorrer em omissões, que jamais poderão ser alegadas em favor de eventuais pretensões de inclusão de serviços, quantitativos de material ou acréscimo dos preços.
Por ser verdade, firmamos o presente.
XXXX [Local],XX de XXXX de XXXX.

[NOME COMPLETO DO REPRESENTANTE DO LICITANTE – NOME DA EMPRESA]

[NOME DO SERVIDOR RESPONSÁVEL]

ANEXO VI
LOCAIS DE ENTREGA

Secretaria de Estado da Cultura do Paraná
Local de entrega: Biblioteca Pública do Paraná, Rua Ébano Pereira, nº 100.
Responsável pelo Recebimento: Carlos Corsi/ Matias Marino da Silva.
Telefone: (41) 3221-4949/4905.
Horário de Funcionamento: De segunda a sexta das 9h às 17h.

ANEXO VII

MINUTA PADRÃO - CONTRATO

CONTRATO N° XXXXXXXX

CONTRATANTE: [O ESTADO DO PARANÁ, através do órgão XXXXXXXX] ou [A ENTIDADE PÚBLICA], com sede no(a) XXXXXXXX, inscrito(a) no CNPJ sob o n.º XXXXXXXX, neste ato representado(a) pelo(a) [CARGO E NOME DA AUTORIDADE], nomeado pelo Decreto nº XXXXXXXX, inscrito(a) no CPF sob o n.º XXXXXXXX, portador do RG n.º XXXXXXXX, expedido por XXXXXXXX.

CONTRATADO (A): [NOME], inscrito no CNPJ/CPF sob o n.º XXXXXXXX, com sede no(a) XXXXXXXX, neste ato representado por [NOME E QUALIFICAÇÃO], inscrito(a) no CPF sob o n.º XXXXXXXX, portador do RG n.º XXXXXXXX, expedido por XXXXXXXX, residente e domiciliado no(a) XXXXXXXX, e-mail XXXXXXXX e telefone XXXXXXXX.

O presente Contrato será regido pela Lei Federal n.º 14.133, de 1º de abril de 2021, pelo Decreto n.º 10.086, de 17 de janeiro 2022; pelo edital do Pregão Eletrônico n.º 0000/202X (protocolo n.º 24.769.750-0) do procedimento licitatório que originou o presente instrumento, com todos os seus anexos, pela proposta do licitante vencedor e pelas cláusulas e condições seguintes:

1. OBJETO:

Contratação de empresa para a edição, diagramação e impressão das obras vencedoras do Prêmio Paraná de Literatura 2023 para atender a demanda da SEEC, conforme descrito no Termo de Referência.

LOTE 01	DESCRIÇÃO	QTDE Uni.	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
ITEM 01	**GMS: 105.109975** **Categoria ROMANCE: entre 130 e 300 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$xxxx	R$ xxxx
ITEM 02	**GMS: 105.109973** **Categoria CONTO: entre 70 e 200 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$xxxx	R$ xxxx
ITEM 03	**GMS: 105.109980** **Categoria POESIA: entre 70 e 130 Páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.	1.000	R$xxxx	R$ xxxx
ITEM	**GMS: 105.109977**	1.000	R$xxxx	R$ xxxx

04	**Categoria INFANTIL: entre 30 e 70 páginas.** **Especificações técnicas:** Capa 46x21 cm (aberto) papel supremo 250g; Cor 4x0 (4 cores na frente: ciano, magenta, amarelo e preto; nenhuma no verso – parte interna da capa); Acabamento: verniz de proteção, 4 vincos e dobra; Miolo formato 14x21 cm (fechado); papel pólen bold 90g e/ou avena 90g; acabamento: costura, dobra, cola e vinco.			
VALOR TOTAL DO LOTE:			**R$ xxxxx,xx**	

2. FUNDAMENTO:

Este contrato decorre do Pregão Eletrônico n.º XXXXXXXX, objeto do processo administrativo n.º 24.769.750-0, com homologação publicada no sítio eletrônico oficial e no Diário Oficial do Estado n.º XXXXXXXX, de XXXXXXXX e conforme ato de autorização nas fls. [XXXX] deste protocolo.

3. PREÇO E VALOR DO CONTRATO:

3.1. O Contratante pagará ao Contratado os preços unitários previstos em sua proposta, que é parte integrante deste contrato.

3.2. O valor total do contrato é de R$ XXXXXXXX (VALOR POR EXTENSO).

3.3. No preço pactuado estão incluídas todas as despesas necessárias à execução do objeto do contrato, inclusive tributos, encargos sociais, trabalhistas, previdenciários, fiscais e comerciais incidentes, taxa de administração, frete, seguro e outros necessários ao cumprimento integral do objeto da contratação, além dos materiais inerentes à prestação dos serviços contratados.

4. REAJUSTE:

4.1 Os preços inicialmente contratados são fixos e irreajustáveis no prazo de um ano, com data-base vinculada à data do orçamento estimado, ou seja, 12.06.2026.

4.2 Após o interregno de um ano, os preços iniciais serão reajustados, mediante a aplicação, pela CONTRATANTE, do índice IPCA, exclusivamente para as obrigações iniciadas e concluídas após a ocorrência da anualidade.

4.2.1 O contratado ao assinar aditivo ao contrato mantendo as demais cláusulas em vigor, sem ressalva em relação ao reajustamento de preços, importará renúncia quanto às parcelas reajustáveis anteriores ao aditivo.

4.3 Nos reajustes subsequentes ao primeiro, o interregno mínimo de um ano será contado a partir dos efeitos financeiros do último reajuste.

4.4 No caso de atraso ou não divulgação do índice de reajustamento, o CONTRATANTE pagará à CONTRATADA a importância calculada pela última variação conhecida, liquidando a diferença correspondente tão logo seja divulgado o índice definitivo.

4.5 Nas aferições finais, o índice utilizado para reajuste será, obrigatoriamente, o definitivo.

4.6 Caso o índice estabelecido para reajustamento venha a ser extinto ou de qualquer forma não possa mais ser utilizado, será adotado, em substituição, o que vier a ser determinado pela legislação então em vigor.

4.7 Na ausência de previsão legal quanto ao índice substituto, as partes elegerão novo índice oficial, para reajustamento do preço do valor remanescente, por meio de termo aditivo.

4.8 O reajuste será realizado por apostilamento.

4.8.1 Não serão admitidos apostilamentos com efeitos financeiros retroativos à data da sua assinatura.

4.8.2 A concessão de reajustes não pagos na época oportuna será apurada por procedimento próprio.

4.9 Se, juntamente do reajustamento, houver a necessidade de prorrogação de prazo e/ou acréscimo e/ou supressão de serviços, é possível formalizá-lo no mesmo termo aditivo.

4.10 O reajuste deverá ser solicitado pelo contratado mediante requerimento protocolado com no mínimo 30 dias de antecedência do fim da vigência do contrato.

30 dias de antecedência do fim da vigência do contrato.

4.11. A data-base do reajuste será vinculada à data do orçamento estimada sendo esta **12/06/2026.**

5. DA RESPONSABILIDADE DA GESTÃO E FISCALIZAÇÃO DO CONTRATO:

5.1. A responsabilidade pela gestão deste contrato caberá ao (à) servidor (a) ou comissão designados, conforme item 5.3 deste Contrato, o (a) qual será responsável pelas atribuições definidas no art. 10 do Decreto n.º 10.086, de 2022.

5.2. A responsabilidade pela fiscalização deste contrato caberá ao (à) servidor (a) ou comissão designados, conforme o item 5.3 deste edital, o (a) qual será responsável pelas atribuições definidas nos arts. 11 e 12 do Decreto n.º 10.086, de 2022.

5.3. Os responsáveis pela gestão e fiscalização do contrato serão designados por ato administrativo próprio do Contratante.

5.4. A gestão e a fiscalização do contrato serão exercidas pelo Contratante, que realizará a fiscalização, o controle e a avaliação dos serviços prestados, bem como aplicará as penalidades, após o devido processo legal, caso haja descumprimento das obrigações contratadas.

6. EXECUÇÃO E CONTROLE DOS SERVIÇOS:

6.1. A presente contratação adotará como regime de execução por Preço Unitário.

6.2. O serviço terá início em até 10 (dez) dias após a emissão e assinatura do contrato

6.3. Os serviços serão prestados/entregues conforme o **Anexo VII**, na forma, nos prazos e de acordo com as especificações técnicas contidas no Termo de Referência, que integra o presente contrato para todos os fins.

6.4. Os serviços devem ser recebidos provisoriamente, pelo responsável por seu acompanhamento e fiscalização, mediante termo detalhado, quando verificado o cumprimento das exigências de caráter técnico; no prazo de 05 (cinco) dias.

6.5. Nos termos do art. 359 do Decreto Estadual n.º 10.086/2022, poderá ser dispensado o recebimento provisório nos serviços até o valor previsto no inciso II do art. 75, da Lei Federal n.º 14.133, de 2021, desde que não se componham de aparelhos, equipamentos e instalações sujeitos à verificação de funcionamento e produtividade.

6.6. Os serviços serão recebidos definitivamente no prazo de 15 dias, por servidor ou comissão designada pela autoridade competente, mediante termo detalhado que comprove o atendimento das exigências contratuais

6.6.1. Na hipótese da verificação a que se refere o item anterior não ser procedida dentro do prazo fixado, reputar-se-á como realizada, consumando-se o recebimento definitivo no dia do esgotamento do prazo.

6.7. O recebimento provisório ou definitivo não excluirá a responsabilidade civil pela solidez e pela

segurança do fornecimento do objeto ou do serviço, nem a responsabilidade ético-profissional pela perfeita execução do contrato, nos limites estabelecidos pela lei ou pelo contrato .

6.8. Os serviços poderão ser rejeitados, no todo ou em parte, quando estiverem em desacordo com as especificações constantes do termo de referência, da proposta ou do contrato, podendo ser fixado pelo fiscal do contrato, avaliado o caso concreto, um prazo para a substituição do bem, ou o refazimento do serviço, à custas do contratado, e sem prejuízo da aplicação das penalidades.

6.9. A avaliação da execução do objeto utilizará o Instrumento de Medição de Resultado (IMR), conforme previsto o disposto neste item, devendo haver o redimensionamento no pagamento com base nos indicadores estabelecidos, sempre que o contratado:

6.9.1. não produzir os resultados, deixar de executar, ou não executar com a qualidade mínima exigida as atividades contratadas; ou

6.9.2 deixar de utilizar materiais e recursos humanos exigidos para a execução do serviço, ou utilizá-los com qualidade ou quantidade inferior à demandada.

6.9.3. A utilização do IMR não impede a aplicação concomitante de outros mecanismos para a avaliação da prestação dos serviços.

6.9.4. A aferição da execução contratual para fins de pagamento considerará os seguintes critérios:

6.9.5. Conformidade dos serviços executados com as especificações técnicas, projetos, normas aplicáveis e demais exigências previstas no Termo de Referência e seus anexos, avaliando-se a qualidade, a funcionalidade e a adequação dos resultados entregues.

Item	**Detalhamento**
Indicador	Índice de Conformidade Gráfica e Editorial
Finalidade	Assegurar a uniformidade visual da coleção institucional
Meta	100% de conformidade com validação formal da DBPP
Critério de Qualidade	1. Aprovação Formal: Termo de validação assinado para etapas de diagramação, revisão e layouts; 2. Especificações Físicas: Capa em papel supremo 250g (cor 4x0), miolo em papel pólen bold ou avena 90g, acabamento em costura e dobra; 3. Logística: Entrega de todos os exemplares acondicionados em embalagens apropriadas contra danos;
Mecanismo de Cálculo	Verificação visual e física de 100% dos exemplares no ato do recebimento provisório

Faixas de glosa:

Identificação de livros com avarias físicas ou erros editoriais aprovados	- Substituição obrigatória imediata sem custos adicionais; - Caso a contratada não substitua as unidades com defeito no prazo fixado pelo fiscal, será aplicada glosa proporcional ao valor unitário de cada item reprovado (conforme valores de face de R$ 31,86 para a categoria 1, R$ 28,05 para a categoria 2, R$ 25,98 para a categoria 3 e R$ 27,86 para a categoria 4) multiplicado pelo volume não corrigido;
Desconformidade em especificações estruturais da coleção	Reprovação total do lote e aplicação de glosa de **20%** sobre o valor do contrato, sem prejuízo da obrigação de refazimento gráfico integral

6.9.6. Cumprimento dos prazos, cronogramas e rotinas estabelecidos, bem como a utilização adequada de materiais, equipamentos e recursos humanos previstos, observando-se a quantidade, a qualificação e o desempenho mínimo exigido para a correta execução do objeto contratual.

Item	**Detalhamento**
Indicador	Índice de Tempestividade nas Entregas
Finalidade	Garantir o cumprimento rigoroso das datas do cronograma editorial para viabilizar o evento de lançamento único
Meta	100% de pontualidade em todos os marcos temporais obrigatórios do TR
Critério de Qualidade	1. Provas Piloto: Entrega física (capa e miolo) das 4 categorias em até 30 dias pós-contrato 2. Entrega Final: Entrega total e integral das obras em até 90 dias pós-contrato
Mecanismo de Cálculo	Número de dias úteis de atraso em relação aos marcos de 30 e 90 dias

Faixas de glosa:

Atraso de até 2 dias úteis na Prova Piloto	Glosa de 1% sobre o valor global do lote
Atraso de 3 a 5 dias úteis na Prova Piloto	Glosa de 3% sobre o valor global do lote
Atraso de até 5 dias corridos na Entrega Final	Glosa de 5% sobre o valor global do lote
Atraso superior a 5 dias corridos na Entrega Final	Glosa de 10% sobre o valor global do lote + instauração de processo administrativo de sanção por mora contratual

6.9.7. A contratada deverá apresentar uma prova piloto de cada categoria no prazo de 30 (trinta) dias à Diretoria da BPP, para validação conforme especificações no TR.

7. FONTE DE RECURSOS:

7.1. A despesa correrá por conta da seguinte dotação orçamentária:

Gestão/Unidade: 5102.

Fonte de Recursos: 500.

Programa de Trabalho: 5102.13392278.392 - Fortalecimento das Políticas Públicas Culturais.

Elemento de Despesa: 3390.3900 - Outros Serviços de Terceiros - Pessoa Jurídica.

Subelemento de Despesa: 3390.3963 - Serviços Gráficos.

8. VIGÊNCIA:

8.1. O prazo de vigência do contrato é de 03 (três) meses. O prazo de vigência será automaticamente prorrogado quando seu objeto não for concluído no período firmado no contrato com base nos termos do artigo 111 da Lei 14.133, de 2021.

9. PAGAMENTO:

9.1 O pagamento de cada fatura deverá ser realizado em um prazo não superior a 30 (trinta) dias contados a partir do atesto da Nota Fiscal, após comprovado o adimplemento da contratada em todas as suas obrigações, já deduzidas as glosas e notas de débitos, e da verificação do Certificado de Regularidade Fiscal (CRF), emitido por meio do Sistema de Gestão de Materiais, Obras e Serviços – GMS, destinado a comprovar a regularidade com os Fiscos Federal, Estadual (inclusive do Estado do Paraná para licitantes sediados em outro Estado da Federação) e Municipal, com o FGTS, INSS e negativa de débitos trabalhistas (CNDT), observadas as disposições do Termo de Referência.

9.2. Nenhum pagamento será efetuado sem a apresentação dos documentos exigidos, bem como enquanto não forem sanadas irregularidades eventualmente constatadas na nota fiscal, na prestação de serviços ou no cumprimento de obrigações contratuais.

9.2.1. Os pagamentos ficarão condicionados à prévia informação pelo credor, dos dados da conta corrente junto à instituição financeira Contratada pelo Estado, conforme o disposto no Decreto Estadual

n.º 4.505/2016, ressalvadas as exceções previstas no mesmo diploma legal.

9.3. O prazo estabelecido no item 9.1 ficará suspenso na hipótese prevista no item 12.4.1 das Condições Gerais do Pregão.

9.3.1. Decorrido o prazo de adimplemento da multa, caso esta não tenha sido paga, os valores serão descontados da fatura apresentada.

9.4. Nos casos de eventuais atrasos de pagamento, desde que o Contratado não tenha concorrido, de alguma forma, para tanto, fica convencionado que a taxa de compensação financeira devida pelo Contratante, entre a data do vencimento e o efetivo adimplemento da parcela, é calculada mediante a aplicação da seguinte fórmula:

EM = I x N x VP, sendo:

EM = Encargos moratórios;

N = Número de dias entre a data prevista para o pagamento e a do efetivo pagamento;

VP = Valor da parcela a ser paga.

I = Índice de compensação financeira = 0,00016438, assim apurado:

$$I = (TX) \qquad I = \frac{(6/100)}{365} \qquad I = 0,00016438$$

TX = Percentual da taxa anual = 6%.

9.5 O pagamento a ser efetuado ao Contratado, quando couber, estará sujeito às retenções na fonte de tributos, inclusive contribuições sociais, de acordo com os respectivos normativos.

9.6 Os pagamentos devidos ao Contratado restringem-se aos quantitativos de serviços efetivamente prestados.

10. OBRIGAÇÕES DO CONTRATADO E DO CONTRATANTE:

10.1 São obrigações do Contratado:

10.1.1 executar os serviços conforme especificações contidas no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos, bem como na sua proposta, com a alocação dos empregados necessários ao perfeito cumprimento das cláusulas contratuais, além de fornecer os materiais, equipamentos, ferramentas e utensílios necessários, na qualidade e quantidade lá especificadas;

10.1.2 reparar, corrigir, remover ou substituir, às suas expensas, no total ou em parte, no prazo fixado pelo fiscal do contrato, os serviços efetuados em que se verificarem vícios, defeitos ou incorreções resultantes da execução ou dos materiais empregados;

10.1.3 Manter os empregados nos horários predeterminados pela Administração, quando for o caso;

10.1.4 responsabilizar-se pelos vícios e danos decorrentes da execução do objeto, de acordo com os artigos 14 e 17 a 27, do Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078/1990), ficando o Contratante autorizado a descontar da garantia, caso exigida no edital, ou dos pagamentos devidos ao Contratado, o valor correspondente aos danos sofridos;

10.1.5 utilizar empregados habilitados e com conhecimento dos serviços a serem executados, em conformidade com as normas e determinações em vigor;

10.1.6 zelar para que os empregados se apresentem uniformizados e portem crachá de identificação,

nos casos de serviços a serem prestados nas dependências da contratante, e utilizem os equipamentos de proteção individual (EPI) necessários à segurança no trabalho, na forma da lei;

10.1.7 apresentar ao contratante, quando for o caso, a relação nominal dos empregados que adentrarão o órgão para a execução do serviço a serem prestados nas dependências do contratante;

10.1.8 responsabilizar-se por todas as obrigações trabalhistas, sociais, previdenciárias, tributárias e as demais previstas na legislação específica, cuja inadimplência não transfere responsabilidade ao contratante;

10.1.9 atender as solicitações da contratante quanto à substituição dos empregados alocados, no prazo fixado pelo fiscal do contrato, nos casos em que ficar constatado o descumprimento das obrigações relativas à execução do serviço, conforme descrito no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos;

10.1.10 instruir os empregados da observância obrigatória das normas internas da Administração, salvo disposição que especificamente os dispense;

10.1.11 instruir os empregados sobre as atividades que devem desempenhar e proibi-los de exercer atividades não relacionadas à execução do objeto contratado, devendo prontamente relatar à contratante qualquer ocorrência capaz de caracterizar desvio de função;

10.1.12 relatar ao Contratante toda e qualquer irregularidade verificada no decorrer da prestação dos serviços;

10.1.13 não permitir a utilização de qualquer trabalho do menor de 16 (dezesseis) anos, exceto na condição de aprendiz para os maiores de 14 (quatorze) anos; nem permitir a utilização do trabalho do menor de 18 (dezoito) anos em trabalho noturno, perigoso ou insalubre;

10.1.14 manter-se, durante a vigência do contrato, em compatibilidade com as obrigações assumidas, e com as condições exigidas para a habilitação na licitação;

10.1.15 manter atualizado os seus dados no Cadastro Unificado de Fornecedores do Estado do Paraná, conforme legislação vigente;

10.1.16 guardar sigilo sobre todas as informações obtidas em decorrência do cumprimento do Contrato;

10.1.17 arcar com o ônus decorrente de eventual equívoco no dimensionamento dos quantitativos de sua proposta, devendo complementá-los, caso o previsto inicialmente em sua proposta não seja satisfatório para o atendimento ao objeto da licitação, exceto quando houver:

10.1.17.1. alteração qualitativa do projeto ou de suas especificações pela Administração;

10.1.17.2 superveniência de fato excepcional ou imprevisível, ou previsível de consequências incalculáveis, estranho à vontade das partes, que altere fundamentalmente as condições de execução do contrato;

10.1.17.3 retardamento na expedição da ordem de execução do serviço, interrupção da execução do contrato ou diminuição do ritmo do trabalho, por ordem e no interesse da Administração;

10.1.17.4 aumento das quantidades inicialmente previstas no contrato, nos limites permitidos por esta Lei;

10.1.17.5. impedimento de execução do contrato por fato ou ato de terceiro reconhecido pela Administração em documento contemporâneo à sua ocorrência;

10.1.17.6. omissão ou atraso de providências a cargo da Administração, inclusive quanto aos pagamentos previstos de que resulte, diretamente, impedimento ou retardamento na execução do contrato, sem prejuízo das sanções legais aplicáveis aos responsáveis.

10.1.20 Garantir ao contratante:

10.1.20.1. Respeito ao inciso XVII, art. 92 da Lei 14.133/2021 que diz: a obrigação de o contratado cumprir as exigências de reserva de cargos prevista em lei, bem como em outras normas específicas, para pessoa com deficiência, para reabilitado da Previdência Social e para aprendiz.

10.2. São obrigações do Contratante:

10.2 1. receber o objeto no local, prazo e nas condições estabelecidas no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos, bem como na proposta;

10.2.2 exigir o cumprimento de todas as obrigações assumidas pelo contratado no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos, bem como na proposta;

10.2.3 verificar minuciosamente, no prazo fixado, a conformidade do objeto recebido provisoriamente com as especificações constantes do termo de referência, do edital de licitação e seus anexos, bem como da proposta, para fins de aceitação e, após, para o recebimento definitivo;

10.2.4 comunicar ao contratado, por escrito, as imperfeições, falhas ou irregularidades verificadas, fixando prazo para a sua correção;

10.2.5 acompanhar e fiscalizar o cumprimento das obrigações do contratado, por intermédio de comissão ou servidor especialmente designado;

10.2.6 efetuar o pagamento ao contratado no valor correspondente ao efetivo fornecimento do objeto ou à efetiva execução do serviço ou etapa do serviço, no prazo e forma estabelecidos no termo de referência, no edital de licitação e seus anexos e no contrato;

10.2.7 efetuar as retenções tributárias devidas sobre o valor da nota fiscal e fatura fornecidas pelo contratado, no que couber;

10.2.8 emitir decisão sobre as solicitações e reclamações relacionadas à execução do contrato, ressalvados requerimentos manifestamente impertinentes, meramente protelatórios ou de nenhum interesse para a boa execução do contrato;

10.2.9 ressarcir o contratado, nos casos de extinção de contrato por culpa exclusiva da Administração, pelos prejuízos regularmente comprovados que houver sofrido, além de devolver a garantia, quando houver, e efetuar os pagamentos devidos pela execução do contrato até a data de extinção e pelo custo de eventual desmobilização;

10.2.10 adotar providências necessárias para a apuração das infrações administrativas, quando se constatar irregularidade que configure dano à Administração, além de remeter cópias dos documentos cabíveis ao Ministério Público competente, para a apuração dos ilícitos de sua competência;

11. GARANTIA DE EXECUÇÃO:

11.1 Não haverá exigência de garantia contratual da execução, pelas razões abaixo justificadas:

11.1.1 O Art. 96 da Lei n° 14.133/2021 deixa a critério da autoridade competente exigir a garantia nas contratações de serviços. Considerando as características deste objeto, que envolve apenas a contratação do serviço de confecção de livros, sem vínculo empregatício algum, não há riscos consideráveis que possam causar prejuízos à Administração. Desta forma, não será exigida a garantia de execução nesta contratação.

12. PENALIDADES:

12.1. O licitante e o contratado que incorram em infrações sujeitam-se às sanções administrativas previstas no art. 156 da Lei Federal n.º 14.133, de 2021 e nos arts. 193 ao 227 do Decreto n.º 10.086, de 17 de janeiro 2022, sem prejuízo de eventuais implicações penais nos termos do que prevê o Capítulo II-B do Título XI do Código Penal.

12.2. A multa não poderá ser inferior a 0,5% (cinco décimos por cento), nem superior a 30% (trinta por cento) sobre o valor total do lote no qual participou ou do contrato, observando ainda as seguintes variações:

a) multa de 0,5% a 5%, nos casos das infrações previstas no art. 195, do Decreto Estadual 10.086/2022;

b) multa de 5% a 30%, nos casos das infrações previstas no art. 196, do Decreto Estadual 10.086/2022;

c) multa de 15% a 30%, nos casos das infrações previstas no art. 197, do Decreto Estadual

10.086/2022;

12.3. O cálculo da multa será justificado e levará em conta o disposto nos arts. 210 a 212, do Decreto Estadual 10.086/2022.

12.4. A multa poderá ser descontada do pagamento devido pela Administração Pública estadual, decorrente de outros contratos firmados entre as partes, caso em que a Administração reterá o pagamento até o adimplemento da multa, com o que concorda o licitante ou contratado.

12.4.1. A retenção de pagamento de outros contratos, pela Administração Pública, no período compreendido entre a decisão final que impôs a multa e seu adimplemento, suspende a fluência de prazo para a Administração, não importando em mora, nem gera compensação financeira.

12.5. Multa de mora diária de até 0,3% (três décimos por cento), calculada sobre o valor global do contrato ou da parcela em atraso, até o 30º (trigésimo) dia de atraso na entrega; a partir do 31º (trigésimo primeiro) dia, a multa de mora será convertida em compensatória, aplicando-se, no mais, o disposto nos itens acima.

12.6 O procedimento para aplicação das sanções seguirá o disposto no Capítulo XVI, do Título I, do Decreto n.º 10.086, de 2022. e na Lei n.º 20.656, de 2021.

12.7 Nos casos não previstos no instrumento convocatório, inclusive sobre o procedimento de aplicação das sanções administrativas, deverão ser observadas as disposições da Lei Federal n.º 14.133, de 2021 e no Decreto n.º 10.086, de 2022.

12.8 Sem prejuízo das sanções previstas nos itens anteriores, a responsabilização administrativa e civil de pessoas jurídicas pela prática de atos contra a Administração Pública, nacional ou estrangeira, na participação da presente licitação e nos contratos ou vínculos derivados, também se dará na forma prevista na Lei Federal n.º 12.846, de 2013, e regulamento no âmbito do Estado do Paraná,.

12.9 Quaisquer penalidades aplicadas serão transcritas no Portal Nacional de Contratações Públicas (PNCP) e no Cadastro Unificado de Fornecedores do Estado do Paraná (CFPR).

12.10 As multas previstas neste edital poderão ser descontadas do pagamento eventualmente devido pelo contratante decorrente de outros contratos firmados com a Administração Pública estadual.

13. CASOS DE EXTINÇÃO:

13.1. A inexecução total ou parcial do contrato enseja a sua extinção, com as consequências previstas em lei, no Decreto Estadual nº 10.086/2022 e neste contrato.

13.2. Constituem motivo para extinção do contrato:

13.2.1. O não cumprimento de cláusulas, condições, especificações, projetos e prazos;

13.2.2. O cumprimento irregular de cláusulas, condições, especificações, projetos e prazos,

13.2.3. A lentidão no seu cumprimento, levando o CONTRATANTE a presumir a não conclusão do serviço nos prazos estipulados;

13.2.4. O atraso injustificado no início do serviço sem justa causa e sem prévia comunicação ao CONTRATANTE;

13.2.5. A paralisação do serviço sem justa causa e sem prévia comunicação ao CONTRATANTE;

13.2.6. A subcontratação total ou parcial do seu objeto, a associação do CONTRATADO com outrem, a cessão ou transferência total ou parcial do contrato, fusão, cisão ou incorporação, que afetem a boa execução desse exceto se autorizada pelo CONTRATANTE nos casos permitidos em lei;

13.2.7. O não atendimento das determinações regulares da autoridade designada para acompanhar e fiscalizar a execução, assim como as de seus superiores;

13.2.8. O cometimento reiterado de faltas na execução do ajuste, anotadas no Relatório de Fiscalização;

13.2.9. A decretação de falência ou a instauração de insolvência civil do CONTRATADO;

13.2.10. A alteração social ou a modificação da finalidade ou da estrutura da empresa, que, a juízo do CONTRATANTE, prejudique a execução do contrato;

13.2.11. A dissolução da sociedade ou o falecimento do contratado;

13.2.12. Não cumprimento das obrigações relativas à reserva de cargos prevista em lei, bem como em outras normas específicas, para pessoa com deficiência, para reabilitado da Previdência Social ou para aprendiz.

13.2.13. A falta de integralização da garantia nos prazos estipulados;

13.2.14. Razões de interesse público justificadas e determinadas pela autoridade máxima do órgão ou entidade;

13.2.15. A supressão, por parte do CONTRATANTE, de serviços, acarretando modificação do valor inicial do contrato além do limite permitido legalmente;

13.2.16. A suspensão de sua execução, por ordem escrita do CONTRATANTE, por prazo superior a 3 (três) meses, salvo em caso de calamidade pública, grave perturbação da ordem interna ou guerra, ou ainda por repetidas suspensões que totalizem 90 (noventa) dias úteis, independentemente do pagamento obrigatório de indenizações pelas sucessivas e contratualmente imprevistas desmobilizações e mobilizações e outras previstas, assegurado à CONTRATADA, nesses casos, o direito de optar pela suspensão do cumprimento das obrigações assumidas, até que seja normalizada a situação;

13.2.17. O atraso superior a 2 (dois) meses dos pagamentos devidos pelo CONTRATANTE decorrentes de serviços ou fornecimentos ou parcelas destes já recebidos ou executados, salvo em caso de calamidade pública, grave perturbação da ordem interna ou guerra, assegurado à CONTRATADA o direito de optar pela suspensão do cumprimento de suas obrigações até que seja normalizada a situação;

13.2.18. A não liberação, por parte do CONTRATANTE, de área, local ou objeto para execução de serviço ou fornecimento, nos prazos contratuais, bem como das fontes de materiais naturais especificadas no projeto;

13.2.19. A ocorrência de caso fortuito ou de força maior, regularmente comprovada e impeditiva da execução do contrato.

13.2.20. O descumprimento da proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de 18 (dezoito) anos e de qualquer trabalho a menores de 16 (dezesseis) anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 (quatorze) anos;

13.2.21. A superveniência da declaração de inidoneidade para licitar e contratar com a Administração Pública;

13.2.22. O perecimento do objeto contratual, tornando impossível o prosseguimento da execução da avença.

13.3. O presente instrumento poderá ser extinto:

13.3.1. determinada por ato unilateral e escrito da Administração, exceto no caso de descumprimento decorrente de sua própria conduta**;**

13.3.2. consensual, por acordo entre as partes, por conciliação, por mediação ou por comitê de resolução de disputas, desde que haja interesse da Administração; ou

13.3.3. determinada por decisão arbitral, em decorrência de cláusula compromissória ou compromisso arbitral, ou por decisão judicial.

13.4. No caso de rescisão consensual, a parte que pretender rescindir o Contrato comunicará sua intenção à outra, por escrito.

13.5. Os casos de extinção contratual devem ser formalmente motivados nos autos do processo, assegurado o contraditório e o direito de prévia e ampla defesa ao Contratado.

13.6. O Contratado, desde já, reconhece todos os direitos da Administração Pública, em caso de extinção administrativa por inexecução total ou parcial deste contrato.

14. ALTERAÇÕES CONTRATUAIS, ACRÉSCIMOS E SUPRESSÕES:

14.1. Este contrato poderá ser alterado em qualquer das hipóteses previstas nos artigos 124 e 125 da Lei Federal n.º 14.133 de 2021.

14.1.1. Nas alterações unilaterais a que se refere o inciso I do caput do art. 124 da Lei Federal n.º 14.133, de 2021, o contratado será obrigado a aceitar, nas mesmas condições contratuais, acréscimos

ou supressões de até 25% (vinte e cinco por cento) do valor inicial atualizado do contrato.

14.2. É admissível a continuidade do contrato administrativo quando houver fusão, cisão ou incorporação da contratada com outra pessoa jurídica, desde que:

14.2.1. sejam observados pela nova pessoa jurídica todos os requisitos de habilitação exigidos na licitação original;

14.2.2. sejam mantidas as demais cláusulas e condições do contrato; e

14.2.3. não haja prejuízo à execução do objeto pactuado e haja anuência expressa da Administração à continuidade do contrato.

14.3. As alterações previstas nesta cláusula serão formalizadas por termo aditivo ao contrato.

14.4. Concluída a instrução do requerimento de reequilíbrio econômico-financeiro, a Administração terá o prazo de 30 (trinta) dias para decidir, admitida a prorrogação motivada por igual período.

15. DA SUBCONTRATAÇÃO

15.1. Não será admitida a subcontratação do objeto licitatório.

16. DA PROTEÇÃO DE DADOS PESSOAIS

16.1. O Contratante e o Contratado, na condição de operadora, comprometem-se a proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural, relativos ao tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais.

16.2. O tratamento de dados pessoais indispensáveis à prestação dos serviços por parte do contratado, se houver, será realizado mediante prévia e fundamentada aprovação do contratante, observados os princípios do art. 6º da LGPD, especialmente o da necessidade;

16.3. Os dados tratados pelo contratado somente poderão ser utilizados na prestação dos serviços especificada neste contrato, e em hipótese alguma poderão ser utilizados para outros fins, observadas as diretrizes e instruções transmitidas pelo contratante;

16.4. Os registros de tratamento de dados pessoais que o contratado realizar serão mantidos em condições de rastreabilidade e de prova eletrônica a qualquer tempo;

16.5. o Contratado deverá apresentar evidências e garantias suficientes de que aplica adequado conjunto de medidas técnicas e administrativas de segurança, para a proteção dos dados pessoais, segundo a legislação e o disposto nesta Cláusula;

16.6. o Contratado dará conhecimento formal aos seus empregados das obrigações e condições acordadas nesta Cláusula, inclusive no tocante à Política de Privacidade do contratante, cujos princípios e regras deverão ser aplicados à coleta e tratamento dos dados pessoais.

16.7. O eventual acesso, pelo contratado, às bases de dados que contenham ou possam conter dados pessoais ou segredos comerciais ou industriais implicará para o contratado e para seus prepostos – devida e formalmente instruídos nesse sentido – o mais absoluto dever de sigilo, no curso do presente contrato e após o seu encerramento.

16.8. O encarregado do contratado manterá contato formal com o encarregado do contratante, no prazo de 24 (vinte e quatro) horas da ocorrência de qualquer incidente que implique violação ou risco de violação de dados pessoais, para que este possa adotar as providências devidas, na hipótese de questionamento das autoridades competentes.

16.9. A critério do controlador e do encarregado de Dados do contratante, o contratado poderá ser provocado a preencher um relatório de impacto à proteção de dados pessoais, conforme a sensibilidade e o risco inerente do objeto deste contrato, no tocante a dados pessoais.

16.10. o Contratado responde pelos danos que tenha causado em virtude da violação da segurança dos dados ao deixar de adotar as medidas de segurança previstas no art. 46 da LGPD, destinadas a proteger os dados pessoais de acessos não autorizados e de situações acidentais ou ilícitas de destruição, perda, alteração, comunicação ou qualquer forma de tratamento inadequado ou ilícito.

16.11. Os representantes legais do contratado, bem como os empregados que necessariamente devam ter acesso a dados pessoais sob controle do Estado para o cumprimento de suas tarefas, deverão firmar termo de compromisso e confidencialidade, em que se responsabilizem pelo cumprimento da LGPD e pelo disposto nesta Cláusula.

16.12. As informações sobre o tratamento de dados pessoais por parte do contratado, envolvendo a sua finalidade, previsão legal, formas de execução e prazo de armazenamento, deverão ser publicadas na forma do § 1º do art. 10 do Decreto Estadual n.º 6.474, de 2020.

16.13. As manifestações do titular de dados ou de seu representante legal quanto ao tratamento de dados pessoais com base neste contrato serão atendidas na forma dos artigos 11, 12 e 13 do Decreto Estadual n.º 6.474, de 2020.

16.14. O contratante poderá, a qualquer tempo, requisitar informações acerca dos dados pessoais confiados ao Contratado, bem como realizar inspeções e auditorias, inclusive por meio de auditores independentes, a fim de zelar pelo cumprimento dos deveres e obrigações aplicáveis;

16.15. Eventual compartilhamento de dados pessoais com empresa subcontratada dependerá de autorização prévia do contratante, hipótese em que o subcontratado ficará sujeito aos mesmos limites impostos ao contratado.

16.16. Encerrada a vigência do contrato ou não havendo mais necessidade de utilização dos dados pessoais, sejam eles sensíveis ou não, o contratado providenciará o descarte ou devolução, para o contratante, de todos os dados pessoais e as cópias existentes, atendido o princípio da segurança.

16.17. As dúvidas decorrentes da aplicação da LGPD serão objeto de consulta por parte do encarregado do contratante à Controladoria-Geral do Estado, que poderá consultar a Procuradoria-Geral do Estado em caso de dúvida jurídica devidamente fundamentada.

17. DISPOSIÇÕES GERAIS:

17.1 Integram o presente contrato, para todos os fins: o edital da licitação e seus anexos e a proposta apresentada pelo Contratado durante a licitação.

17.2 Este contrato é regido pela Lei Federal n.º 14.133, de 2021, pelo Decreto n.º 10.086, de 2022 e demais leis estaduais e federais sobre contratos administrativos, aplicando-se referida legislação aos casos omissos no presente contrato.

17.3 O Contratante enviará o resumo deste contrato à publicação no Diário Oficial do Estado do Paraná e no sítio eletrônico oficial, sem prejuízo de disponibilização da íntegra do contrato no Portal Nacional de Contratações Públicas (PNCP) e no sistema GMS.

17.4 As questões decorrentes da execução deste instrumento, que não possam ser dirimidas administrativamente, serão processadas e julgadas na Justiça Estadual, no Foro Central da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba – PR, com exclusão de qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

Local e data

CONTRATANTE CONTRATADO

Testemunhas

1 – Nome:

2 – Nome:

ANEXO VIII

MODELO DE DECLARAÇÃO DE MICROEMPRESA E EMPRESA DE PEQUENO PORTE

XXXXXXXX, inscrito no CNPJ n.º XXXXXXXX, por intermédio de seu representante legal, o(a) Sr.(a) XXXXXXXX, portador(a) da Carteira de Identidade n.º XXXXXXXX e do CPF n.º XXXXXXXX, DECLARA, para os fins dispostos no Pregão Eletrônico n.º ____/_____, sob as penas da Lei, que esta empresa, na presente data, é considerada:

( ) MICROEMPRESA, conforme Inciso I do artigo 3º da Lei Complementar nº 123, de 14/12/2006;

( ) EMPRESA DE PEQUENO PORTE, conforme Inciso II do artigo 3º da Lei Complementar nº 123, de 14/12/2006;

( ) MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL, conforme parágrafo 1º do artigo 18-A da Lei Complementar nº 123, de 14/12/2006, com redação dada pela Lei Complementar nº 188, de 2021.

( ) COOPERATIVA, nos termos do Art. 34, da Lei Federal nº 11488/2007.

DECLARA ainda:

1. Que a empresa está excluída das vedações constantes do parágrafo 4º do artigo 3º da Lei Complementar n.º 123, de 14 de dezembro de 2006;

2. Que não extrapolou a receita bruta máxima admitida para fins de enquadramento como microempresa ou empresa de pequeno porte no ano-calendário de realização da licitação, nos termos do § 2º do Art. 4º da Lei Federal n.º 14.133/2021.

Local e data

_____
Representante Legal

ANEXO IX
DECLARAÇÃO LGPD.

XXXXXXXX, inscrito no CNPJ n.º XXXXXXXX, por intermédio de seu representante legal, o(a) Sr.(a) XXXXXXXX, portador(a) da Carteira de Identidade n.º XXXXXXXX e do CPF n.º XXXXXXXX, DECLARA, para os devidos fins, que tem pleno conhecimento das regras contidas no edital de licitação e que possui as condições de habilitação previstas no edital, bem como tem ciência de que:

1. Como condição para participar desta licitação e ser contratado(a), o(a) interessado(a) deve fornecer para a Administração Pública diversos dados pessoais, entre eles:

1.1. aqueles inerentes a documentos de identificação;

1.2. referentes a participações societárias;

1.3. informações inseridas em contratos sociais;

1.4. endereços físicos e eletrônicos;

1.5. estado civil;

1.6. eventuais informações sobre cônjuges;

1.7. relações de parentesco;

1.8. número de telefone;

1.9. sanções administrativas que esteja cumprindo perante a Administração Pública;

1.10. informações sobre eventuais condenações no plano criminal ou por improbidade administrativa; dentre outros necessários à contratação.

2. Essas informações constarão do processo administrativo e serão objeto de tratamento por parte da Administração Pública.

3. O tratamento dos dados pessoais relacionados aos processos de contratação se presume válido, legítimo e, portanto, juridicamente adequado.

Local e data

_____
Representante Legal

Anexo XI – Obra item 01 (Romance)

vira-lata

João Novomundo

1.

O síndico pediu discrição ao sub-síndico para não causar alvoroços desnecessários e o sub-síndico, muito discretamente, contou ao vizinho de porta, que contou para a mulher, que contou para a outra vizinha e logo todos sabiam, todos discutiam, todos davam opiniões, a discrição no ralo. Um homem havia dormido na lixeira do condomínio do professor Alberto Gusmão e era importante que todos soubessem, inclusive o próprio professor Alberto Gusmão, embora ninguém se importasse verdadeiramente com o que aquele homem pensava ou dizia. Para dizer a verdade, a maior parte dos condôminos nem sequer sabia de sua existência, não era nem síndico, nem sub-síndico, nem vizinho de porta, nem a mulher do vizinho de porta, morava em outro bloco e mesmo lá não era assim tão conhecido ou bem quisto; da mesma forma, ninguém se referia ao condomínio como condomínio do professor Alberto Gusmão, longe disso, a não ser o próprio professor Alberto Gusmão, e somente quando necessário, "este é meu condomínio, pode parar ali, muito obrigado". A lixeira não havia sido feita para dormir, era sabido ou ao menos imaginava-se que sim, temos o hábito de acreditar que o conhecimento é comum, algumas coisas são da sabedoria geral da humanidade, aprendemos todos, como alguém poderia achar aquilo razoável? Logo ao dizer o nome era possível ver, é dessas coisas que o nome explica bem o que faz, sem deixar espaço para dúvidas. Não é como cama, fora do contexto adequado cama não significa nada, é preciso aprender na escola suas sílabas e suas origens para que saibamos que é feita para deitar em cima e dormir. O mundo já não era mais tão recente — pelo contrário, já estava aí havia um bom tempo, na opinião de alguns há tempo até demais, e ainda sem dizer bem a que veio, de modo que todos ou quase todos sabiam o nome das coisas e para que serviam sem que fosse preciso apontar o dedo. A notícia gerou todos os sentimentos que uma notícia assim pode gerar: angústia, compaixão, surpresa, mas principalmente espanto, afinal não era algo que se via todo dia ou mesmo que se ouvisse falar em qualquer canto, pessoas dormindo em

lixeiras. Nas calçadas, tudo bem, todos sabiam, era mais comum, embora calçadas não fossem feitas exatamente para isso, vá lá, as pessoas passavam, apressadas ou não, estavam por ali todos os dias, o fato de eventualmente pararem e deitarem para descansar os olhos não era assim tão absurdo. Vem o sono, a falta de onde ir, ou talvez uma distância que não se queira cumprir a aquela hora da madrugada, por que não? Nas lixeiras, onde dormem os ratos e as baratas e onde está o lixo, era um acontecimento mais raro, inusitado e até espantoso. Os moradores foram obrigados a escolher o que dizer às pressas, sem nenhum preparo, e escolheram de improviso o espanto como o sentimento oficial do condomínio, ainda que nada houvesse sido votado em assembleia e registrado em ata, como tinha que ser. Era uma medida provisória, até que as coisas ficassem mais claras.

Na casa em que Alberto Gusmão morava com os pais quando criança nada parecido jamais havia acontecido. Naqueles tempos vivia os dias monotonamente, entediado em frente à televisão ou compartilhando brincadeiras com alguns poucos amigos da escola no grande quintal cercado por muros altos com cacos de vidro no alto para desencorajar os invasores. Se acontecesse, o pai certamente tomaria as providências para proteger a família com a arma que guardava em cima do guarda-roupas em uma caixa marrom com cadeado que Alberto não deveria mexer, mas havia mexido quando tinha quase dez anos. Pais mais experientes bem sabem que é proibido dizer a uma criança que tal coisa é proibida, melhor seria esconder bem a caixa e pedir à Divina Providência para que o filho não a encontrasse, matando na raiz a curiosidade infantil que jamais viria a nascer. Alberto Gusmão, que ainda era só Alberto, Betinho ou Bebeto, sabia muito bem onde estava a chave, a descobriu dentro da gaveta da cômoda que ficava ao lado da cama de casal em uma tarde solitária após a escola, abaixo dos papéis e das camisinhas, outros dos objetos que os pais, por negligência ou inocência, deixavam à mercê da curiosidade infantil. Não encostou no revólver quando abriu a caixa pesada e com o fecho de metal, apenas olhou para ver que estava lá com seu tambor grosso e

o cano reluzente que parecia muito comprido na memória. Depois fechou a tampa e dormiu assustado pelo resto do mês com a imagem na cabeça.

Ser vivo e cheio de olhos, ouvidos e dentes, o condomínio lidou com o fato novo como lidava com os fatos de sempre: os sons inexplicáveis dos corredores, as discussões barulhentas dos casais, o choro estridente dos bebês, o fedor nauseante dos cães sem banho tomado, as escapadelas sorrateiras dos gatos e as ameaças que vinham da rua. Ninguém nunca havia visto uma coisa dessas, nem se sabia que era possível dormir dentro da lixeira. O espaço era pequeno, certamente desconfortável, e havia a questão do cheiro. Mesmo que fosse a lixeira do lixo reciclável, ainda assim possuía uma fedentina insuportável. Todos eram unânimes em dizer, era um absurdo. Era absurdo o declínio da cidade e o ponto a que havia chegado, um ponto tão baixo que fazia com que as pessoas dormissem com as baratas e os ratos. Aos poucos, alguns adicionaram outro dos sentimentos que a inusitada situação acarretou, como uma nota de rodapé: que perigo. E se esse tal quisesse causar algum mal e estivesse ali para surpreender algum desavisado? Pegaria um morador e pronto, estaríamos todos em risco, nós e nossos filhos. Entraria aqui e faria sabe-se lá o quê. De nota de rodapé, o medo, que vinha por último na fila, depois da consternação, depois do espanto e da compaixão, passou a ser protagonista da história: que perigo, que perigo. Passou a ser a resposta comum a todos os condôminos, fosse nas conversas dos corredores ou no grupo oficial do condomínio no aplicativo de mensagens, ou mesmo no grupo paralelo exclusivo para vendas e trocas.

A lixeira fazia parte do condomínio, ainda que estivesse na parte de fora e servisse apenas para conter os rejeitos enquanto o caminhão não passasse e no máximo permitisse a separação do que era lixo mesmo e do que também era, convenhamos, mas seria usado de novo por alguém. Seria invasão? Os moradores mais envolvidos com as coisas burocráticas, aqueles que liam os contratos, incluindo-se aí as letras miúdas e as referências, buscaram no manual de regras se havia algo que pudesse ajudar a esclarecer a questão, e lá estava, mais

claro que o dia, sim, a lixeira era parte do condomínio, assim como a portaria, a quadra poliesportiva e os apartamentos de dois quartos. Era preciso fazer algo. Pessoas e bichos sempre fuçavam ali, vasculhando as sacolas em busca de sabe-se lá o quê, um pacto social aceitável para todas as partes, já que ninguém queria mais o que estivesse lá mesmo, então que pegassem logo o que queriam e fossem embora aqueles que vasculhavam. Dormir ali era outra história, havia sido decidido. Não era aceitável. Era invasão, e isso o condomínio não toleraria. As grades e portas automáticas, as cercas por sobre o muro, de 220W, deixavam bem claro que o condomínio era propriedade privada, solo sagrado e inviolável.

2.

Alberto Gusmão pensou no assunto assim que soube que alguém havia dormido na lixeira, mas logo deixou o pensamento fugir para onde quer que esses pensamentos vão depois que passam apressados pela nossa cabeça em um dia de semana, ainda mais em uma quinta-feira, quando os pensamentos deslizam para lá e para cá patinando desajeitados no gelo da rotina. Era inusitado, sem dúvida, um pouco triste, mas pessoas dormem onde podem e muitas pessoas não podem muita coisa, o que há de se fazer, o mundo é como é, as coisas são como são.

O condomínio de Alberto Gusmão — vamos usar essa forma para os fins da história, mas fique muito claro que o condomínio não era de sua propriedade, apenas modo de dizer, possuía apenas um de seus apartamentos, um pequeno apartamento de um quarto, pago em intermináveis parcelas ao banco público pelos pais de Alberto Gusmão há muitos anos; como íamos dizendo, o condomínio que continha Alberto Gusmão, o sufocava e o prendia, que o protegia com suas grades e portões automáticos e seus seguranças remotos, este belo condomínio era um condomínio suficientemente rico, mas não muito rico. Não era um condomínio de luxo: não tinha as torres altas, os seguranças e as caminhonetes esportivas que vemos pelos bairros nobres da cidade, mesmo que nobres em título, não em virtude, bem como as caminhonetes esportivas, esportivas apenas em nome, não praticando e nem permitindo a prática de nenhum esporte ou atividade física. Era apenas mais rico do que a média, e isso era problema da média, o que se há de fazer. Durante a semana, este mesmo condomínio não tão rico assim funcionava de acordo com os ponteiros do relógio; acordava com os primeiros carros que saíam pelo portão, logo às seis horas da manhã, às vezes até mesmo antes do sol raiar, e só dormia depois das duas, com os últimos estudantes que chegavam após uma esticada das aulas noturnas nos bares. Nos feriados e fins de semana, a

rotina caótica das conversas no corredor, do bater de portas e das festas particulares sufocadas pelas janelas fechadas davam o tom da vida naquela parte particularmente nada especial da cidade, afastada a uma distância segura do coração pulsante da vida real.

Alberto Gusmão não era mais convidado para festas como aquelas. Estava em uma idade mais próxima daqueles que reclamam do barulho infernal dos passos no andar de cima do que daqueles que participam da diversão e andam para lá e para cá buscando atenção. Recebia os amigos uma vez ou outra ou ia ele mesmo até encontros marcados na casa de alguém para jogar baralho e beber alguma coisa, desde que não fosse cerveja, evitava cerveja, não tinha mais estômago. Passava seus dias em meio a provas, trabalhos e notícias, de modo que os assuntos periféricos, como o barulho que vinha do apartamento de cima, o vizinho intrometido do apartamento ao lado, as infiltrações do teto, a fiação, o chuveiro sempre queimando e o homem que dormiu na lixeira, passavam esquecidos em sua mente, anotações em meio aos papéis importantes e mais urgentes.

Mesmo assim, estava sentado na reunião do condomínio que decidiria o que seria feito agora que as pessoas estavam dormindo dentro da lixeira sem nenhum tipo de permissão escrita ou autenticada. A barbárie da cidade e seus mendigos, putas, travestis, seus bêbados e vagabundos estava batendo na porta e era preciso fazer alguma coisa, os sinais estavam todos lá, era preciso agir e não esperar que alguma tragédia acontecesse. Estivera em apenas duas reuniões como aquela antes, ambas a respeito de temas que envolviam o pagamento do condomínio, assunto que o interessava diretamente. Nas duas ocasiões, o salão de festas, agora cheio, sem espaço para que todos sentassem, estava vazio, às moscas, com três ou quatro pessoas ao todo, incluindo o síndico. Seria natural que não fosse a aquela reunião extraordinária e ignorasse a questão, mas havia sido empurrado até lá por algum sentimento entre a curiosidade e a urgência, algo nada concreto, mas pontiagudo, que o incomodaria

como uma etiqueta mal cortada na camiseta se tentasse deixar de lado, como havia feito outras vezes.

Estava lá antes do que a maioria, sentado ao fundo, na oitava fileira de cadeiras, mesmo com espaços vazios mais para frente. Preferia não ser visto nem ouvido. Como todo salão de festas, o lugar era projetado para transmitir nenhuma personalidade em particular, insosso, inodoro, uma personalidade muito própria se pensamos bem, o nada é difícil de alcançar, seres humanos têm muita dificuldade para captar a não existência de qualquer coisa, o que tornava os salões de festa projetos arquitetônicos muito especiais em sua insipidez. Tinha as cadeiras brancas já começando a ser consumidas pela ferrugem, os tampos de mármore com manchas nas laterais e obras de arte sem vida, com os desenhos bem contornados e coloridos de vasos de flores. Quando a reunião começou, Alberto Gusmão já havia cedido seu lugar a uma mulher grávida com quem havia cruzado algumas vezes, moradora do mesmo bloco. Não sabia seu nome. Estava agora em pé, encostado à porta, com os braços cruzados, posição da qual conseguia ver o espelho da parede lateral e consequentemente sua própria figura curvada sobre si mesma, protegendo-se sabe-se lá do quê. O corpo magro e esguio era o mesmo desde o fim da adolescência, mas agora com uma barriga perceptível, projetada para frente pelo dobrar das costas. Não era uma barriga como a do pai, redonda e volumosa, impossível de esconder, mas sabia que seguia o mesmo caminho. Ajeitou a postura, colocando as costas para trás. Olhou novamente para o espelho e analisou a mudança. Era o melhor que podia fazer no momento, embora soubesse que sem a vigilância do reflexo voltaria para a posição anterior, naturalmente arqueada. Quanto ao rosto, era o mesmo rosto modulável de sempre, com partes móveis desenhadas com pressa e sem muito capricho. Sentia que era diferente dos outros rostos, todos sólidos. Feios ou bonitos, eram o que eram, enquanto o seu, tal qual uma massa de modelar nas mãos de uma criança indecisa, mudava a cada expressão e a cada dia. O cabelo despenteado e a barba inconstante, com mais volume

embaixo do queixo do que nas laterais, ajudavam na sensação de eterna mudança que sentia a cada olhada no espelho ou em qualquer reflexo que encontrava, nos carros estacionados ou nas poças no chão depois de um dia de chuva.

O síndico chamou a palavra, que estava na boca das conversas de canto, e apresentou a situação para quem ainda não a conhecesse. Depois, ofereceu a palavra para quem quisesse falar e muita gente falou. Reclamaram da segurança na região, lembraram o portão que às vezes emperrava e ficava mais de dez segundos até fechar, tempo suficiente para algum vagabundo entrar e fazer o que bem entendesse. Outros, mais exaltados, avisaram que uma catástrofe estaria para acontecer, qualquer dia entram aqui e matam alguém. A mulher grávida para quem Alberto havia oferecido o lugar concordava em silêncio com tudo e quando pediu a palavra e recebeu o microfone na cadeira onde estava, afinal era o mais gentil que se podia fazer, levar até ela o microfone e não obrigá-la a ir até a frente, como os outros, agradeceu, sorriu e disse que era preciso contratar seguranças armados que atirassem, que matassem sem hesitar, sem perguntar, uma ou duas vezes já bastaria para que os bandidos soubessem que aquele era um condomínio com o qual não deveriam se meter, era legítima defesa, a lei permitia. Recebeu alguns aplausos, alguns gritos de aprovação e o sorriso constrangido dos mais moderados, daqueles que embora não discordassem completamente, ou mesmo minimamente, sabiam que aquilo não seria o mais prudente a se fazer, ou seja, não seria a atitude aceita pela sociedade, mais especificamente pela televisão e pela internet, talvez não por enquanto pelo menos, vamos com calma. O síndico tentou acalmar os ânimos, tinha um espírito apaziguador, concordando ou não com medidas mais extremas, embora naquele caso específico concordasse completamente, de corpo e alma, apenas tinha receio da exposição que aquela atitude causaria.

Alberto Gusmão foi embora antes do fim da reunião. Saiu em silêncio enquanto um garoto que não parecia muito mais velho do que seus alunos voluntariava-se para vigiar o

condomínio durante a semana. Tinha experiência de seu ano no exército, portanto era qualificado para a tarefa, se todos concordassem. Não cobraria nada, desde que tivesse liberdade para agir. Ainda havia vinte pessoas inscritas antes que finalmente acontecesse a votação. Voltou para casa pelo caminho de pedras brancas iluminado por postes de luz baixos, de pouco mais de um metro de altura. A iluminação era forte, de modo que conseguia ver os insetos que compartilhavam o caminho, solitários ou sociáveis, e aqueles que se escondiam nos arbustos, prudentes. A porta do bloco era aberta através do reconhecimento facial e uma voz feminina dizia que seu acesso estava liberado enquanto era obrigado a encarar o rosto novamente mudado na pequena tela, agora mais preenchido nas bochechas, dando um ar infantilizado à fisionomia. Girou a chave na porta e a sentiu pesada, como se estivesse prestes a quebrar. Precisava passar óleo na engrenagem interna do trinco, bem como pintar os rodapés da sala, já gastos e descascados, as paredes, manchadas de sol, e o teto, com pequenas infiltrações nos cantos causadas pelo mofo. Havia também consertos a se fazer na cozinha, as gavetas soltas não o deixavam mentir, e a porta do armário representava um risco permanente para a pessoa responsável pela lavagem da louça, quase sempre o próprio Alberto Gusmão. Apesar dos problemas na estrutura, era uma casa que considerava confortável. O sofá era bom, firme, mas não duro demais; a cozinha, ampla e com espaço suficiente para uma mesa; a cama era a mesma da adolescência. Havia buscado na casa dos pais depois da separação. Era pequena e já afundava um pouco no centro, mas seria uma solução temporária enquanto não encontrava uma melhor. A maioria dos móveis tinha a idade de seu divórcio mais recente, seis meses. Já tinha dois divórcios e ainda não completara quarenta anos, mas isso não havia como consertar, era fato concreto e consumado.

As interações na reunião de condomínio haviam afetado seu humor. Acontecia com frequência: deixava-se angustiar pelas palavras ditas, normalmente pelos outros, e não ditas, normalmente por si mesmo, e pela forma como as pessoas eram e por não se posicionar, ou

por se posicionar e imaginar que tal posicionamento pudesse ter sido mal compreendido ou até mesmo bem compreendido, mas não bem aceito, de modo que pudessem achá-lo raso ou mentalmente incapaz de formular respostas mais interessantes. Todo esse turbilhão de pensamentos que girava em torno de si acontecia quando já estava com os olhos fechados, antes que a mente pudesse entrar no estado de liberdade que antecedia o sono, quando os pensamentos eram leves e não se prendiam mais à consciência. Estes, ainda pesados, o mantinham no solo, sem permissão para a decolagem.

Precisava comprar uma cama melhor, uma cama feita para um adulto, mas aquela não era uma prioridade, embora a cama atual machucasse suas costas. As prioridades eram: superar o segundo divórcio; esquecer o primeiro divórcio; viajar; não casar-se mais por impulso; começar um doutorado; não abandonar seus tratamentos médicos; ganhar mais dinheiro. Além da cama do casal, o ex-marido havia ficado com o melhor jogo de copos, a TV da sala e o cachorro que adotara a contragosto, por insistência de Alberto Gusmão.

Sentiu o colchão quente demais e a coberta começou a pesar em suas pernas. Nunca pensou que a coberta pudesse ter peso, pelo menos não algum peso considerável, que o fizesse notar, e aquela coberta já pesava como uma tábua de madeira sobre seu corpo. Jogou-a para o lado, mas ainda assim não conseguia encontrar a posição certa para atrair o sono, não sabia onde colocar o braço. Levantado? Abaixado? Entre as pernas, sobre o ombro, a mão na cara? A luz que entrava pela fresta da cortina era forte demais. O quarto estava quente demais.

Levantou-se e foi até a janela. Morava no bloco da frente, face sul, sem sol durante o dia, apenas por alguns poucos minutos durante a manhã, quando aproveitava para secar as roupas e esquentar um pouco as mãos. Só tinha a vista da rua como vantagem, e não era vantagem nenhuma na vida real, não estava em um filme de faroeste em que era recomendado nunca sentar de costas para a porta de entrada dos saloons, evitando ser surpreendido pelo inimigo. Aquele não era saloon algum, era um apartamento no qual ficava eternamente de frente para a

entrada, sempre à espera do inimigo, que nunca vinha. Afastou a cortina e viu a ponta da lixeira, encostada no muro frontal do prédio, ao lado do portão dos carros. Nada se movia, somente os insetos em volta da lâmpada em frente ao condomínio. Nada se escutava. Voltou para a cama e tentou dormir por duas horas antes de conseguir finalmente alcançar o sono pelos pés.

— — —

Não era homem de se interessar por assuntos alheios, mas acordou no dia seguinte com a história ainda na cabeça, matutando sobre o destino e o direito. Uma história daquelas não acontece todo dia. Sempre morou na cidade, então já havia se acostumado a ver pessoas dormindo pelas calçadas, em maior ou menor número, dependendo de qual era a política do governo da vez, mas a quantidade diminuía ou aumentava, nunca cessava; era parte da paisagem, como os pombos, os prédios, as árvores e os carros. Sobre o homem dormindo na lixeira, não tinha muitos detalhes, tudo o que sabia ouvira do vizinho da frente, Sérgio Alguma Coisa, um sujeito que tinha os ossos à mostra embaixo da camiseta, um rosto quadrado, sólido, enfeitado por óculos redondos e uma simpatia agressiva, mandatória, que relatara o incidente quando encontraram-se no corredor do bloco G antes da reunião. “Ele espalhou o lixo todo pelo chão, um horror”, detalhara o homem na conversa que tiveram em frente ao apartamento de Alberto, que não perguntara nada, não se interessava por assuntos alheios, mas recebera o relatório completo após dar o bom dia. “Um acinte”, retrucara, tentando, em vão, encerrar o diálogo. Era professor de português e usava a língua como um escudo para confundir o adversário. Sem fazer nenhuma pergunta, soube que o invasor de lixeiras não fora visto por ninguém ao vivo, somente pelas câmeras de segurança. Toda a movimentação incomum da madrugada estava registrada: o vídeo mostrava que ele levantava

a tampa, tirava o lixo de dentro e entrava na lixeira. Já com o sol raiando, saía de lá e seguia rumo à primeira esquina. As câmeras laterais mostravam seus passos até onde conseguiam enxergar. Em dado momento, o homem, que tinha os braços longos e os pés em chinelos de dedo, desaparecia.

Alberto soube também que a partir de agora os condôminos precisariam ter uma chave para abrir as lixeiras, que passariam a ser trancadas com cadeado para evitar problemas semelhantes. “Imagine se estou passando com meus filhos e eles testemunham uma cena como essa?”, alegou o vizinho. Imagine só. Alberto perguntou, mais para si mesmo do que para o vizinho, onde aquele homem dormiria agora. Não era uma pergunta real, uma que se espera resposta, mas a resposta veio imediatamente. “Bem longe daqui!”, respondeu Sérgio Alguma Coisa, com um sorriso e um estranhamento de quem não queria sorrir.

O lixo espalhado pela calçada desagradou os moradores do condomínio, mas agradou muito os cachorros da rua. Ninguém sabe ao certo o sentimento de um cachorro, só sabemos que abanam o rabo quando estão felizes, e estes abanavam tanto, em voltas velozes e intermináveis, que era certo dizer que haviam acordado na manhã de Natal, se soubessem o que é Natal, quem foi Jesus e por que as pessoas celebram seu nascimento e recebem elas os presentes. Cães, como outros animais, entendem bem o conceito de rotina, isto é, se algo aconteceu hoje em tal horário, vai acontecer novamente amanhã, por que não aconteceria? É a lógica, vai acontecer, sim, pode confiar, meu parceiro, é mais fácil assim, de modo que continuaram indo até a frente do condomínio nos dias seguintes à espera de mais lixo, os rabos abanando menos pois só encontravam os vestígios do banquete passado. Sem novos atrativos, os visitantes foram diminuindo ao longo da semana, até que apenas um deles ainda insistisse, o mais intrépido ou o mais faminto, não se sabe, talvez aquele que mais sonhasse com árvores de Natal.

Quando Alberto Gusmão pegou a sua chave particular para abrir o cadeado e jogar fora seus rejeitos, aquele animal ainda estava lá vasculhando o terreno. Era um filho de um quase doberman com uma quase labradora, uma mistura que formava um animal único, o orgulho de sua raça, uma vez que era o único representante dela aqui nesta terra e ele mesmo estava muito orgulhoso de ser quem era. Abrir a lixeira mostrou-se uma tarefa mais trabalhosa do que o esperado; chave e cadeado eram novos, não tinham ainda o encaixe de velhos conhecidos. Teve que colocar as sacolas no chão, atraindo o visitante, que cheirava seus pés e o conteúdo descartado. “Não tem nada para você aqui”, alertou, recebendo como resposta um olhar que dizia “meu amigo, deixa que eu mesmo verifico se isso é verdade, muito obrigado”. Depois de um esforço maior do que o planejado, conseguiu abrir a lixeira e realizar a tarefa, uma parte no lixo comum, outra no lixo reciclável, tudo sob o olhar atento do visitante. Avaliou o espaço. Imaginou se caberia ele mesmo ali dentro. Talvez uma perna de cada vez, sem as sacolas para atrapalhar, entraria e fecharia a tampa, o cadeado cerraria-se por acidente, ficaria preso ali até que alguém mais viesse jogar o lixo, olá, vizinho, um acidente peculiar me ocorreu, entrei aqui e quando vi não podia mais sair, aproveitei para pensar na vida, é muito bom ter um tempo para nós mesmos, não acha? Fez um carinho na cabeça do animal para que ele pelo menos não voltasse para a rua com as patas abanando e voltou para dentro. À noite, quando abriu a janela, sem conseguir dormir mais uma vez, viu o cachorro deitado ao lado da lixeira, dormindo com o corpo todo encolhido sobre si mesmo. Foi na sexta-feira que trouxe o animal para dentro de casa. Ainda tinha uma das camas velhas do outro cachorro, que fora embora junto com o casamento, e havia passado em um pet shop para comprar os recipientes de água e comida, além do próprio alimento para o novo morador de sua casa.

— — —

Por que não conseguia dormir? Dormia, é claro, todos dormem, mas não na hora certa, na hora esperada para um professor de português, sujeito sempre muito respeitável, contido, que dorme cedo, veste-se com polidez e tem a fala calma, de quem é íntimo da palavra. Era um homem adulto, não mais uma criança se aventurando pela madrugada. Tinha ainda na memória a primeira vez que ficara acordado após as duas horas da manhã. Passava o fim de semana na casa da avó, longe dos olhares de reprovação do pai e da mãe e sob uma tutela muito mais permissiva, uma vez que avós têm a tarefa sagrada de conceder e muito pouco cobrar. Quando a mulher foi dormir, passou a observar os ponteiros andarem no relógio da sala com ansiedade, como se estivesse prestes a cometer um grande crime, um assalto ao banco planejado por semanas, um crime cheio de mistério, superando secretamente a barreira do tempo. Era o mais tarde que já havia permanecido acordado. Sempre era obrigado a dormir cedo, a mãe dizendo que quando ele tivesse uma namorada poderia voltar só de manhã para casa, mas por enquanto deveria dormir cedo para acordar disposto e ir para a aula. Finalmente venceu o horário do desafio imposto a si mesmo, duas da madrugada, apenas para descobrir que não havia barreira nenhuma e que depois das duas horas os minutos continuam chegando e logo são duas e cinco e os olhos estão ardendo do sono devido e não pago.

Precisava chegar à escola às sete horas da manhã para preparar as aulas do dia e na última semana havia chegado sempre depois disso, o que gerava uma cadeia indesejada de eventos — o café tomado com pressa, a língua queimada, os papéis confusos, a ordem das lições trocada, aulas dispersas, explicações pela metade e longas pausas para lembrar de coisas simples: os pronomes, os adjetivos, as orações subordinadas, suas velhas conhecidas, agora elas mesmas olhando sem entender o que significavam, qual era seu papel no mundo, sentadas nas cadeiras ao lado de alunos distraídos e sonolentos.

Era uma inquietude. Um roçar nas costelas, por baixo da pele, onde as mãos não alcançam para coçar. Queria saber alguma coisa, descobrir algo, abrir uma porta há muito trancada, mas não encontrava a maçaneta.

Já pelo meio da semana, em um dia como esse, cinzento e cheio de umidade, chegou antes do anoitecer em casa. Viu o porteiro praguejando dentro de sua cabine. O trabalhador estava organizando a sala com suas coisas e limpando a sujeira do colega do turno vespertino, que havia derramado refrigerante sobre os papéis e molhado as encomendas que esperavam seu destino final. Não sabia o nome do homem, então puxou o papo pelo braço, como se já estivessem conversando. Perguntou sobre as encomendas, que bagunça, hein. Tem alguma para mim? Apartamento 47 G, perguntou sobre as chaves da lixeira, todo mundo já veio buscar? Colocou o que realmente queria saber no fim da frase, um adendo. “Por falar nisso, era você que estava aqui naquela noite?”.

“Qual noite, patrão?”. Percebeu que só ele mesmo ainda se importava com o assunto.

“A noite em que o sujeito dormiu ali na lixeira”.

“Não era eu, não senhor. Eu sou novo. O anterior foi demitido depois dessa noite aí, parece que dormiu no serviço”.

“Claro, claro. Eu só estou curioso. Então você é o substituto”.

“Sou, sim, senhor. Mas não precisa se preocupar, não, viu, já fui instruído, qualquer movimentação suspeita eu aciono a central e eles chegam aqui em dois minutinhos, pode ficar tranquilo, não vai mais acontecer”.

“Claro, claro, tenho certeza, só me diga uma coisa: os moradores podem ver as imagens do dia? Pensando na segurança dos meus filhos, sabe. Imaginei que, caso eu veja o rosto desse homem, posso identificá-lo e prevenir uma situação perigosa na rua, entende…. Como é seu nome? Márcio, sim, você entende, Márcio?”.

“Olha, doutor, normalmente tem que ver essas coisas com o síndico, sabe como é, eu já trabalhei em vários lugares e já vi gente perder o emprego por muito menos. Eu acabei de chegar, eles me demitem logo de uma vez para nem precisar pagar o almoço”.

Alberto Gusmão já estava preparado para contra-argumentar, oferecer dinheiro, prometer privacidade, qualquer coisa, mas viu o homem digitar no computador e acessar uma pasta de vídeos. “Foi na quarta-feira, né? Tá aqui ó, vê rapidinho, por favor, não sei se dá para identificar o meliante”. Não dava: o vídeo estava em preto e branco e tinha a resolução baixa das câmeras de segurança, a imagem granulada e distante em um monitor pequeno. Conseguiu ver apenas a descrição que havia recebido, um homem alto e magro retirando as sacolas de lixo e entrando na lixeira, depois saindo logo de manhã cedo, às 6h12, de acordo com o relógio no canto alto direito da tela. Agradeceu ao porteiro, jurou pelos filhos imaginários que não contaria a ninguém e voltou para casa.

Havia quase esquecido do novo morador do apartamento, mas a prudência da manhã havia garantido que pusesse comida e água para o cão, a quem chamara Fernando Pessoa, não pelas poesias que fazia, mas pelas manchas que tinha no rosto e lembravam os óculos e o bigode do poeta. A adaptação havia sido melhor do que o esperado. Teve medo de que o animal não se acostumasse à vida em apartamento; era grande e afeito à liberdade da rua, mas o medo não se justificou: Fernando Pessoa tinha a cabeça aberta para novas possibilidades e se apegou imediatamente ao humano e a seu novo lar. Talvez fosse o primeiro lar que conhecia e o primeiro humano com quem convivia de perto, por isso estava livre de qualquer preconceito.

Não havia nada para fazer na casa, ou melhor, nada que quisesse fazer, então passeou com Fernando Pessoa pela vizinhança. Andaram por ruas que nunca havia visto com mais do que um olhar de atenção. Inconscientemente, passou a procurar pelos cantos, imaginando que poderia encontrar quem buscava dormindo embaixo de alguma marquise. A noite do meio da

semana deixava as ruas do centro da cidade vazias, apenas alguns focos de boemia intransigente e valorosa em um ou dois bares.

Tentou encontrar o desconhecido nos rostos barbados que ali se aglomeravam falando alto uns com os outros, mas não teve sucesso. Já fazia o caminho de volta quando esbarrou em um amigo que não via há meses, embora se comunicassem diariamente nos grupos de celular que compartilhavam. Conheceram-se na faculdade de letras, embora o amigo, Jorge, tivesse largado o curso no segundo ano para tentar arquitetura. Reconheceram-se em lados diferentes da rua, um acenou, o outro atravessou e cumprimentaram-se com o carinho da distância, uma mão apertando a outra e ambas permanecendo entre os corpos de cada um durante o abraço tímido.

Alberto sentou-se com os amigos do amigo e aceitou um copo de cerveja por educação. Fernando Pessoa ajeitou-se no chão, deitando-se sobre as patas ao lado da cadeira de seu companheiro. Passava das 22h e o clima era agradável, algo imprevisível como o esperado para aqueles dias. Conversou com conhecidos e estranhos, que passaram logo a ser íntimos, como acontecia na juventude, um fenômeno próprio das mesas de bar. Não sabia para onde havia ido a juventude, mas ainda tinha a velha capacidade para atrair sem esforço a simpatia dos outros, um dom natural entre o sorriso e a impertinência, logo acima dos lábios, que convidava o interlocutor para a conversa. “Você acha que ele mora por aqui, em alguma rua dessas?”.

“Acho que sim. Qual seria a alternativa?”.

“Um bêbado perdido”.

Alberto riu. Gostava da inocência calculada de Rubens.

“Por que não? Veio aqui até esse mesmo bar em que estamos, riu com os amigos, pediu torresmo, brincou com o garçom, bebeu a milenar inquietação do mundo até não reconhecer mais as ruas, entrou no primeiro lugar que viu para se proteger da chuva”.

“Não, não foi nada disso. Tinha sobriedade nele”. Foi a vez do amigo rir.

“Você sempre tentou enxergar sobriedade nas pessoas, Alberto, mesmo nas menos sóbrias”. Balançou a cabeça e tentou negar para si mesmo, mas era impossível: o otimismo que carregava consigo desde a infância era notório. Entendia como um mecanismo de defesa contra o mundo e estava particularmente à vontade com isso, a não ser quando chamavam sua atenção para a realidade. Enquanto estava perdido nos pensamentos, Jorge contou uma história que prejudicaria ainda mais seu sono. “Ano passado eu encontrei o Carlinhos, lembra dele? Jogava no gol, era um puta goleiro, na verdade. Tá morando na rua. A gente foi uma ou duas vezes lá, a mãe dele fazia um bolo de banana maravilhoso, lembra? Passei por ali de carro no ano passado e vi ele sentado na calçada. Chamei: “ô, Carlinhos”. Não me reconheceu. Falei “sou eu, Jorge, irmão da Marlene”. Aí o olho dele brilhou. “Jorge!”. Saí do carro e conversamos. Perguntou como estava todo mundo, se eu ainda falava com a turma. Hesitei em perguntar como ele estava, o que havia acontecido, mas nem precisei. Ele mesmo disse. Os pais morreram um em seguida do outro, essas mortes que a gente vê no jornal de gente que não consegue viver sem o parceiro e morre de amor, ele disse. Não tinha mais ninguém, só uma tia morando em Campo Grande que não via desde que era criança. A casa dos pais era alugada. Manteve-se lá por um tempo, mas o vai e vem de emprego e desemprego o levou a desistir de tentar pagar o aluguel. Morou de favor, andou sem rumo e finalmente foi parar na rua. Eu não soube o que dizer, porra, o que a gente diz quando ouve isso? Chamei ele para jogar uma sinuca no bar da esquina. Ele disse que não podia entrar ali, que estava devendo muito e era capaz do dono brigar com a gente. Eu perguntei quanto ele estava devendo e eram cinquenta reais. Cinquenta reais! Falei “Carlinhos, eu pago a sua dívida” e paguei. Ele me abraçou, quase chorou, parecia que eu havia dado um carro para o cara. Depois jogamos uma sinuca, perdi as duas partidas e fui embora”. Não havia mais o que dizer. Alberto Gusmão chegou em casa já depois da meia-noite, sentindo os olhos pesados.

Sentia culpa por beber em um dia de semana e chegar tarde tendo aula no dia seguinte logo cedo, sempre imaginara-se como um profissional sério, livre de vícios, bem avaliado pelos colegas, nenhuma mácula no currículo e nem uma vírgula que pudessem falar sobre seu caráter, muito menos sobre sua capacidade, mas já não conseguia dormir na hora que deveria de qualquer forma, mesmo estando a noite toda em casa, de modo que pelo menos o álcool poderia acelerar um pouco as coisas e facilitar o processo, tornando-se um inesperado aliado. Isso não aconteceu.

3.

Já não se interessava por nada novo. Era um sentimento que vinha escondido embaixo da pele e não sabia bem como defini-lo, mas via com cada vez mais clareza: nada nem ninguém que conhecia despertava a emoção que despertava alguns anos antes. Ainda se interessava por um filme ou um show, mas era como o reflexo de uma emoção, uma lembrança do que poderia sentir, uma refeição sem sal; sentia a corrente elétrica passar por todo o corpo ao falar com alguém que acabara de conhecer, mas o choque de excitação durava cada vez menos tempo e era cada vez menos relevante. Sentira a falta de sentimentos na conversa de bar da noite anterior, em meio às risadas e aos copos brindando. Compartilhava o momento de forma genuína, mas a lembrança dos momentos anteriores, com mais vida, o assombrava em silêncio. Não se esforçara para parecer interessante ou para conquistar a atenção de ninguém, e mesmo a conversa com o amigo que conhecia há anos parecia superficial e distante. Experimentar não era mais um objetivo; buscava refúgio naquilo que já conhecia e na rotina, como o café preto, o único remédio para a ressaca. Uma xícara cheia apaziguava a dor latejante no lado direito da cabeça que sentia depois de beber além do planejado. Se não houvesse acordado tarde, exatamente quarenta minutos atrasado, saído da cama em um pulo, tomado uma ducha gelada em dois minutos e corrido para o carro, esbarrando na mulher grávida do bloco, recebido suas ofensas enquanto pedia desculpas e procurava as chaves no bolso, teria feito o café com tranquilidade e chegado disposto à escola. Ao invés disso, chegou atrasado, sem tomar o café bom em casa e nem sequer o café ruim da máquina da sala dos professores, com gosto de plástico. A sala abarrotada do sétimo ano, já dispersa e arredia naturalmente em uma quinta-feira, soava como um animal de várias cabeças que gritava sem parar, sedento de vida.

Fez com que os alunos escolhessem algum livro para que lessem, de modo que não precisasse falar mais do que uma dezena de palavras. Quando se acalmaram, pensou se seria prudente

pegar um copo do café intragável da máquina, dos males o menor. O plano falhou quando uma das alunas levantou a mão para perguntar sobre um livro perdido de contos de Cortázar que estava na pilha com as velhas aventuras infantojuvenis, como isso veio parar aqui? A jovenzinha, Maria Clara, sentada sempre no canto direito da sala, mais para frente do que para trás, queria saber mais sobre o conto chamado A Casa Tomada. Alberto Gusmão tentou explicar resumidamente a alegoria, o peronismo, o exílio, a convulsão social na América Latina, os conflitos, mas temia ter conseguido apenas confundir ainda mais a menina. A dúvida, no fim, não era sobre a natureza dos invasores, se eram pessoas, espíritos, monstros ou qualquer coisa, mas sim sobre a resignação dos moradores, que abandonavam o lar sem demonstrar resistência. “Por que não chamam a polícia? Ou um exorcista, sei lá. Eles não fazem nada”.

“Por que você acha que eles deviam fazer isso?”. Devolveu a pergunta para ouvir o que saía da mente infantil-quase-adolescente. “Porque é a casa deles. Se alguém entra na minha casa, meu pai sai atirando sem pensar duas vezes”. A menina retrucou fazendo as armas com as mãos e som do estampido de quando aperta-se o gatilho, paw, paw. “Tenho certeza que sim”, respondeu em meio às risadas da turma, tentando manter a conversa viva antes que todos se dispersassem. “Essa é uma história que nos convida à interpretação. O autor tinha suas próprias ideias, mas escreve pensando na participação do leitor nessa troca entre quem escreve e quem lê. É preciso interpretar. Se você interpreta que eles são uns medrosos que não lutam pelo que é deles, tudo bem, é a sua interpretação”.

“Mas qual é a certa, professor?”.

“Não tem certo ou errado”. Não tinha certeza se aquela era a resposta certa ou se apenas estava apelando para o clichê. “Tem a ver com sobrevivência”, pigarreou. “Eles sentem uma ameaça que não sabem muito bem qual é, mas sabem que é perigosa o suficiente para ameaçá-los e ser, de fato, algo que os tira do lugar. Eles não querem sair, amam a casa,

passaram a vida lá, mas conforme são empurrados para um canto qualquer, sabem que já não podem ficar, precisam sair, sabem que não podem ter a vida resumida a um pedaço do que já havia sido. Vão porque não podem mais ficar e pela mesma razão pela qual nós sempre vamos de um lugar a outro, para que a vida melhore, para que nós mesmos sejamos pessoas melhores em outro lugar, ou pelo menos pessoas de quem gostamos mais".

Estavam ouvindo? Não tinha certeza. Maria Clara olhava-o com atenção e parecia estar pensando a respeito do que ele falara, o que já era uma vitória. Abordou as outras questões, ela levantou a mão primeiro, depois é você, ô gente, silêncio! Vamos respeitar a voz dos colegas. A aula foi mais animada do que poderia esperar, o que normalmente seria uma coisa boa, mas só conseguia pensar no que ainda precisava fazer.

Terminou em poucos minutos a marmita morna feita às pressas pela manhã e foi fazer o que havia mal planejado enquanto corria para o trabalho; não era um plano, mas um pensamento. Foi até a entrada da escola e ligou do celular para o órgão responsável pelas ações sociais da Prefeitura. Sabia para onde ligar e tinha a motivação, dispersa, difusa, mas firme; quanto ao que dizer, resolveu acreditar no potencial de improviso dos próprios pensamentos. Atendeu uma mulher, Cláudia, como posso ajudar. Apresentou-se como professor da rede pública, imaginando alguma camaradagem entre servidores, mas não recebeu palavras de aproximação ou cumplicidade. Tentou ser direto, na medida do possível. Perguntou a respeito de algum tipo de cadastro de moradores de rua, algo que pudesse ajudar na identificação de alguém, um eventual parente perdido. Claudia perguntou se ele havia perdido alguém, isso era com outro departamento, o senhor precisa ligar no zero oitocentos sete sete. Interrompeu antes que ela pudesse terminar. Decidiu ser honesto: um homem dormiu na lixeira do meu condomínio, uma situação absurda, impensável e poderia ser somente isso, mas agora coloquei na cabeça que preciso encontrá-lo, Claudia, não sei por que, eu não sou de fazer caridade, acredito firmemente que o Estado deve resolver o problema da fome, da moradia,

do lazer, ou ao menos amenizar o sofrimento, isso não é problema meu, não é problema meu, mas preciso saber sobre esse homem, preciso descobrir quem é ele, como foi parar em uma lixeira em um dia de semana, posso até ajudar de alguma forma, se for o caso, não sei bem como poderia, tenho minhas aulas e um cachorro para cuidar, mas é só, se tiver alguma coisa que eu possa fazer, desde que não atrapalhe meu trabalho ou meu descanso, desde que não incomode, isso não dá para negociar, talvez em algum fim de semana, desde que não em todos, ou em muitos, é preciso descansar, eu sei como isso pode soar, eu sei, mas eu só quero saber se você pode me ajudar. Estava com os olhos lacrimejando pelo esforço e era observado por dois alunos sentados no banco em frente à escola, que disfarçaram o olhar agora que ele olhava para eles, dane-se, que olhem, pensou com o olhar fixo nos dois adolescentes já que tinha o telefone no ouvido como desculpa para olhar para onde quisesse.

Cláudia não sabia o que fazer. Havia almoçado no buffet por quilo de sempre na esquina do trabalho pela praticidade e pela recompensa da limonada gratuita. O cardápio incluía frango com molho, diferente do dia anterior, no qual fora servido frango grelhado, e provavelmente diferente do dia seguinte, que aguardava com a surpresa das bistecas de porco no lugar do frango, que voltaria triunfante na semana seguinte. Não era o lugar dos sonhos, mas era mais barato do que a churrascaria, reservada apenas para as ocasiões especiais, como a chegada do salário na conta. Demorou a esboçar alguma reação, surpreendida. Alberto Gusmão achou que ela havia desligado, falou alô novamente, e ouviu que Cláudia ainda estava lá, só não sabia o que fazer. Perguntou o porquê daquilo tudo e ele não soube responder, foi sua vez de ficar em silêncio. Ela disse que o único registro que tinha era dos moradores de rua que eventualmente eram encaminhados para os abrigos. Se o tal homem alguma vez houvesse passado por um deles poderia ter seu nome lá, mas não havia nenhum registro fotográfico ou coisa do tipo. Recomendou que descobrisse o nome antes de procurar pelo homem. Como? Não sei, senhor. Eu também não sei, Claudia.

Voltou para dentro observado pelos dois garotos, que já não disfarçaram as risadas. Não esperava muita coisa da ligação, não saberia dizer como alguém poderia saber sobre o homem, mas estava disposto a ser surpreendido, talvez fosse um caso famoso entre os profissionais da ação social da cidade. “Ah sim, há um homem que dorme em lixeiras, nós o conhecemos, o nome dele é Fulano de Tal e ele faz isso como um tipo de protesto, ele gosta de causar espanto, creio que é artista e fará uma exposição no Museu Oscar Niemeyer com as imagens das câmeras de segurança”. Entrou na próxima sala de aula, pesada e lenta pelo almoço recente, o sangue de todos nos estômagos e intestinos, deixando os cérebros vagos. Imaginou as fotografias borradas das câmeras de segurança mostrando um homem saindo de lixeiras de condomínios nas grandes paredes do museu, registros peculiares do dia a dia da cidade.

— — —

Sérgio Benevides preocupava-se com o trânsito, mas preocupava-se mais com o que diriam os filhos — ou com o que não diriam. Estava atrasado. Ficara preso em uma reunião que ele mesmo convocara para tratar de vendas que só aconteceriam em três meses, mas seu lema era aquele de Roosevelt, sobre afiar o machado por sete horas antes de cortar as árvores caso tivesse oito horas para cortar árvores, o que parecia fazer sentido no mundo corporativo, embora fizesse pouco ou nenhum sentido para o mundo das árvores, que já se via quase sem árvores e, caso tivesse o que dizer sobre o tema, diria para quem quer que fosse, Roosevelt ou Sérgio Benevides, que usasse aquelas horas para pensar em algo melhor para fazer, talvez para plantar mais árvores e não cortar as poucas que restavam.

Perdeu a hora falando sobre o lucro e as porcentagens, sobre as metas e sobre vestir a camisa da empresa, o que significava trabalhar até mais tarde sem receber hora extra, já que a

empresa não veste a camisa de ninguém, não cabe, são muitos braços. Só pensou nas crianças esperando no colégio quando finalizou seu discurso e olhou para o relógio. Agora teria que enfrentar o trânsito das 17h30 e não o das 17h, uma diferença pouca em termos de tempo, metade de uma hora não é nada no mundo das horas, repleto de horas cheias, porém enorme em termos de carros, quase a diferença entre um trovão e uma bombinha de festa junina, que faz somente aquele *track* que dá um susto passageiro que logo é esquecido na próxima fatia de bolo de fubá. Enquanto tentava não deixar-se controlar pela ansiedade e pelos pensamentos atropelados, fez a mente vagar pelos problemas, os importantes e os insignificantes, embora todos ficassem do mesmo tamanho quando encontrava-se nesse estado. Era ansioso, embora não gostasse do termo, preferia dizer que tinha ansiedade; dessa forma poderia se livrar do problema em algum momento, quando quisesse, era como uma roupa que tinha e poderia descartar: uma roupa que não o servisse mais, mas esta ainda servia; ser ansioso soava como parte de quem era, algo grudado em sua pele, sem chance de desgrudar, então dizia que tinha, não que era. Lembra do que a médica disse, lembra, um, dois, três, quatro… lembra, calma, calma. Chegou às 18h20, pediu desculpas, prometeu um chocolate e ouviu apenas murmúrios dizendo que tudo bem e não tinha problema.

Depois do jantar e do banho, sentou no sofá para assistir ao que estivesse passando na TV ao lado da esposa, algo que fazia desde quando não lembrava, era como dormir e acordar, um movimento automático, um imã no sofá, uma corda puxando os olhos para o televisor, um calmante que tomava sem querer junto com a água. “Vi o professor falando com o porteiro novo hoje”, disse ela. A vida dos vizinhos era o assunto preferido do casal, muitas vezes o único que tinham para que a noite não fosse toda tomada pelo silêncio em frente à TV. “Sobre o quê?”, questionou de forma mais ríspida do que gostaria. “Não sei, Sérgio, eu falei que vi, não que ouvi”. Resmungou um pedido de desculpas e tentou imaginar o que faria o vizinho da frente falar com o porteiro, ele que não falava com ninguém, só dava bom dia e

concordava com a cabeça quando alguém falava, no máximo dizia algumas palavras difíceis. “Coisa boa não deve ser. Desde que o outro foi embora aquele lá não fala com ninguém, por que iria falar com o porteiro? Será que tem algum problema no apartamento? Se for um problema estrutural nós precisamos saber”.

“O outro?”

Susane Benevides, casada há dez anos, sabia bastante bem o que pensava o marido na maior parte do tempo. Já ouvira tantos comentários sobre os mais variados assuntos que muitas vezes nem precisava que o homem dissesse qualquer coisa, por isso sabia também de quem o marido estava falando, do ex-marido do vizinho, mas também sabia que ele não conseguia dizer aquela palavra. “Sim, o outro que morava com ele”.

“O marido?”.

“Sim, o ma-ri-do”. Separou a palavra em sílabas, uma de cada vez para não ser mais uma palavra. Sabia que a esposa falava só para provocá-lo, um pequeno alfinete em uma almofada de costura que já nem sente mais a picada, apenas consente e afunda. “Deve ter falado sobre o cachorro”.

“Que cachorro?”.

“Ele tem um cachorro agora”.

“Mas não pode!”. Poderia? Não lembrava, mas parecia impróprio. “É grande? Se for grande não pode”.

“Parece que pode”.

“Não pode. Eu vou falar com o Maurício agora mesmo”. Ligou para o síndico, um profissional capacitado, síndico de mais de 10 condomínios, mesmo que morasse apenas em um deles. Não atendeu. Mandou uma mensagem e recebeu a resposta alguns minutos depois. Cães eram permitidos, mesmo os maiores, havia sido decidido em assembleia oficial. “Um

maldito cachorro, era só o que faltava. Vai latir a noite toda daqui para frente, quer ver? Sem falar no cheiro que vai ficar nesse corredor, pode apostar, um fedor só".

A esposa já não estava mais ouvindo.

— — —

O telefone tocou às 21h. Alberto Gusmão não esperava uma ligação. Com a cabeça ainda pesada e doída, atendeu e ouviu a voz da ex-esposa. Não havia um protocolo ditando as regras de etiqueta a respeito de ligações para ex-maridos que se separaram pela segunda vez, mas Júlia Paredes certamente havia estabelecido que seis meses era o tempo ideal.

Conversaram um pouco sobre nenhum assunto importante. O papo saía truncado, as falas umas em cima das outras, atropelando-se, como se não soubessem mais acertar o ritmo um do outro. Marcaram um jantar para o dia seguinte, poderia ser em tal e tal lugar, por que você não vem aqui? Eu cozinho qualquer coisa. Foi assim. Na hora, não pensou no desconforto de receber a ex-mulher na casa que há pouco tempo compartilhava com o ex-marido. Checou a caixa de sentimentos para ver se o amor de quando namoravam ainda estava lá em algum canto, não, não há nada aqui, faz tanto tempo, ela já é outra pessoa, eu também, já é outro rio. Tudo estava em seu devido lugar, até que deixou de ignorar o sorrateiro sentimento da provável atração sexual por uma nova pessoa na pele da ex-mulher, uma nova pessoa que já conhecia, de certa forma, uma outra versão daquela, o que tornava o potencial para que fosse uma pessoa nova de quem gostasse e com quem quisesse ir para a cama novamente bastante considerável. Júlia não percebeu os pensamentos confusos do ex-marido ao entrar pelo apartamento no dia seguinte, mas trazia uma garrafa de vinho em uma mão e o desconforto

na outra. Era impróprio, certamente. Não conversavam de verdade há… meu deus, há quanto tempo? Trocavam algumas mensagens nos aniversários e no Natal, mas nada além do cotidiano e dos parabéns. Não tinha para onde fugir: as janelas tinham grades e se corresse pela porta tinha medo de assustar o cachorro. “Você vai casar de novo?”. Já que o desconforto estava ali, resolveu pegá-lo logo pela mão e colocá-lo em seu devido lugar. Eram íntimos novamente na primeira pergunta. “Não sei se eu acredito mais em casamentos”. Alberto Gusmão riu da própria resposta. Não significava nada. “Talvez os casamentos não acreditem mais em você. Pelo menos os padres eu tenho certeza que não”. Conversavam enquanto ele colocava o caldo no risoto, uma, duas, três, quantas vezes necessário. Comeram entre outras pequenas provocações, lavaram e secaram a louça e sentaram no sofá.

“Talvez eu fique sozinho mesmo, pronto. Ao menos quando morrer não corro o risco de dar os últimos suspiros com alguém sofrendo ao meu lado, me olhando com o olhar compadecido, sem poder fazer nada e eu também sem poder fazer nada, já que estarei ocupado tentando continuar vivo”.

“Você não acha triste morrer sozinho?”.

“Acho triste morrer. Tenho pensado muito nisso, nessa coisa toda da morte. Já estou com quase quarenta. Se viver o pouco que já vivi apenas mais uma vez já se vão quase oitenta, e aí acabou, não tem mais nada”.

Júlia não esperava que a conversa tomasse aquele rumo. “Meu medo é que eu não queira lutar”.

“Como assim?”

“Como quando a gente está com sono, quase dormindo. De repente os pensamentos se soltam, se desfazem como algodão doce na boca. Você tenta segurá-los para manter o raciocínio, mas nem consegue mais entender como chegou naquele pensamento, e naquele outro e quando vê eles já agem por conta própria e você só quer se deixar levar, cansada de

segurar. Eu tenho medo que seja assim, que eu queira fechar os olhos. Acho que eu tenho medo de não ter medo".

"Seria tão ruim não ter medo?".

"Seria. Quero estar atenta. Quero que ela lute para me pegar. E aos oitenta ainda não é o fim", disse, ajeitando o corpo, como se mudasse assim a aba da navegação. "Você já estaria perto da aposentadoria. Acho que ainda faltariam alguns anos de contribuição para receber seu salário mínimo, mas finalmente poderia fazer o que sempre quis, que é sentar no sofá e não sair de casa sob hipótese alguma. E reclamar das crianças da vizinhança". Riu por trás da taça de vinho. Se ele tinha quase quarenta, significava que eles haviam rompido há cerca de cinco anos. Casaram-se jovens, antes dos 30, como se estivessem na geração dos pais, que casavam e tinham três filhos antes que a lua de mel tivesse fim. Terminaram depois de oito anos; eram felizes, até certo ponto. Sem filhos.

"Por que vocês se separaram?". Júlia havia guardado a pergunta por tempo suficiente. "Porque relacionamentos acabam, como a vida. Não é?"

"Essa era a nossa desculpa". Respondeu com um ar de intimidade na voz que ele não ouvia há anos.

"Acho que eu trouxe algumas coisas nossas para cá, inclusive as desculpas". Júlia pensou em perguntar que outras coisas deles ainda estavam lá, mas preferiu tomar mais um gole de vinho. O sexo foi desajeitado, as pernas umas em cima das outras, como se não encontrassem o encaixe um do outro. Apesar da confusão, não faltou intensidade, muito menos suor, como se voltassem aos primeiros dias de namoro adolescente. Dormiram abraçados e transaram mais uma vez durante a madrugada, dessa vez com um ritmo mais adequado, íntimo, como se lembrassem melhor.

"Conheci uma moça". Alberto Gusmão disse em meio ao silêncio, quando estavam deitados na cama. Não precisava.

“Bonita?”

“Lindíssima. Alta, ruiva, inteligente”. Exagero.

“Qual é o problema então?”

“O problema sou eu. Não liguei mais, nem mandei mensagem”.

“Por que não?”

“Tenho vergonha de dizer”.

“Diz”.

“Ela me elogiava demais. Como é inteligente, como é bonito. Ai, que bundinha linda, ai que pernas grossas. Eu não soube o que dizer”.

“Você podia agradecer”. Tentava segurar o riso entre os lábios apertados, soltando ar pelo nariz.

“Pode rir”. Ela riu. Pediu desculpa e riu mais, com a boca aberta. Alberto riu também, devagar, depois muito, de sair lágrima dos olhos. “É bom não precisar pensar se é melhor ficar e dormir de conchinha ou ir embora no meio da madrugada”. Alberto disse que estava abrindo uma exceção e a segurou mais forte, para que não houvesse dúvidas que estava brincando. “Posso contar um sonho?”, pediu Alberto Gusmão, sem sono.

“Um sonho sonho ou um sonho real?”

“Sonho sonho”

“Então pode. Mas talvez eu durma.”

“Não tem problema.”

“Sonhei que estava terminando um relacionamento, mas não era nem com você nem com o Rubens. Acho que não era nem eu que estava lá, eu estava assistindo mas ao mesmo tempo era eu mesmo, não sei. Sonho é tudo estranho. Eu estava olhando para uma janela, para o que tem depois da janela, na verdade. Não estava nesse apartamento, era um apartamento que eu não conhecia, mas ao mesmo tempo era minha casa, meu lar. “Por quanto tempo você vai

ficar olhando para essa janela?", o outro perguntava, um homem sem um rosto definido, às vezes de um jeito, às vezes de outro, e era como se perguntasse apenas por perguntar, para falar alguma coisa, qualquer coisa que não fosse um silêncio insuportável que já durava quase um bom tempo. Permaneci olhando para a avenida por mais alguns minutos. Imaginava se as pessoas nos carros me viam da janela, se alguém olhava para aquele homem acima do peso, mais perto dos 40 do que dos 30, e imaginava o que ele estava pensando, como era sua vida, o que ele gostava de comer, se gostava de programas de reforma na TV. O eu, que não era bem eu, fechava a persiana e sentava-se na cama. Os dois já sabiam que aquilo era o fim. Não exatamente aquilo, aquela briga, mas as últimas semanas, os últimos meses. Sabiam que relacionamentos longos demoram a acabar, como as sobras das festas de fim de ano, que se estendem por toda a primeira semana de janeiro nas geladeiras e tupperwares, mesmo que a festa mesmo já tenha ficado para trás com seus encontros familiares, espumantes e as aves típicas da época. Estendiam a briga por medo de que ela acabasse e aí fosse o fim mesmo. Ninguém termina um relacionamento por causa de uma caneca esquecida em cima da pilha de louça. Relacionamentos começam já terminando, como a vida, dizia meu namorado, ou meu marido, não sei, vamos dizer que era um namorado. É menos um beijo que já ficou para trás, em meio a uma carona para o trabalho ou um passeio no parque. O Alberto Gusmão do sonho tentava jogar o pessimismo pela janela, mas ele grudara em suas mãos. Era cheio de detalhes. Viviam ali há apenas seis meses e culpavam o apartamento pelo desandar das coisas. Eu lembrava de coisas como se tivessem realmente acontecido, como a primeira noite que passaram ali e o namorado perguntou se eu estava feliz. Respondia que sim, mas depois eu pensava se aquela não havia sido uma resposta automática. Era realmente feliz? Eu refletia e chegava à conclusão que a culpa não era do apartamento. Apartamentos não fazem mal a ninguém. Sem que ninguém perceba, eu pensava, o convívio, posando de bom moço, mostra as garras e elas são como as garras de um gavião faminto. As diferenças no horário de dormir

engolem o sexo, as tarefas da casa tornam-se mais importantes que um carinho, a compra da comida do gato precisa de um tratado de paz para ser feita. Eu tinha um gato.

Quando o namorado ia embora nós choramos, nos abraçamos, demos as mãos e finalmente largamos. Fiquei sentado na janela mais uma vez, olhando os carros voltando para os bairros. Sentia uma tristeza inalcançável, que se escondia em cada canto, por trás de cada porta do apartamento, embaixo do sofá, sorrateira, pronta para dar o bote. Ri quando me peguei pensando em como iria explicar para o meu pai do sonho, que também não era meu pai real, que havia terminado com o primeiro namorado que o homem aprovara. Eles assistiam futebol juntos nos fins de semana e passavam horas conversando sobre filmes de guerra. Fiquei olhando para a avenida até os carros sumirem, as luzes se apagarem nas janelas e só alguns andarilhos aparecerem aqui e ali vasculhando os lixos, enquanto o gato que eu tinha caçava a tristeza pelo apartamento. Senti uma solidão que nunca senti antes, irmã gêmea e tímida da tristeza. Quis estar rodeado de amigos, risadas e histórias. Quis que meus entes queridos morassem ao lado, na outra porta. Quis que todos que conhecia e não conhecia morassem no mesmo lugar, uma parede após a outra, em uma cidade sem ruas, avenidas ou pontes. Sem distâncias a serem atravessadas, sem separações e sem solidão. Peguei pela mão a tristeza, que era uma mulher com os cabelos bem grandes, bem escuros, até a cintura, e fui para a cama. Deixei a solidão na sala, solitária na forma de uma criança. Lá embaixo, a avenida brilhava com a luz eterna da vida cotidiana. Estranho, né?"

Júlia não respondeu. Alberto Gusmão imaginou em que momento da história havia perdido sua atenção, mas logo também pegou no sono. Dormiu deixando os pensamentos soltos. Acordou antes dela e foi fazer o café sem saber bem o que pensar ou o que dizer, esperando talvez que não precisasse dizer nada de verdade. Tinha somente algumas bolachas de água e sal já abertas e um pouco de margarina, culpando-se por preencher essa caixinha no manual do homem solteiro. Coava o café quando ela apareceu pela porta, já vestida. "Preciso ir".

Estavam em um filme? Já tinha visto aquela cena em algum filme, mais de um. “Não quer tomar o café antes?”. Não quis. Alberto Gusmão não insistiu. Tinha pavor de insistir. Nunca quis ser a água, que bate, intrometida, intrusa, até que a pedra fura. A história é contada pelos olhos molhados da água, a história de sucesso de quem insiste, nunca da pedra, que nunca quis ser furada nem incomodada, dona água, por favor, quero ser maciça, redonda pedra, toda pedra, sem furos, como minhas irmãs que não moram perto do mar, pare, por favor. Tinha pavor de ser a água insistente que incomoda quem só está parada, pedra. Júlia disse que não podia, mas o verbo era outro. Ela não queria o café e certamente não queria mais ficar ali, na companhia do ex-marido. Não por raiva, rancor ou qualquer dos sentimentos que vêm do fígado. Por prudência. Beijaram-se no rosto, as bocas quase encostando-se, mas prudentemente separadas. Era prudência.

— — —

Fernando Pessoa não fazia poesia nem se preocupava com os antigos reis portugueses e seus feitos além-mar, mas latia ao ouvir ruídos no corredor, como todo bom cachorro, como dita a meritocracia humana, não a dos cães, para a qual todos os cachorros são bons, os que latem ou os distraídos, mesmo os desobedientes e rebeldes, desses é o reino dos céus canino. Ninguém nunca bate à porta, pensou Alberto Gusmão enquanto encarava a tela da televisão e ouvia entre os latidos o que poderia ser uma batida na porta. Não é uma batida, é outro som, mas era uma batida na porta. Outra, e outra, três batidas. Levantou da poltrona com a dificuldade rotineira das articulações desgastadas e foi até a entrada da casa. “Quem é?”, perguntou, esperando não ouvir resposta. “Sou eu”. A resposta veio ainda assim, grave em uma voz desconhecida. Sabia quem era, mesmo sem reconhecer o som. Incrédulo, girou a chave, puxou a maçaneta e deparou-se com um homem alto, com olheiras que escondiam

olhos grandes e desconfiados, vestido com uma camiseta outrora branca, uma calça jeans alguns tamanhos maiores do que o combinado e um chinelo de dedo que não escondia as unhas por cortar. “Eu não sou do futuro”, disse o estranho, como se respondesse uma pergunta descabida que ninguém fez e ninguém faria. “Eu não acho que você é do futuro. Ninguém é do futuro. Eu nem sei quem é você para achar qualquer coisa”. Alberto retrucou desconcertado, as palavras saindo da boca sem que pudesse pará-las. Tinha a impressão de conhecer aquele homem de algum lugar, não só das câmeras de segurança. Falava como se o conhecesse, e o contrário também era verdadeiro: o estranho dirigia-se a ele como se fossem conhecidos, amigos até, com uma informalidade de quem não precisa se apresentar ou dar bom dia. “Você sabe quem eu sou. E vai achar que sou do futuro”. Disse entrando pelo apartamento com a confiança dos que foram convidados.

Alberto consentiu com a entrada, ainda que de forma confusa; não sentia ameaça, tampouco covardia. Estava irritado por perder tão facilmente o controle da situação, entravam em sua casa e ele nada fazia, mas estava também intrigado pelo desenrolar inesperado das coisas; tentara sem sucesso encontrar aquele homem por dias, perdera o sono, e agora quem era encontrado era ele, em sua própria casa. Fechou a porta e tentou colocar os pensamentos em uma ordem que fizesse sentido, mas cada um corria em uma direção diferente. Pegou um copo de água para si mesmo e outro para o visitante. “Por que eu acharia isso, que você é do futuro?”. Tentou dar sentido à conversa, ao menos uma direção. “Eu sei que você está me procurando”, disse o visitante, já acomodado no sofá. “Eu… Como?”. Havia falado somente com a mulher da Prefeitura, mas não chegara a lugar nenhum. E com o porteiro. Eram conhecidos? Isso explicaria como o sujeito entrara no condomínio. “Eu sei de coisas que ainda não aconteceram”.

“Como assim? Você por acaso é do futu..”, parou a frase no meio, mas a resposta já estava lá. “Eu não sou do futuro”.

O que era isso? Uma piada? Uma armação? Um golpe? Lembrou de quando a mãe, inocente, entrara em um carro de estranhos para ajudar um homem a receber um suposto prêmio e quase fora sequestrada. Teve a alegria culpada de menino ao imaginar uma aventura e dias de remorso por não levar em conta o perigo que a mulher poderia correr. "O que isso quer dizer?". Tentou novamente pegar a conversa pelo cangote, mantê-la comportada. "Não quer dizer nada além do que já diz: eu já sabia que você faria essa pergunta; já sabia que tinha um cachorro; já sabia que ele seria dócil comigo; já sabia também que alguém entraria por seu condomínio e deixaria a porta entreaberta por alguns segundos. Vim porque sabia que viria; bati em sua porta porque sabia que bateria".

Talvez não fosse um golpe. Talvez fosse aqueles casos de filme, um homem muito inteligente que calcula todas as possibilidades, um desses casos inexplicáveis de jogador de pôquer que sabe a probabilidade de que a próxima carta seja um 6 ou um 9 para formar o jogo que precisa; ele não vê o futuro, não, mas sabe o que pode ou não pode acontecer. Ninguém vê o futuro, não no mundo real, e esse é o mundo real. Não é?

Tentou ser prático. "Por que você está aqui?"

"Já disse, vim porque você está me procurando".

"Mas eu procurar não tem como conclusão você me encontrar".

"Pois teve. Eu sei o que vai acontecer comigo daqui a alguns minutos e cada um desses pequenos acontecidos leva a outros que formam acontecidos maiores. Quando você começou a me procurar já encontrou, então eu me adiantei para encontrar você e descobrir o que vem em seguida".

"E o que vem em seguida?"

"Essa batida na porta".

Logicamente, antes que Alberto Gusmão tivesse qualquer reação, houve uma batida na porta, e outra, e outra. Era o vizinho dizendo que havia visto um estranho entrar pelo apartamento,

um tipo que eu nunca vi por aqui, não que eu seja preconceituoso, longe de mim, o senhor me conhece, me dou bem com todo mundo, preto, verde, amarelo, não importa, é apenas precaução, sabe como é, só quis conferir se estava tudo bem.

“Claro”, disse Alberto para a porta entreaberta, olhando para frente e tentando manter o corpo na frente do vizinho, Sérgio Benevides, era esse o nome, finalmente lembrara, de modo a bloquear a visão para dentro do apartamento. “Obrigado pela preocupação, mas é só um primo que veio visitar a cidade, chegou hoje mesmo, ainda está adaptando-se ao fuso horário e ao trânsito, não há com o que se preocupar”.

O homem permaneceu com a boca entreaberta, absorvendo o que ouvira e calculando a próxima pergunta. Alberto não esperou que ela viesse. “Boa noite!”, disse já fechando a porta. Sérgio Benevides era persistente. Segurou o peso com a mão direita e com um sorriso entre os dentes disse que Alberto poderia contar com ele para o que fosse, qualquer coisa, somos vizinhos, afinal de contas, precisamos nos unir, trabalhar para o bem comum, somos todos homens de bem, mulheres também. Eu sou amigo do síndico, o senhor sabe, qualquer coisa eu ligo para ele e tudo estará resolvido. Soltou a porta e voltou, ainda sorrindo, para o corredor. Alberto Gusmão sentou em sua poltrona e recostou a cabeça para trás, olhando para cima em busca de nada em particular, o silêncio de coisa alguma para conseguir raciocinar.

“Isso foi bem estranho”, disse o estranho no sofá. Estava acariciando Fernando Pessoa, que esticava a barriga para maximizar a área de contato e, consequentemente, o tamanho do carinho que recebia de seu mais novo amigo. “Você não sabia que seria? Já devia saber”.

“Sabia, vi tudo acontecendo pela primeira vez há pouco e agora pela segunda vez. É como ver uma peça de teatro de novo e reparar na expressão dos atores, nos erros, nas mudanças sutis do cenário”.

“Quem é você?”

“Ninguém. Quer dizer, alguém, sem dúvida, todo mundo é alguém, ninguém é ninguém, mas sou qualquer um, nasci, vivi e estou aqui, sem saber quando vou morrer, então quer dizer que ainda não morri”. Não havia o que fazer além de oferecer um pedaço de bolo de laranja ao convidado, que não era do futuro e havia dormido em uma lixeira algumas noites antes. O homem aceitou e comeu em silêncio.

“Como é isso? Não fica tudo embaralhado, presente e futuro?” Alberto decidira entrar no jogo. Não sabia bem se queria encontrar alguma falha naquela lógica torta, uma contradição que o permitisse dizer “ahá, se isso é assim e aquilo outro é daquele jeito, logo, você está mentindo, é uma grande farsa, saia já da minha casa” ou se estava realmente curioso, se queria saber como aquilo funcionava, se queria que fosse verdade.

“No começo era uma confusão danada, mas depois ficou mais tranquilo. Eu só vejo o que está prestes a acontecer, nada muito útil, talvez um acidente de trânsito, uma tropicadela na calçada, um gol, nunca mais dei azar por gritar gol antes da hora. É como se observasse duas pistas em uma estrada, uma mais lenta e outra mais rápida, uma que vai, afasta-se de mim, enquanto a outra a segue e vai fazendo as mesmas curvas depois, com mais calma, devagar, certa de onde ir”.

Queria saber mais. Ainda que fosse mentira, queria saber para onde aquela história absurda iria. Recostou-se na poltrona e relaxou os músculos pela primeira vez desde que o estranho chegara.

“Qual é o seu nome?”

“Paulo Presente”.

“Você sempre teve esse… dom, Paulo Presente?”

“Não, senhor. Começou seis meses atrás. Você já ouviu falar na flecha do tempo? Eu encontrei ela na calçada na esquina da Marechal Floriano com a Marechal Deodoro, em frente a uma loja de calçados”.

4.

Para Alberto Gusmão, tudo havia sido bastante normal até aquele ponto específico e comum da vida, mesmo que o normal saísse do lugar, o que era, além de todas as suspeitas, a coisa mais normal que poderia acontecer. Ele percebera, eventualmente e com algum custo, que a normalidade não era o que todos tomavam por normal, e este era exatamente o ponto da questão, ou seja, quando morria uma criança de seis anos ao cair do décimo segundo andar de um prédio, desesperada após ser deixada sozinha pelo pai que fora levar a namorada em casa, ou quando uma mulher de família rica, de nome e renome, roubava o cartão de crédito de suas colegas de classe social no clube, mesmo sendo professora de direito penal, ou quando um homem era morto pela polícia em uma câmara de gás improvisada em um carro velho, estes e todos os exemplos de todos os dias eram o que mantinham a realidade em pé, mais do que os momentos em que absolutamente nada diferente acontecia, quando tomavam todos o café, ligavam o fogão e ficavam em banho-maria, entrando e saindo de reuniões, entrando e saindo das salas de aula, entrando e saindo do amanhecer e do anoitecer e vice-versa. O normal era o conjunto de coisas anormais e esporádicas que aconteciam de vez em quando em meio à rotina. Através desses pequenos absurdos do cotidiano, o mundo desviava o suficiente de sua própria rota para absorver o incrível, o inacreditável, tornando-o também corriqueiro. O normal, Alberto Gusmão descobrira, era expansionista.

Não tinha aulas de física há décadas, mas sabia que a flecha do tempo era um conceito teórico, uma ideia que explicava por que o tempo corre somente em uma direção, para frente, nunca para trás, a razão pela qual ontem é ontem e amanhã é amanhã e vamos do ovo inteiro para o ovo quebrado, nunca o contrário, sempre em frente, não uma flecha real que se possa ver ou tocar em uma esquina da cidade. O homem à sua frente, entretanto, parecia certo daquilo. Descrevia uma flecha amarela apontada na direção em que os carros iam, como uma placa de trânsito pela qual todos passavam sem notar que estava ali, escondida bem na vista.

Não brilhava, não reluzia. Estava apagada, largada e esquecida, mas em pé, atrapalhando o caminhar das pessoas, que desviavam e continuavam andando com pressa. “Acho que só vi ela porque estava sem pressa”, disse o homem, que se chamava Paulo Presente.

— — —

Nada daquilo era verdade, ou pelo menos não *completamente* verdade, o que fazia toda a diferença. A imprensa, mais uma vez, estava equivocada. A conversa que teria dali a algumas horas com os repórteres seria difícil e já avaliava se era melhor tentar explicar o mal entendido ou deixar que ficassem confusos com a confusão que faziam, não pela primeira vez, pelo menos não com os temas acadêmicos, ainda mais com a física, os jornais não entendiam a física nem que fosse explicada como se para uma criança do ensino fundamental. A descoberta era simples e atrairia apenas quem entendia do assunto, não fossem os benditos jornais e um colunista que aumentara o caso, fizera dele um grande caso, um estardalhaço, atraindo a curiosidade do público e de ainda mais jornais. Rubens demonstrava irritação para os pares, ironizava os jornalistas e sua ingenuidade, mas gostava da atenção. Repassava a palestra na mente, cada pensamento levando a outro, um encadeamento planejado para ser claro e objetivo, um pouco engraçado, se pudesse, mas principalmente claro e objetivo. Problema deles se não dessem risadas. Estava sentado em uma carteira que ofereceram em uma sala silenciosa da universidade. Olhava em frente para o quadro verde desgastado, com marcas de giz no canto inferior direito, o pó acumulado na soleira sobre o apagador.

Não era um gênio, sabia disso, apenas fazia seu trabalho. Concluíra o mestrado há menos de dez anos, não era o chefe da pesquisa, apenas exercia uma função em uma equipe que descobrira algo importante, uma peça na engrenagem desempenhando um trabalho quase mecânico, para dizer a verdade. Sua única vantagem em relação aos colegas é que tinha

facilidade para apresentar ideias e comunicar-se com o público, tanto o público de sempre quanto esse público curioso trazido pelo sensacionalismo da imprensa. Tentava afastar os pensamentos: comparar-se era um erro, sabia disso, e gostaria de não cometer nenhum erro pela próxima hora e meia.

A mestre de cerimônias, cabelo escorrido até as costas, vestido preto reto e um sorriso apressado, contrastante com a postura tensa, avisou que estava na hora. Imaginou, ainda que por pouquíssimo tempo, quais problemas a mulher poderia ter para estar tão nervosa, mas logo perdeu o interesse. Foi até o auditório esperando que parecesse menor do que em sua época de faculdade, mas tinha o mesmo tamanho. Só o tempo havia passado. O lugar ainda ecoava com os passos nas tábuas de madeira e tinha as mesmas cadeiras com estofado verde e pernas de aço cada vez mais enferrujadas. A sala estava cheia. Além dos curiosos e da imprensa, viu gente de outros setores da universidade, para quem era um desconhecido até horas atrás, mas que agora certamente diriam intimamente nas conversas nos corredores que conheciam seu trabalho, até mesmo que eram colegas de longa data, quando na verdade era alguém que ninguém lembrava bem quem era, apenas um rosto completamente esquecido na multidão.

“A questão do tempo”, pigarreou, “é um tanto curiosa”. Começou falando sobre conceitos amplos, como tempo, espaço e universo, tudo muito maçante para os outros físicos, que viam tudo aquilo como o colocar de tijolos na parede de seu dia a dia, nada novo, nada diferente. Para o público dos leigos era interessante ouvir falar de conceitos esquecidos da escola, principalmente vindos de uma voz que possuía a capacidade de agregar e seduzir, mas logo os pensamentos divagavam e prestavam atenção em outras coisas, nas teias de aranha nos cantos do teto, no lustre do corredor com a poeira gerando reflexos na luz e nas outras pessoas que ora ouviam, ora deixavam de ouvir. O tempo é uma dimensão, como as três dimensões que conhecemos bem, altura, largura e comprimento, explicava o professor de

física bonito e sorridente, falando algo sobre as limitações da direção do tempo, uma equação, entropia e qualquer coisa sobre o hipotético fim dos tempos – um termo colocado casualmente na conversa que atraiu a atenção de quem estava disperso. Era, afinal, o motivo para a curiosidade que arrastou o público para aquele auditório e finalmente era citado, mas o burburinho foi em vão, já que o professor seguiu com a palestra falando de números e cálculos. No fim, depois dos aplausos, uma repórter levantou a mão e perguntou se o professor poderia falar mais sobre a questão do fim dos tempos, pela qual havia passado tão brevemente. Rubens sorriu e disse que havia passado brevemente pois aquele não era o foco do evento, muito pelo contrário, era apenas um detalhe, quase uma anedota, sem contar o erro claro de interpretação: nunca havia dito fim dos tempos, mas sim fim do tempo. "Mas o fim do tempo não significa também o fim dos tempos? Quer dizer, como poderíamos viver sem tempo?", questionou a repórter, obstinada. "Essa talvez seja uma questão para uma aula de filosofia, querida, não de física", respondeu Rubens, para não perder o controle.

Explicou, enfim, da forma mais clara que podia, mas utilizando ainda termos próprios da área, para não dar tudo de mão beijada ou por puro sadismo. Se, hipoteticamente, houvesse duas flechas do tempo, uma para frente e uma para trás, e hipoteticamente o universo, ao mesmo tempo que expandisse, também retraísse e hipoteticamente estivéssemos nesse lugar, então, sim, hipoteticamente, o tempo não seria o mesmo que conhecemos. Não haveria tempo. A segunda lei da termodinâmica, se vocês se lembram, estabelece que nosso universo é o que é, e por consequência nós somos o que somos, por causa da entropia, a variável caótica que nos domina e limita. Um sistema normalmente tem mais entropia do que tinha antes, nunca menos. Só nos movemos da ordem para a desordem, da xícara inteira para a xícara quebra… Foi interrompido. Perguntaram se haveria vida nesse universo sem tempo, agora um rapazinho que nem deveria ter saído da faculdade ainda, provavelmente trabalhando para o jornal do curso. Seria humilhação dar-se ao trabalho de responder, então

continuou, mas agora com os olhos fixos em um canto particular da plateia, à esquerda de onde estava, onde seu ex-marido sentava-se ao lado de outro homem, que falava em seu ouvido enquanto a apresentação acontecia. Explicou os pormenores matemáticos, as equações, descreveu experimentos com aquela imagem na mente. Por trás da cortina dos pensamentos acadêmicos, um outro pensamento, mais egocêntrico, na coxia do cérebro, perguntava o que aquilo significava. Era uma provocação, sem dúvida. Alberto era, acima de tudo, um provocador.

Encontraram-se no fim do evento, enquanto Rubens recebia os cumprimentos de seus pares, tapas animados nas costas e elogios condescendentes, autoelogios disfarçados, acadêmicos trazendo seus próprios pontos de vista para legitimar a coisa toda: ‘eu nunca vi algo assim’, ‘nos meus anos de experiência’, ‘você tem minha admiração’. Sabia que era o máximo de empatia e respeito que conseguiria, então aceitava. Alberto estava encostado na parede lateral, ao lado do desconhecido, com o polegar e o indicador da mão direita na boca, pensativo e nervoso.

Quando as rodas de conversa cessaram, o casal ou que fosse aquilo, veio a seu encontro.

“Desculpa por aparecer sem avisar”. Alberto Gusmão estava ensaiando a saudação desde que chegara. Oi, olá, como vai? Não sabia ainda o que diria, qual a melhor palavra, algo entre a formalidade dos papéis do divórcio e a informalidade do dia a dia durante os anos de casamento. Só havia uma certeza: não pediria desculpas.

“Era isso que faltava para você comparecer aos meus compromissos profissionais? Que terminássemos?”. Rubens não queria parecer agressivo, mas não conseguiu controlar o ímpeto.

“Você sabe que isso não é justo, eu vim quando pude”.

“Veio quando era conveniente”

Alberto Gusmão não podia negar, já que mais uma vez vinha por conveniência ao encontro do ex-marido. No caminho havia dito para si mesmo que aquilo era um erro, mas continuou mesmo assim, levado pela novidade que representava aquela quebra em sua rotina, algo que aguardava sem que soubesse. A mesma inquietação que o incomodava e o prendia dentro de si agora agia no vetor oposto, o levando como um tapete mágico em direção ao casamento recém terminado.

Paulo Presente apertou a mão do professor de física e disse que não eram um casal, ele e Alberto Gusmão, que estavam ali pelo conhecimento de Rubens Pacheco, renomado pesquisador, e não para provocá-lo.

Alberto Gusmão divertiu-se diante do estranhamento que o ex-marido demonstrava diante daquele homem que dizia coisas que não deveria dizer. Rubens estava desarmado, uma cena rara para um homem que fazia questão de ter sempre o controle de qualquer diálogo para infligir com mais precisão as pequenas humilhações que tanto gostava de impor a quem estivesse por perto, simplesmente para alimentar a vaidade. Depois de estabelecido o desconforto, foram até o novo apartamento de Rubens, uma decisão difícil de tomar, mas lógica, aquela não era conversa para se ter na rua.

Alberto não via o ex-marido desde o último dia do casamento. O primeiro dia tem data e hora marcada, o último não, vem de repente, embora não sem avisos de que está para chegar. Juraram ao juiz que não haveria o último, uma mentira inocente, uma piscadela de olho, o juiz retribuíra, já havia feito tantos casamentos terminados que ele mesmo não acreditava mais nas palavras mágicas, mentalmente incluía uma nota, uma vírgula depois do até que a morte os separe e todos na igreja ou no cartório ouviam até que a morte os separe e pensavam ou até que a separação os separe, amém.

Rubens carregava o sorriso sarcástico de sempre no rosto e Alberto Gusmão sabia que não poderia fazer nada para estar em uma posição confortável pelo resto do dia. Trazia ao

apartamento do ex-marido um outro homem, que conhecera há poucas horas e iriam os dois apresentar a ele uma história difícil de contar e mais difícil ainda de acreditar. No caminho até lá, permaneceu em silêncio, conversando consigo mesmo a respeito da razão para aquilo. O que estava tentando fazer? Buscava uma resposta, mas que resposta seria suficiente? O término havia sido pacífico, mas as brigas que levaram até lá não haviam sido pacíficas. Brigavam por pouco ou nada, qualquer atrito era pólvora, qualquer esbarrão era granada e embora feridos haviam saído vivos, e agora voltavam ao velho campo de batalha em um apartamento novo e espaçoso. Tinha o mesmo tamanho que o seu, mas de alguma forma era maior e melhor distribuído. O sofá azul combinava com os quadros pendurados, obras que já conhecia, mas que olhava com outros olhos agora que estavam em outras paredes. Entraram, Alberto sentou, Paulo permaneceu em pé, olhando pela janela. O anfitrião trouxe uma jarra de vidro com água. Não havia como superar o desconforto, então ficaram todos desconfortáveis. Três copos foram servidos e deixados na mesa de centro. Encostaram-se em suas cadeiras e aguardaram, sem saber bem o quê.

Paulo Presente, com o olhar fixo no vidro da janela, vendo um pouco de si mesmo e um pouco do movimento da rua, contou a sua história, que era sua mas também de outras pessoas, histórias dentro de histórias que se sobrepunham e formavam uma só vida cheia de outras vidas.

5.

Paulo Presente é nome mesmo, mas não é nome de família ou coisa assim, apenas um desses floreios que as mães fazem para mostrar aos outros como os filhos são mais importantes e melhores do que os filhos deles. Minha mãe dizia que eu era seu presente, então colocou meu nome de Paulo Presente, mas nunca fui nada especial. Nasci em outra cidade, longe dessa aqui, seis horas de ônibus, e vivi minha vida como qualquer outra vida, estudando um pouco, até onde deu, trabalhando sempre, pelo dia seguinte, até que encontrei o que não deveria, mas eu já chego lá. Antes preciso falar de João e de Valdirene.

Morávamos eu e João em um barraco de madeira onde minha família havia se formado: minha mãe, eu, João e nosso irmão mais velho, Márcio, mas esse eu mal conheci. Quando eu era criança ele saiu de casa e virou assunto proibido. Nunca me contaram o que aconteceu, mesmo depois que cresci. Desconversavam e disfarçavam quando eu perguntava, diziam para calar a minha boca se insistisse. Acho que João sabia, ele e a mãe trocavam olhares cúmplices, mas nunca me falou. À noite eu ouvia minha mãe rezando e colocando os nomes dos filhos nos pedidos de proteção e o de Márcio continuava lá, era dito até com mais força e mais vezes. Nesse tempo ficamos só minha mãe, eu e João na casa, o que até era bom, porque a casa era pequena, só tinha dois quartos e no começo dormíamos juntos eu e meus irmãos na mesma cama, só eu e João era melhor. Éramos quase da mesma idade, ele um pouco mais velho, mas coisa pouca. Fazíamos tudo juntos: saíamos cedo para catar papel, íamos para a escola para jogar bola, depois ficávamos juntos na rua até a noite. Até nossa primeira vez foi no mesmo dia, com duas irmãs que moravam do lado da nossa casa. João era mais esperto, mais bonito também, ficou com uma menina chamada Juliana, alta, bonita, as coxas grossas. Eu gostava da Juliana, ela sempre sorria para mim quando nos víamos na rua, mas era porque era simpática, não porque tivesse qualquer reciprocidade. A irmã dela chamava Luciana. Não era bonita, muito menos simpática, mas era carinhosa e isso para um menino de 13 anos é o

que basta. Nesse dia a mãe descobriu que a gente havia faltado aula para comer as vizinhas e deu tanta chinelada que a pele ficou vermelha por uma semana. João sentiu mais, pois era o preferido da mãe e quando isso acontecia ficava uma mágoa entre eles que só passava com os dias. Quando a mãe morreu, não muito tempo depois disso, de uma doença que começou no peito e foi parar na cabeça, João ficou sem falar por um ano. Continuamos catando papel e indo para a escola, para jogar bola e para comer. Ficamos assim até que João conheceu Marina. Nessa época ele estava trabalhando em um mercado e ela era uma das caixas. A primeira coisa que João disse depois do silêncio foi que iria se casar com ela, que já era casada com outro. A paixão dos dois foi tão forte que ela largou o homem e resolveu que também iria casar com João. O homem veio atrás do meu irmão, ameaçou, disse que ia matar os dois, mas não fez nada. João também não, mas arranjou uma arma por via das dúvidas, dizia que era ou para se proteger ou para se vingar. Isso tudo mudou a vida do meu irmão, mas também a minha. Em uma noite quente em que dormia sozinho acordei com um estalo. Não era um estalo da casa, que acontecia o tempo todo quando a madeira se espreguiçava; desses sabia o barulho de cor. Era uma pegada em uma folha seca, restava saber se de bicho ou de gente. Tateei a cômoda ao lado da cama, mas não encontrei o revólver que dormia ali; João havia levado. No escuro da casa, tinha só um facão encostado no armário da cozinha. Mantive o silêncio. Escutei o movimento leve, calculado. Parecia gente. Levantei em um pulo, facão na mão direita, em três passos estava na porta.

Esperei pela briga, mas a tensão foi quebrada pela chave que entrou e girou na fechadura. Era João, que voltava para casa depois de dois dias.

“Quase me mata de susto, homem”.

“E tu tá assustado por quê?”

“Não esperava você aqui antes de sábado”.

“Eu sei, mas aconteceu antes. O pai de Marina morreu”. A notícia não causava choque. João estava na casa do sogro, que já lutava contra a doença há anos e já estava cansado de lutar.

“E agora?”

Eu morava somente com meu irmão desde que a mãe morreu, já tinha um par de anos.

“Agora eu trago ela para cá para morar com a gente”.

“Mas ela não quer”.

“E que jeito?”

Meu irmão não queria me deixar sozinho, mas eu já não era criança há muito tempo. Decidi ali mesmo o que fazer. Não poderia contar, nem deixar que ele soubesse. No dia seguinte, João encontraria a carta dizendo apenas “viva bem, preciso ir” e sentiria um pouco de dor, mas logo passaria. Voltaria a encontrar meu irmão, eu sabia, mas precisava ir. Tinha uns trocados guardados dos mil e um trabalhos que fazia: roçar, carpir, limpar, construir, destruir, pintar, cuidar.

Saí só com uma mala cheia de roupa. Pensei em levar o facão, mas achei melhor não. No caminho, que por enquanto era só isso mesmo, um caminho, sem ponto de chegada, tive todos os pensamentos que poderia ter: pensei na mãe, pensei em João, pensei em Luciana, pensei muito em Luciana. Depois da primeira vez naquela tarde quente nós continuamos nos vendo. Não havia paixão, como a de João e Marina, mas havia a cumplicidade de quem compartilha uma cama, e isso para alguém que está partindo é o que basta; pensei em ir até a casa dela, falar que estava indo, perguntar se ela queria ir junto, mas o orgulho não deixou, ou talvez fosse medo.

Parei em uma lanchonete que cheirava à fritura e tinha o piso de taco escorregadio da gordura para organizar os pensamentos. Tinha alguns amigos da escola que talvez pudessem me abrigar por um tempo, mas só sabia o endereço de um deles. Comi um salgado e segui o caminho, não era longe dali. Atravessei algumas avenidas, vi os carros, os ônibus, os

caminhões, as pessoas, andei algumas quadras sentindo o cheiro de fumaça e de mijo até encontrar o endereço, que dava em um prédio pequeno, acinzentado e ensimesmado. Eu tinha ido lá uma vez, mas não esperava ser reconhecido, já faziam alguns anos. Toquei o interfone seguindo as instruções do aparelho, digite o bloco, se houver, depois o número do apartamento, mas não recebi sinal nenhum.

Pelo vidro fosco e escuro da portaria, consegui ver o porteiro, mesmo que ele fingisse que não estava lá. Só saiu da portaria depois de alguns segundos de constrangimento. “Pois não”.

“Pois sim, estou tentando falar com o apartamento 306, mas não dá sinal”. Ele disse que não tinha ninguém morando lá. Meu amigo Marcos, nem tão amigo assim, só gostávamos das mesmas coisas, no caso jogar bola e videogame, havia se mudado não se sabe para onde há alguns meses. Eu tinha o dinheiro contado, e calculava que conseguiria viver por duas semanas antes de passar fome, mas consegui trabalho antes disso. Fiquei em uma pousada no centro, um sobrado com três quartos que eram alugados por semana e cheiravam a mofo e gente. A dona precisava reformar os banheiros do segundo andar e mais algumas coisinhas, uns servicinhos de nada, um homem forte como você mata em alguns dias.

Estava acostumado a viver até o próximo dia, no máximo até o próximo mês. Se faltasse, daria um jeito, como havia feito a vida toda. Nos primeiros meses, não faltou. Com o dinheiro que recebi pelas reformas, aluguei uma casa, com um quarto, um banheiro e uma cozinha, tudo apertado quase no mesmo espaço, mas dava para viver. Faria outro serviço para uma conhecida da dona da pousada, uma tal de Ana, que também tinha uma pousada e precisava construir mais alguns quartos. Foi lá que conheci Viseu, um homem do campo. Era baixo e forte, como um buldogue, embora lembrasse mais um rinoceronte, com a cara fechada e pronto para defender seu território, mas descobri logo que a impressão bruta de animal selvagem era apenas impressão: Viseu era doce. Tinha o pensamento rápido, a mente clara e um senso de humor aconchegante. Conversávamos durante o serviço e na hora do almoço,

quando cada um esquentava a sua marmita na cozinha da pousada. Eu com meu arroz, feijão e ovo, Viseu com os preparos mais sofisticados da mulher, Lúcia, cozinheira do lugar. Comia um pedaço do peixe que ia para as refeições dos hóspedes, outro dia o camarão com molho. Queria compartilhar, oferecia sempre, mas eu não aceitava, essas coisas aí não combinam com feijão, Viseu.

Viseu e Lúcia tinham um plano. Trabalhariam até juntar dinheiro o suficiente para mudarem para João Pessoa, onde a filha morava. Lá, abririam uma loja de bolos e doces perto do mar. Lúcia tinha jeito para doce. Fazia de tudo: bolo, brigadeiro, pudim, torta, ecler. Ela cozinharia, ele venderia. Envelheceriam juntos, cuidando de um ou dois netos, se Deus quisesse.

Pouco tempo depois, vi Viseu morrer. Eu voltava com ele todos os dias da pousada, morávamos a algumas quadras de distância um do outro. Lúcia ficava para fazer o jantar e só ia para casa mais tarde. Naquele dia, Viseu ofereceu-se para esperar a mulher, era sexta-feira e ele poderia ficar por ali, mas ela insistiu que não, que ele fosse para casa descansar. “Hoje o jantar sai tarde, homem, tem muita gente chegando, ainda vou precisar ficar para limpar tudo, pode ir que eu me arranjo”. Já na rua, na viela em frente à pousada, parei para conversar com Dona Ana, que tinha algumas instruções sobre o quarto que construíamos: queria mais espaço, seria o quarto presidencial, pensava até em colocar uma banheira lá num canto. Viseu foi em frente, andando devagar, olhando para o chão. Quando terminei com a patroa, ele estava duas quadras em frente. Foi rápido como num filme: a viatura dobrou a esquina devagar, os dois policiais saíram lá de dentro com calma. Parecia só uma dura, mas Viseu virou apenas para ver a cena de sua própria morte. Ouvi o barulho antes de ver o clarão, como se o som fosse a luz e a luz fosse o som. Sem pensar, corri para trás de um tapume. Não ouvi os outros disparos, só vi os outros clarões, ainda no filme, na parte em que fica tudo sem som por um momento para aumentar o drama. Quando Viseu estava no chão, ainda se

contorcendo, tentando tirar a dor, afastá-la como se fossem moscas rondando um prato de sopa, um dos guardas olhou ao redor, mas não me viu. O outro colocou uma arma nas mãos do meu amigo estirado no chão, o homem doce que queria vender bolo na praia. Deus não quis.

Quando a viatura foi embora eu demorei alguns minutos para chegar perto. Fiquei imaginando no que ele estava pensando por último. Fiquei pensando se foi um pensamento finalizado ou um que ficou pelo meio do caminho, e também para onde vai esse último pensamento quando a gente morre, se fica por perto, esperando outra cabeça para entrar, ou se desaparece. Na minha cabeça não entrou nada. O corpo de Viseu estava ainda com os olhos abertos, a camisa bege tingida de vermelho, como uma pintura de um campo seco com três maçãs caídas.

Depois eu assisti a história na TV. A polícia havia entrado em mais confronto com um assaltante, tiros foram trocados, mas a patrulha saíra ilesa. O meliante estava morto. Quando voltei ao trabalho, Lúcia me puxou num canto e disse que eu precisava fugir. Os dois policiais haviam confundido Viseu com outro homem, um com quem precisavam acertar suas contas, e agora estavam cobrindo seus rastros. Foram até a pousada e conversaram com Dona Ana. Ela contara que havia mais alguém junto com ele, um outro sujeito meio assim como eu. Garantiu aos homens da lei que não fazia ideia que o homem era perigoso, a gente contrata sem saber o histórico dessa gente, se soubesse havia entregado ele a vocês há muito tempo.

Voltei para meu quarto, peguei o pouco que tinha e entrei no primeiro ônibus da rodoviária. Isso foi há 10 anos. Um pouco ao acaso e um pouco ao destino, vim parar aqui: tenho um primo que veio para esta cidade ainda muito novo e fez a vida como pintor, pintou várias casas, pintou até prédio. Não sabia onde ele morava nem se ainda estava por aqui, mas não fazia muito tempo eu não tinha nenhum rumo a tomar, então decidi pelo rumo de encontrá-lo.

A primeira coisa que fiz foi perguntar pelas lojas de tinta e de construção, mas ninguém sabia dele e eu sabia que era verdade, pois era impossível confundir o homem, ele tinha um olho a menos, quer dizer, um olho que não funcionava, eternamente parado no lugar e esbranquiçado, fruto de um acidente quando éramos crianças. Pulávamos de uma balança que ficava no quintal da minha casa, e ele, Jorge, esqueci de apresentá-lo, Jorge Simplício, caiu com a cara em cima de uma correia solta no chão e eu vi pela primeira vez o sangue saindo de alguém que conhecia e não na televisão, quando sangue nem é sangue de verdade.

Foi só no mês seguinte que ouvi falar do meu primo. Um dos vendedores ouviu minha descrição e disse que o conhecia, um homenzinho atarracado com um olho branco, não é? A sorte acabou ai: Jorge havia se mandado para o norte com a promessa de uma obra grande que precisaria de um pintor de talento. Tive que escolher entre ir ou ficar, mas já não era uma escolha, meu dinheiro rareava e era preciso ficar, encontrar um trabalho e tentar viver. A questão é que não havia trabalho. Os poucos bicos que consegui aqui e ali não perduravam, eu não conhecia ninguém que me indicasse, a obra terminava, o patrão sumia.

Lembro bem o primeiro dia em que dormi na rua. Conseguia pagar o quarto em que estava com o pouco que tinha no bolso e com os trocados que fazia nos bicos, mas não consegui fazer amizade como fiz antes. Os olhares eram respeitosos, mas havia ali uma desconfiança, um cochicho entre a mulher e o marido que tocavam o lugar, um rabo de olho enquanto eu entrava em meu quarto. Quando não paguei o primeiro mês, o homem veio até a minha porta, muito educado, lembrando do atraso. Eu disse que tinha para receber dali uns dias, pedi que tivesse paciência. Ele assentiu, sorrindo, claro, claro, sem problemas. No segundo mês, deram minhas coisas amassadas em um saco. Eu queria argumentar, mas nem vi o casal, somente um homem grande que me entregou minhas roupas e disse que eram as ordens. Nem sei se sairia palavra alguma para argumentar, não tinha mais cara de mentir.

Saí dali com a humilhação e andei até as pernas aguentarem, mas não tinha para onde ir. Quando não aguentaram mais, sentei embaixo de uma marquise em frente à lanchonete em que tomava o café de vez em quando, um pouco mais para lá, mas ainda no centro. Havia ali dois corpos estirados, cobertos até a cabeça com cobertores furados. Senti como se houvesse entrado no quarto de alguém sem pedir. Fiquei o mais afastado possível para não incomodar.

A noite foi longa, cheia de pensamentos. Acordei com a atendente que me servira em dias anteriores me cutucando, resmungando alguma coisa. Levantei rápido, com vergonha. Ela ofereceu uma xícara de café com a fumaça ainda dançando em cima, eu disse que não poderia pagar, mas ela me deu mesmo assim. Disse que era só isso que poderia fazer, que não poderia ficar ali, senão o patrão montava em cima dela. Assenti. Queria explicar o que havia acontecido, que não era um vagabundo, mas as palavras não vinham mais. Depois achei melhor não falar nada.

A rua era uma mochila que eu carregava para onde fosse. Nas primeiras semanas busquei trabalho com o peso da rua nas costas. Mantive o endereço da pousada quando pediam, coloquei o telefone da lanchonete para que me retornassem, mas nunca retornavam. Eu não tinha mais nada e perdia o pouco que tinha. Nunca fui de fazer amigos, mas tive que conversar com muita gente para sobreviver. Era preciso saber onde comer, onde ficar e onde não ficar. Onde pedir e o que fazer, o que cheirar, o que fumar e como parar. Não dava para parar. Quando fumava eu não sentia o frio e era a melhor coisa do mundo até que precisasse de mais, sempre mais.

Eu fui sugado pela rua e pela rua fiquei. Mesmo quando conseguia algum lugar por um tempo, acabava voltando. Fiz um amigo chamado Calibre e ele conseguiu um barraco na vila em que havia crescido. Fui morar lá um tempo, mas não durou. Ele ajudava, vendia o que pediam, eu era só um encosto, um perigo para os negócios. Me disseram que não era parte da solução, então era problema. Saí de lá com medo. Nos abrigos da prefeitura também havia

muita disputa e tudo era sobre controle, que horas chegar, que horas comer, que horas dormir, não podia fumar. Se fosse viver assim, pelo menos viveria sem controle.

Em toda dura que levava da polícia enxergava os homens que mataram meu amigo Viseu. Não havia visto eles de perto, então eles poderiam ser qualquer um, em qualquer esquina, em qualquer carro. Via nos olhos deles a raiva e o escárnio, o desprezo, o poder. a violência. E o vazio.

Sobrevivi assim, sem saber como. Tenho a cicatriz de uma facada na barriga, fruto de uma briga com outro homem que morava na rua, um tal Romércio, que não foi com a minha cara, como dizem. Já estava há uns dois anos entre idas e vindas quando esse homem chegou. Não éramos um grupo, mas mantínhamos entre aqueles que moravam ali uma espécie de código não escrito, apenas sabido. Compartilhávamos a comida, cuidávamos do espaço, mijávamos e cagávamos nos banheiros possíveis e deixávamos tudo limpo, para que as lojas e as lanchonetes não impedissem que usássemos, guardávamos as coisas nos bueiros, evitávamos chamar a atenção.

Romércio ouviu o código, aceitou o código, fez que sim com a cabeça, mas vivia sob sua própria lei, que não era lei nenhuma. Irritado, arredio, bravo como bicho solto, arrumava briga com quem olhasse de lado ou com quem desviasse o olhar ou com quem nem tinha olho. Logo entrou em conflito com a Valdirene, nossa líder. Todo grupo de bicho que tenta sobreviver junto tem um líder e a nossa líder era Valdirene. Ninguém sabia como ela tinha chegado ali, ninguém viu ela chegar. Ninguém dizia que ela era líder de nada, mas ela era. Fui o primeiro a saber o que não se sabia. O que já se sabia eu descobri com o tempo. Quando cheguei ali por aquelas bandas eu ouvi as regras e o modo como deveria me comportar prestando atenção, mas sem levar muito em consideração, ia sair logo dali, era só uma ou duas semanas até arranjar um lugar, um trabalho e logo me colocar de volta no rumo.

Falei isso armado com toda a minha dignidade de quem não mora na rua, nunca havia morado e Valdirene riu com toda a força, uma gargalhada viva, estridente, para todo mundo ouvir e me disse “menino, você pode sair amanhã, pode chegar aqui um carrão e abrir a porta dizendo que teu pai é um ricaço, que você herdou o mundo todo e se isso acontecer eu vou chorar de alegria com você, mas você não sabe. Você não sabe, você não sabe, ninguém sabe. Mas para ficar aqui tem que parar de fumar”.

Valdirene me contou que sabia que era Valdirene desde pequena. A mãe a vestia como um mocinho, mas ela sabia quem era e amarrava a camisa na barriga como faziam as meninas da escola. Apanhava da mãe quando chegava em casa e precisava prometer que não ia mais fazer aquilo, e nem passar o batom das amigas e nunca, nunca, nunca deixar o pai ver ela daquele jeito. Quando a mãe tomou todos os remédios de uma vez, Valdirene foi a primeira a chegar e ver o corpo no chão da cozinha e não entendeu por que a mãe faria aquilo já que agora iria para o mesmo inferno que dizia que a filha iria, sim, não tinha dúvidas, ela sabia de tanto ler a bíblia que tinha no quarto, de tanto ouvir a mãe berrar, tirar a própria vida também era imperdoável para Deus. Só entendeu no velório. A mãe havia se matado para ficar junto dela quando ela também morresse; se não fosse no céu, seria no outro lugar. Chorou no caminho para casa, que já não era mais sua casa. O pai entrou, fechou a porta e nunca mais abriu, deixando Valdirene na rua com catorze anos de idade.

Já sabia então que teria que encontrar sozinha uma vida para chamar de sua, mas ainda não podia, tinha medo. Recorreu a uma tia, irmã de sua mãe, que morava no mesmo bairro. Ficou lá por alguns meses, a mulher tinha algum carinho pela sobrinha, mas Valdirene sabia que só ficaria lá não por amor, mas pela mãe e pelo sentimento de pena que a mulher não escondia. Durante os três meses que passou na casa, foi abusada pelo marido da tia, seu tio, que não era tio de sangue, mas havia sempre sido tratado como se fosse. Era quem fazia o churrasco e quem contava as piadas, sempre brincando com os homens da família, de quem era amigo,

mais amigo deles que marido da mulher. A tia era enfermeira e sempre que trabalhava no turno noturno deixava a menina sozinha com o marido. Valdirene um dia tomou coragem e contou tudo para a tia, mas a mulher bateu nela, um tapa na cara que deixou o rosto dolorido, e disse que se ela inventasse mais história iria expulsá-la dali, que ela era igual a mãe, sonsa igual a mãe e que não duvidava que era ela quem tentava seduzir o homem. Valdirene me disse que a tia tinha medo, por isso não a culpava.

No aniversário de 15 anos de Valdirene, a tia saiu para o trabalho quando já anoitecia, foi andando até o hospital. Não havia carinho ou afeto na relação com o tio postiço, nem respeito ou vontade. Era tudo sobre poder e força. Quando o homem a puxou, ela resistiu, como havia resistido das outras vezes. Dessa vez, o tio não teve paciência e acertou-lhe um soco na cara, que deixou marca, um olho roxo e um corte logo acima da bochecha esquerda. A tia fez que não viu. Fez que acreditou na história inventada, uma queda e a cara que teria batido no balcão da cozinha.

Valdirene dormia em um quarto improvisado, em meio a ferramentas usadas, sacolas cheias de quinquilharias, em uma cama com um colchão fino, que era como não existisse já que se sentia o estrado de madeira nas costas, mesmo com seu corpo mirrado, quase sem carne. Na semana seguinte ao soco, o tio foi até o quarto da sobrinha em meio à madrugada, com a mulher dormindo na cama do casal, uma ousadia nunca antes tentada. Todas as vezes haviam sido na ausência da esposa, mas o homem agora sentia-se seguro o suficiente para realizar o ato com a esposa dentro de casa, a segurança da impunidade, como uma criança que testa os limites e vai aproximando cada vez mais o dedo da tomada. Incapaz de lutar contra o corpanzil flácido, mas forte, Valdirene tateou o chão em busca de qualquer coisa que pudesse, qualquer coisa que a salvasse. Colocou a mão sobre um objeto frio que depois soube ser uma chave de fenda e segurou com firmeza. Aguentou até que o homem terminasse, sabia que não seria muito, alguns minutos no máximo. Já não sentia a dor nem a humilhação. Já não sentia a

mãe e o pai, não sentia a tia, a escola ou qualquer coisa. Estava sozinha em um mundo que não a queria. Só pedia, não sabia a quem, que tivesse força suficiente no braço. Quando o sujeito relaxou, Valdirene virou-se em um giro rápido por baixo dele, o colocou na cama e enfiou a chave com toda a força onde a mão alcançava, onde quer que fosse. Calhou de alcançar bem as bolas do homem, vulneráveis.

Valdirene olhou para o que tinha feito quando o tio tirou as mãos de cima para também ver o estrago e por mais ultrajante que fosse aquela visão, por mais nojento que fosse o sangue vermelho que saía da carne mutilada, não lhe causou náuseas. Não causou nada, já não sentia nada. Ouviu o homem gemer como um gato, um gemido tão alto que entrou em seu ouvido e ficou ecoando lá dentro por dias, bem como paredes da casa; o som insuportável ficou ecoando para sempre lá dentro, uma parede respondendo a outra com o barulho estridente que havia saído de dentro da garganta do tio de Valdirene sempre que alguém entrava pela porta nos anos que se passaram, impossibilitando qualquer visita, fazendo com que os moradores mandassem concretar a entrada para que ninguém mais ouvisse aquela agonia que se seguiu pelos anos. Para Valdirene, o eco fez com que tudo viesse em um som abafado, como se estivesse dentro de uma redoma de vidro, uma proteção contra todo o mal que chegava tarde demais. Não conseguiu ouvir mais nada depois: nem os gritos da tia, que entrou no quarto correndo e gritava e gritava, sem saber o que fazer, nem o som dos tapas que levou e nem mais nada. Em um piscar já estava juntando as coisas, em outro já estava se desvencilhando dos braços que tentavam a segurar, em outro já estava na rua, correndo e correndo. Foi o que ela me contou.

Depois de andar sem destino, entrou em um ônibus sem ter dinheiro para pagar. Só queria ir para longe dali. Só depois de sentar viu o sangue já seco nas mãos e reparou nos olhares dos passageiros que entravam e do cobrador, que desviavam quando ela olhava de volta. Aproveitou quando a porta da frente abriu e saiu correndo sem pagar depois de andar

bastante. Sentiu-se mal pelo cobrador, não sabia como funcionava a punição para os cobradores caso deixassem que passageiros fujões não pagassem, talvez fosse o motorista responsabilizado e perdesse uma parte do salário ou fosse punido de outra forma, repreendido pelo descuido, até mesmo demitido, mas não havia o que fazer, não tinha dinheiro algum.

Depois daquele dia passou dias sem comer, buscando comida no lixo, pedindo, tomando água no banheiro, sobrevivendo. Achou que iria morrer. Não duraria muito tempo: não tinha coragem de roubar e a força para pedir diminuía. Foi quando conheceu uma moça chamada Márcia, que vinha da fronteira com o Paraguai. Havia nascido do lado de lá, mas ouvia português no rádio e na tv e desde pequena falava a nossa língua e não a língua dos pais, nem sequer a dos avós, que falavam guarani e outras línguas indígenas. Herdou só a feição, o olhar a meia luz, os lábios grossos e a pele cor de mel. Como em todo lugar de fronteira, não se sabia se estava para cá ou para lá, um lugar entre outros lugares, portanto sem ser um lugar por si só. Márcia sabia muito bem quem era e não poderia ficar em um lugar assim, então foi embora quando conseguiu juntar dinheiro vendendo todo o tipo de bugiganga para quem vinha visitar: cd players, uísques, caixas de som, camisas, camisetas, shorts, bermudas e animais coloridos. Não disse adeus a ninguém, mas a mãe sabia que a filha iria embora. Sentiu a calmaria vindo no ar, e com a filha por perto era sempre tempestade, então soube que ela ia. Quando Márcia foi, no meio da noite, a mãe acordou, ouviu o barulho da porta, mas permaneceu deitada. Márcia queria cuidar de quem, como ela, não havia sido cuidada, então pescava aqui e ali quem precisasse de abrigo.

O custo existia, mas era justo. Márcia disse que precisava de metade do que Valdirene ganhasse para dar ao homem que as mantinha, ela e outras duas mulheres, além de Valdirene agora também. Uma delas chamava-se Lucinda e era mais velha ainda do que Márcia, que já tinha passado dos vinte e cinco anos. Tinha os cabelos vermelhos e as unhas negras. Quando a viu pela primeira vez, Valdirene achou que fosse a mulher mais bonita que já havia visto.

Com o tempo, percebeu a verdade: o nariz não era como o das moças da tv, era maior e pontudo; o queixo era largo; o ventre mostrava-se saliente sem as roupas. Lucinda tinha um feitiço que colocava com as mãos e com os dentes, com o olhar e a pose que a deixava mais bonita que qualquer atriz da televisão. Valdirene passou a imitar seus movimentos e seus gestos para ver se aprendia como fazer ela também aquele encantamento. Lucinda logo percebeu e achou graça. Quando notava que estava sendo observada pela nova admiradora, ajeitava o andar e arrumava a postura para não decepcionar, embora nem precisasse.

A outra mulher era ainda uma menina, como Valdirene. Tinham mais ou menos a mesma idade, mas não se aproximaram, como era de se esperar. Ao contrário das outras duas, que eram só sorrisos para a nova moradora, Vanusa, a menina, mostrou-se indiferente. Quando conheceram-se, não olhou nos olhos de Valdirene, mas Valdirene notava o olhar demorado que recaía sobre ela nos dias seguintes e era desviado quando colocava seus olhos para olhar de volta.

Ficariam todas no mesmo quarto no centro da cidade, um lugar mofado do chão ao teto, apenas com um cômodo grande, com três camas e alguns colchões, um banheiro pequeno e uma cozinha, mas ainda assim com um teto, o que já era melhor do que o céu escuro da cidade. Na primeira vez em que Valdirene entrou no carro preto que parou na calçada para conseguir o dinheiro que a manteria sob o teto de sua nova casa, o homem lá dentro não falou nada, só dirigiu. Era velho. Os cabelos brancos já eram maioria e as rugas no pescoço entregavam o trabalho mal feito para disfarçar as rugas do rosto. Valdirene sentiu medo, mas disse a si mesma que já havia passado o tempo de ter medo. O silêncio permaneceu durante todo o programa, mesmo durante o ato. Nem gemer o homem gemia. Valdirene achou ruim, mas não tão ruim como com o tio. Era outra coisa. Pelo menos tinha alguma vontade ali, que era a vontade de que acabasse logo para ganhar seu dinheiro. Quando terminaram, Valdirene perguntou se o homem a deixaria no mesmo lugar. Recebeu em troca um resmungo e uma

porta batida com força. Teve que aprender logo os atalhos para conseguir voltar para a Coréia, que era como o lugar onde ficava era chamado pelas outras moças.

Quando chegou, elas estavam esperando. Queriam saber como havia sido. Sentiu um pouco de vergonha, mas logo estava rindo ao ouvir as histórias delas, muito piores e mais desagradáveis do que a sua. “Você deu sorte, filha. Um homem silencioso é muito melhor do que um fedido”. Márcia ria enquanto contava como teve que se segurar para não vomitar com o cheiro de cigarro do seu primeiro encontro. Lucinda contou com ternura sobre o homem bonito que a levou para a cama, mas não conseguia fazer o serviço e só ficara abraçado com ela por uma hora. Vanusa, com seu olhar duro, disse que era melhor um que não funcionava do que um do tamanho que havia visto no primeiro encontro. “Eu nem sabia que o bicho podia ficar tão grande”. Todas ficaram sérias, mas logo caíram na gargalhada - inclusive a própria Vanusa. Valdirene não tinha visto a outra menina mostrar os dentes ainda, e eram dentes bonitos.

Naquela mesma noite, quando todas já haviam se deitado e o quarto estava todo no breu, sentiu o lençol mexendo-se e um corpo encostar-se no seu. Desejou que fosse o de Lucinda, a mulher encantadora com postura de rainha, mas aquele era um corpo pequeno, magro como o seu. Sem dizer nada, Vanusa a olhou fixamente por alguns segundos na escuridão, que logo pareceram minutos, horas, os dias todos de um mês. O beijo foi duro, as bocas se batendo uma na outra até que se achassem e todo o resto logo também se encontrou. Pela primeira vez na vida, Valdirene sentiu desejo. Mais do que isso, pela primeira vez sentiu alegria por estar viva. Todas as noites a partir dessa, Vanusa esgueirou-se em silêncio até a cama de Valdirene e lá dormiam, até que de manhã, um minuto depois do sol raiar, ela voltava para a sua própria cama para que o caso não fosse descoberto. As duas mulheres mais velhas sabiam de tudo desde a primeira semana, mas preferiram manter o segredo, confabulando silenciosamente através somente do olhar.

Valdirene viveu assim até que Márcia foi embora. Foi num tempo em que a casa havia aumentado. Homens foram chegando para construir dois quartos anexos ao quarto principal e outro banheiro estava sendo erguido, já que o número de moradoras já beirava dez e era preciso agilizar os processos de arrumação. Lucinda já havia ido embora no mesmo ano em que Valdirene chegou. Tinha no peito a promessa de um empresário bem sucedido que caíra no encanto do seu sorriso ardentemente simpático. Quando o sujeito finalmente tomou coragem e a chamou, ela foi. Agora morava na Espanha e vez ou outra mandava um cartão postal que Márcia chorava disfarçada ao abrir. Valdirene e Vanusa não escondiam mais seu caso; não mostravam, mas não precisavam. Não comemoravam datas ou andavam de mãos dadas pelas ruas da cidade, amigas disfarçadas. Eram um refúgio uma para a outra, mas também uma da outra, a outra que eram ao sair pela porta. Não havia rancor por isso e nem cobrança. As duas meninas, que agora já tinham perto dos vinte anos, mulheres adultas, haviam se entendido rapidamente e nunca mais deixaram de se entender.

As mulheres que foram chegando tinham histórias cada vez mais espetaculares. Monza, uma italiana que gabava-se por falar todas as línguas europeias, fugia de um sheik qatari que insistia que ela fosse uma de suas seis esposas, com a condição que traduzisse a conversa entre ele e as outras cinco durante todo o tempo, inclusive na cama. Marcinha, uma paraibana alta e forte, havia fugido do pai, que insistia que ela casasse com o homem que a engravidou. Ela não queria nem marido e nem filho e fugiu para onde diziam havia as melhores clínicas para resolver as duas questões. O filho nunca existiu, abortando a ideia do marido. Márcia foi embora logo depois que outra mulher chegou, uma nigeriana chamada Amara. Era uma noite chuvosa no primeiro dia de março, quando o verão começava a mandar água para que o esquecessem logo. As mulheres ouviram as batidas na porta mesmo em meio ao temporal que ameaçava derrubar as paredes recém-erguidas. A mulher trazia embaixo do braço um saco de pão amassado e embrulhado, amarrado com um cadarço. Entrou em silêncio, sentou em uma

das cadeiras e ali ficou até a manhã seguinte. Não respondeu nenhuma das perguntas que Monza fez em vinte e sete idiomas diferentes. Depois, foram todas para as suas camas, Márcia por último. Quando acordaram e sentaram-se todas para o café, Monza tentou novamente até irritar-se e xingar em italiano, *cazzo, lei deve essere muta,* ao que recebeu uma resposta mal educada que a encheu de alegria, *non sono muta, stupida.* Havia tentado em todas as línguas que sabia e em algumas outras que não sabia, menos na sua língua materna. Em italiano, a novata contara que era nigeriana. Aprendera a língua românica com a avó, que havia ido para a Nigéria para casar-se com seu avô, um refugiado ibo que escapara da guerra de Biafra, mas voltara quando o conflito terminara para casar-se com a mulher de sua vida, a italiana que conhecera no exílio. Voltaram fugidos dos pais da moça, que não admitiam que a filha casasse com qualquer um que fosse, já que tinha estudado desde pequena para ser uma irmã de Cristo. Contara também que veio ao Brasil com o marido, um homem de Senegal que vendia joias. Ela fora convidada para uma palestra sobre doenças coronárias — era médica cardiologista. A caminho do encontro, o carro em que estavam bateu em outro quando a chuva começara. O motorista do carro da frente saiu de dentro com uma arma na cintura, ameaçando o motorista contratado por eles pelo estrago, que consistia em uma lataria amassada e uma lanterna quebrada. Na confusão do disse me disse, do empurra empurra, o outro motorista também sacou uma pistola, e ficaram as duas pistolas conversando na única língua que sabiam falar. Seu marido, o vendedor de joias, colocou seu corpo sobre o dela quando tentaram desesperados sair do carro e isso custou-lhe a vida. A bala entrou por baixo de seu braço esquerdo, quebrou-lhe algumas costelas e foi repousar no pulmão. Ela fez o que pôde, usou todo o seu treinamento para salvá-lo, mas a verdade é que não sabia muito sobre pulmões invadidos por projéteis. Sabia de sangue, mas apenas quando estava dentro das veias. O homem morreu no chão ouvindo a chuva, os gritos, as sirenes e os apitos.

Antes de deixar o corpo do marido, Amara pegou do bolso de seu paletó o embrulho que agora carregava no braço. O pacote estava no mesmo lugar desde que chegara e sentara na cadeira da cozinha. Foi a única pergunta que não respondeu. Fez apenas que não com a cabeça.

Quando foi tomar um banho, ainda com o pacote embaixo do braço até entrar no banheiro, as mulheres reuniram-se para uma assembleia extraordinária. Precisavam saber o que tinha dentro do pacote

“Se for uma arma? Uma bomba?” disse Marcinha

“Um pedaço de gente” adicionou Vanusa

“Pode ser pó, verde, raio, doce” colocou Valdirene

“É dinheiro. Nunca vi alguém ficar tão abraçado em alguma coisa que não fosse dinheiro”.

Não é droga, disse Márcia. Por que eles iam levar droga para uma palestra de médico?

“E médico não usa droga?”

“Não dessas”.

“Pergunta se é perigoso, Márcia, pelo menos a gente fica mais tranquila”.

Quando Amara voltou, Márcia perguntou. ”É perigoso?”

“Muito”.

Márcia não foi embora por causa do pacote, nem por causa de Amara, nem pela lotação cada vez maior da casa. Foi porque era hora, disse a Valdirene. Gente que nasce onde eu nasci sempre tem a hora de partir. “Na verdade a gente não fica em lugar algum, só espera a hora de ir”.

Valdirene agora era responsável por acolher quem chegasse, dar as instruções básicas, explicar as regras, receber o dinheiro e repassá-lo para o homem. Não para o homem mesmo, mas para o assessor, como era chamado. Ele passava toda quinta-feira para recolher os lucros.

Antes de ir, Márcia chamou Valdirene no seu quarto com muita discrição, no meio da tarde,

quando a casa estava vazia, e disse quem era o homem. Era assessor parlamentar de um vereador na Câmara Municipal, um figurão que era vereador de carreira, já ocupava o cargo há vinte anos e aparecia no jornal de vez em quando.

Valdirene ainda não sabia porque precisava saber mais sobre o homem que mantinha seu emprego, mas logo descobriria. Uma das meninas novas, Luciana, bonita, alta, magra, vinda do Rio de Janeiro, começou a encrespar com o acordo. Não achava justo dar metade do que recebia. O assessor nunca havia lidado com insubordinação. Era a primeira vez que alguém contestava o esquema e isso poderia causar barulho, e barulho chama a atenção, e ninguém nesse ramo quer atenção. A revolta de Luciana durou uma semana. Naquele período de dias, ela se recusou a dar o dinheiro. Quando arrancaram à força, a menina se recusou a fazer os programas. Queria uma audiência com o chefe. Quando o assessor apareceu na quinta-feira, ela disse que queria falar com o verdadeiro chefe. Homens como o assessor só fazem uso da culpa cristã em família e na frente dos filhos, ou quando chega o fim do ano e é época de caridade, de modo que não teria nenhum problema ou pudor em bater na moça até arrancar sangue do seu nariz e de onde mais saísse, a não ser que essa fosse a situação que era, na qual ela era um produto que não poderia ser danificado, às custas de prejudicar o negócio, pelo menos não por enquanto, e pelo menos não por vontade própria. O cálculo do que era mais prejudicial para o negócio, se a revolta ou o simples livrar-se da revoltada, era muito importante nesse ramo empresarial, tão importante que era o chefe quem deveria fazê-lo, não um assessor.

O vereador mantinha em sigilo seu envolvimento com este tipo específico de negócio, mas um sigilo entreaberto; sabia que a cidade toda já sabia, de jornalistas mais atentos a todos os colegas na Câmara. Aos aliados, oferecia descontos e regalias, eram clientes satisfeitos. Aos desafetos, ironizava e fazia-se de vítima no púlpito, arrancando risadas dos colegas e dos jornalistas. As piadas nos corredores, os olhos de quem seria cliente mais tarde piscando

antes da sessão, tudo estava dentro do normal, de modo que mantinha as aparências sob um véu muito fino, quase invisível, o suficiente para continuar recebendo os votos que precisava para manter o emprego vitalício.

Valdirene foi junto no encontro marcado com o chefe, como uma espécie de gerente da Coréia, título que não existia no papel, mas muito real, realíssimo na prática. Luciana era ainda mais nova do que ela, que ainda era bastante nova, então foi para acalmar a garota, que era muito confiante, mas Valdirene tinha para si que era só fachada. O chefe havia marcado no hotel de um restaurante, na vista de todo mundo, não tentando esconder nada para que ninguém pensasse que havia algo a se esconder. Valdirene havia visto o homem no jornal alguns meses antes, inaugurando uma praça ou um parque ou qualquer coisa assim em algum bairro pobre. Ele posava para a foto com uma família; a mãe com a roupa do culto, saia até as canelas, sapato preto sem nenhum detalhe e uma camisa roxa, amassada pela criança no colo, que olhava para a câmera com a cara emburrada, a pequena testa franzida e a roupa já suja de terra. O chefe, de acordo com a legenda da foto chamado Zezinho do Povo, era o único a mostrar os dentes. Vestido em um paletó cinza e desleixado, abraçava o pai de família, que olhava alguns centímetros mais para a direita, o que dava a impressão de que observava o fotógrafo, e não a câmera.

O chefe estava com o mesmo sorriso da foto quando elas chegaram, a boca aberta, como se estivesse prestes a gargalhar e fora congelado no exato instante; vestia outro paletó, igualmente largo.

“Minhas estrelas”, falou enquanto levantava-se e oferecia os lugares para que elas sentassem. O assessor estava junto e havia diminuído de tamanho, uns trinta centímetros.

O homem foi direto ao ponto. Disse que não queria confusão. Ofereceria a elas um desconto. Para as duas, a porcentagem devida seria de apenas 30%. Em troca, ambas teriam que continuar o bom trabalho, o que significava ficar de boca fechada e não reclamar mais. Em

defesa de sua proposta, disse que era o mesmo valor que o assessor devolvia todos os meses do salário que recebia, um privilégio, era como se elas fossem também assessoras de um mandato que fazia o bem para diversas famílias e para toda a cidade, sem falsa modéstia. Não foi uma pergunta, ou uma proposta. O velho apenas colocou os termos na mesa e pediu o jantar. Passou a conversar com o assessor a respeito do dia na Câmara, a votação de um projeto importante na semana seguinte, tem que garantir que eles venham, senão a gente se fode, alguma coisa assim, quando Valdirene, que permanecera em silêncio a noite toda, disse não. Largou o garfo e a faca em cima do bife à milanesa pela metade e disse não. Um simples não, sem nada antes ou depois. Apenas a palavra, solta, sozinha, mas forte, uma das mais fortes que a gente tem, na minha opinião. Os dois homens viraram-se para ela e foi o assessor que disse "não o quê?".

Não quero, não tá bom, não e não. Valdirene sentiu o desconforto como se fosse uma mão em seu pescoço, mas continuou. Disse que não achava justo o privilégio ser só delas, e não das outras. Disse também que nem sequer achava justo dar tanto do que recebiam, mesmo 30%, já que as condições de trabalho eram completamente insalubres, tinham que conviver com os ratos e com as baratas, a porta não trancava direito, o estoque de comida sempre era insuficiente e tinham que gastar com comida na rua, sem contar os clientes, que sempre queriam as coisas do jeito deles e nunca respeitavam a profissional.

Os homens riram. "Uma puta comunista, eu mereço!" e riram mais forte, até que o chefe conseguiu se controlar e pediu silêncio, já estavam chamando a atenção. Bebericou um pouco do vinho e parecia outra pessoa ao dizer o que disse em seguida, com o corpo curvado por cima da mesa para chegar bem perto de Valdirene.

"Escuta bem, traveco filho da puta: eu não preciso de você. Ninguém precisa. Você é uma formiga que saiu da trilha e eu tive dó de esmagar, só isso, mas porque eu sou muito bom, muito bom, não porque você é uma formiga especial. Se você continuar a andar por aí sem

seguir as outras, essa dó vai passar bem rápido e eu vou esmagar você com o pé". A mesa ficou em silêncio pelo resto do jantar e só o que deu para ouvir foi o chefe agradecendo o garçom pelo atendimento e pedindo a conta. Isso não foi Valdirene quem me contou, mas eu já chego lá.

O que ela me contou foi que ficou com aquelas palavras na cabeça, principalmente porque odiava formiga. A Coréia tinha formigas enormes andando pelas janelas, daquelas graúdas, com a bunda arrebitada, e às vezes elas se acumulavam em um canto e era como se fossem um animal só, muito maior, com muitas patas, girando em torno de si mesmo. Quando chegaram em casa, as meninas todas pararam o que estavam fazendo, as que já estavam deitadas levantaram, todas sentaram-se para ouvir o que havia sido dito. Valdirene e Luciana contaram cada palavra, uma encenava o assessor, a outra o chefe, imitavam as vozes engrossando as suas próprias vozes e conseguiam pintar o cenário em uma peça de teatro improvisada.

Fez-se silêncio depois do fim da história, e então veio um "à merda com eles" do fundo do quarto. Todas viraram e viram que as palavras vinham da boca de uma das mulheres mais velhas dali, Roberta, a Beta, que já devia ter mais de trinta. Beta tinha família e um emprego, mas o marido morreu em um acidente de carro e a sogra tirou os filhos dela depois que um juiz acreditou que ela não iria conseguir se livrar do vício em cocaína. Beta não sabia se isso seria verdade, se não conseguiria mesmo parar caso tivesse que cuidar das crianças, mas foi verdade depois que ficou sem elas. Todas concordaram, à merda com eles. Decidiram ali mesmo qual seria o esquema que adotariam a partir de agora: fariam elas mesmas as contas antes que o assessor viesse buscar o dinheiro. Uma parte guardariam; pequena, para não dar na vista. Outra parte deixariam que tirassem a taxa que sempre tiravam. Era um acordo que precisava ser aceito por todas, já que os homens poderiam desconfiar do valor mais baixo, mas não se acontecesse com todas, e não só com uma; achariam que era a demanda que havia

diminuído, e não que havia alguma coisa errada, algum acordo coletivo, algum tipo de sociedade inteligente ali que pudesse tomar decisões conjuntas. Usariam a ignorância deles a seu favor. Talvez funcionasse.

Na semana seguinte, o assessor veio como sempre vinha, olhando nervoso para os lados, ajeitando a camisa para dentro das calças e tirando o sufoco da gravata ao entrar pela porta da casa, de número 872, bem no centro. Entrou sem falar com ninguém, sentou-se no escritório improvisado na cozinha e foi recebendo uma a uma as funcionárias, novas e velhas. Valdirene olhava cada uma que saía de lá e recebia delas um olhar de cumplicidade, um sorriso invisível. Quando chegou a sua vez, entrou em silêncio e passou o dinheiro. O homem contou, olhou para ela, anotou e fez sinal com a cabeça para que saísse. Nada além.

Foi assim. Demorou até que todas deixassem a desconfiança de que algo de ruim aconteceria. Estavam sempre achando que alguém ia entrar pela porta e arrastá-las pelos cabelos ou simplesmente matá-las uma a uma, sem maiores problemas, sem cobranças. Demorou, mas em algum momento passou. Em algum momento estavam felizes, até onde a felicidade conseguia entrar. Foi só depois de um ano, quando estavam todas em paz, que o fogo veio. Foi em um dia de semana, com todas fora de casa, quase todas. Luciana estava lá, dormindo. Valdirene chorava enquanto me contava, mas a voz dela permaneceu firme enquanto dizia que encontrou apenas os pedaços de roupa da amiga, manteve-se firme quando disse que viu depois o corpo ser retirado com um lençol por cima e pelas partes que o vento levantava dava para ver ainda o preto de pele bonita que ela tinha, pele de quem não vivia na rua e nem ganhava dinheiro na rua, pele de quem se cuidava ou de quem ainda não precisava se cuidar pois viveria para sempre, como os jovens sempre vão viver para sempre — até descobrirem que não vão. Luciana não teve tempo de descobrir que não viveria para sempre, e isso dava um certo alento a Valdirene, que já sabia que não iria viver para sempre desde os catorze anos de idade.

O fogo queimou tudo: as roupas, os lençóis, o dinheiro, até mesmo o pacote misterioso de Amara, que fosse o que fosse que carregasse dentro era coisa que queimava e virava cinza como todas as outras. Uma a uma, elas voltaram para a casa e pararam na calçada, olhando as chamas. Quem chegou depois viu os bombeiros tentando controlar o caos, mas era um fogo persistente, quando uma chama sumia vinha outra e outra, em uma dança sem fim. Só parou quando o fogo quis, quase de manhã, quando o dia passou a revelar à cidade o que havia acontecido. Todas as mulheres da casa passaram a noite na calçada, esquentando umas às outras, chorando, rindo e desistindo, observando, xingando e entendendo. Todas precisariam arranjar algum outro lugar, juntas ou cada uma por si. Não havia mais nada quando entraram lá, só as cinzas e as camas quebradas. Não tinham como cobrar nada de ninguém e se falassem alguma coisa quem iria acreditar? Sabiam que a palavra não vale muito sem dinheiro e até o mesmo o dinheiro que tinham havia queimado. Estavam sós e só com a roupa do corpo, que também não era muita. Essa foi a história que Valdirene me contou.

As outras conseguiram um lugar com uma conhecida de outra Coreia, mas Valdirene não quis ir. Ela não me disse o motivo, mas eu sabia. Ela estava há alguns anos por aí quando eu a conheci já como líder dos necessitados, dos vagabundos, dos maltrapilhos, dos perdidos. Volta e meia ela ficava sabendo do que havia acontecido com as amigas, fulana casou, beltrana morreu, sicrana matou, mas nunca mais as viu, com exceção de Vanusa. Queria que a companheira fosse junto com as outras para ficar mais segura, mas sabia que não teria como convencê-la. Vanusa ficou a seu lado e elas viveram felizes por dez anos, quase para sempre. Depois desse tempo Vanusa disse que precisava encontrar a mãe que havia deixado em Sergipe com seus três irmãos. Foi embora de casa por causa do pai, e agora o pai estava morto. Valdirene disse então que aquilo era o fim, pois não podia deixar aqueles que nela confiavam. Sem rancor, sem remorsos, Vanusa foi.

Valdirene viveu na rua até que morreu naquele dia em que o intruso chegou, Romércio, que também quase me matou. Algumas noites depois da chegada dele, acordei com o grito de Valdirene, potente, ecoando pelo ar livre. Vi ela se retorcendo e soube logo o que estava acontecendo. Romércio tinha um facão que gostava de exibir sempre que se metessem com ele, uma peixeira quase tão grande quanto um braço que usava para assaltar jovens embriagados voltando das festas ou algum desavisado passando por ali quando a oportunidade surgisse. Valdirene estava agonizando e já não havia o que fazer, estaria morta em alguns minutos, vi nos olhos dela, olhos que me olhavam com paz, apesar de tudo, apesar da morte. Fiz o que qualquer um faria, fui até o desgraçado que enfiou a faca e enfiei a mão na cara dele, aberta mesmo, para ele sentir todos os dedos, todo o ódio que eu podia oferecer. Sempre tive medo de briga, nunca me meti, evitei quando pude, *morri de medo quando o pau quebrou*, mas parti para cima dele como um bicho com fome. Até entender o que estava acontecendo ele já estava com o rosto pingando sangue, o lábio rachado fazia escorrer um riacho vermelho que ia até o queixo e caía no chão. Seu olho direito não abria mais, enquanto o esquerdo me olhava arregalado, indo de um lado a outro, procurando uma saída, como um cachorro encurralado. Não senti a dor da facada até que me puxaram de cima dele e vi o sangue manchando o chão. O pobre segurava o facão erguido no ar, o braço um galho bambo e minha barriga um talho aberto.

Quem me levou até o hospital não foi uma ambulância, mas uma viatura. Eu perdi os sentidos no carro e poderia muito bem ser a morte me cutucando, mas era o vai e vem das ruas remendadas. Só acordei na sala de cirurgia, vi as luzes no teto e os médicos andando de um lado para o outro. As luzes eram enormes e a sala toda branca, cheirando metal. Ninguém me disse nada e antes de apagar com a anestesia pensei que estava em casa, acordando para a aula, sendo sacudido por João para não me atrasar. Depois abri os olhos sem saber onde

estava ou mesmo em que tempo estava, se esse era o meu tempo ou se estava em outro tempo, em outro corpo, em outra vida.

“Ele precisa ficar mais um pouco”, dizia uma voz de mulher.

“Não dá, tem fila”.

“Doutor, é muito perigoso”.

“Fizemos o possível. Quero o quarto limpo às duas”.

Vi ela se recompor no papel e vir em minha direção. Tinha os cabelos loiros amarrados e usava o uniforme azul muito passado e muito limpo. Abri os olhos para evitar o embaraço de ser acordado.

“O senhor vai ter alta hoje mesmo, vai poder se recuperar em casa”.

Eu não disse nada. Ela sabia. Olhou com apreensão, segurando os dedos de uma mão na outra. Saiu do quarto e voltou em um pulo com um pote e alguns comprimidos. Esse é para a dor, esse é antibiótico, tome assim e assim.

Agradeci e saí dali alguns minutos depois. Acho que deveria ter morrido, mas não morri. Voltei para casa. A luz do dia, ainda que acinzentada, mostrava as manchas de sangue no chão, registros da batalha. Sangue é difícil de limpar. Valdirene não estava mais ali, havia sido levada. Não vi ela morta, só aqueles olhos tristes me olhando, então gosto de pensar que alguém levou ela para o hospital, igual foi comigo. Ela não voltou mais porque não quis, foi no que eu escolhi acreditar. Não sei quanto tempo fiquei internado, mas parecia que já era outro ano, com novos personagens. Ninguém que vivia ali permanecera. A noite em que lutamos, eu e Romércio, foi como o fim de um filme de assalto em que ou se morre ou se foge. Não sei se Romércio morreu ou fugiu, mas sabia que ele não voltaria mais. Encontrei olhares desconfiados dos novos donos do lugar. Não falaram nada, não me expulsaram, mas não disseram que ficasse também. Decidi pegar minhas coisas e partir. Antes de dar no pé, olhei o bueiro em que Valdirene escondia seus pertences e estava tudo lá. Havia um garrafa

de água, um pedaço de tecido grosso, um gravador e um caderno pequeno, com um poema assim na primeira página:

Uma borboleta amarela

passou em frente à minha janela

Ela não sabe que vai morrer

Em alguns dias ou algumas horas

Vivem pouco as borboletas

Ela não sabe o que são horas

Nem dias

Nem morte

Só voa

É amarela

e passa em frente à janela

V.

— — —

Não sei onde ela conseguiu, mas ela era esperta. Era um aparelho pequeno, preto, com os botões mirradinhos de play e pause e as flechinhas para adiantar e atrasar a fala. Dei play sentado em um banco de praça, de frente para um chafariz, olhando o movimento, os casais de mãos dadas, os estudantes com suas mochilas, os vendedores de almoço, os trambiqueiros, as senhoras, as pombas e os vigias de carro. Escutei a conversa no restaurante, os talheres batendo, as risadas, o desconforto e tudo o que Valdirene havia dito. Ninguém falava no nome

dos dois homens, mas a conversa entre eles a respeito das coisas da Câmara dizia quem eram e o que faziam. Quando acabou a gravação, fiquei ali olhando e pensando. Valdirene era esperta.

Eu, nem tanto. Vesti a minha melhor roupa, uma calça jeans que já não fechava direito e um paletó cinza que era de meu pai, e levei o gravador para o jornal. Estava entre o jornal e a polícia, escolhi o jornal. Fui atendido por uma mocinha muito simpática que perguntou o que eu queria, como poderia ajudar e eu disse tenho um gravador e uma história. Contei tudo o que contei para vocês para a jornalista que falou comigo depois, mas nada saiu no jornal. Por semanas eu olhei a capa na banca e vi o noticiário da hora do almoço nas lanchonetes, ninguém falou nada sobre a história de Valdirene. Depois de dois meses, voltei. Dessa vez não foi tão fácil. Quem me atendeu não foi a mocinha educada, mas sim dois seguranças silenciosos. Esperei uma hora até conseguir falar com a jornalista depois de muito insistir. Quando me recebeu, ela me levou até um canto e disse que o dono do jornal conhecia o vereador, eram amigos de clube e quando ele viu a matéria disse para ela ficar de bico fechado se não quisesse perder o emprego, e que era para eu ficar de bico fechado também e muito atento.

Antes de ir embora eu perguntei se ela havia dito ao chefe quem era a sua fonte. Ela primeiro disse que não, mas logo se arrependeu e foi pedindo desculpas, disse que ficou com medo, que foi forçada. “Vieram dois homens aqui, me chamaram na sala do chefe, disseram que eu tinha uma bela carreira pela frente. É melhor você ir”.

Eu fui, olhando para os cantos, com medo da sombra. Decidi juntar algum dinheiro e viajar de novo, para onde desse. Uma noite andava por aí e vi que me seguiam. Dois homens altos andavam atrás de mim a uma quadra de distância, esperando o momento do bote. Fiz o que pude: virei numa esquina e corri. Corri até não poder mais, até que não vi mais sinal dos meus perseguidores. Não tive coragem de dormir desprotegido. Foi nesse dia que entrei na

lixeira, não podia ficar na calçada. Coloquei o lixo num canto para não dar na cara e entrei, um fedor desgraçado, mas logo já não sentia. Pelo menos chovia lá fora e as frestas deixavam um vento fresco entrar. Acordei assustado e saí logo que o sol começou a esquentar o metal.

No dia seguinte, finalmente encontrei o que não deveria. Ouvi minha mãe dizendo não encoste aí, isso não é coisa de encostar, é perigoso. Encostei, curioso como criança. Nada aconteceu, mas não conseguia tirar ela do lugar, nem mexer para os lados. Estava ali, no meio do caminho. Uma flecha enorme, do tamanho de um homem, apontando para frente. Parecia que alguém havia esquecido ali, ou que tinha caído e ficado, sem que ninguém percebesse. Eu precisava seguir meu rumo, então fui embora. Logo que saí para a rua vi uma mulher derrubando o celular no chão e em seguida a mesma mulher dobrou a esquina que já havia dobrado e veio em direção ao lugar em que havia derrubado e derrubou de novo. Depois um moleque correu sem olhar para frente, tropeçando e quase batendo a cabeça no chão, um perigo. Veio de novo, como cena repetida de filme, começou a correr de onde tinha vindo. Segurei ele pela camisa e disse “cuidado, você vai cair”. Ele olhou assustado, como se visse um fantasma, e gritou. O pai veio logo em seguida, arrancou a camisa da minha mão e me encarou, sem dizer nada. Eu também não disse nada, só olhei de volta. Desde então passei a ver tudo um pouco antes, as coisas sempre acontecendo de volta, todas as coisas se repetindo e agora sei tudo o que vai acontecer no agora seguinte.

— — —

Quando voltaram ao agora em que estavam, havia um bambolear da poeira visível entre os feixes da luz do sol do fim da tarde que se esgueiravam pelo apartamento. Os dois homens que escutavam permaneceram sentados o tempo todo. Se contorceram aqui e ali e escutaram

com atenção entre um gole de água e depois de café. Olharam para seus relógios para saber quanto tempo haviam escutado.

“Não existe flecha do tempo”. Rubens por fim soltou a frase que estava na garganta. “Não existe uma flecha física do tempo, quero dizer. Desculpe. Eu não quero ser grosso, sua história é muito comovente, mas não existe nada disso”.

“Mas ele está dizendo que existe”. Alberto Gusmão, professor de português, o ex-marido que nunca se importara com as questões da física, do tempo, do espaço ou qualquer coisa além de garantir que sua própria rotina ficasse livre de perturbações, disse com calma, mas com certeza de que aquela era a resposta lógica.

“Você acredita nisso?”. Rubens começava a sentir uma irritação conhecida das discussões com Alberto. Considerava-o muito inteligente, admirava seu poder de síntese e sua compaixão, mas sentia um desconforto quando o ex-marido levava as coisas do mundo real para o mundo da especulação, um mundo em que ninguém conseguia entrar e permeava sua imaginação e seus sentimentos de forma que pudesse vencer qualquer debate, já que era o rei solitário e soberano dessa nova realidade criada dentro de si.

“Acredito”.

“Mas não é verdade”.

“Que você saiba”.

“Sim, que eu, um físico, saiba”.

“Pode ser que os físicos não saibam tudo”.

“Pode ser que saibam algumas coisas”.

“Mas não tudo”.

“Então por que vieram aqui, já que você despreza meu conhecimento se digo o que não quer ouvir?”

Sem resposta, Alberto Gusmão fez outra pergunta:

“Tudo bem, que você acredite ou não é irrelevante, mas e se acontecesse?”

“Isso é inútil, nada disso é real”. Rubens já havia perdido a paciência e respondia só para sair de dentro daquele diálogo em que via-se preso. “Se acontecesse seria catastrófico, é claro. Um objeto que interferisse na forma como o tempo age? Como não pensar em um desastre? Como não pensar no fim de tudo, em algum mitômano desenvolvendo um mecanismo que acelerasse a explosão do sol ou qualquer coisa tão importante que não teríamos mais como voltar atrás? Era isso o que você queria ouvir?”

Alberto Gusmão não sabia o que queria ouvir. Talvez quisesse alguma solução fácil para um problema sem solução aparente, ou talvez quisesse escorar-se em outra pessoa mais qualificada, capaz de explicar tudo e resolver a questão e essa pessoa talvez fosse Rubens, talvez quisesse conforto, mas em outra realidade, uma na qual não houvessem se divorciado um do outro há poucos meses e as rusgas e os problemas e as feridas abertas ainda não incomodassem ou mesmo nem sequer existissem, só assim não estariam na frente, como obstáculos na pista, atrapalhando a solução para a questão mais importante, que era o homem ali na sala que previa o futuro e poderia ser a prova de que havia algo, um objeto, uma flecha que fosse, capaz de acelerar, atrasar, parar o tempo e por consequência talvez, em uma situação hipotética, representar o início do fim do mundo ou o fim do fim do mundo. Essa não era essa realidade, e sim aquela realidade de sempre, já cansativa e dando nos nervos, na qual andava se escorando pelos cantos e acordava às 7h da manhã para dar aulas e tinha o peso de dois divórcios atado aos pés. Não havia mais nada a dizer. Alberto Gusmão e Paulo Presente despediram-se do professor de física, que ficou na porta observando enquanto a peculiar dupla, um professor de português duplamente divorciado e seu protegido, um morador de rua que via o futuro, mas apenas o futuro dali a alguns minutos, saíam pelo corredor.

Além de esgotado, Alberto estava surpreso. Desde que conhecera Rubens, o ex-marido estivera dentro de um véu construído pela admiração de quem o cercava. Uma proteção, por assim dizer, que conquistara com esforço, inegavelmente. Estava na forma como andava, como se posicionava, como agia e como falava, principalmente quando falava. Tinha sempre a calma e a paciência para intervir na hora certa das conversas, somente quando considerava pertinente, no momento calculado para causar o impacto que desejava, e todos ouviam, concordavam e riam da forma como aquele homem tinha sempre os melhores comentários. Era sempre o mais inteligente, o mais engraçado de qualquer roda, pelo menos assim se mostrava, despertando sempre nos amigos e em quem mais estivesse presente um sentimento de conforto e mansa submissão, de alguma forma; nada poderia atingi-lo e seus posicionamentos sempre deixavam a sensação de que havia algo a mais, aquela seria só a superfície gentilmente oferecida por uma mente superior, que se escondia e não mostrava completamente o seu potencial. Não oferecia perigo, mas dominava, em silêncio, a sala.

Alberto sabia que essa aura de encantamento era em parte responsável pela paixão inicial que sentira pelo ex-marido. Confiava que além do muro dos primeiros momentos estaria uma pessoa por completo; teria a honra de ver o verdadeiro prodígio, a verdadeira face ainda mais bela e requintada, maior, daquele homem doce e perspicaz. Agora, ao ser confrontado, mesmo em silêncio, por um estranho que não parecia admirá-lo, mas sim queria tirar dele algo, alguém que tirava de si o controle, como um professor qualquer que responde perguntas, via Rubens exitar, arredio, irritadiço, desconfortável. Só lembrava dele assim nos momentos mais íntimos das brigas, quando discutiam reservadamente na cozinha enquanto os amigos riam alto na sala — nunca em público, na frente de alguém que pudesse vê-lo fora da pessoa que era para eles.

Rubens parecia não se importar em conquistar Paulo Presente, em ter sua admiração, em esconder a face e mostrar só um olhar, em se mostrar para aquele homem como se mostrava

para os amigos, melhor do que eles, ainda que gentilmente, para não espantá-los, na medida certa para que o quisessem ainda mais. Em frente a aquele homem estranho, era uma pessoa comum, despido de seu véu, desarmado de sua arma mais poderosa.

6.

O tempo foi uma das primeiras coisas inventadas, ou surgidas, se vamos por aí, de qualquer forma uma das primeiras coisas aparecidas. Por ser tão velho, com a idade bem avançada, já chegando nos finalmentes, mais para lá do que para cá, talvez por isso mesmo seja tão rabugento e sobretudo impaciente, nunca esperando por ninguém e seguindo sua própria batida, independentemente das reclamações de quem é atropelado por sua pressa ou de quem o vê passar e queria pelo menos uma carona.

Não foi difícil chegar à conclusão de que era preciso tempo. Tínhamos o espaço, enorme, belo, cheio de nada, ou quase nada, para ser justo, havia algumas coisas aqui e ali, mas sem tempo a sensação geral era que as coisas, por mais belas e espaçadas que fossem, não estavam andando para frente e isso não poderia ficar assim, todos estagnados, era preciso avançar. Era preciso não só chegar lá, onde quer que lá fosse, mas também saber a hora da chegada, para anotar quem chegou na hora e quem se atrasou, registro fundamental para aqueles que chegavam antes pois não tinham nada melhor mesmo para fazer e gostariam de se gabar de seu feito e reclamar dos outros que não chegavam na hora, ou mesmo somente olhar com o canto do olho para os atrasados, o que já era suficiente.

Com o tempo nós chegamos lá, diziam os cartazes e os outdoors, os anúncios e as propagandas, os publicitários animadíssimos com o novo produto a se trabalhar, um tão promissor e com tanta capacidade de sucesso, ou seja, com muita capacidade de ser vendido e gerar prêmios e prestígio. A animação era tanta que ninguém parou para perguntar onde era lá, ou o que fariam quando chegassem lá. Vamos a outro lugar, ficamos? Ninguém queria saber, estavam todos muito excitados com a nova invenção e puseram-se a caminhar em direção ao desconhecido.

Era ainda dia, embora Alberto Gusmão tivesse a impressão de ter escutado uma vida toda, com outras vidas dentro, bailando para cá e para lá em uma dança sem música, por dias e

dias, semanas, meses, anos, todo o tempo que pudesse conter tantas vidas. Sentia-se cansado, como se estivesse dentro da aventura, encarando os desafios, correndo, gritando, uivando de dor. Sentia a vida naufragando e não sabia se era a vida daquelas pessoas que nem sequer conhecia ou se era sua própria vida que havia batido em uma barreira de pedras e deixava entrar água pelos cantos.

Não via o ex-marido desde a separação. Os trâmites jurídicos foram todos feitos de maneira remota pelos advogados, não tiveram contato entre um papel e outro. A primeira vez que se viam e se falavam depois de terem dito o que disseram foi agora. Não ligou ou mandou mensagem pedindo para ele voltar, não sabia fazer isso. Ouvia dos amigos que esse contato era normal, que transar com um ex era normal, que tudo bem, acontecia sempre, sexo seguro e excitante, já que não estava mais preso na rotina do relacionamento e não tinha suas responsabilidades e mágoas, mas sua natureza inconciliatória, selvagemente comportada, mantinha-o recluso dentro de si quando não tinha sinal de que sua presença era bem-vinda ou requisitada, o impedindo de viver a reconciliação dos filmes, o sexo das desculpas ou mesmo o sexo da despreocupação. Não conseguia reatar, só desatava. O sexo com Júlia havia sido a exceção, mas não aconteceu no tempo seguinte ao término com ela, só agora, em meio a outro término, quando a vida já estava em outro caminho. Falar com Rubens normalmente seria um grande esforço, teria que se convencer de que era preciso e precisaria estar em um momento leve do dia, mas não havia sido. Sentia-se o passageiro da história de outra pessoa agora, um companheiro de aventuras, coadjuvante da própria vida.

Paulo Presente perguntou por que eles haviam separado-se. Já estavam na casa de Alberto Gusmão e ele fazia o café. Não queria deixar o homem vagando por aí com a ameaça que tinha sobre si, então o levou de volta a seu apartamento. Na entrada, acenou para o porteiro, que devolveu um menear de cabeça com os olhos seguindo o desconhecido. O amor acaba, eu acho. Disse que o amor deles estivera sempre para romper-se, desde o início, mesmo quando

começaram a se apaixonar. “Nossa geração sempre viveu na corda esticada, bem em cima da tensão, do ponto de ruptura iminente. Acho que nos acostumamos com isso. Beijamos em meio aos despejos, dançamos enquanto o país queima, brincamos na enchente”. Sentiu estranheza ao falar sobre a sua geração, dele e de Rubens, para um homem que tinha mais ou menos a mesma idade que eles, mas que não fazia parte daquela geração, daquele grupo mais ou menos definido de pessoas na mesma faixa etária que viveu mais ou menos as mesmas coisas, teve mais ou menos as mesmas aventuras e certamente as mesmas frustrações. Por mais que Paulo Presente estivesse, tecnicamente, na mesma geração, era certamente alguém diferente. Estava à margem, como um país marginal que mesmo estando no ocidente não faz parte do ocidente.

Quando acabou? Lembrou que Rubens gostava de um paradoxo filosófico, um desses absurdos, uma ideia estapafúrdia que de alguma forma deveria explicar alguma coisa sobre a lógica ou sobre o pensamento ou sobre a vida. Era aquele do barco que levou Teseu em sua viagem para matar o pobre minotauro. Os gregos, como o resto das pessoas, gostavam dos símbolos e o barco virou um símbolo, gostavam do barco, era um símbolo de virilidade e vitória, então trocavam as tábuas que iam apodrecendo por tábuas novas, para manter o barco novo, até que todas as tábuas foram trocadas e alguém parou para pensar e questionou “esse ainda é o mesmo barco?”. Claro, claro que é, disseram os mais velhos, os sábios, mas por dentro pensavam “deuses, já é outro barco!”. Quando foi que virou outro barco? Na primeira tábua trocada? Quando haviam mais tábuas novas do que velhas? Na última tábua, na derradeira tábua velha sendo arrancada?

Alberto Gusmão lembrava-se só das coisas boas durante os momentos de solidão, deitado na cama logo antes de pegar no sono, como acontece sempre. Enquanto relatava o fracasso do casamento para o amigo, descobria que a verdade é que

eram reféns em fuga. Tentavam fugir da ironia rasa que contaminava as conversas desde o início, mas voltava-se contra seus mestres com o tempo. Queriam dizer as coisas como elas eram, sem dizer o contrário, queriam soltar-se da tentativa de buscar a superioridade vaga e pueril do sarcasmo, agora via com clareza, mostravam-se como adolescentes gabando-se dos músculos recém adquiridos, venciam o diálogo, como se fosse coisa de vencer, olhem aqui, olhem o que eu tenho a dizer, como é inteligente o meu pensamento. Não havia prêmio. Agora não eram mais adolescentes. Não queriam mais vencer. A ironia que dedicavam aos colegas, aos amigos, aos parentes, agora bicava-lhes as mãos. Vinha de um e de outro, em resposta. Sabiam que se machucavam, mas não conseguiam parar. Não queriam mais falar, só ouvir, trocar, ganhar, ainda, mas por pontos, não por nocaute. Diriam só o queriam dizer e não se machucariam mais, nem com armas, nem com palavras. Nunca conseguiram. A fuga sonhada em cada acordo, em cada fim de briga, ficava apenas nos planos. Faziam de novo e cada vez mais. O alvo, que no início de tudo eram os outros, passou a ser o outro, em uma luta ingrata e cansativa. Eram esgrimistas e os floretes tinham fio.

Depois ficaram em silêncio, até que Paulo Presente disse que iria embora. “Para onde?”, questionou Alberto Gusmão, e então se questionou se seria rude fazer essa pergunta a um morador de rua que não tinha para onde ir. Paulo Presente não respondeu. “Fique, tome um banho, eu tenho roupas para emprestar, esse sofá tem espaço suficiente para você”. Paulo Presente era 10 centímetros mais alto, mas as roupas serviram. Alberto imaginou, mas não disse; pensou se seu hóspede não preferiria dormir no chão, como estava acostumado, mas Paulo Presente deitou-se no sofá e pegou logo no sono, provando que esse era apenas algo colocado na cabeça dele pelos filmes em que o sujeito volta da guerra e a cama é mole demais e ele prefere o chão duro.

Ficaram os três dormindo naquele apartamento, os dois homens e Fernando Pessoa, que vivia sem maiores preocupações. Passaram a semana assim. Paulo Presente não era de se

incomodar em causar incômodo, então não reclamou. Alberto Gusmão disse que ele poderia ficar até que resolvessem a situação, não precisava se incomodar, e Paulo não se incomodava. Disse apenas que arranjaria alguma coisa para fazer que lhe desse algum dinheiro para ajudar com as despesas. Não haviam muitas despesas, apenas as do dia a dia. O apartamento ganhei de minha mãe, contou Alberto, está quitado, há apenas o condomínio e as contas, mas isso eu pago com o mesmo salário que pagaria se você não estivesse aqui, um pouco mais aqui e ali. Arranje um trabalho se quiser, pode me ajudar com a comida, mas tenha cuidado, estão procurando por você e mesmo que você saiba o que vai acontecer pode ser tarde demais, pode acontecer de uma vez antes que dê tempo de fugir.

Paulo Presente não demorou a conseguir emprego. Com o endereço em mãos, virou atendente em uma distribuidora de bebidas localizada a cinco quadras de distância do condomínio. Precisavam de alguém que trabalhasse no turno noturno, das 21h às 6h e que tivesse algum dom para evitar brigas, exatamente alguém como Paulo Presente, que tinha um dom para evitar qualquer coisa que quisesse. Sabia quando o lugar encheria, quando esvaziaria, quando teria briga. Evitava que estranhamentos acontecessem abordando gentilmente os estranhadores antes do estopim, antes do esbarrão ou da voz levantada, oferecendo-se para ajudar. Era fácil, inibia os ânimos mais agitados da madrugada antes que se animassem. Escondido em plena vista, era outro homem. Era um homem, tinha agora tudo o que precisava para ser homem: casa, emprego e renda fixa. Agora existia e por existir não poderia ser encontrado, já que procuravam por alguém que não tinha nada disso.

Enquanto homem, andava para o trabalho e acenava para os vizinhos, dava boa noite para quem olhava da janela e para quem cruzava na rua. Vestia-se com três calças alternadas entre a semana, uma de cada cor, preta, marrom e azul, três camisas, todas brancas, e um sapato preto que era o mesmo todos os dias. Já não dormia mais no sofá. Em um sábado, os dois moradores do apartamento 47 do bloco G do condomínio Vila Maria, o professor Alberto

Gusmão e Paulo Presente, esvaziaram um quarto que servia como depósito e continha vários objetos que nunca mais seriam utilizados por Alberto Gusmão e nem por ninguém, e colocaram um colchão, depois uma cama e um armário, um abajur, uma escrivaninha e um tapete. Paulo Presente agora tinha um quarto. Ficaria lá até que as coisas se resolvessem, ou seja, até que pudesse viver sem medo da vingança do homem que sabia que um morador de rua qualquer tinha provas contra ele, pelo menos provas que o constrangeriam e poderiam colocar em risco a próxima eleição. Era um homem disposto a não perder o emprego, já que só sabia ser vereador, não tinha mais nenhuma habilidade. Era vereador profissional, muito bom nisso, por sinal.

7.

Alberto Gusmão espantou-se ao concluir que Paulo Presente era o primeiro amigo que fazia desde a faculdade. Os últimos amigos que fizera haviam sido feitos logo no primeiro ano do curso de letras. Na vida adulta, havia perdido o interesse em construir amizades verdadeiras, não deixava-se ir muito a fundo nas novas relações. Não havia mais espaço em seu cesto e o próprio cesto em que colocava as amizades parecia menor do que era na infância, já que havia crescido em volta dele. Fazia ainda o que era esperado: ia aos encontros marcados durante a semana e aos aniversários nos fins de semana, conversava, ria nos bares e no trabalho, mas não envolvia-se de fato, não conversava além da superfície, não compartilhava e não queria que compartilhassem nada.

O medo de não encontrar alguém para passar o tempo e ter a vergonha de ficar sozinho nos intervalos das aulas, a força que empurrava as crianças umas às outras e aquelas que grudassem como velcro permaneciam juntas, tudo isso havia ficado para trás. Acabava sempre grudado em um grupo de quatro ou cinco, todos meninos, claro, que se tornavam sua turma pelos próximos anos, enquanto estivessem na mesma escola, todos muito certos de si, parecendo adultos. Era estranho pensar nos amigos nos tempos de escola como crianças. Eram seus iguais naquele tempo. Trocavam intimidades, desejos, sentimentos, como poderiam ser crianças? As brigas, o medo, a insegurança, tudo havia sido com crianças, de crianças, para crianças. Olhava para os alunos em suas aulas e custava acreditar que tinha a mesma idade e a mesma imaturidade que eles durante o tempo da escola. Certamente as coisas haviam mudado; ele e seus amigos já eram gente grande naquele tempo, pessoas formadas, somente estavam ainda na sétima série por mera formalidade.

Evitava a todo custo entrar em novos grupos e em novas dinâmicas. Não precisava mais da angústia de não servir, não encaixar. Não queria lidar com os embaraços, então não lidava. O esforço que agora precisava fazer para se adaptar a pessoas novas, calibrar as conversas para

entrar na mesma frequência e então dar seguimento à troca de informações era um dom natural e afiado na juventude. Em poucos minutos, entendia o tom que precisaria usar para agradar o interlocutor, fazê-lo rir e sentir-se confortável, arrumando a sala para o aconchego de uma conversa mais próxima. Agora, quando estava em uma mesa com pessoas novas ficava boa parte do tempo em silêncio, tentando por muito tempo achar a frequência, mas esbarrando no chiado da comunicação. Era difícil achar pessoas com o mesmo humor, as mesmas pausas ou os mesmos silêncios.

Com Paulo era diferente. Não havia nenhum círculo a entrar, nenhuma dinâmica. Era algo novo. A situação forçada por circunstâncias inesperadas revelava-se mais fácil do que o dia a dia das conversas com os colegas adultos do trabalho. Não sentia, perto daquele homem, a estranheza do contato social e o medo de não agradar ou de não ser esperto e engraçado o suficiente. Alguma coisa na relação com ele retirava o elemento da dúvida da equação. As certezas que Paulo Presente tinha sobre o que viria talvez evitassem que houvesse a insegurança. Alberto Gusmão fascinava-se mais por esse poder de evitar o desconforto do que pela própria capacidade de ver o futuro imediato que aquele homem possuía.

Conversavam pela manhã, quando Paulo Presente chegava do trabalho na distribuidora e Alberto Gusmão preparava-se para ir à escola. Tomavam o café entre uma ida e uma vinda sentados na mesa da cozinha, falando sobre tudo, até mesmo sobre as formigas que infestavam a pia.

“Estavam em linha, como sempre. Perto do prato a formação era desfeita e era cada uma por si. Queriam os restos de camarão que eu havia comido na noite passada”, contava Alberto Gusmão sobre as invasoras da manhã.

“Eu não sabia que formiga gostava de camarão”.

“Nem eu, mas gostam. Liguei a água e foi um deus nos acuda. Aos poucos pararam de se mexer. Deixei a água escorrer e só ficaram os corpinhos. Aqui e ali uma ou outra caminhava

entre o massacre, triste de ver as irmãs mortas ou feliz por ter sobrevivido, não sei o que sentiam".

"Certamente sentiam que sentir é coisa de gente, não de formiga". Alberto Gusmão riu do humor áspero do amigo. Depois disse que ficou a manhã toda sentindo formiga subindo pelo braço, pelo peito. Quando olhava não tinha nada, era só impressão.

"Talvez fossem os fantasminhas", concluiu Paulo Presente. A princípio Alberto não sabia se o amigo falava sério ou não, Paulo Presente mantinha o rosto inalterado quando fazia esse tipo de comentário, mas a convivência havia mostrado que era um pouco das duas coisas.

Ficariam morando juntos até que as coisas se resolvessem, e as coisas se resolveram assim: na hora do almoço do mesmo dia do massacre das formigas na pia do apartamento, uma terça-feira que já ia friorenta pela hora do almoço, apesar da chegada iminente da primavera, Alberto Gusmão estava vendo as notícias do dia no intervalo enquanto comia. Via pelo celular. Arrastava com o dedo polegar da mão direita enquanto colocava na boca com a mão esquerda o garfo espetado em um pedaço de frango assado. A cerca de dez centímetros da boca, o garfo parou, como se o tempo parasse, mas foi apenas o cérebro de Alberto Gusmão que não deu o sinal para que continuasse até seu destino — ao invés disso, o cérebro pediu que a mão esquerda parasse o que estava fazendo e que todo o corpo e mente concentrassem-se no que estava acontecendo do outro lado do corpo, na mão direita, que parara sobre uma manchete que, embaçada pelos cantos, deixava nítido apenas o nome do sujeito, um nome que estivera na cabeça de Alberto Gusmão nos últimos meses e que havia mudado sua vida, mesmo que não conhecesse o dono do nome pessoalmente, só de fotos, e era o nome de Zezinho do Povo, vereador da cidade, morto em um motel com um saco plástico enrolado em volta do pescoço. Era isso que as palavras embaçadas diziam, Alberto Gusmão piscou os olhos e voltou a elas para certificar-se: Vereador Zezinho do Povo é encontrado morto em motel da região metropolitana. Seu carro foi encontrado no local. Sua

cabeça foi encontrada junto com seu corpo, mas dentro de um saco plástico. A polícia descobriu que ele entrou sozinho. Hóspedes comuns não poderiam entrar sozinhos, isto é, homens sozinhos, as mais perigosas das criaturas, o motel sabia bem, mas este não era um hóspede comum, era um vereador conhecido, mais do que isso: um amigo da casa. A polícia descobriu que ele já havia se hospedado lá, por vezes acompanhado, outras assim mesmo, sozinho. Pedia champagne. Dessa vez, entrou na melhor suíte, com hidromassagem, piscina e vista para o céu, dois andares, cama king, redonda, espelho no teto, pole dance, cadeira erótica. Colocou um saco plástico em volta da cabeça, amarrou com um barbante e se masturbou enquanto ficava sem ar. Demorou demais, talvez não estivesse excitado o suficiente, talvez as cenas da imaginação que colocava para rodar nessas horas estivessem esgotadas, talvez não houvesse nada de novo, nem sequer vontade. Continuou mesmo assim, precisava terminar, chegar ao ápice, dois segundos de explosão no cérebro, alegria e satisfação percorrendo o corpo em um barco levado pela correnteza, alegria e satisfação, ainda que logo substituídas por culpa e solidão. Tentou até que ficou sem ar, sem conseguir dar a ordem necessária aos braços para que parassem de masturbar e corressem para tirar o saco plástico da cabeça. Foi encontrado com o pênis flácido na mão.

Alberto Gusmão ligou para casa, mas ninguém atendeu. Ligou para o celular de Paulo Presente, mandou mensagem, queria compartilhar a novidade sem saber bem o que fazer com ela, mas não conseguiu. As coisas haviam se resolvido e talvez isso significasse não ter mais a companhia do amigo, mas isso era a menos importante das coisas, a mais fácil de ser resolvida, agora que não havia mais a ameaça que pairava sobre Paulo Presente. Gravou um áudio, mas parou na segunda frase, sem saber aonde levá-la. Descartou. Deu as aulas da tarde automaticamente e correu para casa sem sentir o chão. Tinha esperança de encontrar o amigo antes que ele saísse para o trabalho, mas não conseguiu. Encontrou apenas um envelope rasgado com o carimbo do condomínio. Até então, não sabia que o condomínio possuía

carimbo, mas lá estava, com o nome e a fonte utilizados no portal da entrada. O conteúdo da correspondência não estava. O que poderia ser? Não recebia correspondências do condomínio, as contas vinham por e-mail, o que poderia ser? Só descobriria quando Paulo voltasse, então tratou de deixar os pensamentos em solo, sem alçar voo, para que pudesse descansar.

8.

As horas começaram a correr devagar. Já haviam aprendido a andar, como uma criança que dá os primeiros passos, cambaleando entre os dias entediantes dos escritórios ou mesmo aceleradas pela pressa do atraso, mas sempre andando, sem correr. A criança era o tempo, e ia um segundo atrás do outro, como costumava ser desde o início. Alberto Gusmão tomava o café observando a chuva fina que caía pela janela. Vários dias já haviam passado desde que descobrira a morte do vereador e esperava que Paulo Presente voltasse do trabalho e pudesse contar a novidade, ou ao menos conversar a respeito, já que o companheiro de casa sabia de tudo sempre, nunca era pego de surpresa, certamente já sabia. Paulo não veio. Não conseguiam mais tomar o café juntos para falar das coisas importantes e desimportantes. Terminou em um gole e se ajeitou para ir ao trabalho de maneira automática, sem pensar nas roupas, nos sapatos e nos materiais. Não sabia onde estavam os pensamentos quando se vestiu ou quando saiu pela porta. Sem que colocasse os pés no chão, correra para a escola. Flutuava entre os carros. Sem correr, chegou mais rápido do que nunca, em um solavanco. O trânsito, o sinaleiro, os pedestres, as lojas, os pedintes, passou por todos e viu tudo como via todos os dias, porém mais rápido, como num antigo VHS acelerado para chegar na parte que interessa, com os mesmos defeitos na imagem, vultos da memória. Deu a primeira aula sobre sujeitos ocultos. Estava presente o tempo todo, o tempo andando como sempre. Segurava os minutos entre as mãos, soltando cada um como se soltasse o ar para voltar à superfície, um por vez. Na segunda aula, deixou a mão aberta e os minutos fugiram apressados, transformaram-se em segundos, milésimos, escapando pelos pulmões do mundo, talvez fosse esse o sonho deles, transformarem-se de minutos demorados em segundos ligeiros, milésimos velozes, correndo elegantes, pam, pam, pam. Já estava na sala dos professores tomando outro café quando reparou que a aula já havia acabado. Não havia visto o tempo passar. Assustado, juntou as coisas e foi correndo para casa sem parar em lugar nenhum, precisava falar com

Paulo, contar sobre o tempo e ver se estava acontecendo o mesmo com ele — talvez esse fosse um sintoma secundário da doença que havia acometido o amigo e estaria agora sentindo na pele, o tempo estava fora de lugar e havia sido contaminado com sua pressa. No caminho, prestou atenção em tudo, com medo de que as coisas desaparecessem ou que simplesmente as perdesse de vista. Olhou atento para o chão, desviando das imperfeições da calçada. Olhou para dentro das lojas e olhou longamente para dentro dos carros, vendo as pessoas que dirigiam sozinhas para casa, os casais em silêncio, crianças gritando e pais impacientes. A cada passo, dois passos, às vezes três, quatro, dez. Não era ele quem corria.

Paulo não estava. Não havia nenhum sinal de que havia voltado para casa nos últimos dias. Talvez o tempo também estivesse correndo para ele e isso tenha o deixado confuso. Alberto Gusmão deitou-se para relaxar e ver se o tempo parava. Não havia notícia na história da humanidade ou até mesmo antes da humanidade nascer de que alguma vez o tempo houvesse parado ou mesmo diminuído o ritmo, as horas eram sempre horas, mas também ninguém nunca havia relatado que o tempo acelerasse, corresse descontrolado por aí, de modo que precisava ao menos tentar fazer alguma coisa, que seria, neste caso, deitar e não fazer nada. Antes de dormir, pensou que já havia escutado um boato sobre o tempo correr. O pai dizia sempre que o tempo corria, tudo passava num estalo, a vida toda. Um alerta, tudo passa muito rápido, filho, aproveite. Não acreditava, o pai falava cada coisa. Ouvia com a atenção de um filho, ou seja, sem atenção nenhuma, mais preocupado com os problemas que tinha na infância ou na adolescência, com as meninas que gostava e não gostavam dele, com a atração crescente pelos meninos, com a prova de matemática no fim do semestre. Comigo vai ser diferente, eu sou diferente. Era um monstro cego, surdo e glutão, certo de tudo, valente de tudo, pobre monstrinho que um dia acorda e finalmente abre os olhos, e encara com horror o vazio e a verdade.

Dormiu e sonhou com muitos pés em um só corpo que não sabia o que fazer com tantos pés.Tentava andar para um lado e os pés do outro lado também andavam, na direção oposta, então não andava para lugar nenhum. A mesma coisa quando tentava ir para o lado oposto. Um corpo preso sem conseguir ir a lado algum. Acordou fazendo esforço; o telefone tocava, seu corpo com apenas dois pés estava pesado, doído. *Só não me deixará doido*. Atendeu, aguarde um segundo para falar com a diretora. Ouviu Maria Alice do outro lado da linha perguntar se estava tudo bem. Maria Alice era uma amiga antes dele entrar na escola. Tinham amigos em comum, na verdade, conheciam-se, frequentaram o mesmo campus da faculdade, ela na turma dois anos mais nova. Agora era chefe. Respondeu que sim, tudo bem, esteve na escola pela manhã, não tinha aulas à tarde, aconteceu alguma coisa? Ouviu o silêncio do outro lado, depois um suspiro. "Ninguém o viu na escola pela manhã, Alberto". Ninguém sabia dele havia uma semana. Como assim? "Como assim digo eu, Alberto". Ouviu que a diretora estava fazendo de tudo para mantê-lo no cargo, mas se ele não fosse mais para a escola ela não teria o que fazer, a secretaria estava pressionando, o conselho desde sempre o via com olhos desconfiados. Lembrou de quando precisou encontrar o diploma para conseguir a vaga na escola. Procurou por tudo, tanto em casa quanto na casa dos pais, a última esperança era a casa de uma tia onde havia ficado alguns meses durante a faculdade. "Já pediu para Santo Antônio?", perguntou a mulher, entre prateleiras reviradas, arquivos corroídos pela ferrugem e o ar parado do cômodo usado como depósito. Ela já tinha 78 anos e não enxergava, não ouvia e nem andava direito, mas falava cada vez mais conforme os anos se passavam. Alberto Gusmão não tinha muitos conhecimentos sobre o catolicismo, mas percebera a clara confusão. "São Longuinho, tia. Santo Antônio é pra conseguir casamento". A mulher revirou os olhos. Apesar da afronta do sobrinho ao duvidar de seu conhecimento e de sua intimidade com os seus santos, que ela conhecia muito bem, obrigada, tinha paciência na voz enquanto o arrastava pelo braço até seu quarto. "Eu sei, querido, mas da última vez

que eu perdi esses óculos aqui e pedi a São Longuinho pra me ajudar, o danado nem deu bola. Fingiu que nem era com ele. Encontrei eles em cima daquele Santo Antônio", e apontou para a prateleira onde dezenas de imagens sagradas se acotovelavam por um espaço de destaque.

A contragosto, pediu ajuda a Santo Antônio. Encontrou o diploma dentro de um envelope já mofado, a tia na porta com o olhar de triunfo. Era um bom emprego, não era o emprego dos sonhos, nem sabia qual exatamente era o sonho, então achava aquele um bom sonho real.

Anos mais tarde, aquela tia de todos os santos morreu. Já era velha há décadas, de modo que a lamentação não era de tristeza, e sim pelo choque que todas as mortes causam por nos lembrar que a vida, eventual e inevitavelmente, termina. No velório, depois de fazer sala para os conhecidos, deu uma escapada da comoção e foi até o quarto da mulher. Acreditava que a natureza estava o tempo todo se renovando e que nada de fato terminava, mas sim se transformava, inclusive a consciência humana, portanto não sentia tristeza. Acreditava que a doce mulher, que lhe oferecia chocolates antes do almoço na infância, havia se tornado parte do universo e estava em outra parte da jornada da vida. Sentado na cama, observou a mesma prateleira com todos os santos espremidos que havia visto pela última vez anos atrás. Passou os olhos pelo Santo Antônio dos objetos perdidos e se perguntou se isso significava que o São Longuinho era casamenteiro. Ainda não havia casado nenhuma vez, mas não fez nenhum pedido.

Alberto Gusmão pediu desculpas e jurou que não iria mais acontecer (sem nenhuma convicção de que isso fosse verdade), era só um imprevisto. Mas o que era, de fato? Era imprevisto, sim, ninguém prevê uma coisa dessas. Uma hora estava aqui e de repente a hora ia embora, já se transformava em outra sem bater o ponto, sem nem sequer aparecer para trabalhar.

Foi ao médico. Não sabia a qual médico ir, então foi em um do estômago, já que cada pulo até o próximo compromisso o deixava nauseado.

“Como posso ajudá-lo?”

“Doutor, é o tempo”.

“O que tem o tempo?”

“Está indo rápido demais, o senhor não vê? Acho que perdemos o controle”.

“Controle sobre o tempo? Isso não existe, o senhor está alucinando”.

“Talvez seja jeito de dizer, mas ao menos sabíamos quanto tempo tinha uma hora, quanto durava uma música, agora tudo corre na esteira da academia, um passo e já se está lá”.

“Seu caso é psicológico. Vou encaminhá-lo para um amigo meu que cuida dessas coisas da cabeça”.

“Doutor, aí é que está: eu já estou lá”.

“Como já está? O senhor está aqui, posso vê-lo”.

“Já estou lá, o senhor já é outro médico. É psiquiatra, não é?”

“Sou. Com quem o senhor estava falando?”

“Com ninguém, com ninguém”.

Quando chegou em casa novamente, lembrou-se de onde estava no tempo que não viu passar, em todos os dias que pareciam um dia comum de trabalho. Os dias e noites passaram rápidos demais, como se não conseguisse pensar, mas estava lá, era ele quem comandava as ações. Queria dizer a si e a quem perguntasse que era um passageiro do próprio corpo nessa viagem alucinada em um carro de fórmula 1, em um rally enlameado pela África do Sul, mas não era verdade, sabia no fundo que estava consciente durante todo o tempo. Lembrava-se. Paulo havia estado lá também, mas não contara nada ao amigo sobre o tempo corrido, tinha medo dele achar que estava louco, exatamente como achara que ele, Paulo, era louco na primeira vez que contara sobre a flecha do tempo. Tinha medo de que Paulo pensasse sobre ele exatamente o que havia pensado sobre Paulo quando se conheceram e quando ouviu toda a história. Não foi à escola e não deu satisfações. Dormiu e não teve vontade de fazer algo além

de dormir. Contou a Paulo, porém, sobre a morte do vereador, mas foi tão rápido, tão passageiro que nem sabia o que havia sentido ou o que o amigo havia sentido. Paulo já sabia, é claro, mas estava preocupado com outras coisas. Alberto disse que queria que ele ficasse, mesmo com as coisas resolvidas, mas Paulo Presente disse que isso não dependia mais dele. Contou para Alberto o que havia naquele envelope com o carimbo do condomínio, e Alberto, é claro, não sabia de nada. Era uma carta da comissão de segurança do condomínio, formada recentemente, muito recentemente, alguns dias antes, a carta era seu primeiro ato; uma convocatória para dali 15 dias com os dois moradores do apartamento 47 do bloco G, para uma conversa de interesse do condomínio.

Não haviam feito nada de errado. O tempo estava correndo, mas poderia afirmar que não havia cometido nenhuma infração contra o condomínio. Teria Paulo feito algo de errado? Não, claro que não. Confiava no amigo, apesar de conhecê-lo há pouco tempo. Apesar dele vir de onde vinha, isto é, de lugar algum. Não queria pensar aquilo, não sabia de onde aquele pensamento vinha, mas lá estava. Ouviu falar em segurança e o cérebro entrou em estado de alerta, acusando Paulo Presente, o ex-morador de rua, ainda que de forma abstrata. Racionalmente, sabia que Paulo era uma pessoa honesta, correta, mas o medo irracional de não estar nos trilhos, de alguma forma, de ser cobrado, fez com que a mente buscasse um culpado, e era fácil que esse culpado fosse o outro. Alberto Gusmão sempre havia feito a coisa certa, jogado dentro das regras, sem saber bem a razão ou o motivo — as regras, até agora, não haviam feito nada de bom por ele. Havia estudado, se formado e trabalhado. Vivia em uma casa herdada. Pagava as contas, tinha o nome sempre limpo, nunca parcelava nada e separava o lixo. De alguma forma, o cérebro havia moldado-se a essa realidade, excluindo e tendo medo do que viesse de fora, ou seja, de tudo que estivesse fora das *regras*. Paulo Presente era um estranho, ainda que morassem juntos já há alguns meses e houvesse contado sua história e ela fosse até onde sabia perfeitamente honesta, mas ainda assim, fora das regras

— morara nas ruas, agredira pelo menos uma pessoa, ainda que para proteger alguém que gostava, e sabia das coisas antes delas mesmas saberem de qualquer coisa, algo extraordinário, sem dúvidas, mas fora dos padrões, também sem dúvida alguma. Nada disso estava dentro do caminho que Alberto Gusmão havia julgado correto desde a infância. Nunca havia dado um soco, mesmo quando provocado; nunca cogitou largar os estudos; nunca havia mentido para os pais. Sabia que isso tudo fazia ou não fazia por medo, mas não o medo da dor, e sim o medo de não saber o que poderia acontecer assim que perdesse o controle da situação, fosse ela qual fosse. Gostava do controle, de saber o que viria em seguida, e em seguida, e em seguida. Se deixasse de segurar as rédeas, se desse o soco em quem jogava comida sobre sua cabeça, se estourasse, se contestasse o pai, se levantasse a voz, se dissesse não, não saberia o que poderia acontecer, até onde isso levaria, e isso o assustava mais do que a dor de um tapa. Não poderia perder o controle, e Paulo Presente mostrara a ele que não havia controle — ou melhor, que havia, sim, mas quem o detinha não era Alberto Gusmão ou ninguém mais, nem o pai, nem a mãe, nem o ex-marido ou a ex-mulher, e sim ele, Paulo Presente, com as rédeas do destino nas mãos. Chegou à conclusão que o que o atraía para esse sujeito era justamente o controle que ele parecia ter, que realmente tinha, e que Alberto nunca teve, apesar de sempre buscá-lo. Com Paulo, seu novo companheiro, diferente dos anteriores, já que não havia o aspecto sexual embaralhando todas as cartas, sentia que tinha o poder de não temer o imprevisto. Não sabia o que aconteceria, mas não deveria ser nada de grave, já que seu amigo avisaria, como uma rede para o trapezista que cai. A carta e a convocação pela comissão de segurança, bem como a repentina aceleração do tempo, haviam quebrado essa falsa impressão, criado um buraco em sua rede de proteção, deixando que caísse novamente.

“Eu não fiz nada de errado”, adiantou-se Paulo, mas sem impaciência ou rancor, apenas registrando a informação.

“Eu não disse isso”. Alberto Gusmão estava com a cabeça abaixada, como quem procura algo no chão. “Você lê pensamentos também?”. Queria livrar-se da ironia, mas não era possível.

“Não precisei”. Paulo já estava arrumando as coisas na sala. Era algo que fazia sempre: ajeitava o lugar quase que instintivamente, até de forma um pouco maníaca. Nada estava fora de lugar.

Alberto Gusmão pediu desculpas. Não quis mais disfarçar, não precisava mentir, poderia pelo menos livrar-se do desgaste. — Não acho que você fez nada de errado, mas não sei o que pode ser. Paulo Presente sabia. Pelo menos tinha um palpite. No começo, as pessoas do condomínio não disfarçavam o estranhamento. Mesmo aqueles que o cumprimentavam com bom dia ou boa tarde o faziam com a típica contenção dos músculos da testa de quem tem alguma dúvida. Algo naquela interação estava fora de lugar e mesmo involuntariamente eles mostravam a desconfiança. Com o tempo, o disfarce melhorou, ainda que não chegasse à perfeição. Cumprimentavam agora com um sorriso, mas mantinham os olhos fixos por um segundo enquanto sorriam, o que dava a impressão de que iriam falar alguma coisa, mas deixavam as palavras dentro da boca e seguiam seu caminho. A única vez em que alguém de fato disse alguma coisa foi quando a vizinha do andar de cima, uma senhora de seus setenta e poucos anos que sempre encontrava Paulo enquanto saía e ele chegava perguntou se ele morava ali e quando disse que sim, questionou se era a nova mulherzinha do professor, sem ofensas, claro, apenas uma brincadeira. Paulo Presente riu e depois sentiu-se mal por rir. Deveria ter mantido o rosto sério, mas não conseguiu. Riu para não constranger quem o constrangia. Não deu nenhuma resposta. Estava em um lugar novo, e aquilo havia afetado sua forma de reagir ao mundo. Na rua ou em casa, quando criança, sentia-se dono de tudo, mesmo não tendo nada; tinha pelo menos o controle de suas reações. Reagia com sagacidade, com o que chamavam de malandragem, mesmo não sendo malandro, apenas havia entendido a melhor forma de receber o que vinha de fora e como responder da melhor maneira que

conseguia, e estava satisfeito em saber a resposta certa à questão que o mundo o fazia todos os dias. Agora, tal qual o leão que é obrigado a aprender truques de circo, sentia-se acuado, sem saber como responder. Para aquela mulher que morava no andar de cima e falava alto, mostrara não mais do que timidez, vergonha e submissão.

"Mas não tratavam Rubens assim", questionou Alberto Gusmão, já sabendo da fragilidade do próprio argumento.

"É diferente. Não devem gostar de me ver andando por aqui". Paulo Presente estava sentado agora e olhava para cima, pois Alberto Gusmão mantinha-se em pé, as mãos nos quadris e uma expressão de desconforto.

"Não têm que gostar de nada, é seu direito. É meu direito morar com quem bem entender também". O desconforto em seu rosto agora transformava-se. Era ainda desconforto, mas com dois dedos de fúria. "Vão à puta que os pariu".

Estas últimas palavras de raiva foram ditas já no dia seguinte, que chegou assim que Alberto Gusmão abriu os olhos novamente. Começara a falar na noite anterior e terminou no outro dia. Paulo já não estava lá para ouvir. Precisava acostumar-se de alguma forma com a pressa do relógio e com o tempo que estava perdendo.

— — —

Vários aspectos insignificantes da existência formavam a personalidade de Alberto Gusmão, dos quais três se destacavam: um apego umbilical pela lógica e suas conclusões irrefutáveis; um ar enferrujado de mistério que disfarçava a incapacidade de compartilhar o que quer que houvesse dentro de si, sentimentos, pensamentos, dores ou gases; e uma inaptidão para flutuar onde o pé não conseguia alcançar. Não conseguia, por natureza, sentir-se desconfortável. Desde criança, sentia sintomas físicos ao ser confrontado pela insegurança

dos espaços, pelas conversas que não dominava ou por situações cotidianas que o tiravam do lugar. Com o passar natural do tempo, quando as horas eram horas e os minutos eram minutos, antes de saber que o tempo não era nada daquilo, muito pelo contrário, saiu cada vez menos do lugar de segurança que tinha, evitando arriscar-se além do necessário, e as raras vezes em que arriscava-se, tal qual um advogado que coleta provas, o fazia apenas para dar alguma satisfação a si mesmo quando este mesmo cobrava alguma atitude. Não poderia cobrar-se por isso se tivesse uma ou duas situações que usasse como defesa no julgamento. Você não pode me acusar, lembre-se daquela vez em que tomei coragem e beijei Catarina, a moça de quem gostávamos na sétima série, lembre-se que contei a nossos pais que era homossexual logo aos 13 anos, e depois ainda tive a hombridade de voltar atrás e dizer que era bissexual, você não pode me cobrar coragem, dizia a seu eu mais profundo, tão exigente. Sabia, porém, que estes argumentos muito bem fundamentados serviam apenas para acalmar a tempestade por algum tempo. Não solucionavam o problema do clima, como seria mesmo impossível, o clima sendo um sistema caótico regido por fluidos que fazem o que bem entendem assim que saem de onde estão, livres para voar sem ater-se às equações matemáticas ou à liturgia dos físicos.

Agora, perdido entre o ir e vir do tempo, procurava dentro de si a saída, ou ao menos o argumento que tirasse dele alguma culpa que por ventura sentisse ao encontrar-se nessa situação. Trouxera um homem estranho para dentro de casa, um homem perigoso, talvez não por seu caráter, mas sim por carregar consigo, supostamente, um poder, uma doença, algo que fizera com que o tempo quebrasse. Não havia como saber, nem parecia verdade, mas agora era evidente que algo naquela história toda era real, já que o tempo não fazia aquelas coisas antes. Mais do que encontrar suas justificativas, agora teria que arriscar-se, fazer o impensável, o indizível, sem saber até onde isso o levaria, mas não havia escolha. O risco, tão evitado por sua natureza amedrontada, era agora o único caminho seguro.

Não teve tempo para sentir a ansiedade que antecederia a reunião extraordinária do condomínio. Pelo menos isso, pensou enquanto arrumava-se em frente ao espelho, as costas para trás, o peito estufado. Sabia que não manteria a postura por todo o tempo, as costas naturalmente arqueariam-se e ele dobraria-se sobre si como de costume, mas precisava da confiança. Paulo estava no sofá, ajeitando as coisas em cima da mesa de centro. Precisamos ir.

Torcia para que fosse uma reunião esvaziada, apenas com o síndico e outros dois ou três curiosos, mas uma parte de si sabia o que aguardava. Logo que saíram pela porta do bloco ouviram o burburinho de pessoas conversando, as conversas umas em cima das outras, de modo que cada frase intercalava-se na outra, construindo novas palavras sem significado, apenas aumentando em tamanho e volume. Quando entraram pelo salão de festas, não fez-se um silêncio abrupto, mas o barulho conteve-se, como se olhasse pelos cantos do olho para aqueles dois sujeitos, um deles devolvendo todos os olhares, o outro desviando de cada um, colocando os olhos nos cantos do chão, onde não pudessem ser vistos.

Logo que sentaram-se, o síndico deixou a conversa com os dois moradores que moravam ao lado do apartamento de Alberto Gusmão e Paulo Presente e dirigiu-se à frente. Era um homem baixo, com entradas marcadas nos cabelos, vestido com uma camisa branca colocada por dentro da calça, o que deixava à mostra um cinto desgastado e a gordura localizada na partes laterais da cintura. Não devia ter mais do que quarenta anos; compensava a falta de experiência engrossando a voz.

“Boa noite”. Sem respostas, repetiu. “Boa noite”. Alguns murmúrios. Teria que servir. “Senhoras e senhores, amigos e amigas, vamos começar assim? Estamos todos entre amigos, não é?” Não houve concordâncias, apenas silêncio. “Estamos aqui hoje para conversar sobre um assunto que… bem, nos interessa a todos”.

Apesar do desconforto, Alberto Gusmão estava curioso para saber como o assunto seria levado. A maioria dos moradores provavelmente não sabia qual tema exatamente aquela reunião trataria; pela quantidade de gente, a fofoca havia se espalhado e nesses casos, havia a expectativa de que as expectativas fossem cumpridas e fosse então uma história que valesse a pena o momentâneo abandono do conforto do lar e das tvs ligadas na novela das sete. Pelos olhares incessantes que desviavam mas sempre voltavam a Paulo Presente, dava para imaginar que pelo menos o objeto do escrutínio todos sabiam qual era.

O síndico começou lembrando o fato. No dia tal e tal do mês tanto, nosso querido condomínio sofreu uma invasão. Alguém que não morava aqui dormiu em um dos nossos espaços, como todos sabem. Procuramos o sujeito para que ele respondesse pela infração, fizemos tudo ao nosso alcance, gastando pouquíssimo, quase nada, do nosso fundo de reserva, mas fazendo muito para acionar as autoridades responsáveis, mas como todos sabem este país é o paraíso dos vagabundos — ouviram-se palavras de concordância. O homem conhecia seu público.

Disse a última frase olhando com o canto do olho para a direção de Alberto Gusmão. Não teve a coragem de olhar para Paulo Presente. Ignorava sua existência, embora falasse dele e fosse justamente sua existência o problema. “Qual não foi nossa surpresa”, continuou, “ao descobrirmos, através de uma investigação séria, mas silenciosa e muito econômica, que aquele invasor estava agora dormindo dentro de um dos apartamentos do condomínio”. Ouviram-se rumores de surpresa, talvez alguns falsos e outros reais. Um projetor instalado ao lado da churrasqueira, embaixo de uma placa que saudava o hábito da confraternização em volta do fogo, mostrou imagens pixeladas de dois homens caminhando lado a lado pelo bloco G. Alberto Gusmão reconheceu-se pelas roupas. Achou estranho o cabelo visto de trás. Pelo menos estava mais magro. Era uma sequência que mostrava os dois saindo do apartamento, andando pelos corredores, chegando à garagem e depois se afastando, cada um para o seu dia.

Quando Paulo Presente chegava ao portão, a imagem se aproximava do seu rosto. Outra imagem do seu rosto, feita no dia em que dormira na lixeira, fora colocada ao lado para fins de comparação. A prova definitiva.

A partir daí e do murmurinho que a imagem projetada gerava, o síndico deu mostras de que não sabia exatamente para onde levar a situação. O plano aparentemente encerrava-se no clamor popular para então conseguir a expulsão do intruso. Pela lei não seria, pois não havia no regimento interno do condomínio cláusula que impedisse que alguém morasse em qualquer dos apartamentos, desde que pagasse em dia as parcelas, ou com algum atraso mas com justificativa plausível. A opinião pública seria importante não apenas pela pressão, mas porque havia, isso sim, uma cláusula que permitia que, por votação de dois terços dos condôminos, um morador fosse convidado a se retirar, uma cláusula de boa vizinhança. Ali não estavam dois terços dos condôminos, portanto seria enviado por e-mail um formulário de votação para a exclusão ou não do morador indevido do apartamento quarenta e sete do bloco G. Quando todos achavam que a reunião acabara, o morador do apartamento ao lado, Sérgio Benevides, levantou-se e apressou-se ao microfone para não perder a atenção do povo que já se dispersava. Disse que era importante lembrar que aquela não era uma situação de qualquer preconceito ou revanchismo, ou sequer perseguição, era apenas um ato pensado para que o condomínio refletisse, como um todo, como uma família, a respeito de um assunto. Regozijou-se com a possibilidade de que aquela decisão unisse as famílias em prol do bem-estar comum, inclusive o bem-estar do possível expulso, que ficaria melhor em companhia de pessoas mais alinhadas com suas crenças ou seus pontos de vista ou suas escolhas.

Nenhuma dessas palavras foi ouvida em sua totalidade, em parte porque metade do público original já havia saído do salão, ecoando lentamente pela porta como um rio cansado, enquanto a outra metade era incapaz de sintonizar o tom de voz daquele homem entediante.

Alberto Gusmão e Paulo Presente estavam no primeiro grupo. Saíram em meio a olhares desconfortáveis. Não precisaram consultar os poderes de Paulo para saber que nada mais do que fosse dito faria alguma diferença e teriam que lidar com aquela situação absurda, mas perigosa. Antes de dormir, Paulo perguntou se Alberto tinha advogado. Assim que fez a pergunta soube a resposta, mas precisava fazê- la para que a resposta existisse, para que viesse ao mundo como um bebê que nasce. E a resposta era: tenho advogada.

— — —

Júlia Paredes viu a notificação da mensagem, mas não a mensagem em si. Decidiu ler só depois do almoço. Não era um dia muito ocupado, pelo menos não além da conta, mas preferiu não lidar com qualquer que fosse o problema que o ex-marido trouxesse. Queria o bendito encontrar-se novamente? Seria possível que ele quisesse entrar nesse terreno cheio de espinhos e lembranças, que eram elas mesmas bastante espinhosas? Já estava lidando com o problema antes mesmo de saber qual a sua natureza. Marcaram um almoço, ele, ela e um amigo, Paulo, nunca ouvira falar. Alberto garantia que era assunto profissional, precisava de um conselho, nada pessoal.

Cumprimentaram-se os três, sentaram-se e fez-se o silêncio dos encontros não programados, interrompido apenas pela prestatividade do garçom. Primeiro foram as amenidades, as perguntas feitas para amaciar os ânimos, tatear o outro em busca do caminho para o que era realmente importante. Júlia havia visto o marido fazer aquilo milhares de vezes durante o casamento. Enquanto ouvia sobre a família de Alberto Gusmão, a doença da mãe, a aposentadoria do pai e as loucuras da tia, não conseguiu evitar que o pensamento vagasse pelas soluções possíveis para o caso em que estava trabalhando, defendia um homem que havia matado outro, um refugiado sírio. Ela tentava alegar legítima defesa, mas seu cliente

recusava-se a aceitar, dizia que não estava se defendendo de nada, matara sem motivo, somente porque estavam no mesmo lugar e ele tinha como matar, assim como não matar, só escolhera a primeira opção. Quando as bebidas chegaram, Alberto Gusmão finalmente encontrou as palavras para começar. Ela teve tempo de voltar sem perder nada importante. O ex-marido contou a história e era extraordinariamente ridícula. Queria saber se esse amigo, Paulo, poderia ser expulso do apartamento onde moravam.

“Imagino que não possa, afinal o apartamento é meu, quer dizer, de minha mãe, mas ela deixou para mim, e eu posso morar com quem quiser, não posso?”

“Pode”.

“Então”.

“Mas eles também podem”.

“Como assim?”

“Podem. A comunidade pode decidir que um vizinho não é bem-vindo, já houve casos. O apartamento continua sendo seu, mas eles podem pedir que um morador se retire”.

Depois disso, Júlia Paredes percebeu uma estranheza em Alberto, como um autoencantamento. Seus olhos estavam virados para frente, como era de se esperar que estivessem, mas ao olhar para o rosto do homem com quem fora casada ela teve a impressão de que o contrário acontecia: como se os olhos do ex-marido estivessem voltados para dentro. Prosseguiu com o aconselhamento sem olhar para ele, mas sim para o outro, Paulo. Deviam estar com os documentos a postos, poderiam redigir uma carta ao condomínio explicando suas motivações, conversar com o síndico para demovê-lo da ideia, mas o ponto principal, quanto à possibilidade, não havia o que fazer. Ela existia, como uma cobra existe e a possibilidade da cobra picar uma criança desavisada também existe, não há o que fazer a não ser não andar pelos mesmos caminhos que o animal e torcer para que ele não venha por ventura rastejar por caminhos que andamos ou que nossas crianças andam, já que o caminho

onde a pobre criatura de Deus sempre rastejou em paz já foi destruído e agora já foram colocados por cima casas, prédios, plantações, estacionamentos e condomínios.

No caminho para casa, Júlia Paredes recorreu à memória para lembrar se já havia visto aquela reação de Alberto Gusmão durante os anos de casamento, aquela autorreclusão. Estava acostumada a encontrar nostalgia nos detalhes que naturalmente deixara para trás e os encontros com ele ocasionalmente traziam de volta à superfície. Já havia visto o marido desviar o olhar milhares de vezes quando confrontado por outros olhos, como um animal culpado que, ao não encarar o dono, supõe que o castigo por sua falta será menor, ou que não haverá castigo algum. Não era a mesma coisa. Aquilo era um fechamento em si, um desligar de luzes no escritório, um fim de expediente interno. O homem olhava sem olhar. Ao se despedirem, viu de novo Alberto Gusmão, sem desviar o olhar e sem olhar para dentro, um sorriso no rosto e um agradecimento pelos conselhos — então estava ouvindo, só estava em outro lugar que não aquele, embora parecesse estar preocupado, até mesmo alarmado, com a possibilidade que trazia do amigo ser expulso da casa em que moravam juntos. Furou o sinal amarelo já tornando-se vermelho perdida nos pensamentos e passou perto de bater em um motoqueiro desavisado, que xingou sua mãe e seu pai. Ainda era terça-feira.

Quando ouviu que Paulo Presente poderia sim ser expulso do apartamento, Alberto Gusmão segurou os pensamentos com medo de que perdesse o controle e o tempo corresse ali mesmo. Será que Júlia perceberia? Como explicaria para a ex-mulher que sua vida agora era formada por pequenos intervalos de pasmaceira intranquila entre arrancadas formidáveis do trem do tempo a mil por hora e ele estava apenas tentando equilibrar o drink na mão? Agarrou os braços da cadeira na tentativa de impedir que o tempo fugisse e por um segundo acreditou que conseguiria, estava no controle. Era agora o maquinista e segurava o freio, mas distraiu-se pensando em quão eficazes eram os freios de trens. Quando abriu os olhos estava despedindo-se da ex-mulher, agradecendo pelos conselhos. Nos dias seguintes, checou a

caixa de entrada de seu e-mail todas as manhãs, algo que fazia no máximo semanalmente em dias comuns, mas aqueles não eram dias comuns. Toda a comunicação profissional era feita através do sistema interno da escola e seus poucos contatos familiares não escreviam e-mails — sua mãe preferia recursos audiovisuais, tão abundantes nas plataformas modernas. Seu pai havia estabelecido com o filho um simples, mas eficaz código de comunicação através de emojis, gifs e outras figuras, que ora demonstraram carinho, ora cobravam atenção. Nenhuma palavra era dita, para não evitar interpretações equivocadas. A interpretação das figuras era mais segura neste sentido, embora dissesse mais sobre quem interpretava do que sobre quem enviava. Não recebeu nenhum e-mail, como esperado, certamente o condomínio havia tomado o cuidado de excluir momentaneamente seu endereço da lista que receberia a pesquisa. Recorrer a algum vizinho estava fora de questão, não tinha proximidade com nenhum deles; só conversava com a viúva para a qual alugava a vaga da garagem, mas a mulher não era amigável — a palavra que vinha ao pensamento de Alberto Gusmão era detestável, e não eram exatamente conversas, apenas trocas de informações e cobranças de parte a parte.

Passados os primeiros dias, Alberto Gusmão sentia falta de que o tempo andasse mais rápido. Havia vivido a própria vida sempre como um observador imparcial, um juiz, como se estivesse em um zoológico antropológico observando os animais e seus comportamentos errantes, estranhos para olhos humanos. Mesmo quando algo relevante acontecia, uma morte, um divórcio, o casamento de uma ex-namorada, deixava o sentimento escondido em uma redoma invisível. O sentimento esforçava-se para sair, principalmente a raiva, mas conseguia prendê-lo lá dentro, ouvindo os murros no vidro inquebravel da consciência. Agora o vidro se partia e estava ele entrando na jaula que criara para o que sentia, sem saber como agir. Enquanto o rasgo no vidro ocorria, sentia um fio de energia subir pela garganta e chegar à ponta da língua. Não seria nada mal o solavanco até a conclusão daquele teatro mal erguido,

fosse como fosse que pelo menos fosse de uma vez, mas não era possível tomar as rédeas das horas. Pensou nas histórias em quadrinho da infância nas quais os heróis a princípio não controlavam seus poderes, mas aos poucos aprendiam os truques e logo estavam combatendo seus vilões; este não era o caso. Não era um poder, sentia mais como um mal estar que o acometia às quatro da tarde, uma dor de barriga que precisava disfarçar para não dar na vista. O tempo não acelerou mais. Teve que viver cada dia de uma vez e então percebeu que não sabia mais como fazer isso. Entrava inquieto na sala de aula e não tinha mais paciência para responder às perguntas. Lia para os alunos trechos dos livros de modo automático, sem paixão. Não era, nunca fora o mais receptivo dos colegas de trabalho, mas agora ignorava solenemente os outros professores nos corredores, sem dar-se ao trabalho de acenar ou vocalizar algum cumprimento. Estava ausente do próprio dia a dia e o que era mais importante: não se importava. Nada parecia importante, nada chamava a sua atenção, nada o acometia. Queria apenas que as horas fossem logo em frente, sabe-se lá para onde.

Estava em frangalhos quando o julgamento finalmente chegou. Não comia mais, estava magro como nunca, a pele do rosto ressecada pela falta de hidratação. Há duas semanas não tomava uma gota de água pura na boca, apenas a água que vinha misturada no café de toda manhã. Usava as mesmas calças há cinco dias; a mesma camisa há três; os mesmos sapatos há dez dias corridos, úteis ou inúteis. Tomava banho todos os dias, mas não dava-se ao trabalho de esfregar o corpo. Muitas vezes apenas deixava a água escorrer pelos braços e pelas pernas, sem tocar no sabonete. Nos fins de semana, caminhava como um fantasma pelo condomínio, pisando na grama e encarando as crianças, os zeladores, os vizinhos e quem mais estivesse no caminho com um olhar seco e duro como mato queimado. Olhava para todos e aquilo era desconfortável para eles, mas não para si. Como se usasse óculos novos, que o permitissem enxergar os detalhes, mantinha o olhar em cada olhar que vinha em sua direção, observando o desviar de olhos ou a estranheza de quem mantinha firme sua vista.

Paulo Presente preocupava-se com o amigo, mas sabia que não havia o que pudesse fazer. Alberto Gusmão estava descobrindo o que todo homem eventualmente descobre, mais cedo ou mais tarde, mais jovem ou mais velho, e estava lidando com isso negando o passado e esquecendo o futuro, a pior forma de lidar, pois assim não havia mais o que o segurasse no chão, no agora e na vida que tinha. O resultado da pesquisa foi este: somente duas pessoas votaram pela expulsão de Paulo Presente do condomínio. Nas conversas dos corredores, na porta dos blocos e no bom dia do estacionamento o que os moradores diziam é que ninguém tinha nada a falar sobre aquele sujeito. Era, para todos os efeitos, um morador respeitável. Trabalhava, tinha horários e não fazia nenhuma maluquice. Não dava festas até tarde da noite, não produzia sons inconvenientes e recolhia o cocô do cachorro. Era um deles. Seu crime nem sequer era um crime. A lixeira estava aberta e ele devia ter seus motivos, ninguém dorme na lixeira porque quer, sejamos justos. Os únicos votos favoráveis foram o do síndico e o de Sérgio Benevides, tão esperados que nem contavam, já haviam sido dados na própria assembleia. Nem sequer o voto da esposa da Sérgio Benevides foi em favor da expulsão; ela absteve-se. O formulário, simples, com apenas uma pergunta com resposta direta, sim ou não, tinha apenas mais um campo, uma formalidade: era o campo de Observações, logo abaixo da pergunta, e neste campo, vários moradores, todos, três terços, pelas contas iniciais, confirmadas em contagens posteriores, pediram com educação, mesmo que não tivessem nada contra Paulo Presente, muitos deles com pressa, tarde ou cedo, preferencialmente logo, a expulsão do outro morador do apartamento quarenta e sete, o homem conhecido como Alberto Gusmão. Diziam assim que possível, quando der, mas todos, sem exceção, queriam ver aquele sujeito fora dali. Uma análise de todas as observações mostrava que os motivos eram variados: diziam que era antipático, muito alto, fedia a cigarro, tinha um rosto estranhamente familiar, era feio, assustava as crianças, parecia corcunda, não gostava de ninguém. Alberto Gusmão não contestou nenhuma acusação. Era tudo verdade. Houve o

inevitável impacto, mas estava sereno quando Paulo Presente perguntou o que ele faria. “Vou embora, claro”. Essa era a resposta. Não sabia que estava precisando de uma resposta, mas aí estava. Sentia-se aliviado por finalmente ter uma resposta, ao invés de mais e mais perguntas e poderia dizer-se até mesmo feliz. Sabia como colocar as coisas em ordem porque finalmente entendera o que significava a entropia e tudo o mais agora fazia sentido.

— — —

Paulo Presente viu-se sozinho mais uma vez. Alberto Gusmão não demorou a ir. Juntou apenas alguns objetos pessoais, escova de dentes, uma mochila de roupas, carteira, celular. Deixou as chaves sobre a mesa. “Você tem emprego, pode pagar as contas de luz, comprar comida. Fique o quanto quiser, para sempre se quiser. Ninguém vai incomodá-lo. Não tenho parentes a não ser meus pais, que não fazem questão, e alguns primos que nem sei se estão vivos ou mortos, provavelmente mortos. Não se preocupe”. Não estava preocupado com isso, mas sim com o amigo que o acolhera e agora ia embora. Disse que conversaria com as pessoas para que mudassem de ideia, tinha confiança de que o escutariam, mas nada parecia demover Alberto Gusmão da ideia de que não pertencia a aquele lugar, nunca pertencera, nunca pertenceria.

Nada do que fizesse, perguntasse, argumentasse ou pontuasse mudaria a convicção daquele homem que nunca fora decidido a nada, mas agora, subitamente, tinha um desejo ardente e decidido de ir-se embora de casa para lugar nenhum. Só tinha o ponto de partida e era suficiente. Despediram-se com um abraço tímido, mas ainda assim apertado e até íntimo, para surpresa de ambos os homens, que não tinham facilidade ou costume de demonstrar intimidade ou qualquer emoção que quisesse ser demonstrada. Apertaram-se com força e Paulo Presente pela primeira vez na vida desde que tinha poderes sobrenaturais ou super-humanos tentou ver o futuro, mas o futuro de verdade, depois dos minutos e das horas,

onde pudesse alcançar. Queria saber se veria o amigo outra vez, mas seus poderes continuaram só dizendo o que aconteceria dali a pouco, o que no caso era Alberto Gusmão saindo pela porta, exatamente o que aconteceu.

Com a ausência de Alberto Gusmão, Paulo Presente teve pela primeira vez em toda a vida uma casa própria, somente para si. Agora poderia dormir no quarto maior, assistir o que quisesse na televisão ou somente sentar no sofá sem que precisasse dar explicações ou mover-se para o lado para dar lugar a quem quer que fosse. Tinha ainda a tarefa de saber o que havia causado aquele problema com o tempo, mas aos poucos o interesse que tinha por decifrar o enigma foi sendo tragado pelo cotidiano, pelo acordar em uma cama, pelo café tomado com calma, pelo trabalho e pela volta para casa já amanhecendo. Não era a rotina mais comum entre os moradores do condomínio, mas era uma rotina e tinha do que reclamar com os colegas de trabalho e tinha do que rir com eles também, o que era mais do que suficiente. Sua capacidade de enxergar dois passos na frente já era parte de suas capacidades comuns, como enxergar longe sem embaçar a vista ou pular alto ou mesmo dobrar as roupas com precisão.

Ao sair pela porta, Alberto Gusmão decidiu que seu primeiro destino seria a escola. Por respeito aos colegas e à diretoria precisava demitir-se formalmente. Depois de cruzar uma fileira de crianças do segundo ano, *piuí, tchá tchá tchá, não precisa empur-rar*, um grupo de adolescentes que nunca havia visto e acenar de volta para duas de suas alunas que conversavam em sussurros e apontavam para ele, descobriu que já estava demitido há duas semanas, o que não era de se espantar, já que pelas suas contas não aparecia para dar aulas há mais de um mês. A diretora, sua amiga, pediu desculpas, mas a pressão do conselho tornara-se insuportável. “Eu posso indicar você para outra vaga, deixo de lado esse período, digo que você saiu daqui por incompatibilidade pedagógica”. Alberto Gusmão agradeceu, mas gentilmente declinou da proposta. Contou que havia sido contratado por uma startup de

educação de São Paulo. Daria aulas online de português para filhos de brasileiros que moram na Europa ou nos Estados Unidos e não sabem nada da língua dos pais, apenas inglês, espanhol, italiano e francês.

Depois, foi até a casa dos pais. Contou que faria uma longa viagem pela América do Sul, exploraria o interior do Chile, os confins do Peru, a comida da Colômbia, talvez chegasse até a América Central, queria saber mais sobre as ilhas holandesas do Caribe, também provar frutas de cores inimagináveis e gosto inesperado, andar pelas trilhas e ver as florestas, descobrir onde ficava Macondo e onde a cidade se destruiu em um redemoinho de solidão, encontrar-se com guerrilheiros, bandoleiros e qualquer tipo de bandido, para então ser acolhido depois dos confrontos por mãos doces de mulheres e homens bons e humildes que estão pelas cidades e pelos campos do continente.

A mãe disse para que levasse casacos suficientes, poderia esfriar de uma hora para a outra e era sempre bom estar preparado. O pai pediu lembranças, mas não lembrancinhas, queria presentes de verdade, como calças boas ou bebidas que não encontraria nos mercados do Brasil. Depois dos abraços e despedidas, foi até o apartamento de Rubens, o ex-marido. Arrumou os cabelos no espelho do elevador, repreendeu-se por não ter ajeitado a barba que crescia solta para os lados do rosto, mas seguiu em frente. Apertou a campainha sem resposta, já que Rubens estava trabalhando, eram quatro horas da tarde de uma quinta-feira. Sentou ao pé da porta e esperou até que o ex-marido aparecesse assustado no corredor. Não foi nada, não foi nada. Levantou-se com a ajuda de Rubens, que o segurou pelo braço até chegarem ao sofá da sala. O ex-marido trouxe um copo de água e sentou em silêncio ao seu lado. Estava preocupado, mas Alberto Gusmão reafirmou que estava bem, apesar da roupa amassada, a barba rebelde, a pele ressecada e os cabelos oleosos e espessos. Depois do silêncio, falou a Rubens que voltaria com Júlia. Descobrira que era o certo a se fazer, aquela era a resposta para a grande questão aberta que era sua vida. Rubens ficou surpreso, mas assentiu. Disse que

de alguma forma já sabia, nunca duvidara. Disse o contrário à ex-mulher: que voltaria com Rubens. A ambos disse que era o certo a se fazer. Sentia saudades que consumiam sua energia a ponto de não conseguir mais dar aulas ou aproveitar o dia, não via mais graça nas séries de tevê, os livros não prendiam sua atenção, o tempo ia em frente sem motivos. Precisava fazer isso. Ambos disseram que tudo bem e que já esperavam. Sentiam durante o relacionamento que algo o faltava e talvez fosse outra pessoa, talvez o ex ou a ex. Abraçaram-se, choraram e seguiram em frente, Júlia e Rubens, enquanto Alberto Gusmão ia por outro caminho. Empreendeu sua fuga para o único lugar possível. Não precisou correr, e nem o tempo mais corria. Passava normalmente pelos ponteiros do relógio. Sentou na calçada para observar o andamento do relógio da igreja. Manteve os olhos vidrados para ver se os segundos pulariam, se as horas dariam saltos de uma hora para a outra, mas tudo andou como sempre, um segundo de cada vez, os minutos aguardando obedientes a sua vez, as horas lentamente, plenamente, pacientemente andando.

— — —

Depois de algumas semanas como morador único do apartamento quarenta e sete do bloco G do condomínio, Paulo Presente não sentia mais a estranheza dos primeiros dias. Sentia falta do cachorro, Fernando Pessoa, que Alberto Gusmão havia levado consigo. Andava pelas ruas procurando outro animal para fazer-lhe companhia, mas os que encontrava já tinham dono. Alguns dos donos deixavam que os cumprimentasse, outros eram mais arredios e andavam em frente sem dar muito papo. Cumpria seus horários com pontualidade admirável, chegando nunca depois mas também nunca antes, sempre no minuto exato de início do expediente na distribuidora de bebidas. Agora era gerente e tinha três pessoas sob sua supervisão: a vendedora, o novo segurança e o repositor. Não tinha experiência na função, mas a exercia

com precisão e altivez. Era justo com os funcionários, embora entendesse que jamais seriam seus amigos pela posição que ocupava. Evitava a bajulação e pedia que o tratassem somente com respeito. Para o patrão, era o melhor funcionário que jamais havia tido. Tomava a iniciativa e organizava o que o homem nem sequer sabia que estava desorganizado. Propôs um plano de distribuição, compra e reposição que economizou dinheiro e fez a loja lucrar como nunca.

Aos fins de semana, gostava de ir ao teatro. Comprava os ingressos para qualquer peça que estivesse disponível. O movimento, os sons, os diálogos, o silêncio, a música e o crescente drama alegravam seu espírito. Voltava para casa com a sensação de que a vida se renovava e começava novamente. Depois sentia-se sozinho. Dormia pensando nos pais, no irmão, em Valdirene e em Alberto Gusmão. Não imaginava cenários ou inventava possibilidades, tinha somente as lembranças. No último dia do verão, com o clima já esfriando no fim da tarde, encontrou Sérgio Benevides na saída do bloco. Não havia visto mais o homem desde o dia da assembleia que pedia sua expulsão do prédio. O sujeito estava ainda mais magro do que o habitual, tinha os ossos dos ombros marcando a camiseta e os óculos grossos sobrando no rosto, as costas arqueadas e a cabeça grande e quadrada repousando desconfortavelmente sobre o pescoço sem músculos. Depois do riso desconfortável e de já ter passado por Paulo Presente, voltou um passo e disse, acabrunhado: “Como vai?”. Mais do que uma pergunta desinteressada feita automaticamente para o vizinho no corredor, Sérgio Benevides parecia realmente interessado em saber como ia o novo morador do prédio, uma curiosidade um pouco mórbida, mas sobretudo genuína. “Espero que você não guarde mágoas, tudo o que foi feito foi pelo bem geral do condomínio e dos nossos condôminos, nada pessoal. Eu de minha parte não guardo mágoas da derrota, tenho você agora como um querido membro da nossa família, que decidiu por sua permanência”. Paulo Presente não guardava mágoas e nem alimentava raivas, nem mesmo por perder a companhia de Alberto Gusmão: tinha a

convicção de que o amigo havia ido embora mais por vontade própria do que pela vontade alheia, de modo que o condomínio havia lhe feito um favor, e também por isso não tinha do que se queixar. Mesmo assim, sabia que não havia sinceridade nas palavras do outro. Disse que estava indo bem.

"Você se adaptou aos nossos modos, ao nosso jeito, quero dizer" — e disse, com a boca e com os olhos — "Quem sabe em breve pode participar do nosso conselho para debater os assuntos da convivência".

"Não precisei fazer nada extraordinário", respondeu Paulo Presente, ao que Sérgio Benevides retrucou que aquilo já era extraordinário o bastante. "Quanto menos extraordinário, melhor".

Como havia acontecido das outras vezes, a conversa com o sujeito havia deixado em Paulo Presente um amargo na boca do estômago e as entranhas feito pedra. Sentia como se houvesse mastigado a manga da própria camisa. Para Sérgio Benevides, a conversa havia sido produtiva. Tentava ainda decifrar aquele homem e esse havia sido um passo importante. Olhava-o pelo canto do olho enquanto andava de frente para a sacada do seu apartamento com as roupas muito passadas, a camisa para dentro da calça e os sapatos engraxados. Sentia que esse bom comportamento era só um sinal de que havia ali um sentimento latente de transgressão pronto para sair e causar problemas. Seus mecanismos de defesa estavam todos ligados e prontos para qualquer imprevisto que porventura pudessem surpreender algum desavisado ou alguém menos preparado, mas não a ele. Já em casa, contou para a esposa sobre o encontro, e recebeu como resposta que ela também havia se encontrado com o vizinho no corredor. "Vi ele agorinha, enquanto tirava o lixo. Sujeito simpático, apesar de tudo. Tem uma expressão um pouco amedrontadora, não sei o que é, dá medo na gente, mas depois passa".

Já estava na cama ajeitando-se para o sono quando ela terminou. "Sabe o que ele me disse? Que consegue ver o futuro. Acredita? Não sei se estava tentando me agradar ou o quê. Pedi

pra ele provar, ele disse que não tinha que provar nada, mas ainda assim de um jeito gentil, disse que só conseguia ver o que aconteceria dali a alguns minutos. Falou que sentia muito pela separação. Acredita? Deve ter me confundido com alguém ou estava irritado com a minha insistência. Sou muito bem casada, eu disse para aquele atrevido". Sérgio Benevides não sabia ainda que as coisas ditas tinham o poder de trazer para o mundo real os sentimentos guardados dentro do coração, assim como uma mulher grávida traz ao mundo um bebê no momento certo ou prematuramente. O desejo estava lá dentro de suas entranhas, sentia-o no fígado, mas só depois de ouvir a mulher trazer o assunto ao mundo das palavras é que a coragem para também dizê-las surgiu. Nada foi repentino, tudo foi pensado e repensado, mas estava incrédulo. Esperava o momento certo e não haveria momento mais certo, outra brecha para colocar o assunto na conversa. Durante a briga e a discussão que se seguiu, ouviu ela dizer, com ironia, que ele estava com inveja do professor de quem tanto falava mal por conta de seus divórcios. Só conseguia pensar que estava se divorciando por culpa daquele homem estranho ao condomínio, que nem sequer era morador de verdade, apenas um intruso que foi aceito pela maioria, um erro. Foram dias de choro, angústia e portas batidas ouvidas por todo o bloco, às vezes pelo bloco da frente, no qual as pessoas não sabiam ainda o que estava acontecendo e especulavam, e vale dizer que as especulações eram na maior parte das vezes acertadas, já que a primeira coisa que vinha à mente das pessoas era justamente o que estava acontecendo, briga de marido e mulher, na qual por essa época já sabia-se que deveria sim meter-se a colher e separar o arroz do feijão e ver se todos no prato estavam de acordo com as leis, então ficavam todos atentos, especialmente as mulheres, que sabiam muito bem que não fossem elas não seriam os homens que ficariam atentos a qualquer possibilidade de que acontecesse o que muitas vezes acontece, portanto mantinham os ouvidos alertas e os olhos em busca de qualquer sinal. Finalmente, depois de uma semana de brigas e discussões transmitidas pelo vão da porta ou pelas janelas descuidadamente abertas, foi Maria Luiza, a

esposa, quem saiu de casa. Concluíram que a existência de Sérgio Benevides estava muito atrelada à vida do condomínio, de tal forma que se fosse ela a ficar e ele a ir embora, jamais conseguiria esquecer de fato o marido, agora ex-marido, já que estaria ainda morando no condomínio, e ele também jamais conseguiria se recuperar de duas separações ao mesmo tempo.

Sérgio Benevides decidiu que o luto pelo casamento morto duraria vinte dias, cada dia para um ano da união agora frustrada. Chorou somente durante os dois primeiros. Pelo décimo dia, ficou entediado. Talvez vinte dias fosse tempo demais, embora amasse a mulher e sentisse sua falta, e ainda mais falta sentisse dos filhos, com quem tinha uma relação difícil, mas gostava de vê-los brincando entre si, até que a brincadeira tornasse-se uma disputa qualquer por atenção. Mesmo assim, não havia mais sobre o que lamentar depois de tanto tempo, mais de uma semana, e ainda estava na metade do tempo. Fosse uma pessoa impulsiva, revisaria o contrato estabelecido consigo mesmo e baixaria o tempo para dez dias, todos sairiam ganhando, seu eu do presente e seu eu do passado, mas costumava seguir as próprias regras, de modo que esperou até o fim. Nos dez dias restantes, lutou contra a vontade crescente e cada vez mais poderosa de dedicar-se à questão que realmente importava, que era saber como aquele vizinho inesperado sabia o que aconteceria, que queria ele o divórcio e que contaria para Maria Luiza daquela forma e tudo estaria terminado assim, repentinamente. Colocou os pensamentos nos filhos, no acordo que seria feito para a guarda das crianças, como organizaria sua rotina para recebê-los e entregá-los no fim do dia depois de um abraço desconfortável, mas não adiantou. Sabia que resolveria facilmente as questões burocráticas, tinha talento para isso. Tentou então incomodar-se com os olhares pesarosos dos vizinhos, os meneares de cabeça e a condescendência dos funcionários do condomínio, mas também foi em vão. Apesar de se importar com a imagem de homem correto que havia construído perante os vizinhos, homem casado com dois filhos e uma carreira concreta, em um trabalho

concreto, com uma sexualidade mais do que concreta, tendo por fim um casamento concreto, e apesar da pequena preocupação de que isso fosse minimamente abalado pelo divórcio e fosse visto como temia, como um fraco, não se preocupava verdadeiramente. Tinha todos em suas mãos e poderia manipular a opinião pública com habilidade, ora como a vítima, sem que precisasse dizer uma palavra sobre os motivos, afinal era ele que havia sido abandonado, pelo menos ao olhar da maioria, não importava o que dissessem as especulações e as fofocas, ora como homem decidido, que sabe o que quer, dependendo do público, do momento e de sua vaidade. Achou graça ao se pegar pensando que essa seria a oportunidade perfeita para conversar com Alberto Gusmão. Tinham agora algo em comum e quem sabe o vizinho cheio de estranhezas, agora sumido no mundo, bem longe dali, poderia ser-lhe útil. Poderiam até ser amigos, conversando sobre os caminhos do divórcio, as obrigações legais e a vida após o rompimento. Riu sozinho da cena e foi um riso escutado pelos vizinhos de porta, até por aqueles no fim do corredor, a quem lhes pareceu o som de um animal agonizando.

Ao fim dos vinte dias de luto, abriu a porta da jaula e deixou que vontade tomasse conta de si. Não havia mais por que segurá-la em seu esconderijo e no primeiro dia depois dos vinte enfadonhos dias de luto era ele todo vontade — não havia mais o que distinguisse uma coisa da outra, Sérgio Benevides e a vontade de saber como o estranho, aquele ex-morador de rua, aquele estrangeiro, invasor, tão diferente deles, embora disfarçasse bem, era preciso admitir, como aquele homem sabia o que aconteceria e o que talvez fosse mais importante: o que mais ele poderia saber.

— — —

Alberto Gusmão não havia levado muitas coisas. Tinha muitos livros, mas todos já lidos, disse que não serviam para nada agora, portanto os deixou nas estantes abarrotadas. Levou a roupa do corpo e mais algumas, deixando a maioria dentro do armário do quarto todas gastas,

mesmo as mais novas, pelo uso incessante. No fim, disse que tinha apenas Paulo Presente, que agora já sentia como se fosse um irmão. Nunca tivera um, mas achava que era daquele jeito ter um irmão: um sentimento reprimido, distanciamento não calculado que poderia ou não ser quebrado em um segundo de bravura qualquer que revelasse o que estava embaixo da pele. Pelo menos era assim nos livros e era assim que se sentia em relação ao amigo. Mesmo assim, disse que tinha que ir e deixar Paulo Presente, que não contestou. Não respondeu por não saber o que responder, não havia sido criado para dizer as coisas, então guardou para si. Queria dizer que sabia como era ter um irmão, tinha um, e Alberto Gusmão estava certo, era daquele jeito que se sentia e talvez ele também pudesse sentir pelo amigo o mesmo amor de irmão, mas não podia mais, não sabia para onde Alberto Gusmão havia ido. Paulo Presente não sabia muito sobre si, mas descobrira nesta parte bastante específica de sua vida que era um homem muito prático, portanto seguiu em frente, que era a coisa mais prática a se fazer. Sua ambição estava concentrada em saber mais sobre sua clarividência, portanto todos os dias após o trabalho sentava-se no sofá e tentava enxergar o mais longe que poderia sobre o que estava para acontecer. Todos os dias, essa tarefa o levava somente até o fim da noite, quando deitava-se para dormir. Depois, passou a saber o que sonharia e divertia-se vendo o sonho se desenrolar como um programa de tv em sua cabeça. Porém, por mais que tentasse, não conseguia chegar até o dia seguinte e então entendeu que esse era seu limite.

No domingo seguinte estava fazendo o almoço quando ouviu a porta. Terminou de picotar o tomate com habilidade de chef antes de atender, uma vez que sabia quem era e o que iria acontecer. O vizinho vinha até ali para pedir emprestado açúcar. Depois que entregasse a ele um pacote de um quilo que tinha na despensa, o homem seguraria a porta e começaria a falar sobre a morte. Diria que o morador do apartamento quarenta e sete do bloco F acabara de ser retirado morto de sua própria sala de estar. Só fora encontrado porque o vizinho com quem jogava xadrez estranhou o sumiço do companheiro e foi bater na porta. Depois dos

bombeiros, a maca, o lençol, os olhares da vizinhança, tinha visto o amigo do xadrez sentado sozinho na mesa em que jogavam, que ficava ao lado da quadra poliesportiva e estava muito pensativo. Ficou com pena do homem solitário sentado ali esperando um parceiro de jogo que jamais voltaria enquanto as crianças berravam a plenas gargantas logo ali, e corriam aparentemente sem rumo, mas dentro da lógica da brincadeira eram pistas muito bem formuladas que formavam com seus passos para escapar dos perseguidores implacáveis. O homem, Sérgio Benevides, o vizinho com a mão na porta, diria que a existência já é cruel sozinha, não precisávamos de mais crueldade. Morreu um velhinho e alguém diz "coitado do velhinho", mas ele não era um velhinho qualquer, era alguém importante, alguém que fez isso e fez aquilo, foi meu pai, meu irmão, meu marido, mas para os outros era só um velhinho. Você entende? É cruel demais que não vejamos mais a crueldade da vida porque é natural, pois bem, então a natureza é cruel! Que tipo de coisa é essa em que existir e não existir mais no instante seguinte é normal?

Paulo Presente então perguntaria por que ele achava que deixávamos de existir. Nunca havia pensado a respeito e nem agora pensava, era apenas uma pergunta. Não via utilidade em pensar na morte, nem para saber o que aconteceria antes ou depois. "Não é no que todos pensamos?", respondeu Sérgio Benevides, já com a pistola na mão direita, retirada silenciosamente da cintura enquanto falava. "Eu não penso", disse Paulo Presente, "mas sei das suas intenções".

Sérgio Benevides entrou e fechou a porta, sem que houvesse resistência do dono da casa. O empurrou com a ameaça da arma até o sofá, onde ambos sentaram-se. "É este o meu fascínio. Você sabe das coisas. Sabia do meu divórcio. Sabia das minhas intenções. Deve saber então o que eu quero saber". Paulo Presente sabia. Sérgio Benevides disse então para que escolhesse se diria antes ou depois de levar o tiro. "Não há escolha. Se lhe dissesse antes você não atiraria. Não teria mais a motivação nem a coragem. É preciso que me mate para que eu

saiba”. Tinha razão, uma vez que o que Sérgio Benevides queria saber só poderia saber se houvesse um morto, e esse morto deveria ter exatamente o dom de saber o que aconteceria, não por acaso exatamente o dom que Paulo Presente havia adquirido inadvertidamente em um dia qualquer de uma semana qualquer. Nenhum ser humano havia sido capaz de contar o que acontecia depois que cruzamos a linha da morte, mas seria possível que alguém dissesse antes de morrer, caso pudesse ver. “Se eu atirar você não vai contar”, disse Sérgio Benevides com a esperança já desfeita, o suor por todo o corpo e a mente desfazendo os nós que o mantinham amarrado. Queria saber o que aconteceria quando saísse daquele apartamento. Olhou em volta e não viu nada fora do lugar. Cada móvel, cada tapete, cada objeto, todos organizados, cada um em seu devido espaço, cada espaço com suas devidas regras bem cumpridas. Todos os espaços para xícaras ocupados no escorredor, todas as pilhas de pratos do mesmo tamanho no armário, todos os livros simetricamente alocados nas prateleiras, alinhados por suas cores e de alguma forma mágica também por ordem alfabética. Toda aquela organização irracional aumentou ainda mais a sua angústia e o fez gritar com a boca fechada, um grito só ouvido por si mesmo, já que bateu em seus dentes e voltou para dentro, reverberando no estômago.

Paulo Presente, sereno como nunca, sem gritos, sem desespero, afirmou que diria o que estaria vendo quando estivesse prestes a morrer, desde que Sérgio Benevides dissesse a razão para querer saber o que acontece depois da morte. “Por quê?”, questionou Sérgio Benevides, com lágrimas nos olhos sem nem saber o motivo. “Por que você vai dizer se vou matá-lo, por que faria isso?” Paulo Presente não exitou. “Por que você vai me matar de qualquer jeito”. Sérgio Benevides então disse que queria saber pois tinha medo de que não houvesse nada, um grande vazio de não existência, nem sequer o conceito do vazio nem de existência nem de tempo nem de nada. Paulo Presente perguntou se não seria tão assustador quanto que a existência fosse para sempre, sem fim, existência até não querer mais e Sérgio Benevides

disse que sim, que ele estava certo, era tudo muito assustador. O vizinho do apartamento ao lado atirou e prontamente confortou o corpo atingido, pôs um travesseiro embaixo de sua cabeça e o colocou em seu colo. A bala atingiu Paulo Presente no ventre, entre o peito e a barriga, acertando sem querer o lugar de onde a voz sai, de modo que não conseguia dizer nada. Sérgio Benevides encostou a orelha em sua boca, na esperança de que, caso as palavras saíssem fracas ainda pudesse capturá-las, mas nada saiu de dentro do homem que acabava de matar. Tentou então ver em seus olhos alguma expressão, alguma pista de que estaria feliz ou triste, angustiado ou encantado, mas o olhar de um morto poderia significar qualquer coisa que se pudesse imaginar. Paulo Presente quis dizer àquele homem angustiado o que descobrira, pois sim, descobrira algo assim que tomou o tiro, queria dizer-lhe que tivesse paciência, que o tempo não era aquilo que ele pensava. Não havia mais tempo. Não havia mais querer. Já estava em outro lugar, na cama deitado ao lado do irmão João, olhando pela pequena janela, falando sobre as vizinhas, mas a lembrança era rala e logo era invadida por outra que vinha atrás e pedia a vez. Estava com Valdirene tomando banho de rio. Estava trabalhando na distribuidora, resolvendo problemas desafiadores, questões de vida ou morte. Estava ali. Não havia mais tempo. Não havia mais o que dizer. Tudo o que havia na mente agora era frágil e desfazia-se no ar, como algodão doce na boca.

9.

O sol não era o mesmo do dia anterior. Era amarelo ao invés de branco, e também maior, com a forma levemente achatada, como um ovo de luz. Abriu os olhos com dificuldade, embora já estivesse acordado desde que os primeiros carros começaram a se acumular e buzinar pelo sinaleiro. Olhou para o relógio parado no pulso. O vidro rachado e sujo dificultava, mas era possível ver o ponteiro menor apontando para o canto esquerdo alto, enquanto seu irmão mais comprido abria para o outro lado, como o pescoço de uma girafa de uma perna só. O ponteiro dos segundos entre eles, caído entre o pescoço e a perna curta: dez e dez e trinta e cinco segundos da manhã ou da noite, como ontem e antes de ontem. Olhou por algum tempo para os ponteiros parados, não sabia quanto, seria impossível saber quanto, depois levantou.

Afastou o cobertor imundo e puxou a sacola com o que restava do que havia ganho no dia anterior. Uma coca-cola pequena pela metade e uma bolacha recheada de chocolate, também pela metade. Seria o café da manhã. O almoço comeria no abrigo, embora estivesse sendo observado com olhos desconfiados, já que não dormia lá e o acordo no lugar era que a comida seria de quem ficasse a noite toda. Ficou por alguns dias, mas preferia o barulho da rua do que os roncos dos outros hóspedes. Ainda conseguia um prato, apesar do olhar recriminatório do servente e da assistente social. Comia sem dizer nada e com os olhos baixos para não ser confrontado. No canto onde dormia, abaixo da marquise de uma loja de roupas chamada Dinah Modas, havia se formado um grupo com o qual estava familiarizado. Foi o primeiro a dormir ali, mas no dia seguinte já haviam chegado outros dois, um homem e uma mulher, que andavam juntos para demonstrar que não eram uma ameaça e que podiam conviver com outras pessoas. Não falaram nada, só sentaram-se por ali e ofereceram um pedaço de pão depois de alguns minutos, um gesto de camaradagem e um pedido de ajuda. Aceitou e estava feito, assinara naquele momento um contrato de compartilhamento do quarto. Muitos passavam, às vezes sentavam e conversavam, diziam histórias, normalmente

sobre a guarda e a violência, a polícia e a violência, os lojistas e a violência, mas não ficavam muito. Depois de alguns dias, um ficou, e não qualquer um: era Deus todo-poderoso. Na aparência, Deus era um homem com os cabelos enrolados, olhar vidrado e a boca sempre aberta que mostrava um dente faltando no lado direito da parte superior. Não disse nada, apenas ficou. Só disse no sétimo dia.

"Eu sou Deus", falava de forma solene, como para uma plateia. "Só não aprendi a criar gente ainda", confessou sorrindo. A voz era grossa, mas suave, como se esperava que fosse mesmo a voz de Deus.

"Que tipo de coisa você faz, então?", perguntou a mulher, Sofia, que não tinha muita paciência para descalabros.

"Muitas coisas, todas as coisas possíveis, na verdade", falava olhando para o horizonte, contemplando a criação. "Viajo pelas estrelas, voo sobre os prédios, falo com os bichos, principalmente com os insetos, que são os mais simpáticos. Também controlo o clima. Hoje vai chover, já está decidido. Só não sei fazer gente, porque gente é difícil", lamentou. Choveu, já no fim da tarde, uma chuva repentina, vinda de um céu indeciso entre o dia claro e as nuvens cinzentas. Os três moradores da marquise em frente à loja de roupas Dinah Modas reuniram-se em assembleia e deliberaram que aquilo não queria dizer nada. Chovia todos os dias, não era um grande feito saber. "Mas ele não disse que sabia, disse que faria chover", ponderou Alberto. Deus também falava com as formigas que passavam em marcha, focadas em sua tarefas, bem como com as moscas que rondavam e com os mosquitos que as substituíam à noite, mas nenhuma das ingratas criaturas respondia, ao menos não em alguma língua que algum deles ouvisse ou entendesse.

Deus não ficou muito tempo, para alívio dos outros três, já que cheirava muito mal e era difícil permanecer muito tempo por perto. Tinha um cheiro que fazia o nariz arder, e nem Fernando Pessoa conseguia ficar recebendo seus carinhos, embora gostasse da atenção.

Depois de duas semanas, levantou-se às três da tarde de uma quarta-feira e anunciou sua partida. Sorriu um grande sorriso e abraçou cada um dos três. Disse estar muito feliz porque havia finalmente superado seu maior desafio, que era aprender a criar gente. “Criei vocês”, disse satisfeito. “Já nasceram adultos, mas acho que é assim mesmo que funciona, são perfeitos. Agora vão, aproveitem o mundo que vos dei, bebam das cachoeiras e durmam sob a sombra das minhas árvores, vão meus filhos, vão!”, e foi ele mesmo andando pela rua movimentada, dançando entre os carros, feliz com a conquista pessoal. Depois os dias se repetiram. Era comum que fossem idênticos uns aos outros, até que um era completamente diferente dos anteriores, estabelecendo um novo parâmetro.

Em um dia diferente, teve a surpresa de encontrar Maria Clara, uma antiga aluna. Demorou a reconhecê-la. A menina havia crescido alguns centímetros e estava de óculos escuros olhando as vitrines das lojas com uma amiga enquanto tomava um milk-shake em um copo plástico. Pareciam não reparar nas pessoas deitadas ali, a poucos metros. Quem reparou primeiro foi a amiga. Também estava com o uniforme da escola, mas não sabia quem era. Disfarçadamente, puxou a manga da camisa de Maria Clara, que então olhou para os corpos estendidos e desviou o olhar em uma ação quase contínua, como para evitar que os olhos permanecessem por muito tempo parados ali tivessem o azar de cruzar com outros olhos humanos. As duas atravessaram a rua. Enquanto esperavam o fim do fluxo de carros, Maria Clara não resistiu à tentação e olhou para trás. Cruzaram os olhos um do outro, ela e Alberto Gusmão. Permaneceram conectados no ar por menos de um segundo, o suficiente para que a fotografia fosse tirada. Não sabia se a menina o havia reconhecido, mas acreditava que sim. Não viu nada em seus olhos. Não importava. Depois, à noite, antes de dormir, imaginou se ela falaria com ele caso o visse de perto. Preferia que não. Pensou se ele mesmo falaria com ela, puxando papo casualmente, ou se desviaria o olhar e fingiria ser outra pessoa. Não importava. O encontro despertou nele outra curiosidade, uma mais íntima, da qual a menina nem sequer

saberia a resposta, de modo que era melhor não perguntar. Queria saber se ela tinha a coragem para suportar o peso das obrigações ou se teria medo de frustrar-se, medo de colocar-se à prova, ou mesmo se ainda acreditava na recompensa do esforço e da dedicação, não sabendo ainda que todo o esforço, todo o trabalho, tudo é deixado para trás, nem a vida nem a morte poupam nem sequer os mais jovens nesses tempos em que vivemos. Queria saber se existia nela o inconsciente desejo da decepção, a vitória absoluta sobre a pressão dos momentos de glória que desapareceriam em um estalar de dedos, como todo o resto, e ficou triste por pensar que jamais saberia, depois ficou feliz pelo mesmo motivo e dormiu tranquilamente.

Já conhecia várias ruas, algumas que nunca havia visto antes, outras pelas quais já havia passado sem prestar muita atenção durante algum fim de semana durante sua vida de professor. Eram agora como corredores de sua casa, com as janelas sempre abertas, com a vantagem de não precisar preocupar-se em fechá-las quando chovesse. Ocupava-se a cada semana de alguma tarefa com a qual nunca havia se ocupado antes. Durante um tempo cuidou dos carros estacionados em algumas avenidas, mas logo cansou-se do vai e vem. Foi então explorar terrenos baldios, nos quais encontrava a mais variada sorte de animais, árvores e objetos pessoais, até que um dia encontrou um gato morto e resolveu que era um sinal para que não procurasse mais nada onde não havia sido chamado, sem contar que já não tinha as pernas tão jovens assim para pular muros quando bem quisesse. Foi pedreiro, chapeiro, vendedor e auxiliar geral. Foi preso quatro vezes, três por porte de drogas e uma por atentado ao pudor. Tinha libertado dentro de si um carisma que não sabia que possuía, talvez tivesse nascido agora, talvez estivesse preso em algum canto dentro de si, de modo que na quarta vez em que estivera na mesma delegacia já estava amigo dos dois guardas do turno da noite. Sabia sobre suas famílias e sobre suas amantes, sobre seus problemas e suas angústias. Isso não significava que não apanhava: era chutado, empurrado e socado tantas vezes quantas

fosse possível pela guarda municipal, pela polícia militar e por todos os outros possíveis representantes da segurança pública, estivesse ou não fazendo algo errado ou pelo menos agindo fora das regras. Era uma vida dura, mas uma vida que conseguia levar com o espírito sereno. Já não fazia tanto frio e acordava sem sobressaltos. Conseguia cigarros com casais tatuados dos pés à cabeça que passavam a tarde pelos bares. Conseguia comida com famílias para quem pedia um pastel na feira ou um salgado na lanchonete. Perambulava pelo centro e via muita gente andando sem rumo, absortas nos próprios problemas ou sem problema algum além daqueles criados pela mente, maiores ou menores do que os problemas do mundo palpável. Desviava de todos com habilidade, sem se deixar encostar. Via o sol aparecer brevemente entre os dias de chuva, iluminando a água da fonte. Via os ratos correndo apressados para encontrar abrigo. Via baratas, aranhas e borboletas de todas as cores: azul, violeta, verde e vermelho. Depois dos dias, sentava-se até que a noite caísse por completo. Sabia de tudo e sentia-se confortável, não por estar em um lugar confortável, mas por ter a consciência que não havia lugar ideal, nem sequer lugar certo; sentia-se bem por não ter mais a ilusão de encontrar um lugar. Observava com interesse crescente todas as tendências das temporadas dos bichos e das pessoas; a migração dos pássaros, o fechamento das lojas, a abertura dos cafés, o subir lento dos prédios, a instabilidade do comércio. Agora as pessoas não eram mais indivíduos, mas grupos que se moviam em conjunto, com a sintonia dos enxames de abelhas. Só quem tinha vida própria eram os solitários, os andarilhos, os vagabundos, os operários que sentavam nos bancos durante o horário de almoço para matar o tempo, que era imortal, e os catadores de papel, mesmo os que vinham com a família toda, o pai levando o carrinho, a mãe com uma criança de colo, uma menina, enquanto os outros dois filhos corriam na frente com uma bola de futebol com os gomos gastos. Nunca havia falado com eles, mas os observava enquanto fuçavam nas lixeiras e paravam para comer e eles o observavam também, uma troca de olhares rápida, sem compromisso, apenas para estabelecer

que estavam todos ali cientes da distância. Carregavam pacotes de fralda e de leite em pó na frente do carrinho e sentavam na calçada para alimentar o bebê enquanto os dois filhos mais velhos corriam e gritavam um com o outro. A bola arredia e gasta havia escapado pela rua, rolando ligeira no asfalto já esvaziado depois da vazão popular, do fim da feira e do fim da semana, e os meninos discutiam para definir de quem era a culpa e quem então deveria passar pela vergonha de buscar a bola, admitindo a derrota. O pai segurou os meninos e foi ele ao resgate. O barulho estridente dos freios e o baque abafado do corpo sendo atingido por uma tonelada de metal que dobrava a esquina chamaram a atenção dos andares mais altos dos prédios, de onde surgiam luzes curiosas acendendo-se uma em seguida da outra, como se programadas para esperarem que a vizinha acendesse para então elas mesmas acenderem no momento certo para dar o efeito dramático. A caminhonete preta parada parecia um animal satisfeito pela captura da presa. A picape das picapes. Não fazia questão de aproveitar os espólios da caçada bem-sucedida, a carne suculenta pronta para ser devorada. Sentava-se ali parada a fera, sem saber muito bem o que fazer com a caça. O silêncio foi interrompido pelo grito alto e grave da mulher, que segurava com um braço a bebê e com o outro as duas crianças maiores, que não tinham reação, anestesiadas pela quebra repentina na rotina, sem saber o que sentir, deveriam sentir dor ou culpa? O barulho do trânsito e das pessoas voltou depois dos segundos de choque que a cena causou. O público teve reações distintas: alguns continuavam andando apressados, dando à tragédia apenas um olhar interessado, mas de curta duração, seria indelicado olhar por muito tempo; outros reuniam-se em grupos e debatiam o acontecido, analisando as razões, a violência, o tráfego, os motoristas da cidade e seu desprezo pelas regras; os mais afetados cobravam do condutor da caminhonete que saísse e fizesse alguma coisa. Ninguém chegava perto do morto, pobre coadjuvante na própria morte. A esposa estava ocupada segurando os filhos, como se precisasse garantir que o elo quebrado não os faria escapar pelas ruas e sumir no mundo, escoando pelos bueiros. Com os sons

aumentando e o número de pessoas envolvidas crescendo, a picape finalmente reagiu. Era impossível ver o rosto do motorista, apenas uma silhueta marcada no vidro escurecido enquanto a caminhonete acelerava pela rua transversal, quase atropelando quem estivesse na calçada, não apenas não chorando pelo leite derramado como não vendo mal em derramar mais leite e sujar a cozinha toda, seria preciso limpar tudo mesmo, que diferença faria? Saiu correndo da cena torcendo apenas para que não houvesse leite na roupa para que não descobrissem o culpado.

Alberto Gusmão viu tudo sentado na calçada, como se assistisse televisão. Sempre encarara a morte assim, como um programa de televisão, um fato que só é fato para os outros e acontece com gente que já estava aqui antes que ele nascesse, em uma imagem granulada do passado, e lembrou-se de Júlia lhe dizendo que as pessoas morriam agora, as pessoas morrem agora, Alberto, em *Full HD*. Ao contrário de quem senta e vê televisão e permanece sentado mesmo testemunhando o horror e as notícias do dia e levanta-se só para ver o que há de bom na geladeira, Alberto Gusmão levantou-se com o cobertor enrolado no pescoço e foi até a cena, até onde estava o corpo estirado do homem no asfalto e sem querer conversou com o morto, porque o morto puxou assunto.

“Você pode me ajudar?”

“Não sei como poderia”, respondeu espantado. ”Não sou médico, nem enfermeiro, muito menos padre”.

“Então o que veio fazer aqui?” Não tinha mais paciência para as questões dos vivos.

“Não sei. Não poderia ficar parado sem fazer nada”.

“Pois melhor que fizesse nada ao invés de atormentar os mortos”.

“Você está morto? Está falando como vivo”.

“Morto também fala”. Hesitou. Um aprendiz de morto. “Só temos mais tempo para pensar”.

O diálogo inesperado distraiu Alberto Gusmão. Não percebeu a chegada da ambulância, nem escutou o barulho da sirene e as buzinas dos carros, nem os gritos da mulher e o choro das crianças, que finalmente sentiam a dor. Dois socorristas chegaram com uma maca, com pressa para liberar o trânsito caótico que se acumulava na esquina, uma aberração para o domingo à noite, era necessário levar as coisas de volta à normalidade. Os carros estavam parados em um lugar em que não deveriam estar e ninguém sabia o que aconteceria em seguida, as coisas precisavam seguir em frente. O primeiro socorrista não viu Alberto Gusmão. O segundo o empurrou para o lado com força, o desequilibrando e jogando seu corpo ao chão.

“Não atrapalha!”, disse com rispidez.

“Pode deixar”, pensou o ex-professor, mas achou melhor não dizer.

Anexo XII – Obra item 02 (Conto)

cola quente

murilo grilo

não se fala mais nisso

o jairo viaja entregando ovos com o venâncio. a conversa não engata desde a noite em que resolveram ficar até tarde no boteco do cobra. a madrugada foi cheia de segredos e, no dia seguinte, eles nem conseguiam se encarar. seguiram viagem como duas codornas empalhadas e o caminhão parecia mais pesado que o normal. uma hora tiveram que trocar ideia, mas foi coisa do trabalho e só. nem o rádio de fita dava pra ligar, porque o jairo ficou puto com um matogrosso & matias que emperrou, aí arrancou com fio e tudo. agora eles viajam com um buraco que entra vento e impregna a cabine com a essência de eucalipto pendurada. sem muita cerimônia, os ovos precisam ser entregues. o silêncio se mistura com o motor pigarrento do caminhão, uns pássaros que voam baixo e o barulho da cana de açúcar roçando no canavial.

eles nunca precisaram ser amigos pra fazer esse trampo. foi só uma aproximação que aconteceu pra ocupar o tempo e aí grudaram de vez. mas não trocam muita ideia. ouvem sertanejo, enrolam o cigarro um do outro, depois terminam o trabalho no primeiro boteco que aparece e aí sim conversam um monte de coisa que fazem questão de esquecer no dia seguinte. vão dançando de volta pra cabine e dormem lá mesmo, cada um no seu canto.

o jairo tem alguma coisa na bexiga que piora durante a noite. desperta umas quatro vezes na madrugada pra mijar no mato. o venâncio tem sono leve e acorda com a batida da porta. aí puxa a coberta até o nariz e fica com os olhos pra fora, procurando o barulho do mijo do jairo na grama seca. se sente seguro com o som e não consegue conter a alegria que treme na barriga. depois, sente culpa e fica com gases. espreme os olhos, como se estivesse dormindo, e fica atento nos passos do jairo voltando pro caminhão. tem noite que o venâncio nem consegue dormir entre uma mijada e outra, pensando nas coisas que tem vergonha de dizer. não demora e lá vai o jairo mijar de novo — a grama seca e a mesma culpa de sempre.

na madrugada de terça, o jairo quebrou o silêncio: vamos parar, senão eu desmonto no volante. estacionou nos fundos de um tal de pesqueiro do zeca, não muito longe do destino dos

ovos. o venâncio puxou a coberta amarrotada até o pescoço e resmungou boa noite. o jairo deu uma dessas respiradas fundas que dá pra ouvir a pessoa toda por dentro e saiu pra mijar. com os olhos estalados, o venâncio tremia mais que de costume e quase chocou no meio quando viu o jairo parado de frente pro caminhão. tirou um pinto flácido pra fora e levou um tempo pra esguichar. fez uma careta de dor e, quando voltou os olhos pra cabine, encontrou os do venâncio.

a grama ia espetando bunda peito pescoço virilha, enquanto os dois rolavam atracados como duas pipas no céu. não dava pra ver se o que ia ficando no caminho era camisa calça cueca pingente de ouro, e os dois caíram enlaçados dentro da lagoa do pesqueiro, num beijo de assustar qualquer peixe que estivesse olhando.

a água ia jantando os corpos. carpas tilápias pacus enfileirados tentavam dançar junto com a explosão que ia precipitando sem volta pro núcleo da terra. o jairo virava o venâncio e o venâncio virava pescado. saíram raspando a barriga no fundo argiloso da lagoa, esbarrando em pedaços enormes de umas plantas que nunca tinham visto na terra. dava pra ver tudo, sem luz e sem pulmão.

a noite pescou os dois de volta pra dentro da cabine do caminhão. e foi às quatro e quarenta e sete da manhã que o venâncio, mergulhado entre o pescoço e a clavícula do jairo, descobriu que sabia nadar.

mergulho

um corpo de alguma cor, com pouca roupa, de óculos e touca, abandona um palanquinho de concreto pintado de branco, realiza um voo curto e pontiagudo que perfura uma superfície de água azul-esverdeada, primeiro as unhas, depois os dedos maiores das mãos, depois os menores, então os pulsos, cotovelos, coco da cabeça, sobrancelhas, retinas, tímpanos, mucosa nasal, gengiva, furinho do queixo, quase ombros, ombros inteiros e suvacos, mamilos, umbigo, uretra, toba, virilhas, patelas, mindinhos, até se converter em uma enguia borrada no fundo da piscina. a 2 metros abaixo da superfície, o corpo escuta aplausos.

a mergulhadora mais velha do mundo

a mergulhadora mais velha do mundo decide que sim: ela vai realizar o salto. são 10 metros acima do solo. 10 emissoras de televisão. 9 netos. 1 maiô. ela se prepara. ela acena. ela mira a piscina. ela pula. a mergulhadora mais velha do mundo realiza o último salto da sua carreira. ela erra a piscina. ela faz um buraco no concreto. ela morre. confirmado, senhoras e senhores. este foi o último salto da carreira da mergulhadora mais velha do mundo.

moços de bigode

“não me faz infeliz hoje”, diz o moço de bigode #1 enquanto o moço de bigode #2 salta da banheira, pega a toalha roxa bordada com o logotipo do hotel em dourado, passa no corpo como se tivesse sarna, enfia a roupa e sai batendo a porta do 72. a espuma na banheira se reagrupa em volta do moço de bigode #1. as pegadas impressas no piso se espalham. a luz automática do corredor ainda está acesa. agora, o moço de bigode #2 deve estar esperando o elevador. ou já está dentro de um, chegando no térreo. a 7 andares de distância, ele vai fazer o checkout. tão familiar. um bigode tão familiar, que estava ali agora mesmo, ciscando o outro bigode. agora é só um bigode sozinho, meio molhado ainda, secando com a friagem da rua enquanto pede um uber.

jairinho

o jairinho não vai mais pra rua 7 por causa do homem do dedo sujo.

— sujo de que, jairinho?

ele nunca responde e sai chorando.

we'll do it together

as embalagens são todas iguais. passeio com os olhos pelas etiquetas, nenhuma vermelha, mudo de corredor e encontro o abismo. uma foto. dessas que tem em qualquer site ou busca no google. qualquer outro mercado da cidade tem a mesma foto. a família loira, branquela e com o carrinho cheio. o sorriso morto da mãe me comove. é o mais sincero. deve ser atriz de teatro. as crianças não me causam nada. e tem o pai. penso no pai — não no meu. eu não tenho pai. penso nas crianças que têm pai — nas da foto e nas outras do mundo. o pai me engole. é o único que olha pra câmera. mas não quero falar dos olhos dele, porque tem um peito embaixo. um puta peito embaixo dos olhos escuros, nariz grego, boca fina, furo no queixo. o pescoço merece pausa. pescoço. penso no pescoço. penso nas pessoas que não têm pescoço — nas mortas e nas vivas, sem pescoço. mas o pai da foto tem um pescoço que pausa meu olho. é o próprio banquinho de concreto do mergulhador antes do salto. fico louco com a hipótese de um mergulho que salta do pescoço dele e termina no peito. um puta peito, desses que marcam o tecido. e ele usa uma lã pesada. o sol está fritando lá fora, não faz sentido. essas fotos são absurdas. uma gota de ar-condicionado esparrama no meu couro cabeludo e eu tremo igual um cachorro. não tem mais o que fazer nesse mercado. eu sou o moleque que se perdeu da mãe. não reconheço as coisas que coloquei no carrinho. encosto na prateleira que divide os corredores, de frente pro pai. ele sabe que eu estou aqui. agora, eu sou a câmera. é o dia do ensaio fotográfico. algum país do leste europeu ou estados unidos. ele não é brasileiro. ele sabe que eu estou aqui. vai ver ele já é modelo de agência. ou foi achado na rua, porque ele tem algo de homem-qualquer. um tipo de beleza que não cabe em filme. acabo de notar uma ranhura na foto, perto das veias da mão dele, além de um desbotamento que corrói a foto de baixo pra cima, provavelmente por conta da luz forte que sai do freezer de pizza congelada. a hipótese de que a foto seja antiga me machuca. talvez ele esteja morto. qual o nome dele? vou visitar o túmulo. tão novo. tiro uma foto do rosto dele e jogo no google — ele não é só o pai no mercado. também usa terno, macacão sujo de tinta, calção de futebol. trabalha pra uma agência de

modelos na flórida. tem nome e instagram. existe, igual eu. sigo o perfil. ele segue de volta, um susto. está online, igual eu. temos quase o mesmo número de seguidores. ele gosta de praia e conchinhas. viaja pouco, sabe cozinhar. não posta foto dos amigos, talvez não tenha. nem namorada ou ado. não dou oi. passeio pelas fotos. encontro uma nuvem de 2014, perdida no céu e no feed. clico no coração. tem uma selfie, a única. as ondas no cabelo, o sorriso curto. pescoço. puta peito. meus olhos estão doendo, vou chorar. merda. estou chorando. que horror. tem uma velhinha vindo na minha direção. nada, senhora. nada, obrigado. um like dele, no meio das lágrimas, em uma foto do meu pé coberto de água do mar, 2013. ele gosta de praia e conchinhas. uma mensagem dele, em inglês: de onde eu conheço você? é a primeira vez que a gente se vê, digito, e mando. ele diz que mora em orlando. respondo: eu também. ele está digitando. olho pra foto no mercado. ele parece um pouco mais velho agora, ou menos. digitando. abandono meu carrinho e saio do mercado. digitando. entro no carro. trajeto mais curto pro aeroporto. um voo pra orlando que sai hoje à noite. tenho só uns trocados da reserva de emergência. foda-se. aeroporto. esse homem não para de digitar. uma mensagem. hoje. a mensagem diz hoje. hoje o quê? hoje, aqui em casa. consigo amanhã. amanhã, então. que horas? a mesma, oito e pouco. 1504 page avenue. não faço isso sempre. nem eu. duvido. é sério, não faço isso sempre. me neither. ok then. we'll do it together. desço do carro, sem banho nem mala. tem lugar no voo das onze. motivo da viagem: turismo de urgência. embarco molhado. nenhuma mensagem durante a madrugada. amanheço no céu da flórida. o avião pousa e, em dez minutos, estou no uber. tomo café da manhã em um hotel fedido e mergulho na tarde mais longa da minha vida. às oito e pouco, estou com o dedo em cima da campainha da 1504 page avenue. às nove e cinquenta e nove, acordo dentro de mim, enquanto seguro o pescoço da foto com uma das mãos e, com a outra, faço uma piscina branca no vão do peito, onde mergulho às dez em ponto.

vizinho

o vizinho contava uma piada que eu nunca entendia.

— quando você crescer, eu te explico.

hoje estou grande e ele está na cadeia.

estrela cadente

cu de homem, cus de homens, cus masculinos em geral no meu histórico do google. é que descobri uma coisa mágica na última vez que comi a vareta. se isso fosse um romance, agora seria o momento de contar quem é a vareta e por que ela foi a minha melhor amiga nos anos de escola, além de elaborar a distância que cresceu entre a gente depois da formatura, quando ela foi estudar pra ser fisioterapeuta de madame e eu virei um vagabundo com diploma em história da arte, dando aula pra crianças burras em uma escola no morumbi durante cinco anos até enjoar dos meus patrões — os pais das crianças burras — e quase pedir demissão no dia em que a minha história com a vareta recomeçou, mas isso aqui não é romance, é uma mesa do starbucks num shopping da avenida paulista e eu pedi um espresso sem futuro.

liguei pra vareta, que disse alô, e foi dividir uma fatia de red velvet comigo. anos de saudade e ela ainda não entendia minha pira com a carreira de professor. na escola, eu preferia passar a hora do recreio dentro da sala de aula pra brincar de giz na lousa e ela sempre me acompanhava, como uma amiga faria, não sem rir da minha cara de pobre. mas o shopping fechou e a gente foi parar em um bar da augusta. quando dei por mim, estava com a cabeça inteira dentro da boca da vareta. foi nosso primeiro beijo, mas senti um bafo familiar. beijar amigo é um esporte perigoso e a gente não estava sóbrio pra medir a lesão muscular daquilo no dia seguinte.

passei a noite na casa dela, metendo em todo lugar que a vareta abriu pro meu pinto, com intervalos apenas pra tomar banho quente e amortecer o terror que seria acordar horas depois daquilo. preferimos não dormir. coloquei a cueca e ela continuou pelada, agarrada na minha cintura. o cabelo molhado desenhava uns tentáculos no meu peito e eu separava as pontas dos fios com as unhas, como se pudesse me livrar da armadilha de um polvo.

— coloca uma música antes que vire romance.

as semanas seguiram com nosso ritual do café seguido do bar seguido da vareta na minha boca. até que, num sábado, ela apareceu namorando o crepom. o red velvet ficou pequeno pra mais

um garfo e o moço ainda foi com a gente pra augusta. passei a noite assistindo a vareta igual uma pomba na boca dele e, eu, com uma caneca de cerveja suada entre os dedos, calculando se matava num gole ou saía correndo. até que o crepom me puxou pela orelha e falou mais alto que a música.

— a vareta me contou.

— o que?

— que você é licenciado.

— sou professor, não é pra tanto.

— então me ensina uma coisa que eu não aprendi.

a vareta deve ter falado atrocidades pro moço estar com essa cara de fome.

— fala direito, me perco com entrelinha.

ele virou metade do copo de gin na goela e arrotou um cu. se isso fosse um romance, agora seria o momento pra uma digressão emocionada sobre a minha primeira experiência homossexual no vestiário do futevôlei quando eu tinha quinze anos, mas isso aqui não é romance, é um bar com litrão por onze reais e a distância entre a última frase do crepom e a bunda dele na minha cara foi de treze minutos.

quando ele abaixou a cueca, encontrei uma dessas bundas que só existiam pro vaso sanitário até então, branca e dura, com um vão cabeludo no meio. ele, de quatro pra mim, e a vareta enfiada numa poltrona do lado da cama, assistindo seu novo homem virar pipoca. afastei as nádegas e encontrei o fim do crepom. era como desembrulhar aquele pirulito coberto de açúcar que vendia na escola e eu nunca tinha certeza da cor que ia pintar minha língua. agora, eu só esperava que não fosse de marrom.

acordei de manhã com o nariz do crepom esquentando meu suvaco, enquanto a vareta roncava na poltrona, com a serenidade de quem assistiu uma queima de fogos. tomamos café sem

falar de cu, mas minha cabeça estava enrugada. e o meu creponzinho, que nem era meu, desviando os olhos de mim.

no mesmo dia, a vareta me escreveu.

— me conta como foi.

— fico sem graça.

— então não conta: volta e faz de novo.

cu de homem, cus de homens, cus masculinos em geral no meu histórico do google. é que aconteceu uma coisa trágica na última vez que comi a vareta: encontrei o crepom dentro dela, e no lençol onde o corpo dele se enrola a noite, e no espelho do guarda-roupa que recorta de perto o seu nariz tortinho, e no desodorante cremoso em cima da cômoda que penteia os pelos do seu suvaco todo dia de manhã.

— vareta, eu não paro de pensar.

ela me abraçou, como uma amiga faria, e fez a pergunta mais importante.

— não para de pensar nele ou no cu dele?

— começou no cu. agora, só penso nos olhos.

se isso fosse um romance, eu mudaria o gênero pra poema, rapidinho, só pra arriscar uns versos sobre os contornos que o crepom tatuou nos meus olhos, mesmo que tenha sido uma única noite de cegueira até então, mas isso aqui não é poema, nem romance, é uma cama de casal tamanho padrão, onde eu estou sentado de pernas cruzadas, chorando, com as duas mãos cobrindo a cara do moleque que eu virei na frente da vareta, que, agora, me fez esquecer que pode existir qualquer pessoa mais bonita na frei caneca, com exceção do namorado dela.

a vareta riu e me beijou de língua, como uma amiga faria. quando o crepom chegou em casa, abrimos um zoológico.

a cama de casal ficou grande pra nós três. eles me deram de presente uma lousa e uma caixa de giz, que eu uso pra desenhar as posições que eles têm que imitar. depois, o crepom gosta que eu encaixe a mão suja de branco na boca dele, enquanto o jeguinho trota no lençol. a vareta treina boxe comigo e eu apanho toda sexta. assim, dá tempo de curar as escoriações até minha primeira aula na segunda.

o crepom, agora, me beija na boca e diz que é amor. eu acredito, porque acredito em foto, e a vareta encontrou o melhor destino pra câmera que herdou da vó. quem passa pela calçada da frei caneca e vê um clarão vindo do alto pode achar que vai chover ou que viu estrela cadente, mas é só um flash que engoliu três corpos cobertos de giz na hora do recreio.

linha vermelha

o moço espirrou e eu olhei. não vou conseguir descrever, porque foi mais rápido que essa frase. ele encontrou a minha cara inteira virada pra cara dele. a porta do metrô estava apitando e o espirro terminou com ela fechada, então veio tudo na minha cara. uma situação escrota. espirrar não é escroto: espirrar acontece. mas eu olhei. não foi de propósito, mas tinha uma faca no meu olho. então, o moço se desculpou roçando o pulso no nariz, como se limpasse um filete de sangue. fez uma carinha, assim, de cachorro magro: satisfeito? eu não ri e nem ele.

a gente ficou respirando a morte por mais duas estações e ele desceu, como se não me devesse nada. agora, o vagão está vazio e o moço está em tudo que eu olho. eu desço na próxima estação e ele desce comigo. vai se alojar no mistério do meu pulmão. vai me ver por dentro. essa é a única liberdade que eu já concedi pra alguém.

pé de milho

acordei enterrado no meio do milharal. o motor do treminhão vinha se aproximando e eu viraria pamonha em algumas horas, mas disso eu ainda não sabia. naquele momento, eu só sabia que era um pé de milho enterrado.

não sei dormir essa noite

matei uma barata e não me arrependo. repito dentro de mim que matei e que não me arrependo, enquanto observo a tatuagem que eu deixei na parede do banheiro. uma barata e seus miúdos. matei de chinelo. o sangue dela não é vermelho, agora eu sei. eu estava escovando o dente e percebi um rebolado no batente da porta. cheguei a assistir o trajeto dela na direção do teto, mas quando desviou pra parede: pá. uma barata e seus miúdos. repito dentro de mim que não me arrependo, mas querido diário, eu me arrependi. enrolei papel higiênico no dedo e esfolei em cima dela depois de morta. sobrou uma pata. esfolei de novo. foi pro lixo. e eu fui junto.

corpo mole

no dia do velório do meu vô, acordei mais cedo que a minha família e fui cortar o cabelo. o barbeiro perguntou se eu queria o corte de sempre e respondi que sim, exatamente o mesmo degradê nas laterais e um pouco mais de volume em cima. pro meu vô, esse corte era de príncipe. a última vez que deitei no colo dele foi há uns vinte anos atrás e ele penteou meu cabelo com os dedos. eu estava na puberdade e não gostava de parentes, só de um amigo da escola. uma das coisas que eu mais gostava no meu vô é que ele entendia que nós dois nunca teríamos assunto. ele não tinha curiosidade alguma sobre a minha vida e eu nem sabia que dava pra viver qualquer coisa na idade dele. adultos eram meus pais, meus professores e o pastor da igreja, mas um velho era um velho, como uma casa é velha ou uma caixa de fotos está guardada. ele não tinha um trabalho pra comentar da rotina ou algum projeto pessoal, muito menos sendo pobre.

naquele domingo a noite, véspera da volta às aulas, enquanto minha mãe encapava meus cadernos com papel kraft, meu vô me chamou pra assistir fantástico com ele. deita aqui um pouco, e deu um tapinha na coxa. deitei e esperei alguma pergunta de dar vergonha, mas ele não era mesmo fã de surpresas. continuou olhando pra televisão, com a mão magrinha pousada no meu cabelo, sem falar nada. aí encaixou os dedos nos fios e foi desfazendo as mechas. só interrompeu o gesto quando um pernilongo pousou no seu braço. com um reflexo impressionante, ele estapeou o bicho e desenhou um pequeno jato vermelho na pele. matei, e me mostrou o pernilongo esfacelado. nenhum comentário a mais, só o bicho e nosso silêncio. ele limpou o sangue no tecido do sofá e encaixou a mão assassina de volta no meu cabelo.

corto mais? o barbeiro segurava um espelho atrás da minha nuca. pode cortar. conforme ele contornava as laterais da minha cabeça com a máquina, o fio elétrico foi deslizando pela capa de seda em volta do meu pescoço e enroscou, delicadamente, no meu mamilo esquerdo, que, mesmo por baixo de duas camadas de tecido, endureceu e ficou quente. o ar-condicionado tentava gelar o mamilo de volta, mas aquele choque térmico só me deixava mais excitado. não estou dizendo que

era intencional pro barbeiro, muito menos pro meu mamilo, mas foi uma coincidência elétrica, vibrante, que me fez pensar na minha mão e na capacidade impressionante que ela tem de receber um comando do meu cérebro pra acabar com aquilo, arrancar o fio de cima do mamilo sem dificuldade, com a mesma delicadeza com que ele repousou ali. não fiz nada, só lembrei que tinha mão e que podia desejar coisas, ficar irritado, sentir tesão. reagir. agir também, mas reagir. com essa descoberta, chorei pela primeira vez a morte do meu vô, ali mesmo, e o barbeiro achou que fez cagada no meu cabelo.

no caixão, ele parecia mais completo do que na noite passada, quando o visitei no hospital. a morte cerebral já tinha acontecido e ele respirava bruscamente apenas por conta de um aparelho, que produzia um pulso vivo de ar entrando e saindo, sem nada por dentro, como um fantoche. a mãozinha dele, bastante prejudicada pelo avc, também pulsava ao lado do corpo na maca, como se amassasse uma bola de papel. alguns espasmos mais fortes de oxigênio faziam o braço levantar, como se ele quisesse arrancar o equipamento do nariz. meu vô reagia. uma espécie de eco do que foi a vida do seu braço tentava lembrá-lo que era fácil usar as mãos. quantas vezes ele deve ter pinçado delicadamente os dedos pra segurar a colher do sorvete ou fechar os botões das camisas que ele gostava. naquele momento, era apenas uma mão que tentava lembrar de si mesma.

em meio às flores amarelas no caixão, os dedinhos dele descansavam sem destino. um alívio, no fim das contas, mesmo que ele já não soubesse nada de angústia ou de alívio. foi quando apareceu uma mosca, dessas obrigatórias em velório, e pousou no braço dele por cima do véu. sem nenhum reflexo impressionante que destruísse aquela encenação, meu vô não estapeou a mosca, não sentiu a mosca. não reagiu. naquele momento, ele já fazia parte das coisas que escapam, assim como a mosca, que logo escapou também, depois de beijar uma última vez seus dedinhos eternos.

geraldo

tem um conhecido do meu pai que passa o dia sentado na rodoviária. quando volto de são paulo pro interior, desço do ônibus e ele está lá. meu pai aponta, olha o geraldo, e dá um tchauzinho robótico. ele responde com um sorriso de bunda. às vezes, meu pai senta perto e puxa papo, aí não demora e ele já arruma desculpa pra ir embora. quando é só um tchauzinho, ele continua sentado — boné na cabeça, celular na mão e sorriso de bunda.

meu pai falou que o geraldo operou os dentes, que agora é tudo de porcelana, que a esposa pediu divórcio faz pouco tempo, que ele passa a tarde na rodoviária desde então, que é um coitado, mas que tem casa, que tem casa de novela, que não faz sentido ter uma casa daquele tamanho e passar o dia na rodoviária, que é estranho, que não tem nada pra fazer ali, que não deve ser por causa da lanchonete caríssima, que não pode ser por causa do banheiro fedido, que o geraldo vai pro banheiro toda hora.

um dia, enquanto eu estava esperando meu ônibus sozinho, vi o geraldo. foi pro banheiro umas duas vezes e voltou secando a mão na calça. aí pegou o celular, olhou pro lado, voltou pro celular, olhou pro outro lado e me achou. dei um tchauzinho robótico, igual meu pai fazia, e ele mostrou um sorriso que não era de bunda. estranhei. olhei pro teto, mas ele continuou com a boca arreganhada e, num salto, apareceu sentado do meu lado. aí pegou no pau, chegou no meu ouvido e falou uma coisa que eu nunca mais esqueci.

grande coisa

no dia do seu aniversário, kátia ajuda quem precisa. sai à procura de idosos que vão tropeçar, crianças assaltando adultos ou qualquer tipo de emergência que se resolva com guardanapos de papel, como vômito, merda ou lágrima. já dizia vovó: dedos grandes, missões maiores. então, kátia lava as mãos e vai pra rua, pronta pra se lambuzar na vida dos outros. mas esse ano kátia não encontra nenhuma pessoa enrascada e, pra não voltar pra casa com os dedos cheirando sabonete, ela resolve ajudar a fauna paulistana. procura alguma pomba manca ou um cachorro recém-atropelado, mas só encontra bicho inteiro, vivendo.

até que um periquito grita socorro. kátia procura de onde vem aquele canto mais doce que serrote e encontra uma gaiola pendurada na porta de um boteco. é maior que seus dedos, mas pequena demais pro mistério daquele tufinho azulado. kátia entende sua missão. sem que o dono do boteco perceba, levanta a portinha metálica que protege o periquito da imensidão e, escondida atrás de um poste, observa o passarinho confuso com o vácuo de liberdade. perambula pela gaiola, se inclina na beirada do abismo e salta. vai beirando a calçada e encontra uma poça d'água duvidosa. bebe, sem critério. aí atravessa a rua e beija um pneu de língua.

baile automático

quando meu lábio descola dos dentes dele, vejo seu primeiro rosto de homem recuperar os contornos. me afasto, ainda vesgo, pra ver de frente o único guilherme que existe, com seus quase dezoito anos e uma penca de dedos esfolados do handebol, perfeitos pra esmagar minha cabeça de rato. seu corpo marrento está embrulhado delicadamente em um terno de festa, com gel no cabelo e bigode espetado de loção pós-barba, adestrado, musculoso, como um touro penteado pro rodeio, do jeito que eu desenhava. mas um touro preso — pra sempre, ou pelo próximos quinze minutos — entre as minhas coxas de rato. um rato branco e com espinha na testa, mas magro o suficiente pra não ser considerado feio o suficiente, mas rato o suficiente pra não ser considerado gente o suficiente. alguma coisa entre rato e gente. eu, com meus quase dezoito anos e uma penca de dedos lisos de creme, perfeitos pra alisar touros mecânicos, mas nunca um touro de verdade o suficiente, peludo o suficiente.

foi meu primeiro beijo, mas deve ser o trigésimo do guilherme. depois de encher a minha boca de saliva, ele mastiga os meus olhos com os cílios, que, olhando, assim, de pertinho, parecem palitos de fósforo espalhados por cima das pálpebras, prestes a fazer faísca com os meus. tudo nele perfura e queima — a unha enterrada na minha lombar, os cílios de pólvora e, ela, a língua taurina. achei esponjosa. não que eu conheça outra língua, mas eu olho a minha no espelho e é lisa. a do guilherme parece mesmo uma esponja desfiada e a textura vai apalpando o céu da boca de um jeito que eu não sei se é gostoso. mas é o guilherme, é o único que existe, e eu sonho em descobrir qualquer textura de dentro dessa boca há uns três anos.

seguro a cabeça dele entre as minhas mãos, olho profundamente no seu focinho e deixo minhas pálpebras caírem. talvez, no escuro da minha intimidade, eu acorde desse delírio dentro do meu quarto, com uma mão no edredom e a outra em volta do meu pinto melado. mas eu não desperto nem durmo, continuo com os pelinhos da bochecha dele espetando a minha mão. abro os olhos. ele está aqui, rindo do meu sorriso. beijo o canto do seu nariz e abraço um touro de verdade.

ele alisa o meu ombro por cima da camisa, descendo grosseiramente até o braço, como se me benzesse. com o meu queixo colado na sua nuca, não consigo prever uma lágrima que despenca dos meus fósforos e escorre pra dentro da camisa dele.

— é suor ou lágrima?

eu encosto no volante do carro e minha camisa gruda no courino. esqueço de chorar por um momento e abro os botões, um por um, enquanto passeio pela cara de filho da puta que o guilherme sempre teve, do tipo que desvia da minha existência no pátio da escola durante três anos, mas que resolve me pescar pra dentro do carro do pai dele na noite da formatura, e eu aceito, rato, feliz, e deixo pra trás a última noite antes do meu futuro, junto com uma batidinha de morango com leite moça, que foi inteira pro lixo. amasso a camisa alugada pra festa e espremo em cima dos meus olhos, acho que pra ficar cego. talvez, chorar na frente desse cuzão até seja um troféu pra mim. agora, que ele me assista derreter e que sinta culpa e que sinta pena de mim e que sinta mais pena de si próprio por ser um cagão, um enrustido, um cagão.

mas, quando tiro a camisa do rosto, ele não está mais olhando pra mim. com a cabeça tombada pro lado, ele assiste a janela do carro com uma serenidade que me deixa até com vergonha. é o jeito que ele sempre olha pras coisas que não são eu: calmo e dentro. foi ideia dele dirigir até a montanha e estacionar debaixo da torre do rádio — a melhor vista pra nossa cidade-fantasma. agora, parece que quem vai chorar é ele, mas não dá pra saber, porque ele é ilusionista. ele olha, e mais nada. talvez se arrependa amanhã. ou já está arrependido. o silêncio dele vai comendo os poros do carro e, de repente, eu começo a me sentir mal por estar com o peito magro de fora. coloco a camisa de volta, fingindo que tirei só pra enxugar os olhos, mas, agora, qualquer movimento parece artificial, como uma coreografia que eu não ensaiei. fecho os botões da camisa e olho pra cidade. tento achar os olhos dele em algum ponto da maquete. eu poderia só engolir o silêncio, mas é impossível sentir o pau dele entre as minhas coxas e não ter coragem.

— por que você nunca falou comigo?

ele pisca forte duas vezes, como se procurasse um slide de explicações atrás dos olhos, alguma desculpa esfarrapada e quentinha pra me cobrir. mas não fala nada, só engole a saliva que eu deixei na boca dele.

— quer que eu tire o terno pra você me ver de cueca?

queria acreditar que eu mereço mais do que isso, mas eu não tenho nada melhor pra escolher. na verdade, é provável que, nos próximos anos, essa seja a memória tátil mais viva que eu tenha de alguém pra guardar, então preciso decorar cada centímetro desse encontro antes que ele evapore na minha frente. talvez, pro guilherme, isso aqui não passe de uma nuvem de vapor mesmo, vazia, fácil de esquecer, que vai se misturar com o óleo lubrificante do motor — ou seja lá qual for o líquido escuro que pinga dos carros — e sumir. não tem nada de especial em beijar um rato, muito menos pra quem já tem um canil de fêmeas. acho que ele até sente um pouco de nojo de mim, das minhas espinhas, porque ele evita chegar perto da minha testa. acho que nojo não tem muito a ver com sexo, por isso ele não mistura as coisas. e ele sabe das coisas. sobre sexo, por exemplo, eu sei que ele sabe. sobre amor, ele deve saber também. eu sei um pouco, mas só quando leio ou penso a respeito. acho que eu nunca fui amado. não tenho certeza. e não ter certeza dessas coisas deve dizer alguma coisa sobre essas coisas. o guilherme de cueca na minha frente, por exemplo, não tem a ver com amor. ou tem? não tenho certeza.

— guilherme, tira o terno pra eu ver se é amor.

o guilherme deita em cima do capô do palio só de cueca. se esparrama de braços abertos no gelo da superfície, como se estivesse preso em uma cruz metálica. olho, assim, de baixo pra cima, e vejo um bicho treinado pra grandes plateias — o pescoço tombado pra trás e o peito querendo encostar na lua, seu holofote privado. os faróis do palio estão infestados de pernilongos pirocudos, doidos de ver tanta carne. até os sapatos o touro tirou. até as meias. as roupas estão amontoadas no chão, ao redor do bicho que trocou de pele. azar da moça da loja de ternos, que amanhã vai precisar

esfregar o musgo do tecido, esse mesmo musgo que está lambendo a sola do meu sapato pela beirada. se eu afundasse nessa meleca agora, talvez ela me engolisse até o miolo da montanha e eu estaria a salvo da pergunta que não tem resposta: esse touro é de montar?

ele não se mexe, mal respira. eu fecho os olhos de novo e me esforço pra acordar desse absurdo, mas reencontro a lua, o touro e o nosso silêncio úmido. ninguém vai acreditar em mim. talvez seja melhor eu tirar uma foto dele. talvez eu pegue o meu celular do bolso, agora, e tire uma foto pra bater punheta mais tarde. talvez ele não se importe. mas talvez fique violento e quebre meu celular. ou a minha cara. ou a minha cara com o celular. talvez ele me bata de um jeito que vai ser gostoso no começo, mas que vai ficar sério depois. posso perder um dente e morrer. mas ele continua boiando no próprio silêncio. então, me visto de pernilongo e pouso com a orelha na pele da sua barriga. ele assusta, mas logo fica macio de novo. encaixo minhas mãos geladas no contorno da sua cintura e escuto suas partes moles.

— se você quiser, eu tiro a cueca.

não quero. não tem pinto que supere esse oceano muscular de carne, gás e moleza. o único guilherme que existe, agora com os dedos de veludo pousados atrás da minha orelha. me sinto o pai do bebê de mentira que tem dentro dele. faço ultrassom do nosso futuro. casa, carro e passeios no shopping. aceito qualquer coisa, mesmo porque, amanhã, sou rato de novo. nesse momento, até chego a acreditar que sou touro também, ainda mais quando o guilherme resolve me levantar até a altura do seu focinho e, com os meus olhos emoldurados entre as suas patas, o touro fala, com a voz coberta de lágrimas:

— penso todo dia em você.

cola quente

au au, eu grito pro homem barbudo na calçada, e ele me pega no colo. não vou negar: comecei a noite revirando uma lixeira. fui fisgado por um cheiro gostoso de comida de humano, mas descobri um pouco tarde demais que não passava de uma fralda de bebê usada. comi em duas dentadas. é que fico cego durante a noite. pra piorar, minhas patas são curtas e não alcanço qualquer lixeira, então acabei me acostumando a jantar o que está na altura do meu focinho: grama de jardim, barata morta ou alguma ratazana mais lerda do que eu. tenho quase treze anos, então não sei mais brigar por comida. vez ou outra, encontro uma marmita no chão e acho que é sorte, mas quase sempre já foi revirada por um filhote sarnento ou algum humano que dorme na calçada.

hoje mesmo fiquei feliz quando encontrei aquele banquete no asfalto, todo pra mim. um bêbado entortou a lixeira no chute e a cascata cheirosa se espalhou. uma cordilheira de guardanapos engordurados, papéis de bala, latinhas grudentas e chorume, à luz de um poste cego de uma lâmpada. comi a fralda e vomitei na hora, mas não resolveu. depois de uns minutos cuspindo uma gosma quente e espumada, procurei algum lugar pra deitar. encontrei uma rua toda apagada, não fosse pelo letreiro de um bar que cobria a calçada de rosa. achei que ia morrer, então escolhi onde me esticar bonito.

fui tremendo as patas até a porta do bar e me curvei. quando encostei a barriga no chão, meu rabo dobrou no meio e um calafrio me chupou até o focinho. outro jato espumado voou da minha boca e eu fiquei de pé pra não engasgar. sambei um pouco até conseguir mirar a meleca que eu fiz, mas não demorou pra minha barriga brincar de sanfona comigo. parecia que meu olho ia cair da cabeça. me contaram que um poodle morreu desse jeito atrás da rodoviária. tinha vida de lorde, mas se perdeu da humana e não sabia vomitar sem ajuda. foi achado com o olho pra fora da cara. e era de raça. imagina um olho sem raça igual o meu.

minha coluna foi dobrando até me fazer gorfar o que estava no fundo do meu rabo. manchei a calçada com um catarro branco, fiquei zonzo e caí de lado, com a vista torta. foi quando ouvi um

barulho enferrujado de porta se abrindo a alguns metros da minha cabeça. enrolei o olho pra cima e encontrei a silhueta do homem, o barbudo. o rosa do letreiro esfumaçou conforme os pés dele se aproximaram de mim. o homem agachou e colocou uma das mãos na minha barriga, fazendo um vai-e-vem meio tímido, como se pedisse permissão. não sei o que ele estava tentando fazer. também não sei se já tinha sentido aquilo antes. não lembro. mas foi tão macio que eu mijei na calçada.

sálvia e alecrim, ele fala, esfregando dois ramos entre as mãos. farejo as folhas fresquinhas. quando eu ficava ruim da barriga, ele continua, minha mãe espremia sálvia e alecrim, misturava com água quente e colocava uma colher de açúcar. qualquer coisa na mão dela tinha açúcar. e eu sou igual. mas tem planta que só o cheiro já serve de remédio. está vendo como sua respiração melhorou? coitado. bichinho lindo. qual seu nome, hein? vou te chamar de bichinho. meu nome é ali. conhece esse nome? ali ali.

estou deitado em cima de um balcão de madeira. o bar é pequeno, estreito, só tem essa bancada e umas cadeiras altas. um suporte parafusado na parede segura uma fileira de copos de vidro, que vão crescendo de tamanho conforme caminham na direção de uma porta no fundo. deve ser a cozinha, porque vem um cheiro salgado de dentro. é um bar mais velho do que eu, mas está limpo e ainda tem charme. uma luminária comprida flutua em cima da nossa conversa. não que seja uma conversa. eu só escuto, enquanto decoro o rosto dele. ali ali.

melhor que sálvia e alecrim, só folha de boldo. mas se não tem nenhuma ervinha em casa, o segredo é coca-cola quente. sabia? aprendi com a minha mãe. ela falava que o gás da coca gruda tudo o que está solto dentro da gente. a mão dele continua pousada na minha barriga. ali ali. ele tem pelos escuros em quase tudo de pele que eu vejo, mas a bochecha é lisa. não sei o nome da cor dele. qual a distância entre rosa e marrom?

conhece beirute? é longe. minha mãe saiu de lá sozinha quando eu tinha o seu tamanho. daí ela morreu e eu cresci. fiz outra família. você vai morar na nossa casa agora. tem a sara, que é

minha esposa, um bebê e um menino de bigode, meu outro filho. não é bem uma casa. é um apartamento pequeno. faz tempo que os meninos me pedem um cachorro e eu não tinha dinheiro pra mais uma boca. mas você me escolheu, bichinho.

o ali falou alguma coisa sobre libélula. falou? sobre líbano. beirute. essa luminária já foi mais acesa. umas pintinhas pretas comem a minha vista pela beirada. ali ali. você ficou menor de repente. acho que eu vou vomitar. coitado. está um forno aqui dentro. ele pega uma lata de coca e despeja em uma tigela. farejo a espuma quente e minha barriga dá um nó. não aguento minhas patas. despenco de cara na coca. ele tira o prato de baixo de mim e limpa a bancada com um pano listrado. ainda consigo ver listras. é um pano listrado, agora pendurado no ombro dele. do ali. o bar do ali. o balcão de madeira. os copos crescem de tamanho até a cozinha salgada. estou com medo. ali ali. ele desenrola a porta do bar e entra uma brisa molhada. respiro. está chovendo.

alô, sara! apareceu um cachorro, está só o osso. no bar, aqui em frente. já vomitou, mas limpei e trouxe pra dentro. pede o carro do nasser, ou de outro vizinho, e vem. não dá tempo, vem agora. pede pro nasser. precisa ver que lindo. um bichinho, avisa os meninos. é marrom. está magro, mas a gente engorda ele. corre!

me encolho nos braços do ali e ele me leva até a porta. com uma orelha, escuto a chuva na calçada e descubro, com a outra, que o ali tem coração fraco. quero abrir os olhos, mas não consigo. é como se uma coisa me secasse por dentro. isso me lembra o dia que engoli um pedaço de isopor pensando que era bacalhau. eu dividia resto de marmita com um cachorro que morou comigo atrás de um restaurante português. sexta era dia de peixe com batata e a gente não aguentava esperar até a noite pra fuçar no lixo. até que, nesse dia, eu engasguei com a lasca de isopor e descobri que podia morrer daquele jeito. seco. estou sentindo a mesma poeira na barriga agora, só não tem isopor nenhum pra vomitar. parece que meu corpo desistiu e vai descolar de mim. ali ali.

não tem mais ar aqui dentro, bichinho. quer ver a chuva?

em alguns segundos, estamos ensopados. ele senta na calçada e me abraça. deslizo o olho pra cima, tentando fugir do sono, e umas gotas de chuva espetam minha vista. encontro o rosto do ali no meio da enxurrada, coberto com o rosa do letreiro. a sobrancelha escura, o nariz reto e a bochecha lisa, agora com uma cintilância melecada de água. tudo escorre barba abaixo. e ele não se incomoda. estranho. e também não me deixa sozinho. talvez esteja chorando. será que ele sabe que eu enxergo debaixo d'água? ali, eu não falo a sua língua, mas é ruim te ver triste aqui de baixo. que pena. obrigado, mesmo assim. obrigado por ficar. não quero esquecer. seu rosto está desmontando, mas não quero esquecer. de você. da sálvia e do alecrim. da coca e da cola. não lembro a distância até o meu rabo. estranho ir embora. as coisas mudam de cor. não quero esquecer das coisas. está chovendo. a vitrine é rosa. a sua barba é preta. tem a sara, um bebê e um menino de bigode. tem um apartamento. pequeno. não quero esquecer. que pena. obrigado, mesmo assim. obrigado por ficar. obrigado por ficar. não vou esquecer. não vou esquecer.

casinha

o corpo foi encontrado pelo legista. já a arma foi achada por uma família de formigas. entraram em sua nova mansão calibre 12, analisaram os quartos e a divisão ficou assim: pai-formiga e mãe-formiga dormem no cano e cada filho-formiga escolhe um compartimento do tambor de projétil. por um dia, foram felizes, até jantarem o resto da pólvora.

verdade muscular

sobre a escola e os dias que eu passei dentro dela, não restou muita coisa além do bebedouro no pátio.

na volta da aula de educação física, eu me curvava até a torneira gelada e enchia a boca. nos dias mais quentes, eu encaixava o pescoço debaixo da água e deixava descer um riozinho de cada lado da minha cabeça, alagando os sulcos atrás da orelha. enquanto refrescava, eu assistia o ralo peneirando a sujeira pro cano secreto, até a água contornar a têmpora e encharcar meu olho — que eu fechava na hora.

depois da enchente, eu varria o pescoço com os dedos, passava pela testa e terminava com a mão na boca. botava um filete da língua pra fora e, sem ninguém ver, degustava o sal que eu tinha recolhido. naquela época, a minha mão era uma das poucas verdades que eu conhecia. as dúvidas eram sobre o destino da sujeira no ralo.

pra onde vai o muco depois que ele solta do crânio?

em poucos segundos, o bebedouro ficava infestado de cuspe — isso quando a molecada não carimbava o azulejo com catarro derretido. eles saíam ilesos e deixavam a porquice rebolando no ralo. eu morria de nojo, mas também nunca ensaboei a mão depois da aula. eu queria sentir o sal que eu tinha produzido sozinho. ainda não sabia quase nada sobre o que eu tinha por dentro. eu era pele, pele, e pronto. meu cheiro mudava toda semana, as cuecas não serviam direito, a torneira parecia mais baixa a cada vez que eu me curvava. a minha pele brincando de elástico. o mesmo ralo me olhando de baixo pra cima — um espião. eu cogitava pescar o segredo dele com o dedo, mas os micróbios da quadra de vôlei me distraíam. e as bermudas ensopadas. e os meninos sem camisa.

naquela época, a minha mão era uma das poucas verdades que eu conhecia. e ela vivia pingando segredo.

herança

eu só como de colher, porque meu bisavô engoliu um garfo.

malu

malu está há dez anos enterrada no quintal. pena que não nasce pé de malu pra dona da casa perceber.

tá

— você tem uma alma tão linda.

— tá. mas e o rosto?

o mar

o mar não resolve nada. a praia está cheia e o mar não resolve nada. minha tataravó viu o mar, entrou no mar, abriu o olho debaixo da água do mar, e nada. morreu, igual à filha e à filha da filha. todas mortas. o mar não resolveu a minha tataravó nem me resolveu nem resolveu o rapaz com a mão dentro da sunga. é só sal. bicho torto. fio dental. garrafa pet. tem uma garrafa pet. alguém tira essa garrafa pet. agora. e não façam xixi. ou melhor: façam. e dentro da garrafa pet. e bebam o xixi. é só sal. espessura. e dizem que resolve. o mar, não. o mar não resolve nada.

a vida das baleias

ontem, aprendi a agradecer. é essencial que agora você pare pra procurar em uma enciclopédia qual o tamanho do coração de uma baleia-azul. cabem pessoas dentro. imagina o trabalho desse coração — existir pra bombear sangue dentro do corpo de um gigante. morar no mar. eu não pensaria duas vezes na fila da próxima vida: eu quero ser coração de baleia-azul. a maior casa do mundo, que nada e que come e que cospe água. eu, dentro dela. vivo, inteiro, ensanguentado. gigante. do tamanho de um carro. boiando no escuro de uma entranha. essa é a minha nova sina e não tem volta. o oceano e as coisas abissais têm me tirado o sono. é reconfortante e esquisito viver em um mundo onde existe um coração de bicho maior do que eu. e eu tenho um metro e oitenta e cinco. não tenho mais motivo pra reclamar. eu agradeço. se você ainda me escuta, perceba agora meu abraço — o pulso do meu coração de humano descompassa quando encontra o pulso do seu coração de humano. em alguns segundos, nasce o nosso pulso. também gigante. também mamífero. inédito. imenso.

estrias

tenho marcas por crescer rápido demais

nas coxas e um pouco na bunda

quando pequeno, cresci correndo

ouvia muito isso

como cresceu como tá grande não para de crescer

depois de grande, ainda me dizem que cresço

a cada vez que me veem, pareço maior

continua crescendo já passou de 1,80 nunca para de crescer

ser grande tem fim?

quanto de fermento tem em mim?

quero ser grande, mas nem sempre

às vezes só quero não ser pequeno

piscina

beber o copo de água inteiro de uma só vez virar tudo pra doer a garganta matar a sede que te mata lavar sua língua seu estômago deixar que escorra num fluxo só que não para jorra por dentro te preenche transborda a água não acaba nunca a água não acaba nunca faz bem beber água faz bem pra pele pra voz pra ele pra nós você não para já não tem calor nem sede nem chão nem parede agora só um desespero afogado e você não para não dá mais pra parar não dá mais pra parar não dá mais pra parar agora engole agora engole agora engole vai engole

o seu cheiro

se você soubesse o que acontece dentro da minha cabeça quando descubro que o seu cheiro ficou na minha blusa de lã. eu tô caminhando sozinho na rua, bate um vento e o meu nariz vira o céu. eu mal percebo o seu cheiro quando você tá por perto, aí a gente se separa e ele é minha religião. fica gigante e me engole. eu decifro todos os filmes. eu me graduo em filosofia. eu lembro a tabuada. eu viro uma enciclopédia de biologia marinha.

cervo

hoje eu fechei os olhos e acariciei um cervo pela primeira vez. quando abri, era a sua mão.

no vídeo de hoje

tem uma baleia na pia do banheiro. vai lá ver. mas evita fazer contato visual, vai que ela invoca. só percebe a presença dela na cerâmica. acho que ela ainda não reparou que está sem água.

cai bem

dentre todas as minhas quedas, a favorita foi quando que você me empurrou dentro do bueiro. que saudade daquela época em que eu cabia no bueiro. não caibo mais. no momento, tenho cabido só em roupas, e da renner. caber é uma coisa importantíssima, e a renner me cai bem. mas cair-bem-bem-mesmo, pra mim, tem que ser no bueiro, e você sabia como me derrubar dentro de um. tanto que aprendi como fazer e, hoje, eu mesmo me derrubo nos lugares. em bueiros, não. isso eu ainda deixo reservado pra você. e não tem mais você aqui. tem a renner.

finado

uma lápide onde se lê: como era bom construir frases.

a coisa

tem uma coisa debaixo do seu pé. você tá vendo? tem uma coisa cavando o chão debaixo do seu pé e você tá pisando nela. ela tá tentando germinar. você tá sentindo ela se enfiando no meio do seu dedo? não pisa nela. isso. abre o dedo. deixa entrar. foi. ela já engoliu o seu pé inteiro. parece um tentáculo. parece um planeta. tá te lambendo de baixo pra cima, igual uma enchente. ela já encontrou a batata da sua perna. tá irradiando pro seu joelho. pra sua coxa. pro seu sexo. não se mexe. ela tá trepando na sua coluna pra chegar na garganta. ela quer o seu crânio. ela quer abraçar o seu crânio. ela abraçou o seu crânio. não tem mais volta. a coisa come tudo o que ela toca. não é um monstro. não é o fim do mundo. mas ela tá aqui. no musgo que cresceu em cima do túmulo. no almoço que você cagou e virou o adubo da janta. no aquário onde você passou nove meses. a coisa tava lá. a coisa tá aqui. da papila da sua língua até o olho do seu cu: a coisa. a coisa. a coisa.

filhote

— é filhote.

— como dá pra saber?

— tá sorrindo.

parabéns

muito obrigada. você foi muito gentil. inclusive, quanta gentileza, tô espantada. é por quê a loja é nova? entrei numa outra filial de vocês pra pesquisar preço e fui atendida por uma cavala. se ela me cuspisse na cara, eu sairia mais satisfeita. petulante, desaforada. na idade de vocês, eu trabalhava no comércio e não tinha tempo ruim. o jovem de hoje quer tudo na mão. arrogantes, preguiçosos. precisa rever esse treinamento corporativo de vocês. mas você tá de parabéns, joyce.

a minha mão

pra te pedir desculpa, eu estendo a palma da minha mão na direção do seu corpo. como uma benção, uma concessão. você também levanta a palma da sua e estende na direção do meu corpo. eu entendo a resposta. um contrato de mãos que não se encostam. a minha mão te diz sim e, a sua, me diz sim de volta. estamos abençoados. cada um vai pro seu lado.

porco

hoje eu lembrei de tudo.

nunca vou esquecer.

a verdade é essa – eu falo.

e hoje, no banho, eu lembrei de tudo.

ensaboando o suvaco esquerdo, eu lembrei de tudo tudo.

setembro, talvez.

fim do ano, certeza.

chuveiro ligado no modo verão.

a temperatura é essa – eu lembro.

inverno, talvez.

quente, certeza.

pelando.

você entrou primeiro.

medo de fazer coisa errada.

ensaboando o suvaco direito, eu lembrei de tudo turvo.

que medo, certeza.

pelando.

você beijou primeiro.

língua ligada no modo avião.

o azulejo é esse – eu encosto.

quente, certeza.

pelando.

encharcando o box inteiro, eu lembrei de tudo torto.

nunca vou esquecer.

cintilando.

você sacou primeiro.

o negócio é esse – eu pego.

pelado, certeza.

dedo de fazer coisa errada.

fim do medo, talvez.

minguando.

virilha prensada no modo sabão.

derretendo o cóccix inteiro, eu lembrei de tudo mudo.

sozinho, certeza.

morrendo.

demorando.

falindo.

escorrendo o ralo estreito, eu descobri.

eu sou o dono do meu banheiro.

nasceu, é um cachorro

depois que comecei a morar sozinho, já pensei em adotar um cachorro algumas vezes. um dia, baixei no celular um desses aplicativos pra comprar coisas usadas, tava procurando qualquer bobagem e encontrei aleatoriamente um cara anunciando filhotes de yorkshire recém-nascidos. era uma foto que ele devia ter achado no google de um yorkshire branco, sorrindo, mas não era aquele o cachorro que tava sendo vendido. e no anúncio o sujeito prometia vários filhotes - a foto era de um só, que já era adulto. talvez fosse uma fêmea. ele não especificava se era macho ou fêmea também. e aí eu vi que não era só esse cara que vendia cachorros. vendiam calopsita também, gato, galinha. uma coisa horrorosa. mórbida. estranha. é exagero achar isso muito muito estranho? eu não dormi por dias pensando nisso. juro.

pessoas vendem bichos em aplicativos. outras pessoas compram. é uma coisa normal.

lembrei que uma amiga de alguma amiga fazia parte de algum tipo de campanha de adoção em algum lugar longe. e que eu caguei pra isso por anos, sei lá. quem liga? eu nunca parei pra pensar muito que existe uma estrondosa diferença entre comprar um bicho e adotar um bicho. um bicho doméstico. e isso falando de gato, cachorro, periquito, que a gente acredita que é doméstico, vê na casa das pessoas. eu mesmo tive uns quatro cachorros na vida, dois periquitos, três gatos. acho que um peixe, ou dois. galinha eu não sei se é bicho de ficar em casa, mas as pessoas fazem isso. criam no quintal. uns matam depois de um tempo pra comer. e agora vendem galinhas por aplicativo. como é que faz a entrega disso? chega por sedex? busca na casa? carrega como no metrô? pode bicho no metrô? pode bicho nos lugares?

a minha vontade era denunciar o anúncio do yorkshire. eu deixei salvo nos meus favoritos e olhava pr'aquilo várias vezes no dia. mas se eu fizesse uma denúncia, precisaria justificar. falar o que pra esse aplicativo? eu não sabia nenhuma pauta da galera que pensa nos animais. e não é que eu não penso em animais, eu gosto. eu gosto e penso em animais. inclusive, já tive. eu gosto mesmo. nada contra animais.

eu precisava adotar um cachorro, agora como um ato de vingança. não sei se vingança é a palavra, mas qualquer coisa que me ferve o sangue eu acho que é vingança. diarreia, primeiro encontro, cair da escada - vingança.

visitar uma feirinha de adoção. tá. joguei no google. achei. fui de metrô. levei uma caixa dobrada embaixo do braço, porque sei lá como se transporta um bicho de um lugar pro outro. meus bichos sempre apareciam em casa, meu pai arrumava. nunca precisei transportar nenhum. cheguei, tava afoito. era muito cachorro, muito. fui olhando meio que um por um até chegar num yorkshire. branco. adulto e encolhido num canto. era um yorkshire de verdade e não parecia nada com o da foto.

(começo a trabalhar com a hipótese de que o cachorro do anúncio era de pelúcia. ele parecia mesmo estar sorrindo. essa hipótese é logo descartada por ser estúpida.)

peguei no colo. me lambeu. aquela coisa, aquele romance. vingança. vou levar. assina aqui. montei a caixa e coloquei ele dentro. foi quietinho até em casa. tava muito quietinho. tinha morrido.

mentira.

peguei no colo. me lambeu. aquela coisa, aquele romance. vingança. vou levar. não! eu não posso colocar um bicho desse dentro da minha casa. eu tenho muitos problemas, eu não tenho tempo pra nada, eu não consigo nem marcar um café, não consigo namorar. esse bicho vai depender de mim pra tudo, não vai saber ficar sozinho em casa. vou esquecer de dar comida. de dar água. vou acordar a noite e esquecer dele, pisar. eu posso matar esse bicho. eu não consigo nem cuidar muito bem de mim mesmo. eu não consigo meditar. eu não consigo seguir dieta. ele vai ter vacina pra tomar. vai ter banho pra tomar. eu não tenho carteira de vacinação. eu não tomo banho sempre. eu não quero. tem muito bicho em todo lugar, as pessoas querem colocar bichos em todo lugar. pra suprir alguma coisa. e se elas podem cuidar, então tudo bem. eu sei que bichos precisam de um lugar pra ficar. tem cachorro jogado na rua e isso é horrível. tem gente que abandona, que maltrata.

isso não se faz. eu sei. eu me importo com animais. eu já tive. eu gosto mesmo. nada contra animais. mas não tem o que fazer. eu não quero. tira esse bicho da minha mão.

mentira.

vou levar. assina aqui. peguei a caneta e saí correndo. caí na rua. um cachorro veio me lamber. era de pelúcia e tava sorrindo. vingança.

mentira.

eu sou um cachorro de pelúcia. venho numa caixa. me chamam de chico. falo três frases, incluindo *i love you*. faço xixi, cocô e outras coisas horrorosas. mórbidas. estranhas. au au. *i love you*.

jegue

algumas vezes fico com a boca meio entreaberta, outras vezes deixo ela fechada. depende, mas não sei do que depende. isso de depender é bem engraçado. depender. sempre penso nisso, depender das coisas. não sei se eu dependo de alguma coisa, acho que sim. acho que dependo bastante e de bastante coisa. de pessoas também. isso de deixar a boca entreaberta ou fechada, isso depende de alguma coisa, mas por que não consigo dizer do que. sabe. é estranho pensar nisso, como tem um monte de coisa que a gente pensa e sente, mas que na hora de nomear a cabeça vira polenta frita. a gente come a polenta, mas nada acontece. o nome da coisa não aparece. é desesperador pensar nisso, então eu fico tentando não pensar, mesmo que isso me ocorra quase sempre na cabeça. eu penso umas coisas dentro do ônibus que só quem anda de ônibus pensa. eu ando bastante de ônibus, então estou sempre tendo esses pensamentos de transporte público. não sei se é por causa do balanço ou do barulho ou das duas coisas. tem uma chatice nisso de ficar se arrastando pra lá e pra cá. todo mundo cansa disso uma hora, porque ninguém foi feito pra fazer isso todo dia, então a gente acaba buscando uns pensamentos idiotas pra se agarrar e não sentir o tempo pesando na gente. mas eles se tornam tão recorrentes que deixam de parecer idiotas depois de um tempo. e aí já não dá pra saber o que é uma coisa realmente idiota de se pensar. isso de boca entreaberta mesmo, eu achava que era idiota. eu não queria ter que ficar pensando nisso, mas de repente faz muito sentido pensar na minha boca. e eu até me sinto meio inteligente em pensar nisso. eu preciso sempre repetir pra mim mesmo que sou inteligente, porque isso me faz parecer interessante. e pessoas interessantes pensam em coisas banais de forma inteligente. então eu penso. mas isso não resolve a coisa da dependência. depender das coisas. nem mesmo sendo inteligente e super interessante eu consigo resolver isso, porque pessoas inteligentes também dependem de coisas. às vezes elas dependem de pessoas menos inteligentes que elas. mais burras mesmo. algumas vezes fico com a boca meio entreaberta e pareço burro. aí eu fecho e fico mais interessante. tem a ver com o que eu faço com a boca então. sabe. aí chega meu ponto, eu desço do ônibus e

acabo esquecendo tudo isso, porque não anoto em lugar nenhum. eu sou muito burro às vezes. aí eu fecho a boca e fico mais interessante.

enterro

o rodinho da pia está molhado ainda. eu troquei as pilhas do relógio semana passada e elas vão durar até o natal. tem um desenho que eu fiz na mesa da escola e eu não lembro mais, acho que era uma carinha, eu não lembro mais — devia ser importante. a lasca da parede que soltou no quintal. a caixa de giz colorido que eu não abri. o chiclete que eu cuspi na sé e não secou direito. minha mão esquerda impressa no corrimão do metrô. quebrei um copo ontem e deve ter algum caco solto pela sala. alguém pode pisar. o quarto que eu não aspirei. as calçadas que eu não pisei. os trajetos que eu não mudei. os ônibus que eu não peguei. não vi o mar. não andei mais de carrossel. não vi nem comi caviar. não provei paella e não sei se é assim que escreve. grande coisa.

um monte de coisa grande vai ficando ando. tudo vai deixando de fazer cor de fazer sombra de fazer aniversário de fazer. vai derretendo pra baixo do tempo. como minha casa corrói rápido. não sabia porque não me disseram.

não me disseram um monte de coisa.

eu não disse um monte de coisa.

meus dentes

já pedi pra parar e você continua batendo o balanço na minha cara. você quer os meus dentes, meus sisos todos pra você. são meus. meus sisos não são seus.

sextou

pega sua pá. quero te mostrar uma coisa no jardim.

pão de ló

na última vez, eu coloquei farinha a mais. a massa ficou borrachuda, tive que cortar em tirinhas pra comer chafurdando no pote de doce. dessa vez, não. dessa vez eu vou colocar mais farinha ainda, vou esturricar a massa, deixar que vire uma pedra enformada. ou talvez eu me arrependa e antes de colocar pra assar, adicione o dobro de leite pra dar uma amolecida. vou mexer bem mal mexido, deixar a farinha empelotar. os ovos vão todos com casca dessa vez, inteiros. vou adicionar mais fermento também, deixar que exploda no forno pra eu limpar por meia hora depois. sem problema. eu tentava acertar o ponto nas outras vezes. eu esperava que fosse ficar fofinho, molhadinho, mas não ficava. eu tentava salvar depois, fazia de tudo. investia na cobertura, jogava corante, colocava todo tipo de confeito, recheava sem dó. dessa vez, não. nem que eu tenha que servir com duas facas e nenhum garfo. nem que eu tenha que comer sozinho. nem que eu mesmo não consiga comer. nem que eu mesmo não consiga. nem que eu. tem receita que foi feita pra não dar certo, pra comer com o miolo cru. eu não conseguia entender. eu achava que era a farinha, porque na última vez eu coloquei demais. coloquei demais. eu achava que era a farinha. dessa vez eu não acho. dessa vez, não.

luxações

eu mastigo coisas gelatinosas

eu sustento tratores nas costas

eu levanto hastes com minhas perninhas

eu lavo a cadeira com meus poros

eu como pó

eu engulo pílulas coloridas

eu coloco as veias pra fora

eu passo lâmina em todas elas

eu lesiono meus dedos

eu racho minhas beiradas

eu explodo meus bracinhos

eu esguelo feito uma hiena

eu rasgo meu esterno

eu cuspo no espelho

eu costuro minha boca

eu amorteço meus pés

eu escorro meu cabelo

eu ardo meus olhos

eu corro parado

eu pedalo deitado

eu pelado deitado

eu pelado dentado

eu tiro uma selfie pelado

eu tiro uma selfie de lado

eu tiro uma selfie pelado de lado

eu tiro uma selfie

lesionado

au au

fios me ligam à política à criança ao sonho à ilusão ao desejo à vontade excessiva à preguiça ao destino ao metrô aos trilhos às ruas às praças aos beijos aos cheiros aos fones de ouvido às webcams aos cartazes aos cachorros às portas aos cardápios aos postes aos bueiros às propagandas às valetas às luzes ao esgoto às poças aos poços às botinas aos chinelos aos letreiros de neon às poltronas aos corredores aos seguranças às faxineiras aos astronautas aos taxistas às pizzarias aos faróis às lâmpadas led aos postos de gasolina ao dólar ao euro ao iphone ao galaxy ao facebook ao blog ao busão à viela ao wifi ao chip ao shopping ao mercado ao carrinho de lanche à pulserinha vip ao carro ao carrão ao rolex à marmita à esmola à miséria aos restos ao trânsito às placas à faixa de pedestre ao habib's à manifestação à militância à resistência aos frutos do mar às fritas do mc aos fundos do poço aos topos do prédio a tudo ao todo ao meu ao seu ao ao au au au au au au au au

cecê

estou sempre fedido de nervoso quando você chega perto de mim. já testei dove, rexona e até bozzano, mas não tem alumínio à altura do seu efeito no meu suvaco. você vai falir todas as empresas de desodorante.

unguento

— vai se foder!

— vou. e você também vai.

— isso é uma ameaça?

— pior que não.

castelos

e por falar em

quartos úmidos,

eu,

inteiro,

umedeci.

desci as fotos do armário

e fiz a poeira

velha

cair do castelo.

de areia

e de pó:

elos e castelos.

passado que

sei lá,

mas que

ouço falar.

toco o plástico do álbum,

a placenta da foto.

meus dedos fazem ultrassom

e eu entendo a minha mãe.

tutorial

às vezes, tô escutando uma música que eu gosto muito e penso que não quero morrer, porque morrer significa nunca mais escutar música. então eu aumento o volume e penso que é a última vez. minha morte melhora a música.

cláudiovascular

quero ser cardiologista,

mas cardiologista não posso ser.

cardiologistas estudam coração

e eu estudo rima.

costa

os ônibus me tremem as costas.

sempre falei costa e me corrigiam.

se fala costas.

achava que era uma só, mas são duas.

0800

se um dia você quiser fazer uma coisa suja, sem nenhuma responsabilidade emocional pela pessoa envolvida e que, provavelmente, você vai se arrepender no dia seguinte: me chama. eu fico feliz em ajudar.

fênix

e então, na sexta-feira fim de tarde, eu deixei de ser o escorregador do parquinho.

Anexo XIII – Obra item 03 (Poesia)

O sintagma do sertão

E. Bosco

[*Epígrafe*]

Por cima, era de céu de tinta preta,
e estrelas, a vertigem, mas a mão esquerda
vinda do meu pai, na minha mão direita
e as estrelas tão perto, como cair da cama
do avesso, ou mergulhar em tecto.

Ana Luísa Amaral, *Imagias*

SUMÁRIO

I. 05

II. 22

III. 61

IV. 75

V. 110

O sintagma do sertão: poeira

arreia a estrada

à frente

toca

vermelha a viola

atrás

porteira

boiada

em oração.

I

Outro deserto:

o dia tão fora de mão.

Sobre a mesa, o caderno árido.

Pálpebra,

olhos desabitados. Sertão.

Meu pai.

Tendo ele sido criado

na roça

com o sol

à beira da porta, por

dentro da roupa

a luz coça os corpos e a pupila se alarga

: é dia lá fora.

O sol empurra à força a cancela

lavra a terra roxa, seca as

folhas.

A louça amanhece sobre a pia.

Tendo crescido

com o sol,

o sotaque atrelou

a língua e os cavalos

Porta tornou-se a descrição de meu pai.

A sua pronúncia roceira, palavra. Eu ria.

Eu ria da sua altura de mato,

a toada ampla dos fonemas.

Ele carpia a pouca fala

e depois se escorava ao batente,

como se encosta uma enxada.

Meu pai sempre a meio caminho de amanhecer.

Porta,

o "erre" dobra, range a dobradiça: aberto o dia.

Do tamanho de um rosto?

Maior.

Um hemisfério?

Além, além.

Como a restinga, o globo lunar?

A altura do teto, a textura de um lóbulo?

Da idade de quem?

O sertão é do tamanho de um lote

em Arandu.

Tapera

toda vista é dela

o mérito

de acender-se

lanterna

Estática

bandeira deita

sua asa palmeira

sobre a nesga

de chão colchão duro

sem mola

esteira tora áspera

ateia

teso o corpo

mácula quente que toca a forma

de tapete

dorme-se fogo

fundo aceso

de aurora

Tendo meu pai

nascido

sob a órbita de deserto tão longe

forrou-se de interiores

As sardas

são estrelas

que à noite roubou.

As minhas, as dele.

Casa sem porta:

a noite não

tropeça ao

entrar

trôpega

e sem vela

Uma canção cavalga nas costas

duras da noite.

Mas a janela fechada

a janela fechada e Maricota que dorme.

Serenata logo acaba.

As sardas

poeira da estrada de terra

espalhou-se na pele

A pele

incendiou-se

tão vasta cancela

tão fundas

olheiras

terra de não se abarcar com as mãos

na sua pele:

pólen

e madrugadas

II

O arrimo da família
era homem brabo:
batia com fivela da cinta
batia com fio de ferro
batia com voz de tétano
batia batia batia

Depois deixava em paz.

Pai do meu pai
homem sem rima,
como mais tarde seria meu pai
e seu rosto

seu rosto

um rosto incinerado

um rosto incinerado que não ri.

Pai do meu pai

fez dívida em todos arraiais

A cada esquina alguém

a cobrar a mãe e a família:

– Seu Juarez deve aqui.

Moeda rara

não junta mais de duas na mão

a mão só junta chapéu de palha,

enxada, jabuticaba

moeda não junta não

e a promessa de vida feita

na capital, como se vida fosse

coisa de receita: mingau, bolo, curau de milho.

Moeda rara e lá se vão todos.

Moeda rara

a roça só dá milho e mandioca

faz falta uma moeda

roça não é caminho para nada

só para casa

A porteira que um cavalo quebrou

balança pela metade.

Para a cidade fugiram

Foram mulher, os sete filhos.

Se não houver moeda, nada em vão, terá havido

um sol menos enfurecido.

O pai veio atrás

implorando perdão

nunca mais: beber, nunca mais.

Fugiram do pai,

deixaram o sertão.

A praça de Arandu

onde crianças juninas

empinam o nariz às pipas, e os velhos

trocam conselhos,

em São Paulo: virou uma rodoviária com nome de rio

Homens puxam: malas

que puxam: mulheres

que puxam: filhos

que puxam: carrinhos

e o destino, deste lado, os empurra de volta.

A moeda é cara

cara ou coroa

a sorte de quem a encontra

Mas a mãe

– mãe de meu pai

paisagem que arde

é árvore de voz grossa: resiste:

a cada um dos filhos dá feijão e livros

Tenda de vozes

esburaca a linguagem

e levanta a cidade.

Quando chove, enchente

fileiras de ruas

de lojas

faróis

de pernas

correndo e socorro os bueiros despejam também suas chuvas

Sacolas batem nas pernas,

carros batem pontes

ruas batem-se paralelas

répteis batem recorde

no trânsito

o pedestre pede: licença

um farol surdo o atropela

Bocas batem bocas

na rua

meu pai bate palma

e ninguém assoma.

Tantas vozes atrás: outras.

Violeiro abre o acorde,

o mestre improvisa a rima

e o coro explode

embolado

som em desordem, folia

alinha agudo o canto

coro soprano, coro tambor sanfona

e a bandeira do porta-estandarte

ou alferes anuncia: hoje dorme-se

tarde.

Meu pai trocou a roça

pelos livros. Entristeceu.

A mulher trocou os beijos

pelos filhos.

Trocaram-se fraldas, lâmpadas. Apenas a casa nunca saiu do lugar.

Tendo meu pai nascido

com o sol,

nunca compreendi como.

– como é que anoiteceu.

Meu pai trocou a roça
por livros. Livros sobre filmes.
Os livros, por filmes. Filmes
sobre livros. Os filmes, pela
câmera de fazer filmes sobre livros.

A câmera nunca cruzou o muro
os rolos nunca saíram dos tubos
os filmes nunca saíram dos livros
os livros nunca saíram de casa
a casa nunca saiu da órbita.

Ele se volta

às minúcias da casa:

entre tantas válvulas

e filhos

e registro de água,

há uma viola.

Meu pai toca.

Toca, mas não canta.

Da sua boca,

histórias sem verbos; apenas

nos gestos das mãos velhas

sobrevive um naco da infância.

Arandu chora

nas cordas da viola.

Bênçã, *pai*.

Bênçã, *fio*.

Ele dizia ao seu pai.

Eu digo ao meu filho.

A viola caipira

apita as notas na sala.

Cordas duplas,

do aço à matéria-viva.

Entoada.

A chaleira anuncia:

água pronta.

Meu pai desembarca Arandu em São Paulo:

a xícara, o pó, coador.

O coador é um caça-borboletas.

Vai catando água, poeira preta,

enchendo a xícara e as horas.

O dia começa

vestido de negro, e

termina aguardente

na claridade sem lucidez dos cristais.

Meu pai apoia o braço de homem
no braço da viola,
e toda a roça
acorda no encosto de um sofá. É quanto
da vida lhe sobra.

Música agrícola.

Na cidade: Beatles e vitrola.

Corda de aço desafina

e fere a mão,

a mão corta o fumo de corda

é faca, espada, facão

abrindo passo pelo matagal cinza de São Paulo

A roça mora lá onde?

a perder de vista

ninguém mais a encontra

ponteia em corda bamba

rio abaixo, cururu

os tratores pisaram os caminhos

de gente, deixando aceso apenas o verde

da cana.

Feijão, capim, mandioca.

Roça, simplesmente.

Hoje: soja. soja. soja.

Tendo querido voltar à roça,

à roça não podia:

já todos tinham partido.

Sequer vestígios: foram-se pais, avós, primos. Toda a família.

Ele então teve a ideia:

arame, alicate, martelo.

Em cinco dias nasceu um galinheiro.

Chamou-lhe: presépio.

Meu pai, tão longe

a palhoça, não se atrevia:

as galinhas ganharam vida

e nenhum cardápio.

Era uma e terminaria em doze.

Doze garnizés e um galo.

A mulher insistia: dá trabalho.

O milho, a água, a merda.

Meu pai manteve as galinhas como se

mantém a viola: para ouvi-las crescer.

O mar jogou as conchas

ao céu, ajeitou a galáxia

e o luar.

Lá é longe do mar lá só há céu lá onde nasce o sertão.

Cruzeiro do Sul

acena

É um aceno

abstrato

Construção noturna

Móbile

estrábico

que não se move

Em casa, uma viola toca alto.

A roça não larga a periferia de São Paulo.

III

A mão que levanta o corpo

do colchão

levanta o copo nos bares

achega-se com os braços ao balcão

e manda vir a última dose. Mão em chama.

À noite, recolhe da catraca o passe do metrô

e volta à casa. À noite, recolhe à viola a canção em dó menor.

A mão que todos os dias levantou o corpo

do colchão de mola,

corpo fundo de suor

são muitos os anos e o peso do corpo

mão que não aguenta mais.

A mão

levantou enxada

vendeu inhame na barraca da feira

rapadura em beira da estrada.

Segurou facão, segurou os filhos.

Carpiu o sertão e curtiu a cidade.

Depois começou a tremer.

Pensou-se. Pensamos: a cachaça.

Tremeu, tremeu o metrô de São Paulo

tremeram os panos nos varais de corda

tremeram anúncios de ouro e prata nos postes

tremeram antenas parabólicas.

Seguimos pensando. Pensou-se. Meu pai pensou, e nada disse.

Quando não pôde mais,

ele comprou uma vitrola.

A mão obedece o despertador

que ela mesmo apaga,

ela afaga as costas ao lado,

– a mulher morta –

afaga esse buraco que ficou no colchão,

depois se levanta

afaga o buraco que os filhos, na casa,

ao irem embora.

que as cáries, nos dentes.

Os pássaros também cavoucam seus buracos no asfalto.

A mulher morreu, os filhos embora.

Ficaram meu pai

livros

e uma viola que ninguém mais toca.

A mão treme.

Descobriu-se: Parkinson.

Os filhos então trocaram o pai de casa.

Novo endereço: a periferia virou centro:

a casa é um apartamento na Vergueiro.

Meu pai não queria:

aqui os quintais,

meus livros

toda a coleção de discos.

Os filhos insistiram:

tudo se adapta.

Meu pai não queria: as roseiras

não aguentam viaduto. A viola

é braba. Onde guardarei as galinhas?

Os filhos decidiram: leva-se tudo.

Metade ficou.

Os filhos enumeram:

porteiro 24 horas

interfone

elevador

garagem

hospital ao lado

metrô.

Só faltou um espaço para as garnizés.

No dia em que.

Filhos, cunhado. Fomos buscá-lo.

Fomos os quatro.

Meu pai empoleirou-se. Não quis sair.

Ele agarrou-se às galinhas

Nós, às gaiolas.

Foram-se penas e bicos. Garnizés

por todo lado: voaram.

Meu pai lutou contra as gaiolas, as nossas,

que as tragavam: impôs mãos

trêmulas. As galinhas

também tremiam cristas e

barbelas. Seus gritos

em três oitavas. Todos lutaram.

Doze garnizés e um galo.

Em duas horas acabou-se o galinheiro.

Meu pai, vencido, foi baixando a vista.

IV

Ele comprou um vaso:

ventre de terra, testa voltada ao céu.

Ali plantou alecrim.

Toda a roça apinha-se agora no vaso de alecrim.

O cigarro é de palha,

a saúde já foi ferro. Enquanto ele masca

fumo de corda:

o prédio sem varanda, o inverno

à soleira da porta.

Ele tenta, ele

tenta de novo

a mão desliza sobre as hastes,

termina

no sorriso da viola,

fosso foz cobre

boca aberta

à beira da morte.

Uma gaveta

impede

a tarde

Empoleirada

no tripé,

a viola descansa.

Meu pai a olha.

Já sem força: as mãos esqueceram-se.

Outro deserto:

  o dia tão claro.

um botão pende

do bolso aberto e eu ouço

o tipo de

fio de que é feita a idade.

a paisagem de um rosto

ártico

crava-se à parede:

nada há além deste

mapa

estático e sem rima

Um pescoço que tomba,

se afunda,

perde-se torto em frases

de aguardente

Na cintura, a fivela

metálica convive

de perto

com a calça

o cinto é de couro,

a boca, cachaça e um gosto azul.

a cadeira deslocou

a clavícula

de tanto

do peso da vida

mas seu peso é o mesmo

que suporta a grafia

acaso

Meu pai apoia o braço alcoólatra

no braço da viola,

já não toca: dorme.

A garganta, que nunca se

pronunciou,

recolhe-se.

Ardem as cordas vocais

a cidade late

e onde há aterro

vê-se miragem.

Quando eu quis devolver-lhe

aos quintais,

a casa

era já túmulo.

Ao fundo, chapas

de compensado e um cheiro

a coador amanhecido.

Meu pai acompanhou o rito

dos mortos. Sentado, ouviu:

o modo como o vazio tomou-nos

os cômodos.

Meu pai, extinto de rosto

e passado, ouviu e calou.

Veja, meu pai,

aquele tapete enrolado

junto ao rodapé:

o mar recolheu-se num canto de sala.

Já não volta.

Ao recolher-se,

– tapeçaria ausente –

deixou-me este horror

qua dri cu lar

no chão. Tapo-o com

jornais, frio, mãos

no meio

da sala no meio

agora um terreno baldio.

Sei-o: a febre insiste

no colchão mesmo depois de o paciente partir.

Eu afasto os móveis

para sua velhice passar

onde antes éramos nós

Emperradas na gaveta estão

tampinhas cinzas, soltas,

de tubos de plástico

Nada guardam.

São daqueles rolos que um dia seriam,

    que você dizia:

meus filmes de 35 milímetros

Pálpebra, tarde,

São Paulo chove

Dentro, uma porta

bate, fecha, morre.

Meu pai.

E como não pudesse mais

deu para coisas gastas, e bebia tanto e tão

que seus olhos inundaram-se

cisternas onde um pássaro sul

e porque não pudesse nascer

deu para outras tardes, e fumava tanto e tão amplo

que seus lábios o cano longo

do tabaco nos dois três maços

e um estrondo.

Pai,

quando for a vez das pestanas

como quem abana o pó do casaco

e no rosto os pontos de
um sol que vadeia
        pelas entranhas do chapéu

a vez de as pestanas
        e um sol cansado
quando elas
    atrás haverá um abraço largo
        – elas seguirão o trabalho:
        alargar outras tramas.

Talvez que meu pai já nascera anoitecido.

Quando decidiu que não mais,

eu sequer nascido havia

e a cara que primeiro vi sua

a mesma ainda : a mesma minha

foi a de uma morte precoce,

mas tardia.

Usura a cada ano a mais de vida

de vida, ainda.

Pai,

todo mistério

atrofiou

os seus cabelos

despencam

aguaceiro

fitas de bom-fim

pelo chão velho de piso frio

os nós

junto a cascas de um

lápis vermelho

que o senhor afia

à mesa

ombros depostos

sobre

o cerrado

incêndio de cigarros e aguardente

sentado,

o senhor não olha.

a pupila incha e dobra-se, o senhor devia

o senhor encosta-se às cinzas às bordas

às quinas.

e ora, é um meio-dia sem fome, essa mesa

lisa que o senhor decora com a mobília dos seus braços, o joelho a golpeia por baixo e o senhor

sem voz, resfria-se com a luz a entrar rente

à porta, o senhor devia

levantar-se

haste

é sempre tarde aqui.

Franzo as sobrancelhas

para lembrar como era:

a sua voz.

Eu compenso o silêncio com meus traços:

das mãos, da testa, do cansaço entre os dedos

Escondo-me nos pardais

detrás desta casa

há um quintal

devastado

meus cabelos de lenha e esse olho que é o mesmo

– todo trincado mais as telhas,

os jornais,

lá fora é depois das esquadrias

chegam notícias suas:

páginas avulsas, são dos manuais abertos pela

ventania

as paredes de alcatrão

despencam por dentro, eu arremesso

vento contra os batentes e o eco apanha

essa notícia nossa, sua.

Do verão que tomba, da caçamba à porta.

Pai,

não solte

ainda

a bainha da calça arrasta-se

por toda a casa

à janela da cozinha, um pé

de alecrim

salve

os gerânios, pai

as cáries nas goiabas do quintal

aquele pente antigo no bolso da camisa

com dentes tão finos

são rédeas são

as horas todas sem remetente

e um almoço frio

vou mandar trocar

a campainha.

alguém bate palmas; o homem da leitura d'água

abre a portão.

cuida das horas, pai. As últimas.

O sol ajoelhou-se junto ao catre

em reza acordou seus calcanhares

nem bem eram as seis da manhã

Meu pai menino. Eu cheguei tarde.

V

Meu filho:

visto-o de sonata

e algum abrigo.

Que o sertão não lhe alcance.

Filho:

visto-o de meus olhares,

um tecido antigo.

Que o sertão não lhe mate.

Meu filho:

dedico esse prefácio novo

revisto a entrada com ladrilho e campainhas.

Há todo um arranjo cômico

nas flores

que ladeiam a porta.

No preço das flores

e frutas fora de época

que alinho.

Eu as alinho conforme.

As pétalas indolentes

secarão. Pálidas.

As peles verdes de nunca amadurecer

constrangem os dentes. São peras já mortas.

Fechamos boca e jornais.

Eu projeto sobre os armários

seu destino de filho:

a gravata

a largura da lapela

Desenho em chiaroscuro

o futuro de filho primeiro:

sapatos da cor do cinto

os bicos compridos

de pássaro

O cinto da cor do cimento

e um filho de nome clássico.

Preparo o hall de entrada

onde

: seus sapatos

e nenhuma viola.

A solidão é uma ave opaca

que não topará conosco.

Envelheço meu filho

à espera de que a pronúncia do exílio

não lhe aconteça.

Quando souber falar

pedirá para saber.

Do pai de seu pai.

Eu nada direi.

Que o sertão

é grande de órgãos, olhos

vácuo

não se lhe apeie

nem deite na terra semente

Fundeando a casa,

o quintal será somente madrugada. Herança paterna e

[remota.

Meu filho,

com mãos miúdas

de filho,

se lambuza de chão,

se ajoelha tateia se abeira

costeia a ponta de um sofá.

Viaja pela sala.

Achega, cansado: lá está ela.

Encostada.

Toca toca

trupica as mãos

no casco da viola.

As mãos miúdas

de filho

ressoam na caixa,

canta a madeira

acendem-se as cordas

A roça toda ela é dele,

é nossa.

Filho:

veste-se de risadas.

Filho:

brinca de brincar

brincando de infinito.

Brinca

no limiar

é o começo

é o fundo da viola

todo o peso se acumula

no arco da lagoa

na dobra

da madeira

Sacode a gaiola

e do ventre desata

uma fábrica de peixes,

de aves

e de toda flora

Eu longe viola

Porque eu medo.

– de que o medo.

– de que o sertão me seque.

Porque eu filho

Eu filho do filho do sertão

Mas eis que meu filho

do filho do filho. Eis que isso.

Eu sertaneio e com remendos na mão

dou um passo primeiro que me salvará da queda

não me salvando da solidão

Eu,

que cedo enlouqueci

e nunca mais saberei.

Soube-o: o deserto vive.

Eu vou

ao cerne da toada:

eu junto meus braços

ao braço da viola.

Anexo XIV – Obra item 04 (Infantil)

Poemas com pé sem cabeça e sem cabeça nem pé

Manezinho Bandeira [pseudônimo]

Com pé

sem cabeça...

PÉ DO OUVIDO

Quer saber
um segredo?

Chega perto
que eu digo.

Que, segredo
que é segredo,

só é dito
ao pé do ouvido.

PÉ DA ORELHA

Por que um tapa bem dado
sempre acerta o pé da orelha,
se orelha nem tem pé?

Se tivesse, usava meia,
sapato, tênis, sandália
e talquinho pra chulé!

PÉ DE PATO

Todo pato
tem duas patas.
Toda pata
também tem.

Algumas patas
têm patinhos,
que têm patinhas
também.

Porque todo pé de pato
é uma pata!
E, cada pata,
é um pé também!

PÉ DA CAMA

Toda noite, o mesmo drama:
deitar pra cabeceira
ou virar pro pé da cama?

- Mas o pé não fica embaixo?
Que tolice, que besteira:
a gente não dorme é em cima?

Querem saber o que eu acho?
Deitar pra cima ou pra baixo
só é problema pra rima...

PÉ-DE-MOLEQUE

Pé-de-moleque é gostoso, doce,
tem açúcar, amendoim...

E, mesmo que assim não fosse,
ia querer um só pra mim

- daqueles que mamãe trouxe:
nem que fosse um pedacim...

(Agora... preste atenção!
Um outro tipo de pé
- descalço, pisando o chão -
de moleque pode ser,
mas não é de comer, não!)

CABELO EM PÉ

Quando vai ao dentista
ou escuta um trovão,
quem é que não fica
com o coração na mão?

No filme, o vampiro morde
o pescoço da mulher.
Quem, na hora, assustado,
não fica de cabelo em pé?

DAR PÉ

Você vai entrar na água
sem saber se aí dá pé?

Você é alguma espécie
de baleia ou jacaré?

Pinguim? Foca? Sardinha?
Tubarão? Tucunaré?

- Deve ser é birutinha...
Pra mim, é o que você é!

A PÉ

Carruagem não tem mais: sumiu.
O ônibus passou antes: perdeu.
O navio já zarpou: partiu.
E a bicicleta estourou um pneu...

Trem sai sempre no horário: não espera.
A carona, que era certa, não rolou.
Avião já decolou: também já era.
E até a tira da sandália arrebentou!...

Quem é que nunca ficou pra trás,
parecendo um mané?

Quem nunca ficou na mão?
Quem nunca ficou a pé?

PÉ-DE-VALSA

No baile, quem dança bem
é chamado “pé-de-valsa”.

Mas logo perde seu título,
se pisar o pé da calça.

EM QUE PÉ

A coisa deu andamento,
ou continua a mesma coisa?

Porque o que conversamos
é que, fosse o que fosse a coisa,
chegaria um momento
em que o que nós combinamos
já seria uma outra coisa...

Diga então, seu enrolado:
em que pé a coisa está?

DANDO NO PÉ

Eu nem consigo ver como amigo
perto de mim um monstro assim.

Não sei quem é, nem o que quer.
E é tão medonho: des'tamanho!...

Vou contar só um segredo:
estou com muito - mas muito! – medo.

Se é do Bem,
ou do Mal é,
quem é que vai
lá perguntar?

Uh! Melhor mesmo
é dar no pé,
antes que venha
me jantar!...

SEM ARREDAR PÉ

Um sanfoneiro empolgado
tocava batendo o pé.

Dançando em passo marcado,
Dona Maria e Seu Zé,

casal mais apaixonado...
(Fazia juras de amor, até!)

E o forró animado,
num alegre arrasta-pé

que varou a madrugada
sem ninguém arredar pé.

- ...se cai em pé,
corre deitada...
é a chuva!
Quem não sabe?

- Mas, e se é
inesperada
e em grande
quantidade?

Ou se vier
com enxurrada
fazendo estrago
na cidade?

- Do que quiser,
pode chamar:
de toró, pé d'água,
ou tempestade...

PÉ NA JACA

Um dia, tive vontade
de meter o pé no balde,
chutar o pau da barraca...

Estava de cabeça quente
e acabei foi - simplesmente -
enfiando o pé na jaca...

Sem cabeça

nem pé...

UMA FADA ME CONTOU

Era uma vez
outra vez
que já foi.

Agora,
já era...

HORTA

Chuva molha
minha horta

corro e colho
meus repolhos
minha salsa
já molhada
minha alface
minha acelga
minhas folhas
pra salada

...e a couve
que eu como
ao óleo e alho,
refogada...

ESPAGUETEANDO

Macarrão
se esparrama pelo prato
tentando não ser garfado

foge prum lado
pro outro
mas acaba enrolado.

Posso ver de perto?

- Verde, pode.

E vermelho?

- Arde.

PALAVRA

Palavra
tem pá
e lavra

letra
e sílaba

tem som
agudo ou grave

grita, sibila

palavra grava
- crava
tudo que é dito

palavra é ave
voa livre
voo
- mais que alto -
bonito.

EXPLICANDO
(SE É QUE É POSSÍVEL...)

Poesia nem todo mundo entende.
Mas uma luz no pensamento
ela sempre acende.

Alguma poesia está nos livros.
Quase sempre fica lá
mas ela é livre.

Nenhuma poesia tem um dono.
Ela não quer:
tem outros planos.

A poesia não é obra dos poetas.
Ela não é feita:
é descoberta.

Nem é um bicho de sete cabeças.
Ela está em todo canto
mesmo que não pareça.

GUERRINHAS

De bolinha de papel,
de travesseiro,
de mamona, até.

Passou disso,
já é guerra
pra valer.

Se amigo
vira inimigo,
é briga:
ninguém quer.

E brincadeira
é que não é.

RUA

Uma rua.
Sinal verde abre
e ela continua.

Catapimba!
Caiu? Machucou?
Ralou o nariz?

- É nisso que dá
ser criança feliz.

LUZ

Sol entrando
pela vidraça

a sala inteira
ele atravessa

da cristaleira
não passa.

REFLETINDO

No espelho
toda imagem
refletida
é invertida.

Espelho é
(só agora me dei conta)
- toda vida
do contra.

PEGANDO A ESTRADA

Estrada é
meu território
predileto

caminho de vô
pra encurtar saudade
de neto

quando ela bate
pego o asfalto
e vou em frente
direto.

CAMPEÕES

Se um só ganhasse todas
se fosse o melhor em tudo

que graça teria o esporte?
faria melhor o mundo?

ser mais alto, ser mais forte
recordista de recordes?

ó:

o melhor mesmo é estar junto
na disputa ou na torcida
com o time do coração

e ser tudo de novo amigo
depois do fim da partida
seja qual for o campeão.

ARCO-ÍRIS

Depois da chuva, o esplendor:
o sol abrindo a caixa
de lápis de cor...

A ALGA

Se a alga
é do mar
é algo
que não naufraga:
já é da água
que é seu lugar.

OS FUJÕES

A escuridão é uma gaveta
onde se aninham meus segredos

é a casa dos meus monstros
assombrações, fantasmas, medos

mas que se escondem ou fogem
quando, de repente, acendo a luz

ou quando o sol dá as caras
logo cedo.

NO JARDIM

A flor-de-lis
é só uma flor
branca e pálida.

- E o que ela diz?

Que o branco é a cor
da paz, do amor?

E que
        - por isso mesmo -
me faz feliz?

BATICUM

Foi bom, o abraço:
os corações batendo
no mesmo compasso.

O TEMPO

Passarinho apressado
borboleta lenta
infância, primavera.

Tudo isso passa.
Ninguém espera.

TODO DIA

O papel em branco
a tela em branco

são meu canteiro
onde planto

letras, palavras
versos tantos

aventuras
memórias
e espantos

quando vou pra cama
quando me levanto.

PEGADINHA DO FINAL

Entre os poemas do livro
um poema se meteu
sem ter sido convidado:
tem cabeça sem ter pé.

Enquanto lia, percebeu?
Então diga: qual é?

FIM